

MARCOS FAVA NEVES

NOVOS
**CAMINHOS
DA CANA**

*Análises e pensamentos sobre o agronegócio
2015-2018*



Prefácios:

Manoel Carlos de Azevedo Ortolan
Celso Albano de Carvalho

**Doutor
Agro**

EDITORA

CANAOSTE


Markestrat
value generation



NOVOS
**CAMINHOS
DA CANA**

*Análises e pensamentos sobre o agronegócio
2015-2018*

Apoio cultural e científico:



MARCOS FAVA NEVES

NOVOS
**CAMINHOS
DA CANA**

*Análises e pensamentos sobre o agronegócio
2015-2018*

1^ª edição

Ribeirão Preto
2019

EDITORA



CANAOESTE



SOBRE O AUTOR

Marcos Fava Neves, nascido em Lins (SP), é professor em tempo parcial das Faculdades de Administração da Universidade de São Paulo em Ribeirão Preto e da FGV em São Paulo. Engenheiro Agrônomo formado pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP) em 1991 e fez toda a carreira de pós graduação (mestrado, doutorado e livre-docência) em estratégias empresariais e chegou a professor titular da USP aos 40 anos, tendo sido Chefe do Departamento de Administração da USP em duas gestões.

Complementou sua pós graduação em marketing de alimentos e planejamento do agronegócio na França (1995 – no IGIA) e na Holanda (1999 – na Universidade de Wageningen). Desde 2006 é Professor Visitante Internacional da Universidade de Buenos Aires e desde 2013 da Purdue University, Indiana, EUA, onde deu aulas durante todo o ano de 2013.

É especializado em planejamento e gestão estratégica, tendo realizado mais de 200 projetos de planejamento no agronegócio brasileiro e mundial. Trabalhou ou foi membro de Conselhos

das seguintes organizações: Botucatu Citrus, Vallée, Lagoa da Serra (CRV); Renk Zanini, Inova, Embrapa, Serviço de Informação da Carne, Associação Mundial de Agronegócios, Cooperativa Coplana, Cooperativa Holambra, Ouro Fino, Canaoeste e Orplana (Organização dos Plantadores de Cana). Ajudou a montar e é acionista de 3 empresas, sendo 2 start-ups.

Números na carreira

É autor e organizador de 67 livros publicados no Brasil, Argentina, Estados Unidos, África do Sul, Uruguai, Inglaterra, Cingapura, Holanda e China, por 10 editoras diferentes. Escreveu também dois casos para a Universidade de Harvard (2009/2010) e para a Purdue University (2013).

Publicou mais de 200 artigos indexados em periódicos científicos internacionais e nacionais, tendo recebido 4.000 citações de acordo com o Google Acadêmico, um dos cientistas brasileiros mais citados mundialmente.

Foi articulista do jornal China Daily de Pequim e da Folha de S. Paulo, além de escrever artigos para O Estado de S. Paulo e Valor Econômico, entre outros, tendo mais de 600 artigos de análises de conjunta publicados em revistas e jornais

Participou de 335 Congressos no Brasil e no Exterior, tendo organizado também mais de 30 Congressos no Brasil e no Exterior.

Na formação de discípulos e de talentos humanos orientou 30 Teses, sendo 5 de Doutorado e 25 de Mestrado e 133 Monografias. Ajudou, como professor, a formar mais de 1.200 administradores de empresas, tendo oferecido 127 disciplinas de graduação e 22 cursos de Mestrado e Doutorado na USP.

Na avaliação de cientistas, participou de 176 Bancas, sendo 52 de Doutorado e 124 de Mestrado no Brasil e exterior.

Realizou 1.100 palestras em 22 países, sendo um dos brasileiros mais conhecidos e respeitados internacionalmente na área de agronegócios.

Gerente Editorial

Carla Rossini - MTb: 39.788

Projeto Gráfico e Diagramação

Marcelo G. Ferreira

Revisão

Assessoria de Comunicação, Marketing
e Eventos da Copercana

Editora

Canaoeste

Copyright © 2019 Marcos Fava Neves

Todos os direitos desta edição são
reservados à Editora Canaoeste.

Rua Dr. Pio Duffles, 532

Sertãozinho, SP - CEP 14170-680

Telefone (16) 3946-3300

Site: www.canaoeste.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Neves, Marcos Fava

Novos Caminhos da Cana / Marcos Fava Neves. -- Sertãozinho, SP: Canaoeste, 2019. -- (Novos Caminhos da Cana; 2)

ISBN 978-85-65255-16-5

1. Agricultura sustentável, 2. Agronegócios, 3. Artigos - coletâneas, 4. Bioenergia, 5. Cana-de-açúcar, 6. Setor sucroenergético I. Título. II. Série.

14-03662

CDD-338.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Agronegócios e desenvolvimento sustentável: Economia 338.1

PREFÁCIO

É com alegria em dobro que escrevo o prefácio da segunda edição do projeto “Caminhos da Cana” do professor Marcos Fava Neves, isso porque eu tive a honra de assinar o texto de abertura do primeiro volume, lançado em 2014 e, agora, além de também participar do segundo, vejo que todos os textos, que enchem mais de 300 páginas com o que aconteceu mês a mês no setor sucroenergético, no período de 2015 a 2018, foram publicados na Revista Canavieiros, veículo de comunicação mantido pela Copercana, Canaoeste e Sicoob Cocred, instituições que fazem parte do DNA de minha carreira.

E isso só foi possível graças ao trabalho em parceria do professor Marcos Fava Neves, que de forma ininterrupta contribuiu assinando a coluna “Caipirinha” ao longo desse tempo, mostrando o que de mais importante acontecia, sob o aspecto econômico, com o agro em geral e mais especificamente com a cana, açúcar, etanol, cogeração, além dos projetos conjunturais, como o RenovaBio.

Diante disso, esse livro é um importante instrumento histórico que servirá para aqueles que querem conhecer o que aconteceu com o mundo da cana ao longo desse período. E informações não faltam, inclusive o seu recorte histórico mostra o olho do furacão da crise vivida no governo Dilma Rousseff, a mágica do pico histórico dos preços internacionais do açúcar e o início da implantação do programa que talvez trará a tão sonhada previsibilidade ao setor, o RenovaBio.

Esse livro trará também uma verdadeira galeria que vai deixar vivo o nome e o legado de diversas lideranças do setor, nela estão reunidas personalidades da comunidade científica, acadêmica, profissionais de destaque e líderes empresariais e setoriais.

Para finalizar fica a minha expectativa que tanto mensalmente, na coluna “Caipirinha”, como em uma futura terceira edição (que se seguir a mesma lógica reunirá os textos de 2019 a 2021), a história seja mais positiva, assim como a nova década que está prestes para nascer.

Manoel Carlos de Azevedo Ortolan

*Presidente Executivo da Copercana (Cooperativa dos Plantadores de Cana do Oeste do Estado de São Paulo) e
Presidente da Canaoeste (Associação dos Plantadores de Cana do Oeste do Estado de São Paulo)*

PREFÁCIO

Foram 4 anos de projetos, 80 municípios visitados, 05 estados da Região Centro-Sul produtora de cana, 40.000 km percorridos, mais de 1.000 questionários respondidos.

Certamente mais de 6.000 produtores tiveram a oportunidade de participar de uma das ações estratégicas e estruturantes mais exitosas do nosso colega, amigo e professor Marcos Fava Neves.

O Projeto “Caminhos da Cana” tornou-se um marco de Visão da “real” realidade do produtor de cana no Brasil, pois pelo seu ímpeto de democratizar o conhecimento, Marcos abordou vários Estados da Região Nordeste, no Sul do Brasil; e em países vizinhos.

Com sua característica peculiar de conciliar inteligência, oratória bem humorada e “provação” saudável a todos que o assistem a refletirem sobre a situação da atividade canavieira no Brasil, sobre os Cenários Internos e Externos que afetam tanto positivamente como com certa preocupação em alguns momentos; Marcos Fava Neves conseguiu implantar uma comunicação integrada com todos os envolvidos na Cadeia Produtiva da Cana-de-açúcar.

Este desafio lançado pela Orplana e suas 33 Associações Membro fizeram com que Marcos abraçasse uma causa difícil, mas prazerosa; o de elaborar um Plano de Longo Prazo para a busca pela profissionalização destas Associações e reverberar aos seus associados.

Da Criação do Planejamento Estratégico da ORPLANA, uma Visão de 2015 a 2025, passando pela Estruturação e Governança e dando oportunidade de se promover uma ação direta de gestão planejada junto ao produtor de cana e suas entidades representativas me contagiou para aceitar o convite de Manoel Ortolan e de Marcos Fava Neves; e vir fazer parte do time com um pesado fardo de me apoiar em seu Plano Estratégico e implantá-lo.

Mas aceitei o convite condicionado em ser seu carona por 3 anos de Caminhos da Cana, buscando trocar experiências e aprendermos juntos a padronizar esta Visão, formando Alianças e Parcerias; integrando a comunicação, fortalecendo os relacionamentos, elaborando planos anuais de gestão, resgatando o VALOR do Associativismo, na busca pela profissionalização dos produtores de cana e sua visibilidade pautada em ensinamentos constantes de um Doutor no Agro Brasileiro.

E desde então o presente maior foi a grata amizade que se fortalece a cada passo que damos juntos, ou separados, mas com uma sintonia de propósitos, valores e objetivos. Em nossas intermináveis e tão valiosas conversas.

Marcos Fava Neves conseguiu com poucos recursos e muito, mas muito empenho e vontade, sacrificando positivamente seu tempo com sua linda família, mas sempre retornando em sua bagagem a felicidade de construir, transformar, aprender e ensinar, compartilhar e replicar um pouco de sua grande sabedoria e generosidade.

Dedico neste prefácio minha sincera gratidão pelas oportunidades tão singulares e privilegiadas de ter compartilhado com Marcos uma fração de sua construção tão fundamental para o agronegócio nacional e porque não mundial.

Preocupado com a perda do “criador” do Projeto, convidei Marcos para atuar como Conselheiro Estratégico junto à Orplana, que prontamente aceitou e nos ajudou e ajuda até hoje com sua visão cristalina e sábia sobre os desafios que a canavicultura e mais especificamente o produtor de cana enfrenta.

O Projeto “Caminhos da Cana” nos ajudou e ajudará a trilhar a estrada da transformação no íntimo de cada um que teve a grande sorte de compartilhar momentos tão importantes ao lado do Doutor do Agro.

Foi com um prazer imensurável e com muita honra que tive a oportunidade de escrever um pouco neste prefácio. Ganhei uma nova paixão no trabalho, um grande amigo e uma complementaridade de propósitos.

Além de admirá-lo pelas suas obras que tanto me ajudaram no início da docência em Gestão em Agronegócios, consegui conviver com um dos ícones do agro nacional.

Atrevo-me a dizer que você Marcos não é só o Doutor Agro, mas também é o “Guru” do Agro, pois em vários momentos que me deparo com ações estruturantes que conseguimos implantar junto à Orplana e suas Associações Membro, existe já uma visão antecipada sua de como isso iria acontecer.

Vide a “Atualização do Modelo CONSECANA” recentemente assinado entre Indústrias e Produtores, buscando o Compartilhamento de VALOR por meio do Reconhecimento de INDUTORES de maior Eficiência e Sinergia, que você tão agilmente “batizou” de CONSECANA Pro-Int. Atuando, participando, contribuindo e nos ajudando a formar o time de profissionais que conseguiram ser ouvidos e transformar um processo estático em um novo Modelo Progressista e evolutivo.

Obrigado.

Um grande abraço Marcos, que Deus o proteja e o ilumine. Sempre!
Através do “Caminhos da Cana” você me mostrou novas estradas do saber.

Celso Albano de Carvalho

*Gestor Executivo da ORPLANA – Organização dos
Plantadores de Cana da Região Centro-Sul do Brasil.*



HOMENAGEM

O agronegócio sofreu uma grande perda com a partida de Manoel Carlos Azevedo Ortolan. Esalqueano, engenheiro agrônomo, diretor presidente executivo da Copercana e presidente da Canaoeste, foi protagonista no setor sucroenergético por mais de 40 anos.

Dedicado às causas sociais, como brasileiro extraordinário que era, Mané, como o chamávamos carinhosamente, deixou nosso convívio e passou ao plano superior. Superior, aliás, foi como ele deixou nosso cooperativismo, nossas associações, nosso agronegócio. Seu estilo amigo, sensível, a generosa capacidade de escutar, compreender as diferenças e trabalhar pelo consenso sempre olhando para o futuro são únicos.

Tive a oportunidade de trabalhar com ele por mais de dez anos e não tenho dúvidas de que Mané me fez um pouco melhor. Manoel Carlos Azevedo Ortolan foi uma pessoa definitivamente superior, que fará muita falta a todos com quem conviveu e é para ele que dedico este livro.

Marcos Fava Neves

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - Dois mil e quinze

Fatos acontecendo e impactos na cana.....	17
As dificuldades de se prever algo em 2015	21
A grave ameaça do endividamento.....	25
Como está o nosso agro e o cenário econômico?	31
Um gol da barbárie no jogo do avanço científico.....	37
O etanol hidratado como uma injeção na veia.....	41
O hidratado volta para onde nunca deveria ter saído	45
O caminho das Índias	51
Uma das maiores incertezas já vistas neste país.....	57
Um novo dólar e um novo momento para a cana.....	63
A concorrente gasolina se... atrapalha.....	69
Terminamos 2015... Um ano complicado	75

CAPÍTULO 2 - Dois mil e dezesseis

O ânimo volta após muitos anos.....	83
O jogo da eficiência.....	89
Conjuntura favorável ao agro e à cana.....	95
Em 2030 teremos déficit de 1,2 milhões de barris por dia.....	101
O Brasil vira a página.....	107
São as águas de junho fechando o verão e trazendo o açúcar para perto do vintão ..	113
Os ventos se fortalecem em direção ao etanol.....	119
Confiança e investimentos voltam ao Brasil.....	125
Que beleza de preços... Eu estava certo!.....	131
Fundamentos ficam cada vez melhores	137
Apagão de cana.....	145
Mais um plano ao setor: Renovabio	151

SUMÁRIO

CAPÍTULO 3 - Dois mil e dezessete

Um 2017 com muito por acontecer.....	161
Ah, se eu tivesse vendido o açúcar.....	167
Formação de nuvens nos mercados canavieiros.....	175
Consumo de hidratado tem queda de 25%.....	183
Açúcar não deve cair mais	191
Andando de lado	197
Pessimismo na conjuntura, mas otimismo no futuro.....	205
Mais um mês andando de lado.....	211
O etanol reage e a China surpreende.....	217
Venha forte hidratado, nas 100 milhões de toneladas restantes.....	223
Aumenta fortemente o consumo de etanol.....	229
63% da cana virando etanol.....	237

CAPÍTULO 4 - Dois mil e dezoito

Agenda da cana para 2018	247
As esperanças estão no hidratado	251
Estratégias de mix e de estocagem para capturar valor em 2018.....	259
Estratégia comprometida: etanol cai na usina e sobe no posto	267
Um abril que trouxe bilhões de reais em perdas.....	275
Um país que promove sua própria destruição	283
Desacelera a economia mundial e brasileira e os preços caem	291
O consumo de hidratado é a boa notícia	299
A Índia destrói o mercado mundial de açúcar.....	305
Hidratado segue surpreendendo e pode fazer muito mais.....	313
Ameaças aumentam com queda do preço do petróleo.....	319
2019 será um ano bem interessante e diferente	327

CAPÍTULO 1

DOIS MIL E QUINZE



FATOS ACONTECENDO E IMPACTOS NA CANA

Publicado na Revista Canavieiros em Janeiro de 2015

Como está o nosso agro?

O ano de 2014 é realmente para ser apagado na nossa história. Os indicadores de nossa economia se deterioraram fortemente, o valor da nossa moeda, retorno da inflação, o mar de lama da corrupção, grandes decepções no esporte, e o ano onde nossa população foi enganada a aceitar mais 4 anos de um Governo que entregou muito aquém das possibilidades.

Neste quadro de derrotas da sociedade brasileira, o agro de 2014 voltou a nos salvar de um colapso, pois o desempenho das exportações foi extremamente positivo, trazendo US\$ 96,8 bilhões ao Brasil, mas o agro também perdeu: este valor foi 3,2% menor que o de 2013. O saldo foi de US\$ 80,1 bilhões na balança comercial do agro, um valor também 3,3% menor que 2013.

Corroborando a difícil situação da economia brasileira, os demais produtos brasileiros fora do agro apresentaram queda de 9,7% nas exportações de 2014 (US\$ 142,1 bi em 2013, para US\$ 128,4 bi em 2014) e, com esta queda, a participação do agro nas exportações brasileiras cresceu quase dois pontos, atingindo incríveis 43% do total.

Como a balança comercial brasileira, após seguidos anos de superavit, fechou 2014 negativa em quase US\$ 4 bilhões, mais um pífilo resultado entregue por esta gestão, se não fosse o agro, o Brasil teria um deficit de US\$ 84 bi, estourando a inflação, acabando com o real e espalhando miséria. Mais um em que o agro salvou a economia brasileira, permitindo crescimento sustentável e distribuição de renda, programas sociais, inclusão, apesar de continuar sendo demonizado por parte dos ditos “movimentos sociais”, que preferem perpetuar o atraso e a miséria.

Como está nossa cana?

O retorno da Cide (Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico) e do PIS-Cofins (22 centavos) à gasolina, como previsto no nosso texto anterior, trará um aumento de preços desta e maior chances de melhores preços ao etanol. Isto fará com que tenhamos uma safra ainda mais alcooleira, trazendo também impactos positivos nos preços do açúcar. Até que enfim. Mas lamento que o imposto também tenha sido elevado ao diesel, que é um combustível mais identificado com

a produção. Poderia ser apenas na gasolina. O setor usa muito diesel, e o impacto aí será negativo.

A redução do ICMS em MG, de 19 para 14% é algo que também pode contribuir para aumentar o consumo em MG.

E a declaração do Ministro Levy é de que a Petrobras é a responsável pelo estabelecimento de preços, o que mostra que a empresa terá um pilar fundamental de sua estratégia, a precificação de produtos, retomado.

Outra boa notícia é a de que o petróleo mais barato pode trazer maior crescimento econômico a grandes países, e isto se refletir no mercado de açúcar. Grandes importadores de açúcar são também importadores de petróleo, e preços mais baixos de combustível significa mais dinheiro na mão das famílias para consumo de alimentos, sobremesas e outros.

O USDA, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, prevê crescimento de consumo em 2,22% para 2015, chegando a quase 171 milhões de toneladas. E a Organização Internacional de Açúcar prevê deficit de mais de 2 milhões de toneladas para 15/16. Ou seja, boas notícias que podem ainda ser aceleradas com a safra alcooleira do Brasil.

O novo teto do PLD (preço de liquidação de diferenças) na energia elétrica, de R\$ 388 por MWh pode ser um desestímulo a este que foi o melhor produto do setor em 2014: a cogeração. Em 2014 produziu-se quase 20% a mais que em 2013, pela motivação dos preços. Para 2015 as variáveis importantes de acompanhamento serão o preço, a oferta de bagaço e palha e os investimentos em eficiência energética das usinas (caldeiras).

Outra boa notícia na cogeração vem da Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), que terá agora o programa de certificação da bioeletricidade, um passo fundamental para que tenhamos um valor maior para esta fonte de energia renovável. Poderá este selo verde inclusive ser usado como instrumento de diferenciação por parte de grandes usuários de energia, tal como varejistas e indústrias.

Vale ressaltar que dezembro de 2014 foi o melhor mês nos últimos 3 anos para a venda de etanol, com a comercialização de mais de 2,25 bilhões de litros. O etanol teve um aumento de consumo de 13% em relação a 2013.

A má notícia do mês foi o anúncio da parada da Usina Bom Retiro. 250 pessoas perdem seus empregos e outros tantos indiretos.

Quem é o homenageado do mês?

A coluna Caipirinha todo mês homenageia uma pessoa. Neste mês a homenagem vai para a Profª Dra. Heloisa Bumquist, da Esalq. Uma das nossas mais tradicionais pesquisadoras do setor de cana, responsável pela orientação de diversas teses de mestrado e doutorado e muitas publicações do setor.



Haja Limão

Nossas previsões que teremos muita acidez pela frente vão se confirmando. O Brasil decreta luto oficial de três dias pela morte de um traficante internacional...

Pádua

Goiás com 23 usinas ainda processando (difícil acontecer em dezembro).

São Paulo produtividade agrícola 12% menor 14/15 para 13/14.

Goiás 6% acima neste ano.

MS – 9,7% a mais.

Processamos 1,2% a menos em 7,1% a mais de área no Centro-Sul.

Toda a redução se deu em São Paulo.

Etanol e açúcar são resíduos hoje perante o que vale a bioeletricidade.

Deve processar acima de 561 mi ton, pois algumas continuarão moendo.

Moagem 12% menor, mas alguns grupos.

8 ou 9 usinas não processarão cana na próxima safra.

Queda da produção não afetou o mercado interno, pois caiu a exportação de açúcar e exportação de etanol.

15/16

9 unidades deixarão de operar.

Entra 1 que já estava pronta: Santa Vitória.

Desde 2007 – 68 fecharam.

Safra de mesmo tamanho que o ano anterior.

Renovação foi de 12% em relação ao ano passado, mas não foi bom o plantio.

Equilíbrio: florescimento, geada, pragas, mecanização, ambiente restritivo (expansão).

Pior: tratos, ampliação de área e doenças, renovação e idade.

Melhor: precipitação (mas pode ser pior).

UNICA – safra entre 541 e 561.

2020 a 2021 600 mi ton Centro-Sul.

Novembro no consumo de combustível foi de 8% em novembro.

Como não teremos cana não teremos o crescimento esperado de açúcar.

Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*) acredita em menor crescimento de hidratado.

Alguma mudança positiva nos preços relativos de produtos com a mesma oferta de cana.



AS DIFICULDADES DE SE PREVER ALGO EM 2015

Publicado na Revista Canavieiros em Fevereiro de 2015

Como está o nosso agro?

O Brasil vive um cenário de grandes incertezas econômicas e políticas. A inflação de janeiro foi de 1,24% (a maior desde fevereiro de 2003), as taxas de juros também estão mais altas, o que aumenta o endividamento e torna mais difícil o acesso a crédito. As melhores previsões para o PIB preveem um crescimento em 2015 de apenas 0,5% e ainda soma-se a isso uma enorme crise hídrica. No momento em que escrevo esta coluna, o dólar beira a R\$ 3,00.

Nessa realidade, o ano de 2015 não começou com um bom desempenho das exportações do agronegócio. No mês de janeiro, o setor foi responsável por US\$ 5,64 bilhões em exportações. O valor é baixo quando comparado com US\$ 5,87 bilhões no mesmo período de 2014 e ao desempenho em janeiro de 2013 (US\$ 6,58 bilhões). Isso pode ser explicado em partes pela redução nos preços médios dos produtos exportados pelo País, como é o caso do açúcar, que sofreu redução dos preços no período.

O setor sucroalcooleiro foi o segundo maior responsável por esse número, exportando US\$ 926 milhões. Desse montante, o açúcar foi responsável por 90,4% do exportado e, apesar das reduções no preço, a quantidade exportada aumentou 9% em relação a janeiro de 2014, o que é uma boa notícia.

O saldo da balança comercial do agronegócio foi, mais uma vez, positivo. No mês, as exportações superaram as importações em 4,4 bilhões de dólares enquanto que a balança comercial geral do Brasil novamente foi negativa: US\$ 3,17 bilhões.

Como está nossa cana?

Após um janeiro que judiou dos nossos canaviais com um calor intenso e pouca chuva, fevereiro parece cuidar melhor da cana. Tem chovido bem mais, e a cana deve aproveitar. As estimativas continuam prevendo uma safra de 15/16 relativamente igual a 14/15. Vem cana, que estamos precisando. Chove chuva, chove sem parar!

Como está nosso açúcar?

Segundo a Archer, as vendas futuras de açúcar (27,3% do total a ser exportado) estão menores do que o que ocorreu no ano passado no período (40,88%), mesmo com os preços médios do travamento estando equivalentes (17,34 cents). Essa situação é reflexo do comportamento das tradings que estão mais cautelosas com relação ao setor, mesmo com a taxa do dólar tendo auxiliado no preço do açúcar e da expectativa de melhora de preços, que vai depender muito da safra brasileira e da alocação de cana para etanol, em que todos ganhariam.

A OIA (Organização Internacional Agropecuária) também apresentou, no início de fevereiro, relatório em que aponta para provável estabilidade em seus números e em cotações. Os últimos números indicam para produção mundial de 182,9 milhões de toneladas, e consumo de 182,4 mi ton, com algo próximo a 500 mil toneladas de superavit.

A Rússia soltou estimativa de importação ao redor de 550 mil toneladas, um pouco acima do ciclo anterior. Com a crise que vem passando a Rússia, é uma boa notícia.

Como está nosso etanol?

Com o retorno da Cide (Contribuição de Intervenção no Domínio Público) e do PIS-Cofins (R\$ 0,22 por litro de gasolina), o etanol hidratado também sofreu aumento em 25 estados brasileiros. Em alguns estados inclusive, o aumento médio no preço do litro foi de R\$ 0,10 para o etanol e R\$ 0,17 para a gasolina. Por isso algumas regiões ainda passarão por aumentos em fevereiro.

Foi finalmente aprovada a mistura para 27%. Mais cana que se consome na forma de “gasolina” contribuindo com o desenvolvimento econômico, social e ambiental do Brasil.

Agora em março entra em vigor em Minas Gerais a redução do ICMS (Imposto Sobre Circulação de Mercadorias) sobre o etanol hidratado de 19 para 14%, o que pode dar um vigor para a produção do estado que pela falta de chuvas teve a moagem encerrada mais cedo na safra.

No Brasil hoje temos uma frota de 34 milhões de veículos e 22 milhões desses são carros com tecnologia flex. Estudo recente do IAG/USP (Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas) revelou que a concentração de um poluente emitido por veículos utilizando etanol na atmosfera se reduziu nos últimos 30 anos devido principalmente aos avanços na tecnologia dos motores e na utilização de catalisadores nos escapamentos. Mais uma evidência de que o etanol é uma ótima opção para o meio ambiente.

Mesmo com a queda de aproximadamente 30 milhões de toneladas da safra de cana no ano em relação ao esperado, o setor ainda conseguiu bater o recorde de 26 bilhões de litros de

etanol produzidos nessa safra de acordo com a indústria. Isso aconteceu porque, apesar de a quantidade de cana para moagem ter se reduzido com relação à safra passada, a baixa no preço do açúcar mesmo na entressafra fez com que as usinas optassem pela produção de álcool até que os estoques mundiais de açúcar se reduzam. Outro fator que tem contribuído é que os dados da ANP (Agência Nacional de Petróleo) mostram que o aumento no consumo de etanol suplantou a produção no último ano.

A boa notícia é que a ANP fechou os números de 2014. Mesmo com a derrapagem da nossa economia, o consumo de combustíveis cresceu 5,28% no país, para quase 145 bilhões de litros. Comparado com 2013, o consumo de etanol cresceu 12,33% em 2014, totalizando 24,08 bi de litros. O etanol contribuiu fortemente para que a redução nas importações de gasolina atingiu quase 28%, mesmo assim totalizando quase 2 bilhões de litros, que podem tranquilamente serem substituídos pelo etanol.

Quem é o homenageado do mês?

A coluna Caipirinha todo mês homenageia uma pessoa. Neste mês a homenagem vai para o Fabio Venturelli, da São Martinho. A empresa apresentou lucro em momento difícil do setor graças à boa gestão e boa estratégia de comercialização, segurando produtos e se aproveitando dos bons momentos. Ao Fabio, extensivo a todo o time da São Martinho.



Haja Limão

O ministro de Minas e Energia em entrevista ao Canal Livre disse que o uso de termelétricas garante o fornecimento de energia sem a necessidade de racionamento. Isso com tanto potencial do setor na geração de energia limpa! Resta esperar que com o possível apagão e a falta de água finalmente decole neste ano a cogeração pela cana, não por planejamento estratégico de nosso Governo, mas por necessidade. Se é que este Governo vai ficar por aí...

E sobre a Petrobras??? Aqui falamos dela desde o início desta coluna, antes ainda da crise. A gestão da Petrobras conseguiu produzir o maior limoeiro do mundo. Deus amado, que quadrilha. Que destruição do patrimônio de nossos filhos e netos. Indignação é pouco.

Aliás, parabéns ao setor e a Sertãozinho. A marcha em defesa do setor foi um show!!! Estive lá, na condição de “ativista”...



A GRAVE AMEAÇA DO ENDIVIDAMENTO

Publicado na Revista Canavieiros em Março de 2015

Como está o nosso agro?

Após resultados decepcionantes em janeiro, em fevereiro o desempenho exportador do agro piorou nossos sentimentos. As exportações do agro (US\$ 4,90 bilhões), se comparadas com o mesmo período de 2014 (US\$ 6,39 bi), diminuíram em incríveis 23,2%. O saldo na balança do agro de fevereiro é de US\$ 3,70 bi, uma queda de 26,3%.

O valor exportado acumulado no ano (US\$ 10,5 bilhões) apresentou uma queda de 13,9% quando comparado (US\$ 12,3 bilhões). Este resultado levou a um saldo positivo acumulado no ano de US\$ 8,1 bilhões (14% menor que o mesmo período em 2014). Se continuarmos nesse ritmo, fecharíamos 2015 com um montante de apenas US\$ 63 bi, uma cifra bem distante de nossa meta de 100 bi.

O saldo da balança comercial brasileira teve um desempenho negativo em US\$ 0,9 bi. Já a balança acumulada no ano teve um grave deficit de US\$ 6,0 bilhões. Mesmo em queda, mais uma vez o agro evitou um desastre ainda maior na economia brasileira.

Como está nossa cana?

A safra 14/15 (abril/março): 570 mi ton processadas e ATR médio de 137 kg/ton.

A cana vem perdendo áreas para a soja, principalmente. A Soja em Rio Verde tem receita de R\$ 3.192 /ha e custos de R\$ 1.961 (margem de 38%) (FNP).

O baixo retorno da atividade volta a comprometer a renovação, que deveria ser de 18 a 20% ao ano e foi de 15,2% na safra 14/15 (Datagro).

Projeções para a safra 15/16 no Centro-Sul: 570 mi ton e ATR ao redor de 135.

Safra 15/16 mais alcooleira, sendo as seguintes projeções para destino da cana: 57,7% etanol (FCStone).

Juros elevados (custo de capital) e maiores riscos de refinanciamento (rebaixamento ratings) vai aumentar endividamento e recuperação judicial.

Entressafra longa e risco para as descapitalizadas (afeta mercado).

Muito desânimo e desconfiança afetando brutalmente o investimento.

Estima-se a receita do setor em 14/15 ao redor de R\$ 70 bilhões. E a dívida passou de R\$ 77 bilhões e deve piorar com a elevação de juros no Brasil e nos EUA e com o real mais desvalorizado, pois parte desta dívida é em US\$. Temos uma situação muito preocupante aqui.

Como está nosso açúcar?

Safra mundial 14/15 (termina em setembro de 2015) com uma produção de 178,93 mi ton e consumo de 180,16 mi ton, deficit de 2,11 mi ton (FCStone). Pela OIA produção mundial de 182,9 mi ton e consumo de 182,4 mi ton.

Produção no Centro-Sul de 15/16 em 29,7 mi ton, 7% menor que as 31,9 mi ton de 14/15 (FCStone). Produção brasileira em 35,48 milhões de toneladas (Datagro).

Organização Mundial da Saúde recomenda que se tribute mais os refrigerantes e outros produtos que levam açúcar e recomenda queda de 60% no consumo da América Latina.

Subsídio sendo dado pela Índia e pela Tailândia faz com que a produção não se reduza.

Efeitos do câmbio: preços médios em R\$/tonelada (FOB Santos) foram de 864 (2013), 880 (2014) e expectativa para 2015 de R\$ 920/ton.

As Usinas que estão fixadas apresentam preço médio de R\$ 971/t (Archer).

A Rússia: importação ao redor de 550 mil toneladas, um pouco acima do ciclo anterior.

Aumento do consumo hidratado e efeitos positivos nos preços do açúcar.

Como está nosso etanol?

27% de anidro na gasolina comum representará um consumo adicional de 1 bilhão de litros (em 16/03 começou).

Cide – participação do etanol em SP deve subir de 41% (2014) para mais de 50% (5 pontos seriam ao redor de 300 mi litros a mais no país).

Queda do real e recuperação do petróleo: cai defasagem entre o preço de importação da gasolina e o de venda no mercado interno pela Petrobras para 14%, praticamente eliminando a pressão para redução de preços da gasolina.

Produção 15/16 no Centro-Sul 26 bi l, mesma da safra 14/15. 14 bi l de anidro e 12 bi l de hidratado (FCStone).

Até o final de março, distribuidoras precisam comprovar à ANP a aquisição de 70% do anidro que será usado na adição à gasolina. Em 2014, o preço foi o do hidratado somado a de 13%, pelo maior custo de produção do anidro. A Bioagência estima o prêmio em 12%, que aplicado a um preço médio de R\$ 1,41/l para o hidratado, daria ao anidro um preço de R\$ 1,58/l.

Estoques (final de março) estão mais elevados nas Usinas (2,8 bilhões de litros, contra 1,6 bi l no ciclo anterior).

Em 2004, o Brasil exportava 90% e os EUA 10% do mercado mundial. Em 2014 os EUA 70% (3,16 bilhões de litros) e o Brasil 30%. As exportações dos EUA foram para 51 países, e existe forte plano de expansão. O Brasil importou 424 mi. l. dos EUA em 2014, e em 2015 devem oscilar de 500 mi. l. a 1 bi. l.

O mercado da Califórnia é o nosso alvo nas exportações.

Redução do ICMS em MG sobre hidratado de 19 para 14%: consumo pula de 700 milhões para 1,5 bilhão de litros/ano – Siamig.

No Brasil: frota de 34 milhões de veículos e 22 milhões desses são carros com tecnologia flex.

Mercado de combustíveis ciclo Otto cresceu 8% em 2014 e deve crescer 4% em 2015, mesmo com a crise.

Como está nossa cogeração?

O setor sucroenergético pode fornecer até 10% a 15% a mais de energia em 2015 que o ofertado em 2014 (20,8 mil GWh), uma participação de quase 5% no consumo do Brasil. Segundo cálculos de Zilmar Souza (Unica - *União da Indústria de Cana-de-Açúcar*) existe potencial para oferecer 6 vezes mais que isto. Estima-se que em 2014 foi responsável por atender 11 milhões de residências e poupou 14% da água dos reservatórios do país.

O PND (preço de liquidação de diferenças) da Aneel tem teto de R\$ 388,48/MWh em 2015. Em 2014 os preços chegaram a atingir mais de R\$ 800/MWh. Portanto, temos pouco estímulo de preços para expansão, o que não faz sentido no Brasil que carece de investimentos em energia limpa.

Quem é o homenageado do mês?

A coluna Caipirinha todo mês homenageia uma pessoa. Neste mês a homenagem vai para o Zilmar José de Souza. Um belo quadro formado na FEA-RP, que se especializou no importante mercado de energias renováveis, sendo hoje um dos maiores especialistas mundiais no assunto e grande colaborador da cadeia produtiva da cana no Brasil.



Haja Limão

Preparei esta foto final para guardar para meus filhos. 15 de março de 2015, um dia histórico, de resgate da vontade de ser brasileiro. Levei filhos, sobrinhos, esposa, avó e vi muitos alunos, muitos amigos e muitos brasileiros. Fomos às ruas de Ribeirão Preto, onde já estavam mais 40 mil pessoas. Esta cidade que escolhi para viver, mais uma vez me orgulha pela sua responsabilidade e brasilidade. Valeu minha família, valeu amigos, valeu Ribeirão Preto. Fazia tempo que não me sentia... tão brasileiro.





COMO ESTÁ O NOSSO AGRO E O CENÁRIO ECONÔMICO?

Publicado na Revista Canavieiros em Abril de 2015

Primeiro, queria dar ao leitor da Caipirinha uma boa notícia. Teremos este ano a reedição do Caminhos da Cana, que em 2014 circulou mais de 20 cidades fazendo pesquisas, palestras e propostas ao setor. Iremos em 2015 para mais 20 cidades, concentrando as visitas no segundo semestre. Queria aqui mais uma vez agradecer ao apoio financeiro da Bayer e da Case, e ao apoio institucional da Orplana, Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), FEA-RP, Fundace, Markestrat e Canaoeste, além, é lógico, de todas as demais associações do setor, que nos receberão para o trabalho. Estou muito animado e vocês acompanharão as visitas, as principais fotos, aqui nesta coluna.

Voltando agora às notícias ruins... Comecei o semestre dizendo aos meus alunos da disciplina de planejamento, que este ano de 2015 seria o pior dos meus 20 anos dando aulas em Ribeirão Preto, na FEA/USP. E, desde minha primeira aula no final de fevereiro, as coisas só pioraram...

- A gestão econômica dos últimos anos nos entregou um deficit em conta corrente de 4%. O ano será difícil, pois buscaremos um superavit de cerca de 1% ao final do ano;
- Depreciação do real foi de 40% em um ano, algo que dificilmente tenha entrado nos cenários das empresas;
- Itaú BBA acredita em redução de 1,5% no PIB do país em 2015;
- A inflação em alta e o IPCA devem superar 8,5%, reconhecido até pelo Governo;
- Juros devem ir a 13%, dificultando ainda mais quem tem endividamento;
- Vale sempre lembrar que fazer um forte ajuste fiscal em economia em recessão é muito ruim, pois a própria recessão tira arrecadação do Governo;
- Câmbio ajudou a reverter a questão da desconfiança do agronegócio, mas esta segue muito grande na população brasileira, o que deve agravar o quadro econômico;
- Desemprego aumentando vai reduzir médias salariais e reduzir fortemente o consumo das famílias, agravando o quadro;
- O fator câmbio é o que vai trazer a retomada da competitividade, mas ele seleciona, pois os grupos mais fortes terão mais impactos positivos.

Como está nossa cana?

Conab divulga estimativa de safra de 592 milhões de toneladas no Centro-Sul. A produção de açúcar será de 33,72 milhões de toneladas, (5,4% maior). Para a Conab, a produção total de etanol será de 26,89 bilhões de litros (1,4% maior).

Estudo do IEA/Apta mostrou que a produtividade da cana em SP na safra 14/15 caiu 9,6%, principalmente devido ao clima seco que caracterizou este período.

Como está nosso açúcar?

Expectativa da Índia é de produzir 2% a mais que a safra anterior, chegando a 26,5 mi t.

Em recente análise de custos de produção atualizados com as desvalorizações das moedas frente ao US\$, Arnaldo Correa aponta que o custo no Brasil está em 11,71 cents/libra peso. Quando FOB, aumenta para 13,70. Na África do Sul o custo é de 11,14 e na Austrália, de 12,38. Estes países tiveram forte desvalorização das moedas. Já Índia e a Tailândia não tiveram, e seus custos ficaram maiores. Na Índia é de 23,17 (com o subsídio cai para 20) e na Tailândia é de 16,21. O real desvaloriza bem mais que as demais moedas dos países competidores do Brasil.

A ISO acredita que a produção mundial supera o consumo nesta safra em 620 mil toneladas.

Cada ponto adicional no mix para alcooleiro reduz a produção de açúcar entre 750 até 800 mil toneladas. Portanto, a solução seria produzir mais etanol, mas com a remuneração em reais do açúcar está havendo movimento inverso.

Arnaldo Correa aponta que o custo no Brasil está em 11,71 cents/libra peso. Quando FOB, aumenta para 13,70. Na África do Sul o custo é de 11,14 e na Austrália, de 12,38. Estes países tiveram forte desvalorização das moedas. Já Índia e a Tailândia não tiveram, e seus custos ficaram maiores. Na Índia é de 23,17 (com o subsídio cai para 20) e na Tailândia é de 16,21.

Subsídio sendo dado pela Índia e pela Tailândia faz com que a produção não se reduza. Expectativa da Índia é de produzir mais de 24 milhões de toneladas, 13% a mais.

Com o real desvalorizado, estima-se que os preços de break even do açúcar passaram a algo próximo a 12 cents por libra peso.

Efeitos do câmbio: preços médios em R\$/tonelada (FOB Santos) foram de 864 (2013), 880 (2014) e expectativa para 2015 de R\$ 920/t.

As Usinas que estão fixadas apresentam preço médio de R\$ 971/t (Archer).

Primeiros dois meses: exportações de açúcar foram de apenas 3,4 milhões de toneladas, 13,5% menores que em 2014.

Finalmente, compartilho com o leitor fotos que tirei deste açúcar nos EUA. Vejam que interessante, na embalagem coloca-se o número de calorias, para mostrar que são poucas, tem-se o diferencial exaltado que é feito de cana, e no verso, vejam como a empresa está ligada nas novas mídias sociais, participando de praticamente todas as plataformas existentes.



Como está nosso etanol?

Etanol hidratado chegou a atingir R\$ 1,41/l em 2 a 6/fev. Agora em queda livre, desnecessária, atingindo R\$ 1,15. Alguns traders estão enxugando o mercado via exportações de anidro, favorecidas pelo câmbio atual.

Os prejuízos da Petrobras no Lulopetismo foram impressionantes, superam qualquer das piores expectativas existentes, e a empresa está sem crédito e reduzindo investimentos. A nova gestão e da Petrobras será benéfica ao setor. Nível de alavancagem bastante alto, vai ter que virar e isto implica positivamente o setor de cana. Crescimento da produção da Petrobras será bem menor, o que ajuda no etanol como substituto.

O ministro das Minas e Energia deu impactante palestra onde mostra o buraco que estamos na questão de suprimento de combustíveis, e isto pode representar um novo alento ao etanol, com planos de longo prazo.

Estoques (final de março) estão mais elevados nas usinas (2,8 bilhões de litros, contra 1,6 bi l no ciclo anterior). Destes, 1,1 bilhão de litros é de hidratado, acima em cerca de 500 milhões do ano anterior (Bioagência).

Consumo de hidratado no primeiro bimestre foi de 2,5 bilhões de litros, 16% a mais que em 2014. E consumo da gasolina foi 0,72% menor (6,9 bilhões de litros).

Preços do etanol na usina caem, mesmo na entressafra. Queda este ano entre 10 a 15%, enquanto que nos postos recuou apenas 2%. Mais uma vez se transfere renda do setor produtor para o setor distribuidor.

No primeiro bimestre de 2015 o consumo de etanol hidratado no Brasil subiu da participação de 16,5% em 2014 para 20,4%.

Apesar de não remunerador, as vendas de etanol pelas usinas em março bateram importante marca, 47% maior que em 2014. Foi comercializado 1,45 bilhão de litros.

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses esta coluna homenageia um personagem do setor de cana. Este mês faremos uma homenagem ao grande Antonio Cesar Salibe, presidente executivo da UDOP, que tem enorme e histórico trabalho em defesa do setor sucroenergético, fora a grande simpatia!



Haja Limão

A popularidade da presidente (em minúscula propositalmente) atingiu níveis muito baixos, e praticamente 2/3 da população brasileira defende sua saída. Eu pegaria meu boné. Um governo paralisado, desidratado, e já temos praticamente o PMDB comandando o Brasil, com o vice-presidente na articulação política e os presidentes da Câmara e do Senado ditando as reformas e a agenda. Dia 12 de abril tivemos outra manifestação enorme no Brasil, repercutindo internacionalmente, e os movimentos sociais de nova geração, entre eles o Vem Pra Rua, focarão agora sua atuação no Congresso. Para nosso alento, todos defendem a redução do tamanho do Estado, e a eficiência, algo que o PT fará apenas na marra, pois não é de seu perfil e visão ideológica. Haja limão para o Estado brasileiro. E digo mais, com a recente aproximação de Cuba dos EUA, cada vez mais os bolivarianos vão ficando isolados no continente.



UM GOL DA BARBÁRIE NO JOGO DO AVANÇO CIENTÍFICO

Publicado na Revista Canavieiros em Maio de 2015

Este mês mudaremos o estilo um pouco, pois na coluna do mês passado fiz ampla análise das variáveis da cana, e esperamos até a próxima edição para voltar a comentar do setor. Nesta coluna teremos uma história composta de capítulos felizes e tristes. Começemos pelos felizes.

Em janeiro de 2014, a FuturaGene submeteu à Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio) um pedido de liberação comercial do eucalipto geneticamente modificado, a primeira empresa brasileira privada a submeter uma planta geneticamente modificada para aprovação comercial. Após a aprovação, segundo a empresa, será feito plantio de forma gradual, de acordo com as práticas de manejo florestal adotadas pela empresa na implantação de qualquer novo clone. Espera-se colher em seis ou sete anos.

Segundo a empresa, diversos estudos foram realizados por cientistas independentes familiarizados com a produção e a avaliação do eucalipto para confirmar a segurança do produto, não tendo apresentado toxicidade sobre outros organismos, demonstrando segurança na composição foliar, boa decomposição de biomassa, semelhança fenotípica, e com interações ecológicas, tanto em relação a insetos, decompositores, micro-organismos e doenças quanto às características climáticas e de solo, como seca, vento e deficiência de nutrientes, semelhantes ao convencional.

Ainda segundo as pesquisas, o eucalipto apresenta pouco potencial de cruzamento com espécies selvagens e não possui potencial para se tornar planta invasora. Há ainda estudo de cientista da UFRGS que mostra equivalência entre as amostras de mel produzidas em áreas de árvores geneticamente modificadas e convencionais; ausência de efeitos tóxicos no mel, entre outras evidências. A empresa ainda precisa convencer o Forest Stewardship Council que este produto pode ter o selo de sustentabilidade, cuja decisão será em 2017.

O MST, Instituto de Defesa de Consumidores, Associações de Produtores de Mel e diversas ONG's contestam estes estudos, bem como alguns concorrentes da Suzano. Mais uma vez, tem-se um debate no campo da ciência, mas sempre contaminado por ranços ideológicos quando se trata de transgênicos.

Tenho grande confiança na CTNBio, composta por corpo científico formado por 27 titulares e 27 suplentes, todos com título de doutor em áreas afins à biotecnologia, como órgão competente para realizar

a avaliação de biossegurança de organismos geneticamente modificados (OGMs) no Brasil. O modelo brasileiro de avaliação da biossegurança de organismos geneticamente modificados é visto internacionalmente como um dos mais completos e rigorosos do mundo, sendo até considerado lento. Suas decisões são tomadas de maneira democrática, sempre levando em conta o Princípio da Precaução. É no campo da ciência que os debates deveriam se dar, no “estádio” da CTNBio. Mas não foi o que se viu.

Na manhã de 05/03, aproximadamente 1.000 mulheres integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) invadiram a sede da FuturaGene, em Itapetininga (SP), danificaram casas de vegetação e destruíram as mudas experimentais. Ao mesmo tempo, outro grupo composto por cerca de 300 integrantes do MST ocupou a reunião da CTNBio, em Brasília.

Para mostrar a violência do ataque, a carta a seguir foi por mim recebida, e escrita por um dos integrantes da CTNBio.

“Caros amigos. Eu estava na reunião da CTNBio quando ela foi invadida com violência pelo MST. A violência foi tanta que feriram uma funcionária da CTNBio quando meteram o pé na porta para entrar à força na sala. Quem liderou este ataque foi supostamente um ex-membro da CTNBio, representante do MDA, que supostamente também financiou a invasão na fazenda da FuturaGene/Suzano. Muitos estavam bêbados já cedo pela manhã. Mando um vídeo feito no fundo da sala. Entraram berrando e empurrando. Apavoraram. Muitas pessoas saíram de seus lugares e foram para a frente da sala, perto dos membros da CTNBio procurando segurança. Eu fiquei paralisada e felizmente abracei meu computador e outros pertences. Pensam que é exagero? Pois não foi, há relatos de roubo de computadores. Conseguiram seu intento: acabar com a reunião. A violência, os roubos e a destruição da pesquisa podem até ter sido financiados com o dinheiro de nossos impostos. Os ônibus que levaram as mil mulheres para a destruição da fazenda eram luxuosos: ônibus executivos com abundância de comida e bebida dentro. Esse é o governo que temos.....e todos ficaram impunes. Ninguém foi preso. Dá vergonha de ser brasileiro...

A ação dos invasores do MST na sede da FuturaGene resultou na perda de anos de estudos e pesquisas em decorrência da destruição de mudas que, após possível aprovação comercial pela CTNBio, seriam utilizadas para dar continuidade aos plantios experimentais no campo. Também foram perdidas mudas de projetos que ainda estão em fase inicial e/ou intermediária em relação à avaliação de performance e estudos regulatórios. Houve ainda os danos emocionais aos funcionários e a brasileiros como eu. O evento repercutiu internacionalmente na comunidade científica, e a carta anexa foi por mim recebida por renomado cientista internacional.

“Just a note of firm solidarity and deep chagrin. I have just been informed about the senseless destruction at your experimental station in Brazil and the postponement of the CTN-Bio discussion. In the past hours, I have read as much information from the Brazilian and international media as I could find. I trust no one was physically hurt during this terrible occurrence. I am sad for Brazil (my second home), for science, for the people who are being misguided and abused and of course for all who are dedicating their

lives, their efforts, their intellects, their resources and their hearts to contribute to building a better world for all. There is much to be done and more courage will be demanded. Counton me”.

Além da repercussão nacional e internacional, causou espanto que uma mobilização absolutamente bem organizada e orquestrada muitos dias antes, de 1000 pessoas e cerca de 40 a 50 ônibus sincronizados se deslocando por estradas, não foi percebida antes pelas autoridades policiais tanto estaduais quanto federais, para que fosse feita a prevenção do ataque. É realmente preocupante. Foi interessante observar também a grande quantidade de sites e blogs de ONG’s internacionais que vibraram com esta destruição em território brasileiro.

Esta invasão, destruição e desrespeito institucional aos investidores, aos cientistas e à imensa maioria dos brasileiros, que se chocou com o fato, foi mais um triste episódio na rica história do agronegócio brasileiro, que vem sustentando há décadas o desenvolvimento econômico, social e ambiental de nossa sociedade.

Não há nada mais perigoso a um país que o desrespeito às regras do jogo, às instituições, o “ganhar no grito”. A ciência não pode se curvar à barbárie, bem como nossas autoridades não podem ser lenientes com o crime.

Que a CTNBio possa ter garantido um ambiente onde as discussões existam de maneira democrática, e que a ciência vença, seja qual for a decisão tomada. Espero também que este triste caso de invasão e destruição nunca mais se repita no Brasil e que seus invasores tenham contra si uma coisa absolutamente simples: a aplicação da lei.

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses esta coluna homenageia um personagem do setor de cana. Este mês faremos uma homenagem ao grande Prof. José Luiz Ioriatti Dematte, um clássico da nossa Esalq. Quanta produção adicional de cana este país teve graças às intervenções deste nosso Professor com P maiúsculo, sempre.



Haja Limão

O governador de Minas Gerais condecorar com uma importante medalha um dos principais arquitetos da barbárie que lemos acima foi algo realmente revoltante. Ainda bem que já está colhendo os resultados disto, não pôde aparecer na abertura da tradicional Expozebu em Uberaba, tomaria um panelaço. Que vergonha um governador deixar de ir a Uberaba. Fazia tempo que isso não acontecia.



O ETANOL HIDRATADO COMO UMA INJEÇÃO NA VEIA

Publicado na Revista Canavieiros em Junho de 2015

O que acontece com nossa cana?

Temos que destacar o efeito do câmbio no setor de cana. Uma desvalorização de cerca de 35% no real frente ao dólar faz com que em reais, mesmo os baixos preços do açúcar, tenham alguma compensação, encarece a gasolina no mercado interno e dá mais competitividade às exportações de etanol, inibindo também a entrada de etanol americano. Uma importante injeção não só no setor, mas no agro brasileiro.

Para a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), a safra será de 590 milhões de toneladas (3,27% maior que em 2014/15), com produção 4,33% maior de etanol (27,27 bilhões de litros, sendo o hidratado 6,1% a mais com 16,33 bilhões de litros e o anidro 1,8% maior, com 10,94 bilhões de litros). A safra será mais alcooleira, com 58,1% destinada ao etanol. A produção de açúcar deve ficar ao redor de 32 milhões de toneladas.

O processamento em abril de 2015 foi 11,54% maior que o de 2014. Safra vem vindo firme!

Em termos de políticas, segundo a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), ainda temos que facilitar a recuperação de créditos tributários da desoneração do PIS/Cofins (retenções de R\$ 2 bilhões por ano), a descontinuidade do programa de financiamento à estocagem do etanol e o programa de incentivo ao ganho de eficiência dos motores.

Apesar da crise, a BP prevê processar em 15/16, 10 milhões de toneladas de cana, 43% a mais que na safra anterior. A Glencore (trading suíça) prevê moer ao redor de 2,7 milhões de toneladas, cerca de 20% acima que na última safra. Já a Guarani deve moer ao redor de 20 milhões de toneladas, sendo 40% para o etanol.

O que acontece com nosso açúcar?

Relatório trimestral da OIA prevê deficit de açúcar de 2,3 milhões de toneladas em 2015/16 e ainda maior em 2016/17 se não houver investimentos em produção, que foi desestimulada em alguns países, pelos preços baixos da commodity. Estima que o deficit poderia chegar até a 6 milhões de toneladas. Pode ser uma luz no final do longo túnel do açúcar.

Para a safra 2014/15, prevê superavit de 2,2 mi ton, com produção mundial crescendo para 173,63 mi ton, puxada principalmente por safras boas na Índia e Tailândia, que surpreenderam.

Interessante como as consultorias internacionais que fazem previsão de safras e produções são surpreendidas em curto intervalo de tempo. Uma que projetava no trimestre anterior um deficit de mais de 100 mil t de açúcar para esta safra, reviu para um superavit de mais de 3,2 milhões de toneladas. Apenas em um trimestre...

Segundo a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), subsídios à produção de açúcar na Índia e Tailândia podem ter custado mais de US\$ 1,2 bilhão ao Brasil, e estudamos contestá-los na OMC. Devemos sim ameaçar e ir em frente caso não haja retrocesso por parte destes países.

Já o consumo de açúcar também apresenta boa recuperação, com crescimento de 2,14% (média dos últimos 5 anos foi de 2,06%) e alcançará o recorde de 171,42 milhões de toneladas. A relação estoque consumo ainda permanece elevada, próxima a 48%.

A título de curiosidade, as importações do Iraque vêm aumentando e devem atingir mais de 1 milhão de toneladas em 2015, provando a importância dos mercados emergentes no açúcar.

Ainda sobre os efeitos do dólar, algumas usinas estão fixando o açúcar que vem sendo produzido em 2015/16 em mais de R\$ 1.050/tonelada, acima dos preços de 2014/15 permitindo, no caso das usinas mais eficientes, retornos acima de 10%.

O que acontece com nosso etanol?

Com a escalada nos preços internacionais do petróleo, é muito provável que tenhamos novo aumento do preço da gasolina no Brasil, que pode chegar a 10%. A gasolina já está dando prejuízo à Petrobras novamente, e o problema grave do caixa da empresa e uma promessa que os preços seguirão o mercado dão alento ao etanol.

O consumo do hidratado segue firme, e podemos chegar ao final do ano entre 14 a 15 bilhões de litros. Estamos consumindo mais de 1,3 bilhão de litros por mês, contra menos de 1 bilhão nestes primeiros meses, em 2014. Se o consumo seguir firme e com rentabilidade, com a perspectiva dos preços chegarem a patamares entre 1,40 a 1,50/l na usina, pode-se retirar mais de 1 milhão de toneladas de açúcar do mercado internacional, beneficiando os preços.

Em abril, as usinas do Centro-Sul venderam 1,46 bilhões de litros, simplesmente 49% a mais que em abril de 2014. Estamos vendendo hidratado como água, uma verdadeira injeção na veia do setor!

Falta ainda o aumento de 0,5% na mistura de anidro na gasolina, aprovada, e que hoje está em 27%. Como os testes da Anfavea aparentemente não apresentaram problemas nos automó-

veis, resta esperar por este aumento.

Estimativa de Alexandre Figliolino, do Itau-BBA, é que a retirada da Cide na gasolina em 2012 até sua volta neste ano impactou em R\$ 16 bilhões o setor de cana. Vejam o desastre causado pela política populista do governo.

O que acontece com nossa cogeração?

A Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*) estima que a capacidade instalada para cogeração nas usinas atingiu 10 mil megawatts, representando 7% da matriz energética brasileira, atrás apenas da fonte hidroelétrica e de gás natural. Em 2014, o uso desta fonte energética evitou a emissão de mais de 8 milhões de toneladas de CO². Porém, o ritmo de crescimento vem diminuindo, e em 2015 devem ser instalados apenas 36% do que foi investido em 2010.

Com um pouco mais de luz na política energética brasileira, é muito provável que as fontes renováveis ganhem impulso.

Há interesse crescente de fundos na aquisição de ativos de cogeração e mesmo de investimentos no setor. No leilão os preços foram de R\$ 270 por megawatt/h e preços de mercado acima disto.

Penso que a coleção de notícias que coloquei acima mostram boas luzes!

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses esta coluna homenageia um personagem do setor de cana. Este mês faremos uma homenagem ao amigo Nehemias Alves de Lima, diretor da Coopercitrus, e um grande entusiasta da educação no Brasil. Estamos juntos na luta, amigo!

**Após o fechamento dessa coluna o homenageado veio a falecer.*



Haja Limão

O Brasil caiu mais posições no ranking de competitividade mundial, no recente relatório publicado pelo IMD. Estamos na posição 56. Éramos em 2010 o país número 38 em competitividade. Eu imaginei que a experiência do Brasil com a esquerda seria muito negativa, mas não imaginava um desastre dessa dimensão. Haja limão.



O HIDRATADO VOLTA PARA ONDE NUNCA DEVERIA TER SAÍDO

Publicado na Revista Canavieiros em Julho de 2015

O que acontece com nosso agro?

A FAO/OCDE soltou sua mais nova projeção para os próximos dez anos, e segue muito favorável ao crescimento da agricultura brasileira. Farei um texto específico sobre este assunto aos nossos leitores!

Após resultados decepcionantes nos primeiros meses do ano, em junho a situação não foi diferente. As exportações do agro (US\$ 9,13 bilhões) se comparadas com o mesmo período de 2014 (US\$ 9,61 bi) diminuiram 5,0%. Essa queda levou a um saldo na balança do agro de junho de US\$ 8,07 bi (3,9% menor).

O valor exportado acumulado no ano (US\$ 43,3 bilhões) apresentou uma queda de 11,9% quando comparado com o mesmo período do ano de 2014 (US\$ 49,1 bilhões). O saldo da balança do agro foi positivo neste período (US\$ 36,2 bi), porém também apresentou queda de 11,2%.

O que acontece com nossa cana?

Até o final de junho a moagem (200,3 milhões de toneladas) estava ainda um pouco abaixo da safra anterior (200,5), devido a chuvas que incidiram no período.

Como a safra deve ser de 590 milhões de toneladas, é possível que não consigamos moer toda a cana.

Do total moído, 57,7% foi para etanol. Só este destino mais alcooleiro já retirou 1 milhão de toneladas de açúcar da produção.

O que acontece com nosso açúcar?

Projeção sempre importante e aguardada pelo mercado, a Czarnikow estima o consumo mundial de açúcar no ciclo 15/16 em 186,7 milhões de toneladas, um crescimento de 2% ao ano, e a produção seria de 186 milhões de toneladas, sendo 149,7 vindos da cana e 36,3 da beterraba.

Com a taxa de desperdício, o déficit seria de 1,7 milhão de toneladas, começando o processo de consumir os altos estoques existentes.

Existem boas perspectivas de elevação das importações chinesas de açúcar no ciclo 2015/2016, ultrapassando as importações da Indonésia.

A OIA (Organização Internacional do Açúcar) voltou a apontar a chance de déficit elevado na safra 2016/17. Este pode chegar a 6,2 milhões de toneladas. A OIA acredita em déficit já na safra 2015/16, de 2,5 milhões de toneladas. Um cenário de maior consumo, maior demanda por etanol e estoques em queda. A Copersucar estima o déficit neste ano em 1,5 milhão de toneladas. Quem sabe teremos melhores preços!

Em linha com esta tendência, a Datagro reviu para baixo as previsões de açúcar do ciclo 2015/16 no Brasil em quase 5%. Caindo de 32,2 milhões de toneladas para 30,7 milhões, mesmo com a safra de 591 milhões de toneladas de cana. É o efeito do consumo de hidratado, que está trazendo uma safra com quase 60% da cana destinada ao etanol no Centro-Sul.

O que acontece com nosso etanol?

O mix da Copersucar deve ser de 58% para etanol na safra 2015/16. Acredita em preços cerca de 10% melhores na média, que os praticados em 2014/15.

Até 1 de julho, foram vendidos no Brasil 6,9 bilhões de litros de etanol, 17,2% acima da safra anterior. O destaque é o hidratado, que aumentou 44,5% desde 1º de abril, totalizando 4,5 bilhões de litros.

Até o final de junho já havíamos produzido 8,6 bilhões de litros de etanol, o que é um recorde.

O volume de vendas de anidro em junho (831,4 milhões de litros) caiu 1,8% em relação a 2014, principalmente devido ao menor consumo de gasolina. Já o hidratado bateu recorde de 1,5 bilhão de litros, um crescimento de quase 52% em relação a 2014. Ainda assim, é responsável por 23% do consumo da frota flex, o que mostra o imenso potencial de crescimento.

O aumento no consumo do hidratado permite a redução das importações de gasolina, que prejudicam a balança comercial brasileira. Nos 4 primeiros meses do ano já importamos 1,43 bilhão de litros. Em 2014 o Brasil pagou US\$ 1,35 bilhão em importações de gasolina, que poderiam ser zeradas com a expansão do etanol. A Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*) estima que de 2011 a 2014 o Brasil gastou US\$ 8 bilhões em importações de gasolina.

Segundo a ANP, a produção de etanol teria que crescer mais de 8% ao ano durante uma década para evitar déficit de combustíveis de até 600 mil barris por dia até 2024. Representou em 15 anos economia de US\$ 80 bilhões ao país.

Em MG, as vendas mensais de hidratado estão passando de 150 milhões de litros, contra 50 milhões em 2014. É o efeito do ICMS menor, que precisaria ser copiado por outros estados.

A safra também começa com exportações de etanol 14% maiores que ano passado, trazendo já um faturamento de quase US\$ 200 milhões em 276 milhões de litros vendidos. Podemos, segundo a SCA trading, exportar cerca de 1,2 bilhão de litros na safra 2015/16.

Interessante entrevista com um executivo de uma grande empresa de petróleo, que acredita que os preços voltem a subir até o final deste ano, beneficiando o etanol, e acredita fortemente nas energias renováveis e na demanda de energia para o futuro. A produção de petróleo já começou a ceder pela redução de investimentos em extração. Em 2050 teremos 9 bilhões de pessoas no mundo e acredita-se que 75% viverão em cidades. Somente isto significa uma nova cidade de mais de um milhão de habitantes por semana!

A EPA – Agência Ambiental Americana finalmente divulgou as metas de combustíveis renováveis para os próximos anos, e existia risco de redução, mas o etanol permanece com espaço garantido no consumo americano, e o de cana também.

O que acontece com nossa cogeração?

Apenas 127 de 354 unidades vendem energia à rede. O potencial de crescimento é enorme. A capacidade instalada é de 9.339 MW e poderia chegar a 22.000 MW até o ano 2020, contribuindo muito para o Brasil.

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses esta coluna homenageia um personagem do setor de cana. Este mês faremos uma homenagem ao amigo Roberto Hollanda, presidente da Biosul, em MS, que tem feito grande trabalho visando desenvolver a cana na região.



Haja Limão

Continuamos contaminados diariamente com as comprovações de corrupção no país. E tivemos também a divulgação de uma pesquisa eleitoral com uma boa e uma má notícia. A boa é que nosso ex-presidente teve sua popularidade corroída de maneira definitiva. Está, na minha humilde visão, enterrado politicamente. A péssima é que ainda existem 33% de brasileiros (um em cada três) que ousam dar seu voto a este senhor, mesmo com tudo, com absolutamente tudo

o que está acontecendo, seja na economia, na corrupção, enfim, no dia a dia. Se olho para este terço de brasileiros, tenho vontade de jogar a toalha e pensar que nosso país não dará certo. Mas vamos olhar aos outros dois terços, e seguir para construir um grande Brasil livre do atual partido que nos desgoverna e livres deste senhor.

Hoje, se após conhecer uma pessoa diferente ou encontrar ou algum velho amigo e... se esta pessoa ainda hoje, com todas as evidências, chega e me diz: eu voto no ex-presidente... Passa a me ocorrer uma reação de autodefesa incontrolável, onde os anticorpos tomam o controle e avisam o cérebro que esta pessoa deve imediatamente ir à categoria REMINT (Relacione-se com Elegância o Mínimo Necessário de Tempo)... Haja limão.



O CAMINHO DAS ÍNDIAS

Publicado na Revista Canavieiros em Agosto de 2015

O que acontece com nosso agro?

De acordo com a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), o cálculo atualizado mostra que desde 1975 o etanol possibilitou ao Brasil economizar US\$ 190 bilhões em importações de combustível, o que equivale a 2,5 bilhões de barris de gasolina, um grande benefício à nossa sociedade.

De janeiro a julho, inclusive, o agro brasileiro exportou US\$ 52,37 bilhões, e importou US\$ 8,4 bilhões, deixando um saldo de US\$ 44,16 bilhões. Em julho tivemos uma boa reação, com exportações passando de US\$ 9,1 bilhões. Com o novo câmbio, acredito numa expansão das exportações ajudando o Brasil neste difícil momento.

A cadeia da cana exportou US\$ 829 milhões em julho, boas notícias, renda de fora entrando no Brasil!

O que acontece com nossa cana?

Com metade das 20 milhões de toneladas de cana estimadas para 2015/16 já processadas, a Tereos anunciou resultado médio de 87 t/ha e ATR de 126 kg/t.

Archer revisou suas estimativas para 15/16, permanecendo a produção de 581 milhões de toneladas, mas com menor ATR e maior alocação para etanol, levando a produção de 27,48 bilhões de litros, e a de açúcar caindo de 32,6 para 29,8 milhões de toneladas.

Estudo do Pecege mostra que produtores na região de Araçatuba tem vendido a cana em média a R\$ 61,83/tonelada, ante a um custo de produção de R\$ 62,16. Ou seja, trabalha-se o ano todo para perder 33 centavos por tonelada vendida. Está aí mais um agente social no Brasil: o produtor de cana.

A segunda quinzena de julho foi de excelente rendimento para as usinas, com produção 25% maior no açúcar que o mesmo período do ano passado e 37% maior no etanol, recuperando o atraso e fazendo a moagem acumulada ficar praticamente igual ao ano passado.

O que acontece com nosso açúcar?

O preço atingiu o menor patamar em 6,5 anos, chegando a praticamente 10 cents/libra peso. Está fortemente influenciado pela desvalorização do real, que impacta diretamente no preço. Resta saber com este preço, como fica o estímulo à produção no mundo. Em algum momento, há de ceder a produção.

É impressionante o potencial que a Índia tem de desprestigiar regras de mercado e interferir negativamente no mercado mundial de açúcar. Está em discussão no país a aprovação de volumes de exportação para o próximo ano safra (01/10), que possam tirar do mercado tudo o que for adicional à demanda, para manter preços internos que seriam “artificiais”. Seriam exportações feitas com prejuízo ao setor privado, com algum tipo de subsídio. Ao invés de reduzir a produção, ou direcionar mais cana para etanol, como é o caso do Brasil, a Índia vai em sentido contrário. Novas estimativas indicam que a Índia deve produzir 28 milhões de toneladas no ciclo 15/16, contra um consumo de 25 milhões de toneladas.

Por outro lado, talvez a melhor notícia do mês foi dada pelo Primeiro Ministro da Índia no dia 11 de agosto, anunciando que a partir de outubro de 2015, na próxima safra, será mandatório a adição de 10% de etanol à gasolina. Isto deve consumir 1,5 milhão de toneladas de açúcar.

Outra boa notícia é que a Tailândia também aumenta a produção de etanol. A gasolina do país já é misturada a 10% de etanol, mas existem benefícios de preços para quem abastecer com E20 e E85, e para a indústria produzir automóveis que se adaptam. Estes benefícios fazem com que a mistura tenha sido de 12,3% em 2015, 14,4% em 2015 e 15,1% em 2016. Antes tarde do que nunca, é algo que peço já há cinco anos. Pelo menos para isto serviram os preços baixos do açúcar, para estimular o consumo de etanol nestes países. E uma vez colocado o mandato e estabelecidos os canais, fica difícil voltar depois.

Em julho, as exportações de açúcar atingiram 2,35 milhões de toneladas, com faturamento de US\$ 728 milhões. Foi quase 18% maior que junho, mas 5,5% menor que julho de 2014. A receita foi 13% maior que junho, mas 27% menor que julho de 2014.

Há a expectativa que o El Niño trará efeitos positivos ao mercado de açúcar, pois começam a ser relatadas perdas devido à seca, principalmente na Tailândia e talvez na Índia, grandes produtores na safra vindoura.

O que acontece com nosso etanol?

Mesmo com a atual crise econômica no Brasil e com o aumento de preços da gasolina e do diesel, o mercado de combustíveis no primeiro semestre fechou 0,3% acima do consumo do mesmo período de 2014. O etanol deslocou parte do consumo de gasolina, tendo crescido 38%, enquanto que a gasolina caiu 5%.

No longo prazo, continuamos sem planejamento. A Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*) estima o gap de combustíveis no Brasil em gasolina equivalente, de 17,4 bilhões de litros em 2024 e o Ministério das Minas e Energia em 8,5 bilhões de litros. E o que está sendo feito?

Na segunda quinzena de julho, a produção de etanol cresceu 37% em comparação ao mesmo período de 2014, com quase 2,2 bilhões de litros produzidos, sendo 891 de anidro e 1,3 bi de hidratado. No total do mês de julho vendeu-se das usinas para as distribuidoras 1,6 bilhão de litros de hidratado, 50% a mais que julho de 2014 e 6% a mais que junho de 2015. Foram 2,446 bilhões de litros. O anidro está estável em relação a 2014.

Mais uma vez o endividamento do setor atrapalha a rentabilidade. Usinas em dificuldades financeiras têm vendido o hidratado a preços muito baixos, puxando o mercado para baixo. Mesmo com consumo maior, isto não se refletiu em preços bem mais atrativos.

Boa notícia em julho foi a reação das exportações, estimuladas pelo câmbio, tendo sido exportados 214 milhões de litros, quase 140% a mais que no ano anterior. Foram US\$ 100 milhões, contra US\$ 57,3 em julho de 2014.

Com o consumo elevado, a estratégia de estocar etanol pode ser vitoriosa, pois tendemos a ter preços melhores no final da safra e na entressafra.

Preços do petróleo tem grande interferência nos preços das commodities, e estão ao redor de US\$ 50-55 o barril, os mais baixos do ano. Há excesso de produção no mercado (mesmo os preços menores não foram capazes de diminuir a produção, e em alguns casos, até elevar). Há analistas que acreditam que os preços podem inclusive virem a US\$ 40 o barril, onde daí o consumo seria mais estimulado e a produção poderia recuar. Tempos fechados no preço do petróleo.

Mas quando se considera o câmbio, a gasolina está mais barata no Brasil em cerca de 12% que no mercado externo. Segundo a GO Consultoria, esta defasagem fez com que a Petrobras tenha perdido R\$ 528 milhões com a comercialização de gasolina apenas em julho. Podemos ter mais um aumento de preços.

O que acontece com nossa cogeração?

Neste primeiro semestre, a cogeração aumentou 14% em relação ao mesmo período do ano passado, sendo comercializados 7,97 mil Gigawatts hora. É um crescimento bem menor que o observado em 2014, porém.

No ano todo de 2014, as usinas cogeram 19,4 mil GWh, 21% acima de 2013. O setor tem condições de crescer, mas com os preços atuais ao redor de R\$ 200 o MWh falta um pouco de estímulo. Há retração da atividade econômica e as chuvas estão dentro do esperado (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*).

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses esta coluna homenageia um personagem do setor de cana. Este mês, a homenagem vai para o José Arimatea Calsaverini, o Ari, que terminou um positivo ciclo de seis anos como gestor executivo da Coplana. Pude acompanhar o trabalho de perto, e registro aqui meus parabéns ao Ari e ao time todo que entregou bons resultados no período. Parabéns à Mirela, que assume esta posição e bom trabalho a todos.



Haja Limão

Passei quatro dias na Argentina, um país que adoro, agora em agosto. Tenho orgulho de ser oficialmente professor visitante internacional da Universidade de Buenos Aires desde 2006, com uma a duas visitas por ano. Comecei por Rosário, fazendo palestra num congresso e terminei por Buenos Aires. Que tristeza conversar com os argentinos e ver a degradação e a falta de ânimo das pessoas. Os problemas lá são os mesmos de cá, porém em maior magnitude. Pelo menos chega ao fim a atual dinastia, pois em outubro tem eleições.

Finalmente... acho que o setor de etanol não deveria ter meta. E daí, quando ele atingir a meta, ele poderia, finalmente, dobrar a meta. Sem mais comentários, a não ser... haja limão.



UMA DAS MAIORES INCERTEZAS JÁ VISTAS NESTE PAÍS

Publicado na Revista Canavieiros em Setembro de 2015

O que acontece com nosso agro?

Em agosto, as exportações do agro caíram 17,4% em valor em relação ao mesmo período do ano passado. Preços menores das commodities exportadas não compensaram em alguns casos o aumento de volumes exportados e os incentivos do novo patamar cambial. De janeiro até agosto deste ano exportamos US\$ 59,7 bilhões, quase 12% a menos que no ano anterior, porém, se pensarmos este valor em reais, significa grande acréscimo na renda local das exportações.

A queda no valor exportado não tira o brilho da safra 2014/15. Nossos produtores entregaram um recorde de 210 milhões de toneladas de grãos, produção pura para abastecer o Brasil que anda de marcha a ré. Em termos de área, estamos ocupando 57,6 milhões de hectares, quase 2% a mais que em 2014. E as perspectivas de plantio são promissoras para 2015/16. Se os preços mundiais em US\$ menores refletirem em menor produção global, e houver alguma recuperação nos patamares de preços, podemos ter uma safra de boa rentabilidade aos nossos produtores.

O que acontece com nossa cana?

Datagro reviu sua projeção para esta safra (Centro-Sul) de 591 milhões de toneladas para quase 605 milhões de toneladas. Segundo a Datagro, a produção de açúcar passou de 30,7 para 31,4 milhões de toneladas e de etanol de 27,8 para 28,2 bilhões de litros. FCStone projeta 592,2 mi ton. Efeitos do clima, no geral, favorável.

A projeção mais recente da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) indica que a safra brasileira de cana será de 655 milhões de toneladas, 3,2% acima das quase 635 milhões da safra anterior. Já o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) indica uma safra total de 705 milhões de toneladas. Interessante discrepância, típica de um país com estruturas duplicadas para fazerem a mesma coisa.

Lamentavelmente o ProRenova e o programa de financiamento para estocagem de etanol estão com recursos atrasados, devendo comprometer seu uso nesta safra.

Até o final de agosto, a moagem no Centro-Sul foi de 374,25 milhões de toneladas, enquanto

que em 2014/15 estava em 372,69 mt. A Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*) acredita, porém, que em São Paulo a moagem está 10 milhões de toneladas atrasada. Fica a questão que se as chuvas vierem em maior volume e frequência, se conseguiremos processar esta cana toda...

O que acontece com nosso açúcar?

OIA (Organização Internacional do Açúcar) estima que a safra 2015/16 trará deficit de 2,49 milhões de toneladas, mas que a princípio não impactam preços devido aos estoques elevados, mas é o primeiro deficit em cinco anos, o que nos mostra um sinal diferente, finalmente!!!

Preços do açúcar em agosto foram os mais baixos dos últimos 7 anos... 10,5 cents por libra peso. Porém, houve ligeira recuperação em setembro, devido às chuvas no Brasil e a safra mais “etanoleira” (58,5% da cana até o momento).

Até o final de agosto, a produção de açúcar no Centro-Sul estava 8,31% menor que a da safra anterior. A FCStone já reviu para baixo a produção 2,5% (acredita em 31,3 milhões de toneladas).

Para o Cepea, na última semana de agosto, os preços de exportação estavam mais remuneradores (R\$ 49,27) que os do mercado interno (R\$ 47,07) por saca de 50 kg. O açúcar remunerou 24% a mais que o etanol anidro, e 31% a mais do que o hidratado nesta semana analisada. O problema aí é o baixo preço do hidratado.

Mesmo assim, nosso desempenho em agosto deixou a desejar. Exportamos 1,81 milhão de toneladas de açúcar, 23% a menos que julho e 21,5% a menos que o mesmo mês de 2014. As exportações foram de US\$ 545 milhões, 25% a menos que julho e mais de 42% menores que os US\$ 945 milhões que entraram em 2014.

A Índia continua sem obedecer as regras de mercado e inunda o mundo com açúcar. Na safra 15/16, com quase 29 milhões de toneladas, a maior produção desde 2006. Fora isto, está com 10 milhões de toneladas de estoques. E terá mais apoio do Governo para exportar podendo pressionar os preços.

Não bastassem as inundações de açúcar no mundo, um analista de consultoria internacional coloca também o risco de Cuba, com a recuperação da indústria da cana, voltar a produzir e a exportar açúcar, podendo chegar a mais de 2 milhões de toneladas em 2020.

Interessante a paixão que o açúcar traz nestes países. Seguem aumentando a produção, com todo tipo de distorções.

O que acontece com nosso etanol?

ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis) acredita que o consumo de combustível cresce 0,1% em 2015.

Nos sete primeiros meses do ano o consumo chegou quase a 10 bilhões de litros, 40% acima de 2014.

Batemos o recorde mensal de consumo de hidratado em julho de 2015: 1,51 bilhão de litros (52,6% de crescimento em relação ao consumo de julho de 2014). O consumo de gasolina caiu 6,2%.

As usinas do Centro-Sul venderam em agosto 1,617 bilhão de litros de etanol hidratado, 43,8% acima de 2014. Já o anidro, segundo a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), teve vendas de 862 milhões de litros (4,43% a mais que em 2014).

Preocupa a queda do consumo de diesel, de quase 5% em relação a julho de 2014.

Minas Gerais apresenta crescimento de 118% em relação ao ano passado, graças à redução do ICMS (diferença de 15 pontos em relação à gasolina). De janeiro a julho consumiu-se quase 900 milhões de litros, contra 700 milhões do ano todo de 2014. Produz 1,8 bilhão de litros, e deve consumir toda sua produção neste ano, e até importar.

O etanol atingiu 24% do consumo dos carros de ciclo Otto, vejam o potencial existente!

Em Goiás, as vendas de hidratado também estão aquecidas. Julho de 2015 teve crescimento de 37% em relação ao mesmo período de 2014.

Em 14/15 o Nordeste produziu 725 milhões de litros, e o consumo deve passar de 1 bilhão de litros neste ano, abrindo espaço no mercado.

Em julho exportamos 213 milhões de litros de etanol, e em agosto foi exportado 182 milhões de litros. Podemos chegar a quase 1,5 bilhão de litros exportados nesta safra. Boa notícia são importações chinesas do etanol brasileiro, vindas das usinas da Noble/Cofco. Foram US\$ 27 milhões no primeiro semestre, o que acende uma luz de esperança de um novo destino às exportações.

Defasagem dos preços da gasolina no Brasil estava ao redor de 5%, o que diminui as chances de aumento de preços pela Petrobras. Já no caso do diesel, o preço no mercado interno está entre 20 a 30% acima do mercado internacional, justamente este combustível, que é usado fortemente pelas usinas na produção e pelo país, no transporte de cargas.

O elevado endividamento, aumento nas taxas de juros, redução de ratings e outras desgraças aumenta a necessidade das usinas em fazerem caixa e contamina, como sempre, o preço do eta-

nol. Na primeira quinzena de agosto, a média do hidratado foi de R\$ 1,17/l e do anidro R\$ 1,33/l.

O aumento do consumo de etanol ajudou a derrubar em 50% o valor de combustível importado pela Petrobras até julho, de US\$ 12 bilhões. Mais um benefício do setor à sociedade.

Falou-se muito numa volta da Cide (Contribuições de Intervenção no Domínio Econômico) ao seu tamanho original, que elevaria os preços da gasolina em 50 a 60 centavos, dando ainda mais competitividade ao etanol, mas esta medida não foi encaminhada no pacote enviado ao Congresso.

O BNDES (Banco Nacional do Desenvolvimento) aprovou a renovação do programa PASS, para financiamento de estoques de etanol. Uma dotação de R\$ 2 milhões, com diversas restrições e taxas de juro mais elevadas, por considerar na equação 75% de referenciais de mercado. Mas creio ser boa estratégia, pois a produção de etanol hidratado até o final de agosto está 15,22% maior que no ano anterior, um total de 10,55 bilhões de litros, e a de anidro recuou 12,7% (6,09 bilhões de litros).

Com o alto consumo atual, aposto em recuperação de preços e bons resultados na entressafra.

O que acontece com nossa cogeração?

Está em estudo no governo uma proposta de alteração na cobrança de encargos sobre a energia de biomassa de cana, para permitir que quando uma usina passe da produção de 30 MW, não tenha perda do desconto para uso da rede de distribuição e transmissão, incidindo o aumento apenas no volume que passar. O ideal seria retirar esta barreira e não cobrar esta tarifa.

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses temos um homenageado pelos serviços prestados à cana. Esta edição homenageia o Andre Rocha, do Sifaeg (Goiás). André tem feito relevante trabalho pelo setor, presidindo o Fórum Sucreenergético e atuando sempre politicamente visando aos interesses da cadeia da cana.



Haja Limão

Me motiva muito no Brasil a criatividade de alguns conterrâneos. Temos que tirar o chapéu, às vezes estamos tristes e alguém vem com uma pérola. Na área de estratégia e marketing merece muito crédito quando alguém cria uma figura, uma imagem que diz tudo, que comunica uma

mensagem clara às massas pela sua simplicidade e verdade. O criador do boneco Pixuleco foi sensacional. Uma imagem que caracteriza e traduz *ipsis literis*, o maior responsável, o grande artífice da deterioração econômica, institucional, social, moral e o que mais for, da sociedade brasileira. Quem me acompanha sabe que falo isto há pelo menos 10 anos, e naquela época, era meio solitário na fala. Hoje encontro um estádio lotado de vozes uníssonas, como o da foto abaixo. Ponto para mim pelo pioneirismo e coragem!





UM NOVO DÓLAR E UM NOVO MOMENTO PARA A CANA

Publicado na Revista Canavieiros em Outubro de 2015

Para começo de conversa... Quais são os efeitos do dólar a 3,5 - 4 reais?

Caem em dólar os custos do setor que são em reais e sobem em reais os insumos que são dolarizados, mas no balanço, ficamos mais competitivos internacionalmente.

- açúcar fica mais atrativo para exportar;
- safra mais açucareira;
- importações de etanol ficam quase inviáveis;
- exportação de etanol fica atrativa;
- importações de gasolina ficam muito complicadas;
- menor oferta de etanol no mercado interno, por possível safra mais açucareira;
- empresas endividadas em dólar enfrentam maiores dificuldades.

Isto tudo colocado junto, nos leva a um caldo diferente para 2015/16...

O que acontece com nosso agro?

O índice de preços da FAO/ONU (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura) iniciou uma reação, após atingir maiores baixas dos últimos 4 anos. A produção mundial de grãos 2015/16 está em 2,534 bilhões de toneladas, 24 milhões de toneladas (0,8%) mais baixas que 2014/15. O consumo segue firme, com 2,530 bilhões de toneladas (50% para ração animal). Vale dizer que aumentamos o consumo mundial de grãos em 31 milhões de toneladas (1%) no ano. Os estoques ainda estão altos, em 638 milhões de toneladas (25% do consumo anual). O novo câmbio deve fazer o Brasil plantar áreas recordes.

O que acontece com nossa cana?

O aumento do diesel -, desnecessário, pois o diesel vendido pela Petrobras no mercado inter-

no está ao redor de 10 a 15% mais caro que no exterior e estamos num país que precisa estimular a produção -, trará ainda mais impacto de custos nas Usinas. Estima-se que para cada 10 litros de etanol gerados, 1 litro de diesel é necessário.

O Pro-renova, programa para renovação de canais do BNDES (Banco Nacional do Desenvolvimento), terá apenas metade do que foi alocado em 14/15, o que dificultará a renovação. Sinais do cobertor curto.

Finalizado setembro, a moagem de cana no Centro-Sul está em 444,3 milhões de toneladas, contra 441,44 milhões de toneladas processadas até setembro de 2014. Porém, São Paulo tem quase 12 milhões de toneladas de defasagem na moagem.

O ATR até o final de setembro estava, na média da safra, em 132,16. Estamos 2,5% abaixo de 2014. Porém, o clima melhor elevou a produtividade média da safra para 85,3 toneladas/ha, 10% a mais que na safra anterior.

Rendimento agrícola de 3 dígitos é o nosso desafio. Competitividade no campo e na usina, maior controle das perdas de colheita.

Entrevistando usineiros que considero muito eficientes e austeros, na safra 2014/15 o custo de se produzir açúcar foi de R\$ 40 por saca, etanol hidratado R\$ 1,05/l e anidro R\$ 1,15/l.

Mas aí vem o dreno do setor: juros saltaram de 11,5 para 14,25% e câmbio de 3,20 a 4,00. De acordo com o Itaú-BBA, com 65 grupos que representam 75% do setor mostram que o endividamento cresceu 23% em um ano, pulando de mais de 46 para quase 57 bilhões de reais. Quase 43% do endividamento analisado pelo Banco está em dólar. A dívida pulou de 3,8 em 2013/14 para 4,3 vezes o EBITDA em 2014/15, sendo que a dívida líquida atingiu 133 reais/toneladas de cana. Além da restituição da Cide (Contribuições de Intervenção no Domínio Econômico), uma ação coordenada dos agentes financeiros na estrutura de débitos de empresas que se mostrem competitivas do ponto de vista operacional e que não conseguem fazer frente ao endividamento do curto prazo é uma importante alternativa.

O relatório mais recente da EPE (Empresa de Pesquisa Energética), ligada ao MME (Ministério de Minas e Energia), mostra uma produção de cana de 792 milhões de toneladas em 2020 e de 841 milhões de toneladas em 2024. Teríamos, de acordo com este material, uma produção de 47,6 milhões de toneladas de açúcar em 2024, com crescimento de 2,8% ao ano, com ATR de 142,8 e produtividade média de 85,3 t/ha. O consumo de etanol hidratado seria de 27 bilhões de litros, um crescimento anual de 6,8% ao ano e o anidro, um crescimento de 1,9% ao ano, chegando a 13 bilhões de litros.

O que acontece com nosso açúcar?

A OIA (Organização Internacional do Açúcar) prevê déficit de 2,48 milhões de toneladas na safra 2015/16 e 6,2 milhões de toneladas na safra 2015/16, que começou em 1º de outubro.

A Czarnikow elevou a previsão de déficit de açúcar no ciclo 15/16 de 1,7 para 4,1 milhões de toneladas. Boa notícia! O consumo dos estoques deve ser mais rápido.

Para a Datagro, os preços do açúcar começam a subir com a relação estoque/consumo ao redor de 41%. Neste momento estão em 46%, e precisa de um déficit de 9 milhões de toneladas para chegar a 41%.

O provável maior consumo e reajuste dos preços do etanol puxou para cima os preços do açúcar, que voltaram a passar de 13 centavos/libra peso.

Governo da Índia planeja algum tipo de subsídio para que as Usinas paguem os produtores de cana. A situação de endividamento por lá é enorme, reflexo dos preços baixos do açúcar. Estima-se a produção deste ano na Índia em 28 milhões de toneladas, contra 26,5 na safra passada. A demanda interna é de 25 milhões de toneladas. Planeja colocar de maneira subsidiada 4 milhões de toneladas no mercado internacional, pois o preço controlado interno é mais alto que o de exportação, o que representaria 8% do total transacionado, e já foi questionada na OMC (Organização Mundial do Comércio) pelos outros produtores. Há notícias mais recentes que este quadro pode mudar fortemente com a seca observada em algumas regiões, devido às monções estarem mais fracas.

USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) acredita que a China importará ao redor de 5,5 milhões de toneladas na safra 2015/16. Os baixos preços e altos custos de produção desestimulam o crescimento da produção chinesa.

A partir de 2017, o açúcar pode ter mais um fantasma, a volta da Europa exportando para países do Norte da África. Porém, na Europa comenta-se que o break-even é ao redor de US\$ 400 por tonelada. Não é muito eficiente no longo prazo. A Rússia está ao lado, e mais barata e estes devem melhorar a capacidade.

Com o novo câmbio a 4 reais, estima-se que cerca de 40% da produção de açúcar do ciclo 2015/2016 tenha sido vendida, e o preço travado em reais. Preços que chegam a R\$ 1.300/tonelada.

Estamos em processo de mudança no açúcar, e considero este conjunto de notícias favorável.

O que acontece com nosso etanol?

Na ONU (Organização das Nações Unidas), o Brasil anunciou uma arrojada meta de reduzir

as emissões de gases do efeito estufa em 37% até 2025. Deveremos ter 45% de renováveis na matriz energética, e o etanol está citado.

Este mês teve uma sequência de eventos favoráveis, a começar do inesperado aumento da gasolina (6%) anunciado pela Petrobras. Além de mostrar responsabilidade e ajudar no caixa da Petrobras (a gasolina está 7,7% mais cara no Brasil), permitiu aumento dos preços de etanol.

Há estimativas que teremos etanol até o final da entressafra (31 de março) se o consumo não superar 1,2 bilhão de litros por mês. Portanto, forte reação nos preços é esperada, algo que nesta coluna falamos há seis meses. Pena que as usinas endividadas tiveram que vender aos preços médios que tivemos até o momento, que foram menores que em 2014/15. Mais uma destruição de valor no setor.

Em agosto à venda de etanol, segundo a ANP, cresceu 48,1%, deslocando consumo de gasolina, que caiu 11%. O diesel caiu 6%, o que mostra frenagem na produção. Segue com os mesmos números de 2015 o consumo geral no Brasil.

Com a dificuldade de se aprovar a volta da CPMF (Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira), ganha força a volta da incidência na Cide na gasolina, o que poderia aumentar o valor do litro em quase 60 centavos. Pode ser encarado como um tributo de emissão de carbono.

Petrobras anunciou corte de 50% dos investimentos previstos para o ano. Dos US\$ 29 bilhões, serão investidos US\$ 20 bilhões. Vem mais crise pela frente. Tenho esperança do dia que a Petrobras vai anunciar um profundo corte de benefícios de seus funcionários, algo fora da realidade do país. Apenas a área de comunicação da Petrobras emprega 1.200 funcionários, fora os terceirizados... Quanta gordura.

É necessário revermos a estrutura de comercialização do etanol. No estágio atual, ganhos logísticos não são totalmente capturados. A discussão deve envolver desde uma desregulamentação até a criação de blocos regionais de comercialização. É hora de mapearmos os pontos negativos e positivos para saber se esta ação pode contribuir com a geração de valor.

Etanol de segunda geração é uma solução, afinal quem não quer produzir 50% a mais na mesma área...

Não se comunica adequadamente o etanol no ponto de venda. Temos que bater no fato das externalidades positivas do etanol, que devem ser valorizadas e reconhecidas.

Quem é o homenageado do mês?

Todo mês homenageamos um lutador da causa da cana, da causa do agro. Nesta edição minha homenagem vai ao Celso Torquato Junqueira Franco, presidente da UDOP.



Haja Limão

Temos uma safra inteira de limão para falar aqui, mas aqui foco apenas na questão que temos que aprender a estocar vento, como disse nossa mandatária. Que vergonha, não me lembro de ser tão mal representado e de ver tanta deterioração em nossa política. Outro dia eu disse a um grande líder do setor de cana, antes deslumbrado com Lula, que o lulopetismo destruiu pelo menos uma geração no Brasil. Perdemos de 15 a 20 anos, e quem não concordar com minha análise, pode me escrever, tenho farto material para enviar para leitura e reflexão.



A CONCORRENTE GASOLINA SE... ATRAPALHA

Publicado na Revista Canavieiros em Novembro de 2015

O que acontece com nosso agro?

A mais recente estimativa da FAO (Organização das Nações Unidas) mostra que o mundo vai produzir 2,53 bilhões de toneladas de grãos na safra 2015/16. A FAO esperava quase 5 milhões de toneladas a mais na projeção do mês passado. Esta produção será 28,8 milhões de toneladas (2%) mais baixa que 2014/15, mostrando um novo quadro com inversão no acúmulo de estoques. O consumo de grãos será de 2,528 bilhões de toneladas (50% para ração animal), sendo 29 milhões de toneladas (1,2%) acima do consumo de 2014/15. Os estoques são de 638 milhões de toneladas (25% do consumo anual). A perspectiva então seria no mínimo de manter os preços atuais, que quando convertidos a real, estão bem razoáveis. O índice de preços da FAO subiu no período.

Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) estima a safra brasileira de 2015/16 entre 208,6 a 212,9 milhões de toneladas. É esperado um crescimento de 2% em relação a 2014/15, quando produzimos 208,53 milhões. Soja deve crescer quase 7%, chegando a 103 milhões de toneladas, e o milho cair 2,3%, para perto de 82 milhões de toneladas. Nossa capacidade de armazenagem é de 160 milhões de toneladas. Vem coisa boa por aí!

As exportações do agro em outubro (US\$ 7,78 bilhões) se comparadas com o mesmo período de 2014 (US\$ 7,95 bi), tiveram ligeira queda (2,1%), trazendo um saldo agro na balança de US\$ 6,73 bi (3,4% maior, graças à grande queda nas importações do agro). O valor exportado acumulado no ano (US\$ 74,7 bilhões) apresentou queda de 10,9% quando comparado com o mesmo período de 2014 (US\$ 83,9 bilhões). O saldo continua robusto neste período (US\$ 63,6 bi), porém, com queda de 8,9%. Neste mês, o agro se beneficiou das retomadas nas exportações de soja e milho, e também no crescimento das importações da China. Por outro lado, tivemos perdas importantes produtos como açúcares, carnes e couros. A perda de volumes de exportação, mesmo com um câmbio bem mais favorável, é algo que tem me intrigado ao longo dos últimos meses.

O que acontece com nossa cana?

Mais recente previsão, a Datagro coloca 605,9 milhões de toneladas no Centro-Sul, 4% a mais que a safra 14/15. O Nordeste deve produzir 52 milhões de toneladas, bem menos que as

59 milhões de 14/15. Já a FCStone (Consultoria em futuros e commodities) estima o Nordeste perdendo 6 milhões de toneladas com a seca, caindo para 53,5 m.t.

Segundo a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), até 31 de outubro processamos 518,82 milhões de toneladas, contra 515,32 m.t. na safra anterior.

Czarnikow lança uma plataforma de sustentabilidade chamada de Thrive. A trading comercializa 10% do açúcar mundial e esta plataforma, em conjunto com a certificadora AB Sustain vai considerar todos os elos da cadeia produtiva, produtores, indústrias, transportadores e varejo. Está aí uma oportunidade de inserir o Consecana na plataforma.

A Biosev apresentou os resultados do trimestre, e estes corroboram a análise que tenho feito neste ano. Operacionalmente, a empresa deu lucro de R\$ 344 milhões. E apenas de pagamentos de juros, empréstimos e financiamentos, desembolsou R\$ 233 milhões. Ou seja, é o endividamento corroendo os ganhos operacionais, que envolvem 10% de redução de despesas fixas e também 14,3% de crescimento na produtividade do canavial e ATR de 137,5 (recorde de 4 safras).

Na mesma linha, a São Martinho viu seu endividamento crescer 28% (R\$ 663 milhões) desde março, fruto da valorização do dólar. Apresentou resultado pior neste trimestre em relação a 2014, pois teve a estratégia de reter produtos esperando os melhores preços, que a meu ver é acertada, portanto espera-se resultado muito bom no período que se inicia.

O que acontece com nosso açúcar?

A OIA (Organização Internacional do Açúcar), em sua mais recente estimativa, coloca um déficit de 3,5 milhões de toneladas no mercado mundial de açúcar em 2015/16. Interessante é que em agosto a previsão de déficit era de pouco menos de 2,5 milhões de toneladas.

Com o maior uso da cana para etanol, a produção de açúcar, segundo a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), no Centro-Sul (até 31/10) está em 27,5 milhões de toneladas, cerca de 2 milhões abaixo de 2014. Estima-se que o Brasil retirou com isto alguns milhões de toneladas de açúcar do mercado mundial.

As chuvas no Centro-Sul, o maior consumo de etanol e o provável déficit de açúcar estão jogando os preços do açúcar para cima. O açúcar cristal atingiu o valor de R\$ 75/saca de 50 kg em outubro e telas futuras podem chegar a 15 cents por libra/peso.

Estima-se que as usinas brasileiras tenham vendido já quase 30% do açúcar que será exportado em 2016/17. A média neste momento do ano seria de 10%.

As chuvas no Centro-Sul, o maior consumo de etanol e o provável déficit de açúcar estão

jogando os preços do açúcar para cima. O açúcar cristal atingiu o valor de R\$ 75/saca de 50 kg em outubro e telas futuras podem chegar a 15 cents por libra peso.

O que acontece com nosso etanol?

Em setembro consumimos 1,6 bilhão de litros (48,3% acima de 2014). As vendas de gasolina em setembro caíram 12% e de diesel, 8%.

Em outubro, segundo a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), as vendas de etanol das usinas para as distribuidoras chegaram a incrível 1,7 bilhão de litros, 37% acima de 2014. Preços mais altos não frearam a demanda em outubro.

Ainda pela Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*) esta safra (até 31 de outubro) já teve vendas de 17,77 bilhões de litros (16,54 para o mercado interno e 1,23b.l. para exportação), 25,3% acima de 2014. O aumento no consumo, na ponta final, de acordo com a Datagro, está ao redor de 40%.

O hidratado chegou perto de R\$ 1,80/l. na usina e trata-se do maior preço nominal já registrado pelo Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - Esalq/USP) em mais de 12 anos. O anidro atingiu R\$ 1,90/l.

A Dupont inaugurou em Iowa a maior fábrica de etanol celulósico do mundo, e estima que este produto é competitivo apenas com o petróleo custando ao redor de US\$ 70 a 80 o barril.

A subida de preços do etanol aqui no Brasil já começou a prejudicar as exportações aos EUA.

Pensando no futuro da gasolina, que é a principal concorrente do etanol, temos fatos interessantes para pensar. A Petrobras vem seguidamente anunciando redução de investimentos futuros, a capacidade de refino no Brasil é limitada, a venda de novos carros, mesmo com a situação de crise, continua abrindo mais mercado e elevado endividamento da empresa impede com que esta pratique preços não remuneradores na gasolina e temos uma situação cambial que dificulta a importação de gasolina... Fora as questões ambientais.

Quem é o homenageado do mês?

Todo mês homenageamos um lutador da causa da cana, da causa do agro, nesta edição minha homenagem vai ao Dr. Cícero Junqueira Franco, um dos pais do nosso pró-álcool, desejando a este grande homem rápida recuperação para voltar a nos alegrar com suas histórias.



Particpei neste mês de um interessante evento em Washington (EUA) no WWF - World Wildlife Fund. 50 pessoas, entre cientistas, agentes públicos e privados de mais de 10 países que foram selecionadas para discutir, em formato de um interessante jogo, as possíveis reações do agronegócio a futuras crises mundiais, num modelo de simulação de crises e ações. Os resultados estão no site foodchainreaction.org para os que tiverem interesse. Mas o fato é que teremos um mundo absolutamente mais complexo vindo pela frente, sendo nosso papel acompanhar e tentar prever para auxiliar na tomada de decisão. Na foto, com os craques Xico Graziano e Geraldo Marthas, da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária).



Haja Limão

O limão do mês vai para a cara de pau de uma parte dos nossos políticos. São desculpas completamente esfarrapadas para tentar justificar depósitos que aparecem em contas e inúmeras outras falcatuas. Afloram acordos às escuras visando à proteção de ações de corrupção que cada vez mais rebaixam a nossa moral. Até quando aguentaremos, é uma boa pergunta. Nunca vi um lodaçal destes.



TERMINAMOS 2015... UM ANO COMPLICADO

Publicado na Revista Canavieiros em Dezembro de 2015

O que acontece com nosso agro?

O crescimento da economia mundial em 2015 deve ficar em 3%, menor que os 3,4% observados em 2014.

Diversos bancos e consultorias estão revendo para baixo o desempenho da economia brasileira em 2015 e 2016. Algumas esperam tombo acima de 3,3% neste ano e quase 3% em 2016. Um cenário complicado de redução de 6,5% na economia brasileira em dois anos.

A taxa de juros deve se manter em mais de 14% ao ano, agravando a situação das empresas endividadas.

Na soja, o USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) estima a produção americana em 108 m.t, a brasileira em 100 m.t. e a Argentina em 57 m.t. Para o Brasil, a Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) estima 102 m.t. plantados em 33 milhões de hectares (produtividade de 3,08t /ha). Cerca de 40% da produção já está vendida. Projeções indicam o mesmo preço em 2016.

No milho, o USDA estima produção americana em 347 m.t (4% menor), a brasileira em 81,5 m.t. e a Argentina em 25,6 m.t. Para o Brasil a Conab estima 82 m.t., sendo 27,3 m.t. da primeira safra e 54 m.t. da segunda safra. O Brasil deve exportar mais de 28 m.t. Espera-se um preço relativamente maior.

O que acontece com nossa cana?

Finalizado novembro, a moagem chegou a 563 m.t., sendo 1,64% maior que na safra 2014/15. O mix da quinzena chegou a incríveis 67% para etanol. O mix da safra toda está em 58,7% para etanol. O ATR caiu muito no mês, o que puxou a média do ano para 132,66, mais de 3% menor que 2014.

O valor do ATR pelo Consecana em outubro já capta os novos preços e vai a R\$ 0,5467 puxando a média da safra para 0,5026. Espera-se que a safra feche a R\$ 0,5256.

Agroconsult fez projeções finais para esta safra (2015/16) e para a próxima (16/17) estimando que o resultado operacional das usinas será positivo em aproximadamente R\$ 20 bilhões em cada uma das safras, o que permitirá a redução do endividamento (estimado em R\$ 85 bilhões), em aproximadamente 10% ao ano. Em grandes números, estima-se o faturamento da casa de R\$ 80 a 85 bilhões e uma despesa operacional ao redor de R\$ 60 a 65 bilhões.

Fruto da mudança de cenário para o setor, as ações das empresas listadas em bolsa tiveram seus papéis valorizando em mais de 20%. Espera-se que seus resultados no último trimestre de 2015 sejam muito bons.

Grupo Tereos inicia processo para comprar ações no mercado a um valor bastante atrativo aos minoritários.

Mais um caso do endividamento comendo o resultado operacional. No segundo trimestre da safra, a USJ apresentou resultado positivo de quase R\$ 155 milhões. Quando se coloca o financeiro, houve prejuízo de quase R\$ 70 milhões.

O que acontece com nosso açúcar?

A produção acumulada de açúcar na safra está em 29,4 m.t., 6,42% abaixo de 2014/15.

Em novembro exportamos 2,35 m.t. de açúcar, 15,8% a mais que em mesmo período de 2014. Quando se considera o ano todo, a queda foi de 3,2%, com 21,1 m.t.

Segundo a Archer, cerca de 55% do açúcar a ser exportado (13 m.t.) está fixado a um preço médio de R\$ 1.172/t (13,57 cents/libra peso) com picos de R\$ 1.300/t.

A Índia segue atrapalhando o mercado mundial, com subsídio aos produtores para tentarem colocar 4 m.t. no mercado mundial. A boa notícia é que a produção deve cair 4,6%, descendo de 28,1 m.t. em 2014/15 para 26,8 m.t.

A Rússia, que já foi um dos grandes compradores do mercado mundial, está muito perto da auto-suficiência, com a produção de açúcar de beterraba.

A União Européia estima em 18 m.t. a produção após a mudança do regime de cotas de 2017. Isto representa um aumento de 15% da produção atual. Resta saber se com os atuais preços e os custos de produção na Europa, se isto se mantém por muito tempo.

Estima-se ligeira queda na produção chinesa e as importações de açúcar no ciclo 2015/16 podem chegar a 6 m.t.

A Indonésia deve importar em 2016 algo próximo a 3,25 m.t., contra 3,1 m.t. em 2015. Este crescimento é puxado pelo aumento do consumo de alimentos e bebidas.

Morgan Stanley projeta déficit de 3,7 m.t. no ciclo 2015/16.

Já existem estimativas de que o consumo na safra 2015/16 será de 175 m.t., e a produção chegaria a 170 m.t, derrubando em quase 5 m.t. os estoques.

O que acontece com nosso etanol?

O consumo acumulado de combustíveis no Brasil até o final de outubro estava 1% maior que o mesmo período de 2014. Nestes últimos meses, a queda tem sido entre 2 a 3%, mesmo assim o Sindicom aposta que cresça 1% em 2015.

A produção de etanol acumulada na safra está em 25,78 bilhões de litros. A venda pelas usinas em novembro atingiu 2,517 b.l., sendo 1,570 b.l. de hidratado (300 milhões acima da safra anterior) e 946 m.l. de anidro. Estima-se o consumo de hidratado em 1,43 b.l. ainda um número elevado para enfrentar a entressafra.

Mesmo com a questão cambial, em novembro foram exportados 270 m.l. No acumulado até novembro, exportamos 1,57 b.l., 25% a mais que o mesmo período do ano passado.

Hoje temos 60% da frota de veículos leves no Brasil com motores flex. Devemos chegar a 80% em 2018.

Dados da ANP (Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis) mostram crescimento de consumo de etanol no Brasil em quase 43% até o final de outubro.

O Governo anunciou na COP21 em Paris a meta de produção de 50 bilhões de litros de etanol em 2030, contra 28 bilhões de litros hoje. Com isto a participação do etanol na matriz energética seria de 16%. Para atingir este resultado, segundo a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*) precisaremos de mais 75 novas usinas, e um investimento de US\$ 40 bilhões.

A subida recente de preços pode fazer com que a média desta safra chegue perto de R\$ 1,40/l. Melhor que em 2014/15, mas ainda um valor insuficiente para os grupos que tiveram produtividade mais baixa e elevado endividamento.

A EPA (Agência de Proteção Ambiental dos EUA) divulgou as metas de uso de combustíveis renováveis para 2016. Este aumentou para 68,54 bilhões de litros, 10,10% do total de combustíveis consumidos. O etanol de milho passa para 54,88 b.l. Já o etanol de cana enquadra-se na categoria de outros, que tem meta de uso de 5,6 b.l. Ou seja, se tiver produto e preço, temos mercado aberto ao etanol de cana nos EUA.

Documento enviado à Convenção das Nações Unidas para o clima pelo Governo Chinês impressiona pelos números prometidos em redução de emissões. Há um compromisso também

de iniciar em 2017 o mercado de créditos de carbono.

Uma visão de longo prazo do Petróleo (baseado em texto de Martin Wolf, do Financial Times):

- Os preços caíram mais de 50% entre julho de 2014 e o final de 2015;
- A ideia de que o petróleo é um recurso esgotável pode estar sendo questionada. Basta dizer que o mundo consumiu nos últimos 35 anos 1 trilhão de barris e viu as reservas mundiais aumentarem em 1 trilhão de barris;
- Estima-se que em 2035 a China importará 75% do seu consumo, e a Índia 90%, sendo os grandes importadores mundiais. Serão responsáveis por 60% do aumento da demanda até 2035;
- A Agência Internacional de Energia prevê preços entre US\$ 50 a US\$ 80 o barril em 2020. Acredita que a super-oferta que vivemos agora passará. No caso do cenário de 50, considera-se que os EUA continuarão produzindo à partir do xisto e a Opep (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) não reduzirá a oferta;
- Passa a crescer a visão que o mundo tem mais petróleo que conseguirá queimar, se quiser fazer frente ao problema ambiental, e limitar a dois graus no máximo o acréscimo de temperatura global;
- O petróleo de xisto é lucrativo na faixa de US\$ 50 a US\$ 60. Os EUA partiram de uma produção de quase zero em 2010 para 4,5 milhões de barris por dia em 2015. Expandiu quase que o dobro do crescimento da demanda mundial;
- Como conclusão, se de um lado o petróleo mais barato afeta o etanol, o problema ambiental mundial se agravou e coloca o petróleo sob pressão, beneficiando os renováveis. Mas para isto, precisa de política pública, pois se depender da economia, o negócio é queimar petróleo.

Quem é o homenageado do mês?

Todo mês homenageamos um lutador da causa da cana, da causa do agro. Nesta edição, minha homenagem vai ao Luciano Rodrigues, da Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*). Jovem dedicado ao setor e responsável por muita informação inspiradora.



Haja Limão

O limão do mês vai para a volta da inflação, com grande força. Que pena, uma das nossas conquistas foi para o lixo com este Governo medíocre. Parabéns aos responsáveis!

CAPÍTULO 2

DOIS MIL E DEZESSEIS



O ÂNIMO VOLTA APÓS MUITOS ANOS

Publicado na Revista Canavieiros em Janeiro de 2016

O que acontece com nosso agro?

O agro fechou 2015 com um saldo de mais de US\$ 75 bilhões na balança comercial, chegando a incríveis 46% do total exportado e contribuindo fortemente para o saldo de quase US\$ 20 bilhões conseguido pelo Brasil. Se não fosse o agro, teríamos 55 bi de déficit, e um buraco maior ainda. As exportações caíram dos 96 bilhões em 2014 para pouco mais de US\$ 88 bilhões em 2015, principalmente devido à queda em dólar, nos valores dos produtos exportados, e as importações também caíram.

O índice das commodities da FAO fechou o ano com um tombo de 19% em relação ao final de 2014. O que salvou nossos produtores foi a desvalorização do real. Se está difícil para nós, imaginemos para os países produtores que não tiveram tal desvalorização de suas moedas. Vale dizer que é o quarto ano consecutivo de queda de preços.

Estudo recentemente publicado pelo Mapa mostra que a agricultura brasileira, entre 2000 e 2014 teve sua produtividade crescendo a 4% ao ano, bem superior à média mundial, que foi de 1,84%. O único show do Brasil hoje é o agro.

A produção mundial de cereais no ciclo 2015/16 será de 2,527 bilhões de toneladas, 34 milhões abaixo do recorde de 2014. Como o consumo estimado é de 2,529 bilhões, haverá uma redução de apenas cerca de 3 milhões de toneladas do alto volume de estoques existentes. Portanto, não devemos, nas condições climáticas atuais, esperar reação de preços em 2016, a menos que o clima prejudique as lavouras. O consumo cresceu em 2015 quase 1%, o que representou quase 26 milhões de toneladas de grãos a mais.

O que acontece com nossa cana?

Começam a sair as primeiras projeções para a safra 2016/17, que se inicia em 1 de abril. Entre 605 a 630 milhões de toneladas no Centro-Sul. Datagro coloca algo próximo a 606 m.t., quase 6% acima de 15/16.

Existem cerca de 35 m.t. que foram bisadas.

56 unidades entraram em 2016 ainda moendo.

A visão é de um ciclo com maior dedicação de cana para açúcar quando comparado com 2015, ficando ao redor de 44%.

Fechado o relatório de dezembro, a moagem de cana desde 1 de abril até o final do ano de 2015 foi de 594,08 m.t., 4,58% acima da safra anterior (568,07 m.t.). Em dezembro foram moídas quase 10,5 m.t., contra apenas pouco mais de 3 m.t. no ciclo anterior. Quase 68% da cana foi dedicada a etanol.

O que acontece com nosso açúcar?

Segundo a Archer, a fixação de preços para o açúcar do ciclo 16/17 está em quase 56% da exportação prevista (pouco mais de 13 milhões de toneladas).

Datagro estima produção de 33,5 m.t. de açúcar no ciclo 16/17, 12% mais que as 30,7 m.t. do ciclo 15/16.

Continuam saindo previsões sobre o déficit de açúcar no mundo no ciclo 2016/17. Vão desde 2 a quase 9 m.t., o que deve manter uma perspectiva de preços melhor.

Em reais no mercado interno o açúcar atinge o maior preço histórico, quase R\$ 85/saca. Pena que a inflação e o aumento de custos comeram boa parte da margem que este preço poderia trazer. Mas vale a nota que desde o início da safra os preços do açúcar no mercado interno subiram 63%.

Na Índia também os preços internos aumentaram 15% nos últimos 30 dias. Isto estimula vendas no mercado interno e ajuda a secar a oferta para exportação, refletindo em preços.

Ou seja, o ano começa doce para o açúcar!

O que acontece com nosso etanol?

Os dados de 2015 pelo Sindicom mostram que o consumo no país caiu 3% em 2015. As vendas de gasolina caíram 8,6%, as de etanol cresceram 39,2% e as vendas de diesel caíram 5%, mostrando a retração na movimentação de cargas, consequência da queda da nossa economia. O espaço para o etanol crescer em 2016 será em cima do mercado da gasolina, pois a crise brava que temos pela frente em 2016 deve reduzir o consumo de combustíveis no Brasil, impactando também o etanol.

Datagro estima produção de 28,6 b.l. de etanol no ciclo 16/17, pouco a mais do que mais que

os 27,8 b.l. do ciclo 15/16.

Em dezembro, segundo a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), foram comercializados 2,52 b.l. de etanol, sendo 1,4 b.l. de hidratado (8,43% acima de 2014) e 935 m.l. de anidro. O acumulado desde o início da safra é de 22,89 b.l. (21,21 b.l. mercado interno e 1,68 b.l. exportados). O volume de vendas é quase 24% maior que na safra anterior.

Boa notícia também de 2015 foram as exportações totais de etanol (Centro Sul e Nordeste): 1,862 b.l. e com isto crescemos 33,6% em relação a 2014. Em dezembro foram 286 m.l.

Preços em 2016 devem ser bem melhores, aliviando um pouco o caixa do setor. Para maio, o contrato BMF mostra R\$ 1.455/m³ quase 30% acima do valor de 2015.

E o petróleo chega a US\$ 30 o barril. Temos que acompanhar com alguma preocupação este fato. A BP nos EUA vai diminuir a produção e demitir muita gente. Os preços do galão em postos nos EUA estão abaixo de US\$ 2,0. Isto dá ao redor de R\$ 2,0/litro. Porém, a imensa crise onde enfiaram a Petrobrás e a necessidade de arrecadação impedirão a meu ver, a redução do preço da gasolina.

O acordo atingido pelos países na COP 21 em Paris deve ser comemorado pelo setor de cana. Aumenta no mundo a aceitação de que precisamos precificar cada vez mais as emissões e partir para uma economia de baixo carbono. E o etanol e a eletricidade da cana ganham com isto.

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses nossa coluna traz uma singela homenagem a alguém que sempre contribui com o agronegócio e com a cana. Neste mês, o homenageado é o Mauro Xavier, um grande craque pesquisador que temos no Centro Cana (IAC).



Haja Limão

Passo o mês de janeiro aqui nos EUA, de onde escrevo nossa coluna. Uma mescla de sabático estudando todas as manhãs, lendo e escrevendo e curtindo a família à tarde. Aproveito para visitar supermercados, fotografar tudo o que posso e aprender sobre tendências e modelos de negócios. Vejo TV, jornais e converso com empresários. Entre milhares de diferenças, aqui tem um aspecto que chamo a atenção nesta coluna. Eles não tomam um banho diário de desânimo com notícias de corrupção que temos, que dominam os telejornais, os jornais, os editoriais e outros. Fora as centenas de whats-ups de protestos que recebemos diariamente. Já pararam para pensar na perda de produtividade pelo tempo que isto nos

toma, mas principalmente, pela depressão que isto nos dá? A sociedade americana avança enquanto a nossa retrocede. Consequência da nossa opção atual pelo mundo bolivariano, que espero que possamos abandonar logo.

Sempre defendendo a agricultura, onde quer que eu esteja, aqui neste mês nos EUA só coloco etanol no carro, o E85. Vejam que interessante a forma como ele aparece nos postos.





O JOGO DA EFICIÊNCIA

Publicado na Revista Canavieiros em Fevereiro de 2016

O que acontece com nosso agro?

Na estimativa da primeira semana de fevereiro, a FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura) coloca que a produção mundial de cereais no ciclo 2015/16 será de 2,531 bilhões de toneladas, 30,1 milhões abaixo do recorde de 2014/15. O consumo estimado é de 2,527 bilhões (0,8% a mais que em 14/15). Haverá uma redução de apenas cerca de 1 milhão de toneladas do alto volume de estoques existentes, permanecendo estável em cerca de 25% da produção. A safra 15/16 deve transacionar globalmente cerca de 368 milhões de toneladas de grãos. Portanto, sem eventos climáticos, os preços devem permanecer com pouca perspectiva de aumento.

Seu índice de preços de commodities caiu 1,9% em relação a dezembro de 2015 e está 16% menor que em janeiro de 2015. A oferta segue ampla e o nível de estoques confortável nos grãos, o que derruba também os preços dos óleos e das carnes.

E no Brasil, pelo levantamento da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) (02/16), teremos 210,3 mi. t. de grãos, o que equivale a 1,3% a mais que 14/15 (2,6 mi t. a mais). Soja deve aumentar 4,7 mi. t. Este acréscimo na soja, que teve 1,1 mi de hectares a mais de plantio, é o responsável pelo aumento de quase 600 mil ha na área cultivada no Brasil, em apenas um ano, roubando área principalmente do algodão e do milho.

A China deve continuar o vigoroso crescimento da importação de alimentos, mesmo crescendo menos, pois o plano quinquenal do Governo Chinês privilegia o consumo e a produção interna não acompanha este crescimento devido à pouca possibilidade de expansão dos recursos naturais (terra, água e qualidade do solo). Maiores importações permitirão inclusive preços mais convidativos ao consumo, ampliando ainda mais as quantidades demandadas. Boa perspectiva para nós.

Fechamos as exportações de janeiro do agronegócio com uma ótima notícia. Os volumes embarcados cresceram 8,7% em relação a 2015. O valor foi menor, devido ao menor preço das commodities em geral, e caímos de US\$ 5,64 bilhões para US\$ 4,98 bilhões. Como as importações do agro caíram muito, de US\$ 1,24 bi para 913 milhões, o saldo foi de US\$ 4,07 bilhões. Em reais, muito mais recurso circulando pelo Brasil do agro!

O que acontece com nossa cana?

Triste nota foi a relação do setor com o BNDES (Banco Nacional do Desenvolvimento) em 2015, que trouxe o menor comprometimento de valor dos últimos 10 anos (excetuando-se 2006). Apenas R\$ 2,7 bilhões, 60% a menos que em 2014. A linha de estocagem que era para sair em maio, saiu muito tarde (em setembro apenas) e apenas R\$ 20 milhões foram usados (1% do disponível). Caíram também os investimentos industriais (65%) e agrícolas (53%), tendo tido pequeno aumento apenas em cogeração. E com isto, a geração futura de valor fica comprometida, como praticamente em todas as áreas do Brasil.

Interessante ver a estrutura portuária da Copersucar trabalhando cada vez mais com grãos em complemento ao açúcar. Este é o jogo mundial da eficiência, melhor uso dos ativos, que permite com que os custos médios de operação caiam, tornando toda a estrutura mais eficiente. Eficiência e boa gestão financeira na cana são dogmas!

Estimativas iniciais apontam para 43% da safra de 620 mi. t de cana dedicadas ao açúcar, contra 41,8% em 2015/16. Isto me preocupa pois pode trazer rentabilidade maior no curto prazo, mas comprime os preços internacionais do açúcar.

O que acontece com nosso açúcar?

Estima-se que as usinas já tenham vendido cerca de 60% do açúcar que será exportado no ciclo 16/17 (1 de abril de 2016 a 31 de março de 2017). Isto seria algo próximo a 15,6 mi. t. das esperadas 26 mi. t. a serem exportadas neste ano safra, onde colocaríamos 2 mi. t. a mais no mercado internacional. Isto tranquiliza um pouco num momento onde os preços caíram mais de 10%, principalmente devido a anúncios de maior safra no Centro-Sul (Copersucar estimou em 625 mi. t.) O preço não caiu para quem fixou bem.

China bate recorde de importações em 2015: 4,5 mi. t. Porém, uma autoridade do Ministério da Agricultura da China disse que eles estimam em 1 milhão de toneladas o total de açúcar que entra contrabandeado neste país, principalmente pelas fronteiras com Vietnã e Mianmar. Neste caso então as importações chinesas seriam de pelo menos 5,5 mi. t.

Analistas acreditam que o ciclo 16/17 terá uma cotação média de 14 cents/libra peso, o que permitirá retorno para as usinas mais eficientes e não incentivará a produção internacional, principalmente nos países que não tiveram a desvalorização observada no real.

Será um ano de alta volatilidade nos preços do açúcar, o que realça a necessidade de excelente estratégia comercial. Pode tranquilamente flutuar entre 11 e 16 cents/libra peso.

Preços caíram bastante desde o início do ano pois acredita-se numa produção de açúcar

maior no Brasil, podendo passar de 34 mi. t. e na União Europeia (22% de aumento, para 17 mi. t). Esta vai contra todas as forças de mercado e segue aumentando a produção de maneira artificialmente subsidiada. Este acréscimo poderia levar o mercado ao equilíbrio novamente, daí a importância do Brasil jogar com a possibilidade de direcionar mais cana para o hidratado e mudar esta conversa.

A Kingsman acredita que a produção no Centro-Sul passe de 35 mi. t., contra sua última previsão que foi de 32,94 mi. t. Prevê ATR de 134,5 kg/ton. Mantém uma previsão de déficit de 4,86 mi. t. para o mundo na safra 15/16 (termina em 30 de setembro, com produção de 177,087 mi. t. e consumo de 181,94 mi. t.).

Espera-se uma produção entre 25 e 26 mi. t. na Índia nesta safra (outubro a setembro), contra 28,3 mi. t. na safra anterior (14/15).

No mercado interno, os preços em janeiro permaneceram acima de R\$ 80/sc 50 kg, o que traz um bom retorno.

Outra boa notícia é o preço do frete de Santos a Taiwan, medido pela FCStone. Em janeiro estava em US\$ 18,14/t, 77% abaixo do valor de início de 2014. Isto graças aos efeitos do petróleo mais barato e desaceleração da taxa de crescimento da economia chinesa. Eleva nossa competitividade na China vis a vis o açúcar da Tailândia.

O que acontece com nosso etanol?

Os dados de 2015 apontam para recorde na venda de hidratado. Foram vendidos pelas distribuidoras aos postos o volume de 17,8 bi. de litros. A maior venda foi alcançada em 2009, com 16,47 bi. l. Consumimos em 2015 ao redor de 37,5% a mais que 2014. Segundo a ANP a gasolina caiu para 41,137 bi. l., quase 7,2% a menos que 2014. Considerando-se a adição de 27% de anidro na gasolina, chega-se a um consumo de 28,8 bi.l.

Apenas o estado de SP representou 53% do consumo de etanol no Brasil. Mesmo em dezembro, as vendas foram de 1,509 bi. l.

Na avaliação do CEO da Bunge em recente conferência em Dubai, este acredita que a demanda por etanol aumentará 40% até 2025, o que daria cerca de 200 mi. t. de cana a mais. Acredita na expansão da produção, mas aquém da velocidade da demanda. A empresa trabalha como meta de ter custo do açúcar ao redor de 10 cents/libra peso.

O Brasil possui hoje 4 usinas que podem moer cana e milho, com capacidade para produzir 75 milhões de litros de etanol a partir do grão.

Em mais uma das boas notícias que sopram da Argentina, o Presidente Macri anunciou o au-

mento da adição de anidro na gasolina, dos atuais 10 para 12% a partir de abril. A meta é atingir 15%. Apenas o etanol de cana poderá ser usado. Este aumento representa 160.000 m³.

O consumo de gasolina nos EUA deve aumentar com os preços baixos na bomba, e isto deve puxar o consumo de etanol. No caso do milho, estimam usar em 2016 aproximadamente 132 milhões de toneladas para misturar à gasolina (via etanol), e com este aumento do consumo, devem usar 600.000 toneladas a mais.

No Brasil temos que acompanhar o efeito dos preços mais altos no consumo de etanol. Em São Paulo já está acima dos 70%. É provável que a demanda em janeiro recue para 1,2 bi. l. e também caia em fevereiro. Em São Paulo o etanol subiu ao consumidor quase 40% e na usina os preços estão 50% maiores. Outro fato a ser observado é no consumo geral de combustíveis, que pode cair devido à crise em até 5% neste ano.

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses nossa coluna traz uma singela homenagem a alguém que sempre contribui com o agronegócio e com a cana. Neste mês o homenageado é o Arnaldo Bortoletto, grande amigo, lutador da cana, e com outra excelente característica. Além de agrônomo formado na melhor escola do mundo, tem também três filhas!



Haja Limão

Qual o caminho? É preciso um profundo repensar do papel do Estado/Governo no Brasil, nas suas esferas federais, estaduais e municipais. Estas subtraem dos contribuintes uma taxa de impostos de primeiro mundo e entregam, em sua maioria e com honrosas exceções, um serviço de terceiro mundo. Foi apoderado, aparelhado em parte das suas instâncias por gente de duvidosa qualificação e baixa propensão ao trabalho, além de alta capacidade de subtrair os recursos dos contribuintes de formas escusas, via privilégios absurdos e corrupção fora de qualquer limite já visto. O resultado está aí: uma estrutura apodrecida. Precisamos dar um “reset” e começar uma nova configuração do Estado no Brasil, com profundos cortes. O duro é como fazer isto num Estado cada vez mais gigante, mais se auto-protégendo da fúria dos contribuintes, tentando atacar os contribuintes com mais fachadas, como a absurda tentativa da volta da CPMF e numa democracia em deterioração, praticamente sem líderes e com a maior crise econômica, política e institucional dos últimos anos. Em 25 anos de vida profissional, nunca vi uma coisa tão largada, tão sem esperança. Eu sinceramente, não sei qual o caminho.



CONJUNTURA FAVORÁVEL AO AGRO E À CANA

Publicado na Revista Canavieiros em Março de 2016

O que acontece com nosso agro?

PERSPECTIVAS DE LONGO PRAZO DO USDA – 2026:

Apesar de a população mundial crescer, há de se observar o declínio na taxa de crescimento da população de 1,5% por ano em 2000 para 1,0% em 2016. A maioria deste crescimento vindo da Ásia em desenvolvimento e Oriente Médio. O crescimento se dará em extratos que mais beneficiam o consumo de alimentos.

Em 2025, 83% da população estará em países em desenvolvimento.

Urbanização segue em ritmo forte, puxando o consumo de alimentos.

O crescimento da produção mundial de petróleo tende a cair e o consumo tende a superar a produção em 2017. Os preços subirão. USDA estimam em 80 dólares o barril em 2025.

Os EUA e a Índia terão a melhor taxa de população economicamente ativa do mundo a partir de 2050, sendo grande ponto de vantagem competitiva, mais mão de obra para trabalho em relação à população.

A média do crescimento mundial será de 3,1% por ano de 2015 até 2025, sendo 4% em países emergentes e 2% em países desenvolvidos. Ou seja, 10 anos de crescimento pela frente, o que deve beneficiar o agronegócio brasileiro.

Índia será a principal economia mundial com crescimento médio de 8% na década, ainda de acordo com o USDA.

Entre os países desenvolvidos, os EUA crescerão 2,5% ao ano e, com isto, o dólar estará mais forte e tirará competitividade das exportações americanas, porém seguirão crescentes no agronegócio. É o grande competidor do Brasil nas exportações de grãos.

Importações dos EUA em produtos do agronegócio crescerão US\$ 50 bilhões em 10 anos, representando grande oportunidade ao Brasil. Ou seja, temos o espaço grande nos emergentes, sem deixar de lado o gigante importador que são os EUA.

Efeito dos baixos preços do petróleo é forte na Rússia e outros países dependentes do produto para gerar caixa com as exportações e estes mercados perderam importações de produtos do agronegócio, impactando o Brasil.

Baixos preços do petróleo refletem em menores preços de frete marítimo e transporte em países onde os combustíveis seguem os preços internacionais. No caso do agro brasileiro, vantagens no frete marítimo, mas não no frete de caminhões.

Ganhos de longo prazo na demanda de alimentos devido a todos estes fatores. Custos de transporte cairão.

Finalmente, o USDA acredita em aumento de área produtiva no mundo, principalmente no Brasil e alguns outros países.

Não deixam de ser excelentes notícias ao Brasil.

GRÃOS E AGRO

Produção no mundo em 2015/16 (corrente safra, quase ao final) será ao redor de 2,525 bilhões de toneladas, sendo 6,5 milhões de toneladas a menos que a estimativa de janeiro. É uma produção 1,4% menor que a da safra anterior. O consumo de grãos na corrente safra é de 2,523 bilhões de toneladas, 0,7% maior que no ano anterior. Estoques estão em 24,7% da produção, praticamente inalterados e em quantidade confortável, mas com viés de baixa.

Conab estima que a produção brasileira de 2015/16 é de 210,3 milhões de toneladas, 1,3% acima de 2014/15. A área é de 58,5 milhões de hectares, 1% maior ou quase 600 mil hectares a mais.

Fevereiro foi bom para as exportações do agro. As vendas somaram US\$ 6,713 bilhões, 36,9% a mais que no mesmo mês de 2015. Importações caíram 20,8% (US\$ 953,5 milhões) nos deixando um saldo de US\$ 5,759 bilhões. Açúcar deu grande empurrão: alta foi de 123,8%, para US\$ 952,1 milhões nas exportações.

Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*): até o final de fevereiro, a safra 2015/16 (iniciada em 1o de abril do ano passado), alcançou 603,9 m.t., 5,8% acima de 14/15. Açúcar caiu 3,76% (30,8 m.t.) e a de etanol cresce 5,96% (27,7 b.l.). ATR médio de 131,2 quilos por tonelada (136,6 kg em 2014/15).

Safra 2016/17: Czarnikow: 614 m.t. (1% menor). FG Agro estima 635 m.t., com cerca de 44,4% destinadas a açúcar. FCStone: 619 m.t. (42,8% para açúcar, a 134,8 kg ATR). Datagro: 620 m.t. Archer: 618,5 m.t. (34,35 m. t. de açúcar e 27,49 b. l. de etanol, mix de 43,5% para açúcar).

FCStone: moagem no Norte-Nordeste (2015/2016) 51,7 m.t. (14,9% a menos, com 52%

destinado a etanol).

Exemplo de corte de custos: segundo o Valor, desde 2014 os custos da Aralco caíram 17,5% - de R\$ 560 milhões para R\$ 462 milhões. Gastos com pessoal caíram de R\$ 106 milhões por ano para R\$ 60 milhões, derrubando de 4,1 mil para 1,7 mil pessoas (usinas tinham gestões independentes). Isto mostra como podemos cortar gordura do setor e ficarmos cada vez mais competitivos.

Ações da São Martinho subiram 36% nos últimos 12 meses e da Biosev 16%. São Martinho: terceiro trimestre: lucro líquido de R\$ 76 milhões (42% acima).

23 usinas em operação no Centro-Sul. Espera-se para março cerca de 70 usinas em operação.

O que acontece com nosso açúcar?

Segundo a Datagro, na 2015/2016 teremos déficit de 4,37 m. t. de açúcar pulando para 7,64 m.t. na safra 2016/2017, devido a problemas climáticos na Índia (algumas usinas já pararam por falta de cana) e desestímulo de preços seca na Europa.

Organização Internacional do Açúcar (OIA): aumento do déficit, de 3,5 m.t. para 5 m.t. (safra de outubro 2015/setembro 2016), devido a fatores climáticos. Para 2016/17 prevê 6 m.t. de déficit.

Kingsman: o déficit mundial em 2015/16 reduziu de 5,26 m.t. para 4,8 m.t.

FCStone: safra 2015/16 com déficit de 7 m.t., maior que os 5,6 m.t. Seca na Europa e decréscimo de área plantada e reduções de 12,8% na China e 4,3% na Tailândia.

Czarnikow: safra 2016/17 produção de açúcar no Centro-Sul em 2016/17 deve crescer 10%, para 34,2 m.t., com 43,7% do caldo indo para açúcar (40,79% de 2015/16) e ATR 1,9% acima (133,7 quilos por tonelada).

Boa parte das consultorias projeta 34 m.t. de produção de açúcar no Brasil em 2016/17. Espera-se incremento de até 5 m.t. na produção de açúcar no Brasil e cerca de 60% já foi vendido aproveitando o preço e o câmbio.

Brasil deve contestar no órgão de solução de controvérsias da Organização Mundial do Comércio (OMC), a política açucareira da Tailândia. Segundo maior exportador, atrás do Brasil seus subsídios aos produtores interferem muito negativamente no comércio mundial.

No açúcar, o volume da atual safra atingiu 30,8 m.t., queda de 3,76% em relação a 2014/15.

FCStone: a demanda mundial em 182,7 milhões de toneladas, 1,8% acima da safra passada

e a Czarnikow estima que a produção global de açúcar precisará crescer entre 15 a 20 m.t. até 2020 para atender ao aumento da demanda.

Datagro: do total de 53,6 m.t. de açúcar que devem ser exportadas (no ciclo 2015/16, que termina em 30 de setembro), 44,2% (23,7 m.t.) virá do Brasil (era 46,8%, com 25,6 m.t. A Tailândia fica com 16% (15,8% da safra 2014/15) e Austrália com 6,3% (era 5,9%).

Datagro: no Centro-Sul, o custo médio (que não considera a remuneração do capital investido) de produção hoje é de 13 cents/libra peso. Na Tailândia é de 16,5 cents e na Austrália, em 18,1 cents.

O que acontece com nosso etanol?

Petróleo: preços chegam no maior valor dos últimos 3 meses. Motivo: declínio dos estoques nos EUA devido ao aumento de consumo de combustível estimulado pelos baixos preços. Demanda muito alta. Chegou perto dos US\$ 40 o barril.

Em fevereiro a venda de hidratado caiu para 1,059 b. L. contra 1,264 b.l. de janeiro. Porém, no acumulado da safra, estamos com 16,2 b.l. representando 28,5% acima.

Em relação ao consumo total de combustíveis, a ANP acredita que deve igualar 2015, enquanto que a Datagro prevê queda de 3%.

Temos que observar neste ano qual será o comportamento de consumo do usuário da frota flex com o preço atual. O hidratado ocupou cerca de 30% em 2015 (cada ponto representa algo como 300 milhões de litros). Porém, vivemos provável mudança de comportamento: mesmo acima das 70% vendas de etanol hidratado de novembro a janeiro foram 10% maiores que no mesmo período anterior. As vendas de gasolina caíram 9,3% (ANP). Pode ser que os consumidores estejam preferindo uma compra que tenha menor desembolso ou o etanol vem conquistando preferência.

Estados do Nordeste estão mudando o ICMS em favor do etanol.

O fato das usinas terem feito hedge de açúcar em grandes volumes deve aliviar a queda de preços do etanol no início da safra. Em 2015 chegaram a R\$ 1,15/l e neste ano não devem cair de R\$ 1,5/l.

Estimativa Czarnikow: 27,1 b.l. na região Centro-Sul, com 16,1 b.l. de hidratado e 11 b.l. de anidro.

Esta safra terminará com estoques de etanol muito mais baixos que na safra anterior (cerca de 400 m.l. contra 1,2 b.l.).

Cepea: etanol em fevereiro acumulou alta anual de 47,13% (R\$ 1,9384 ou R\$ 0,621 a mais que fevereiro de 2015).

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses nossa coluna traz uma singela homenagem a alguém que sempre contribui com o agronegócio e com a cana. Neste mês a homenageada é a Maria Cristina Gonçalves Pacheco, grande amiga, lutadora da cana, liderando a região de Capivari com muito sucesso!



Haja Limão

Quando pensamos que o atual Governo já nos brindou com o fundo do poço, ele consegue descer mais. Mas estou animado com as manifestações e penso que o prazo de validade desta turma está chegando e rápido. Se aproxima um novo Brasil. Esta turma vai engrossar os presídios do Brasil. De todas as formas, continuarão dependentes dos que produzem, de nós.



EM 2030 TEREMOS DÉFICIT DE 1,2 MILHÕES DE BARRIS POR DIA

Publicado na Revista Canavieiros em Abril de 2016

O que acontece com nosso agro?

O Mapa estima valor bruto da produção em 2016 em R\$ 513,20 bilhões. A projeção subiu quase 2% em relação à última. O valor da produção agrícola deve crescer 2,8% e o pecuário ficaria 3% menor. O grande puxador é a soja, com 12% a mais. Sujeita logicamente, ao clima.

A OMC estima que as trocas globais neste ano devem crescer 2,8%.

Em março as exportações do agronegócio atingiram US\$ 8,3 bilhões, 6% a mais que março de 2015. Com isto, o agro chega a 52,2% das exportações brasileiras. As importações foram de US\$ 1,1 bilhão, 17,6% abaixo. O agro deixou um saldo de US\$ 7,18 bilhões na balança. A cadeia da soja cresceu quase 24%, trazendo US\$ 3,4 bilhões no mês. Carnes cresceram mais de 5%, e a cadeia da cana caiu quase 11%. No primeiro trimestre deste ano o agro nos trouxe US\$ 20 bilhões, quase 9% a mais que 2015. O salvador do Brasil.

O que acontece com nossa cana?

A Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*) fechou os números de moagem para a safra que se encerrou agora em 31 de março (2015/16). Foram moídas 617,65 m.t. no Centro-Sul, 8% acima do ciclo anterior. Estes números foram alcançados graças ao recorde moído em março, de 19,33 m.t. devido à cana bisada e mais usinas que já iniciaram a moagem da nova safra.

Expectativa do fenômeno La Nina impactando com um segundo semestre mais seco pode beneficiar a concentração de açúcar na cana, na safra 2016/17.

Mantemos a previsão de safra de 620 milhões de toneladas para este ano no Centro Sul. É o valor de boa parte das consultorias. Rabobank acredita que a safra fique ao redor de 610 a 620 m.t., sendo 43,5% da oferta para açúcar, o que dará 34 m.t.

De acordo com Marcos Landell, a população de colmos é a variável a ser observada para maiores produtividades (número de colmos por metro). Observar também mais cortes na mesma cana (mais colmos). Alta população daria melhor eficiência de colheita, na luta pela cana de três dígitos em pelo menos seis cortes.

O que acontece com nosso açúcar?

Safra menor da Tailândia (deve exportar 7,1 m.t. ou 20% a menos), na Índia apetite chinês e ligeira valorização do real fizeram o açúcar bater 16 cents/libra peso, um aumento de praticamente 30% em um mês. Segundo a Archer, isto representou R\$ 1.350/t. Mas os preços voltaram a recuar, próximos a 14,20 cents. Será um ano de grande volatilidade, saber comprar e vender será o diferencial, mais uma vez.

Perspectivas de Cuba voltar a produzir como foi no passado são prejudicadas pela qualidade do solo e estrutura agrária, além de política governamental de comprar apenas de produtores cooperativados, impedindo a produção própria pelas usinas.

Seguindo passos de Copersucar e Cargill, que criaram a joint venture Alvean, foi aprovada a joint venture de Raízen e Wilmar (Cingapura) para atuar na exportação de açúcar VHP. Fará todas as atividades de originação e logística.

Houve ligeiro recuo dos preços do açúcar no mercado interno, para ao redor de R\$ 75/SC.

Rabobank elevou a expectativa de déficit de 4,8 m.t. para 6,8 m.t. O consumo mundial deve ficar ao redor de 181 m.t. e a produção em 175 m.t.

A Datagro também elevou o déficit de 4,37 m.t. para 6,5 m.t.

Importações chinesas no bimestre caíram quase 20%. Preços mais altos e estoques crescentes são os motivos.

Preços no mercado interno da Índia ficam melhores do que a exportação, devido à estimativa de safra 1,4% menor. Outro fator positivo aos preços.

Em março o mercado interno estava remunerando melhor que a exportação, contribuindo para maior alocação de produtos. Preços ao redor de R\$ 78 por saca, quase 38% acima do preço do ano passado, na mesma época. Porém, com a entrada da safra, houve recuo dos preços do açúcar no mercado interno, para ao redor de R\$ 75/SC.

O que acontece com nosso etanol?

Vem se repetindo algo que todos os anos eu chamo a atenção. Entra a safra e o preço do hidratado na usina despenca (veio de R\$ 1,95 para R\$ 1,40), sem cair no posto, portanto, sem influenciar favoravelmente no consumo. Com isto mais uma vez se transfere enorme volume de renda do segmento produtor para a distribuição. Chegamos ao absurdo de ter uma diferença entre a Usina e o consumidor final de R\$ 1,27, quando no passado assustávamos com uma diferença de R\$ 0,75.

Como consequência, o volume de etanol vendido em março foi de 2,24 b.l. o que representa 13,42% abaixo do mesmo mês de 2015. A queda maior foi no hidratado, que veio de 1,45 b.l. para 1,12 b.l. Já o anidro aumentou 16,21%, alcançando 1 b.l.

Portanto, perdemos vendas de 330 milhões de litros de hidratado.

Mais um estudo da USP foi publicado que mostra os benefícios ao sistema de saúde se o uso do etanol passasse dos atuais 28 b.l para 50 b.l. em 2030. Seriam economizados R\$ 82,8 bilhões pela redução de 571 milhões de toneladas de CO² a serem emitidas, evitando milhares de internações e tratamentos respiratórios.

Começaram as obras do investimento de US\$ 115 milhões feito pela Fiagril e para Summit Agricultural Group em uma planta de etanol de milho em Lucas do Rio Verde.

A Argentina deve nos próximos anos ampliar dos atuais 12% para 26% a mistura de etanol na gasolina, seguindo o exemplo brasileiro.

Finalmente, neste mês fomos brindados com a notícia de uma possível ação populista para abaixar o preço da gasolina, mas estudos da Datagro mostram que a gasolina importada no Brasil com os custos de frete está 5% mais cara que a gasolina brasileira. Ideia para ser enterrada, mas que causou estragos no preço internacional do açúcar.

A Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*) fechou os dados da safra 2015/16. Em etanol, comercializamos 29,27 bilhões de litros, 16,26% a mais que na safra anterior. Foram 27,34 bilhões de litros ao mercado interno, e 17,34 bilhões de hidratado. A produção foi 28,22 bilhões de litros, 2 bilhões acima de 2014/15 e muita acima dos 25,6 bilhões da temporada de 2013/14.

A exportação em 2015/16 cresceu 53%, para mais de 1,9 bilhão de litros.

A ANP soltou novo estudo onde prevê déficit de combustíveis de 1,2 milhões de barris por dia em 2030. Ou produzimos etanol, ou importamos gasolina...

O que acontece com nossa cogeração?

As pressões mundiais em relação ao carbono devem ajudar a biomassa de cana. É grande a chance deste produto se consolidar como uma nova commodity mundial, e os investimentos crescem. Apenas como exemplo, o Japão tem que reduzir até 2030 as emissões em 26%. A Sumitomo acredita que o consumo de pellets pode chegar a 10 m.t. até esta data.

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses nossa coluna traz uma singela homenagem a alguém que sempre contribui com o agronegócio e com a cana. Neste mês o homenageado é o Eduardo Romão, grande Esalqueano que agora assume a Orplana no próximo triênio. Bons desafios à frente.



Haja Limão

Escutar as fitas gravadas nas escutas autorizadas envolvendo o PT e o ex-presidente do Brasil é um exercício ao nosso estômago. Como podemos ter por tanto tempo um pessoal tão baixo, tão deselegante à frente desta nação. Que estrago. Espero que quando o leitor da Canavieiros percorrer este texto, já estejamos sob nova administração e que tenhamos nos livrado de maneira definitiva deste nefasto período sob a má gestão do Partido dos Trabalhadores. Desculpem-me a sinceridade, mas é só olhar os números do Brasil, das Estatais, dos Fundos de Pensão, enfim uma destruição generalizada. Fico triste, pois torci para dar certo. Chega!



O BRASIL VIRA A PÁGINA

Publicado na Revista Canavieiros em Maio de 2016

O que acontece com nosso agro?

As exportações do agro trouxeram US\$ 8,076 bilhões em abril, um aumento de 14,3% em relação a abril de 2015. O agro trouxe 52,5% das exportações do Brasil neste mês, e um saldo de US\$ 7,1 bilhões (foi de US\$ 5,95 bilhões em abril de 2015), pois as importações caíram 13%. Se não fosse o agro o Brasil fecharia o mês com US\$ 2,2 bi de déficit.

No primeiro quadrimestre, as exportações do agro estão 10,2% acima de 2015, trazendo um saldo de US\$ 24 bilhões. Os outros setores da economia foram deficitários em US\$ 10,9 bilhões, portanto o saldo do agro é que confere o saldo de US\$ 13,2 bilhões na balança.

A soja aumentou 43% no valor e 63% na quantidade neste período. Só em abril a soja trouxe US\$ 4 bilhões.

O setor sucroalcooleiro também está 8,3% acima em valor e 23,4% em quantidade, com grande crescimento em abril (65%).

Milho estamos acima em 109,5% no valor e em quase 140% na quantidade.

Todas as carnes estão acima também do ano passado.

A Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) soltou a nova revisão da estimativa da safra 2015/16 no Brasil. Agora são 202,4 milhões de toneladas, 3,2% a menos que sua estimativa do mês passado e 2,5% inferior a 2014/15.

A produção de soja será de 96,9 milhões de toneladas (perda de 2 milhões em relação à estimativa anterior). Ano passado produzimos 96,2 m.t. A culpa é da estiagem no Matopiba nesta fase final, principalmente. Pela Conab, Tocantins registrou as maiores perdas.

USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) reduz a projeção de produção global de soja, o que causou reação nos preços chegando a quase US\$ 11/bushel. A Argentina perdeu 2,5 milhões de toneladas pelo clima. Os estoques mundiais de soja caíram 5 milhões entre uma e outra avaliação. USDA estima aumento na produção mundial de 2,6% e aumento de 4,3% na demanda, derrubando os estoques em 8,1%, para 20,8% do consumo mundial. Completa esta boa notícia a

estimativa que a safra de soja dos EUA será 3,3% menor (103,4 m.t.). O USDA prevê safra 4% maior no Brasil em 2016/17 (103 milhões), que deve exportar 60 milhões de toneladas. Estimam para a Argentina produção de 57 milhões de toneladas e exportação de 10,65 milhões. A China deve comprar em 2016/17, 4 milhões de toneladas a mais, boa notícia da soja.

Já o milho, pela Conab, chegará próximo a 80 milhões de toneladas, caindo 5,6% em relação à última projeção. Finalmente a Conab cortou a projeção da safrinha, em 7,4%, caindo para 52,9 milhões de toneladas. Muitos plantios foram feitos fora da janela ideal e sofreram fortemente com a seca. A safra de verão também caiu para 27 milhões de toneladas, 1,7% menor que a última projeção e um tombo de 10% e relação a 2014/15.

O USDA também estimou reduções no milho. Para 2015/16, 3 milhões a menos no Brasil (84 a 81), 1 milhão a menos na Argentina (28 para 27). Para a safra 2016/17, estimam nos EUA 366,54 milhões de toneladas, 6% a mais que em 2015/16 o que deve levar a produção a 1,011 bilhão de toneladas. Estoques devem ficar no mesmo nível, ao redor de 207 milhões de toneladas. Estima a mesma produção para o Brasil e um salto na Argentina, para 34 milhões, pela retirada das “retenções” (impostos de exportação).

Mesmo em menor velocidade, analistas acreditam que o PIB (Produto Interno Bruto) da China tende a crescer US\$ 5 trilhões até 2030. Nos próximos anos, a China deve focar menos em investimentos, e mais em ganhos de produtividade de mão de obra, que pode crescer de 20 a 100% neste período, segundo a McKinsey. O setor de serviços apresenta enorme potencial de crescimento, bem como produtividade vinda da automação de fábricas. Muito investimento em inovação vem sendo feito fortalecendo empregos na classe média e aumentando seu potencial de consumo.

Finalizando com a boa notícia ao agro tomando espaço do petróleo e do diesel, produzimos 15% a mais de biodiesel em 2015 quando comparado a 2014, chegando a 3,9 bilhões de litros.

O que acontece com nossa cana?

A Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*) mostra que a safra está a todo vapor, com estimativa entre 605 a 630 milhões de toneladas (contra 617,7 em 2015/16). O clima mais seco seria o principal fato para esta baixa. Deve ser safra bem mais açucareira na comparação, produzindo entre 33,5 a 35 milhões de toneladas (7 a 12% maior), devido ao mix e ao aumento do teor de açúcar. Há risco maior de geadas neste ano.

A importância do setor é impressionante: início de safra gerou 22 mil contratações.

A taxa de renovação dos canaviais caiu para 10% na safra que se encerrou, de acordo com o CTC (Centro de Tecnologia Canavieira), comprometendo o crescimento futuro.

O que acontece com nosso açúcar?

Safra menor na Índia e a seca que afetou a Tailândia voltou a levar o açúcar perto de 16 cents/libra peso. Além disto, o aumento dos preços do petróleo para mais de US\$ 40/barril também contribuiu. O que tem interferido negativamente é a perda de mercado no hidratado e a velocidade de moagem neste início de safra, bastante elevada.

Ainda sobre a Índia, será importador líquido em 16/17, devido a dois anos de seca. Isto não ocorreu nos últimos 4 anos, quando a Índia foi exportadora. Estima-se para esta safra 15/16 (se encerra em 30/09) uma produção de 25 m.t, queda de mais de 11% em relação à safra anterior e consumo de 26 m.t. Como se tornará um importador líquido em 2016/17, contribuirá mais ainda para o déficit no mercado mundial.

Cálculos do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada) mostram que em abril o açúcar estava remunerando bem mais que o etanol (64% a mais que o anidro e 75% a mais que o hidratado). Isto tudo devido à grande queda de preços com a entrada da safra e a necessidade de caixa das usinas. Os preços do etanol caíram mais de 30%, enquanto que os do açúcar permaneceram iguais, ao redor de R\$ 75/sc. Fechamos março/abril com preços do açúcar 40% maiores que no ano passado.

Estimativa da Datagro mostra uma produção de 35,2 milhões de toneladas de açúcar em 16/17, grande crescimento em relação a 2015/16 (31,38 milhões). A estimativa anterior da Datagro era de quase 2 milhões de toneladas menor. Esperam 44% da cana indo para açúcar.

Os EUA estão precisando importar mais açúcar, já foi pedido pelas refinarias, mais um fator altista de preços.

Safra menor de beterraba na Europa, pelo clima (produção 24% menor) fez com que o refinado tenha chegado no mercado interno a quase 700 euros.

O que acontece com nosso etanol?

Produzimos 30 bilhões de litros de etanol em 2015, crescendo 6% em relação a 2014, de acordo com a EPE (Empresa de Pesquisa Energética).

Em 2015 destaca-se o grande crescimento do etanol hidratado, de 34%, alcançando 19 bilhões de litros.

Fruto da crise que assola o país, as vendas de diesel caíram 6,1% no primeiro trimestre de 2016 em comparação ao ano anterior (81,5 milhões de barris).

O consumo de gasolina no primeiro trimestre cresceu 1,4%, para 66,13 milhões de barris.

Em março cresceu 9,53% (3,72 b.l.), maior consumo para este mês desde o início da série, roubando espaço do hidratado.

O problema do primeiro trimestre foram as perdas de vendas de etanol hidratado (12,3% a menos). Março foi terrível, pois as vendas caíram 22%, para apenas 1,1 bilhões de litros.

No geral, o consumo de combustíveis caiu 5% no primeiro trimestre.

No primeiro trimestre também tivemos importações de etanol dos EUA. Só em fevereiro foram mais de 80 milhões de litros.

Em abril os preços caíram drasticamente, chegando a R\$ 1,35 no hidratado e R\$ 1,56 no anidro.

Com o recuo, ainda que tardio, dos preços nos postos, em maio devemos retomar o consumo de hidratado, mas as perdas do primeiro quadrimestre são irrecuperáveis. Em São Paulo no início de maio já estavam favoráveis os preços do etanol ao consumidor.

Continuam boas as perspectivas de exportações de anidro neste ano, que deve pelo menos igualar os 1,9 bilhão de litros do ano passado. Porém, em abril foram relativamente pequenas as exportações, bem abaixo de 100 milhões de litros. Pela Secex, de janeiro a abril exportamos 704 milhões de litros, mas pela Datagro apenas 259,3 milhões de litros. Diferença esta justificada pelos ajustes nos RE (registros de exportação).

A Petrobras vem conseguindo recuperar R\$ 3 bilhões por mês com a diferença de preços entre a gasolina no mercado interno e externo. Precisa de muito tempo ainda para recuperar o tombo de 2012 e 2013. Mas o aumento dos preços do petróleo vem diminuindo esta arrecadação.

A baixa dos preços do petróleo fez efeito. Muitos projetos foram engavetados e investimentos serão postergados. Estima-se mais de US\$ 270 bilhões em projetos foram cancelados, que devem afetar a oferta global de petróleo. As empresas foram na redução de custos, mesmo com o recente aumento do preço do barril para quase US\$ 50. Uma boa notícia ao etanol.

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses nossa coluna traz uma singela homenagem a alguém que sempre contribui com o agronegócio e com a cana. Neste mês o homenageado é o Sr. Antonio Toniello, ou nosso “Toninho Toniello”, um grande clássico da cana!



Haja Limão

Depois de tenebrosa experiência de longos 14 anos onde atrasamos uma ou duas gerações, chegamos ao final do período lulopetista. Que o país possa iniciar seu longo e doloroso processo de reconstrução, onde o trabalho e o mérito sejam os valores centrais entre outros valores que precisam ser recuperados. Antes um fim horroroso (impeachment) que um horror sem fim (experiência com o lulopetismo). Terminei este texto com dupla emoção, pois chegamos a 50 colunas caipirinha, 50 meses de contribuição contínua, justamente no momento onde são anunciados 55 votos no Senado pelo afastamento da presidente. Com todo o respeito, tchau querida!



SÃO AS ÁGUAS DE JUNHO FECHANDO O VERÃO E TRAZENDO O AÇÚCAR PARA PERTO DO VINTÃO

Publicado na Revista Canavieiros em Junho de 2016

O que acontece com nosso agro?

Pois é... Algo que, de certa forma, acertei aqui no nosso espaço era uma possível reação dos preços das commodities. Uma ligeira tosse na oferta fez com que tivéssemos altas expressivas no açúcar, na soja, no milho, no suco de laranja. O café e o algodão subiram um pouco menos. Apenas trigo e cacau não estão recuperando. Índice de preços da FAO em junho atinge o maior nível desde outubro de 2015 e cresceu 2,2% em relação a maio. Recuperação de preços!

Soja e milho têm pela frente um semestre interessante, pois os preços computam safras gigantes nos EUA (em andamento) e com quaisquer problemas climáticos podemos ter altas expressivas, a se acompanhar. Será nervoso.

Outra notícia boa que vem dos EUA é em relação à política para o etanol. A nova meta proposta pela EPA (Environmental Protection Agency) eleva em 700 milhões de galões o consumo para 2017 (sempre comparando com 2016). Destes, 300 milhões são para o milho (chegando já em 99% do autorizado máximo de 15 bilhões de galões) e 400 milhões para a categoria onde se enquadra o etanol de cana. Também há crescimentos para o biodiesel e para o etanol celulósico, bem menores. Ou seja, estímulo para a agricultura gerar mais produção de biocombustível.

O que acontece com nossa cana?

Termino esta coluna (08/06) debaixo de chuva em Ribeirão Preto. Não me lembro de ter um junho com este volume de água concentrado em tão pouco tempo. Está atrapalhando a colheita e os embarques no porto e fez os preços do açúcar tocarem os 20 cents/libra peso em alguns momentos. Quem diria...

Ainda bem que a safra vinha com grande rendimento. Na primeira quinzena de maio, processou-se 38% a mais que no mesmo período do ano anterior. Desde o início da safra até a primeira quinzena de maio, haviam sido processados 108,5 milhões de toneladas, um crescimento de 57,7% em relação a 2015. Foram produzidos 5,3 milhões de toneladas de açúcar, 98,5% a mais que 2015, e 4,4 bilhões de litros de etanol, quase 50% a mais. Cerca de 57,2% da cana foi para etanol.

Esta vantagem no processamento em relação à safra 2015/16 foi fortemente corroída na

segunda quinzena de maio e primeira de junho, devido à incrível intensidade de chuvas. E as previsões davam inverno seco...

São Martinho encerra a safra 2015/16 com receita 20% maior, de R\$ 2,8 bilhões, e lucro líquido de R\$ 194,3 milhões. Boa operação, boa gestão comercial e boa agrícola trazem resultados.

O que acontece com nosso açúcar?

Conseguimos 170% a mais de exportações nos dois primeiros meses da safra 2016/2017. A exportação no final de maio voltou a remunerar mais que o mercado interno, o que é um bom sinal para escoamento de produtos e de cana.

Datagro prevê aumentarmos em 12,5% nossas exportações nesta safra, chegando a 27 milhões de toneladas.

Devido ao El Niño, produção da Tailândia deve cair 14% na safra 2015/16 (ficará em 9,5 milhões de toneladas). Produção na Índia deve cair também 10%.

Mercado interno permanece com preços médios de R\$ 76/saca.

União Europeia tem chances de abrir o mercado para importação de mais 300 mil toneladas de açúcar, para evitar escassez e possível alta de preços devido aos problemas de clima na Ásia. O Brasil tem autorização para exportar 600 mil toneladas/ano (OMC).

Há receio de queda dos preços após 2017, devido a um provável estímulo à produção trazido por preços maiores em 2016, os subsídios dados na Tailândia e Índia para aumento da produção e o aumento da produção europeia.

O consumo mundial é de 180 milhões de toneladas; destas, cerca de 50 milhões são importadas por parte destes consumidores. Este é o volume transacionado mundialmente.

As chuvas de maio e junho estão atrasando os embarques. Existia um milhão de toneladas de atraso em Santos na primeira quinzena de junho. Isso também aumenta os custos portuários e dos navios (muitas diárias podem chegar a US\$ 20 mil).

A trading Olam (em entrevista do chefe de operações de açúcar) estima o déficit de 2016/17 (outubro a setembro) em 7 milhões de toneladas. Acreditam-se em preços acima dos 20 cents/libra peso. Credita-se parte importante do déficit à questão climática da Índia, que perdeu quase 10% da produção. Há expectativa em relação às próximas monções; se forem fracas, a produção pode cair para 20 milhões de toneladas. Para a Olam, a Tailândia deve produzir 10 milhões de toneladas, e a União Europeia cerca de 15,5 milhões de toneladas, colocando 2,5 milhões no mercado internacional.

A Archer Consulting estima que 80% do açúcar que será exportado no ciclo 2016/17 pelas usinas brasileiras já foi fixado a um preço de R\$ 1.219/tonelada. O preço médio foi de 14,11 cents, sensivelmente abaixo dos praticados em 08/06 (19 cents/libra peso), mas o câmbio, por outro lado, foi de R\$ 3,76, também melhor que o de quando terminei esta coluna, em 08/06 (R\$ 3,45).

O que acontece com nosso etanol?

Preços do hidratado vêm subindo nas Usinas, já se aproximando de R\$ 1,50/l. É o reflexo da chuva e do grande aumento no preço do açúcar. Deve se firmar.

Mesmo um consumo de hidratado mais baixo que o verificado no ano anterior tem sustentado os preços, devido a um problema da oferta menor.

Segundo estudo feito por Alfred Szwarc, consultor da Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), cerca de 352 milhões de toneladas de CO² deixaram de ser lançadas no ar, graças ao uso do etanol, desde 2003. Este volume é maior que as emissões feitas em 2014 por Argentina (190 milhões t), Peru (53,1 milhões t), Equador (35,7 milhões t), Uruguai (7,8 milhões t) e Paraguai (5,3 milhões t).

Outra boa notícia para o etanol é a presença de Pedro Parente na Presidência da Petrobrás, por ser uma pessoa com grande conhecimento do setor sucroenergético.

Volto a comentar com o leitor da nossa Caipirinha... produção de cana estagnada em 620 milhões de toneladas, usinas operando no limite das suas capacidades, safra mais açucareira neste e no próximo ano, estrutura de importação de petróleo e gasolina no limite, investimentos da Petrobrás caindo, preço do petróleo voltando a US\$ 50 o barril, com viés de alta, e mais 2 milhões de novos carros flex no mercado... Levanto a lebre do grave problema de abastecimento de combustíveis no Brasil ainda neste ano (se bem que aliviado pela crise), mas, com certeza, nos próximos anos, se retomarmos o crescimento econômico. Este problema de abastecimento terá que ser regulado via preços mais altos, quando poderia ser regulado com choque de oferta de mais 40 a 50 novas usinas, tendo sido feitas desde 2008. Perdemos todos!

Quem é o homenageado do mês?

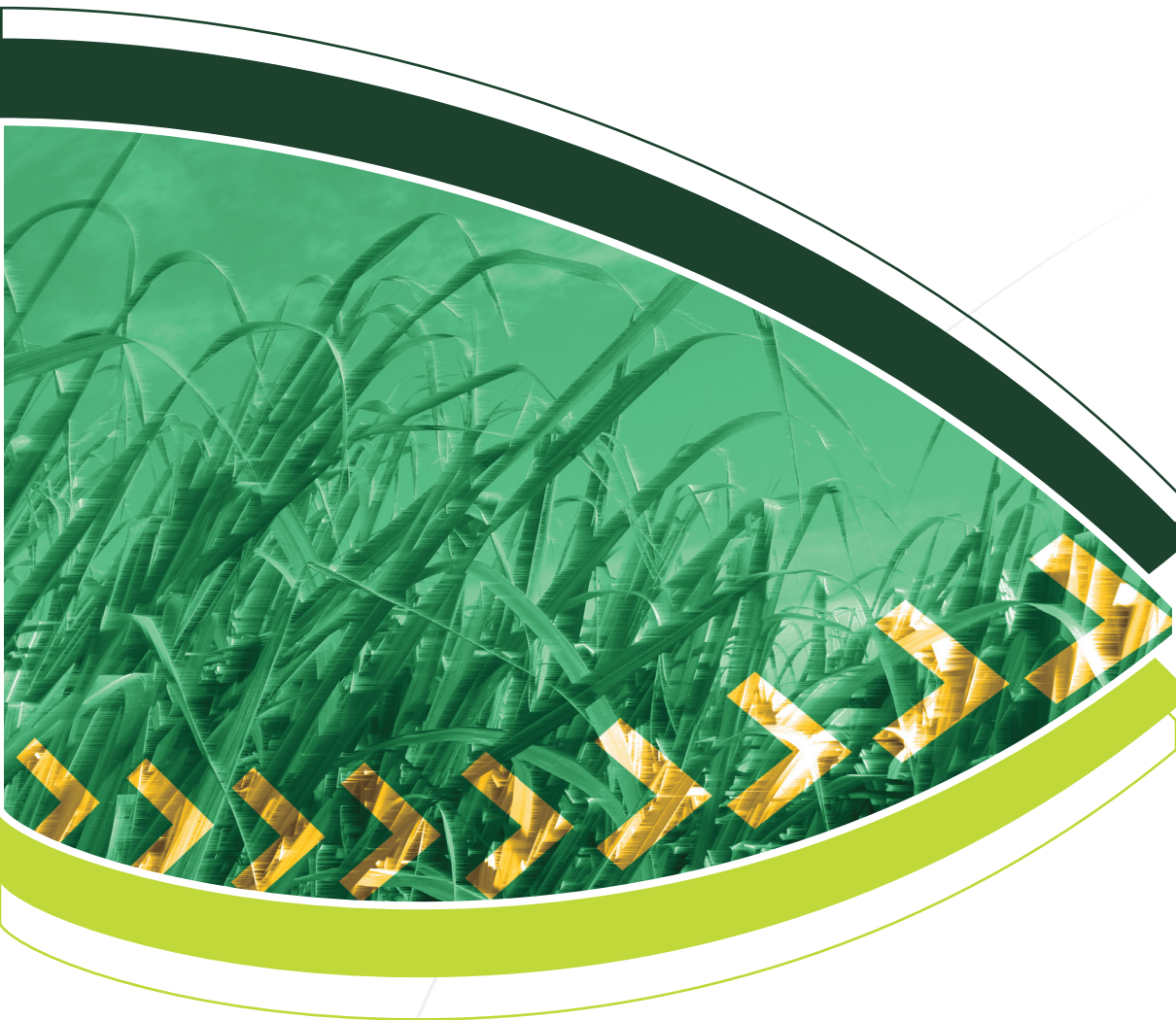
Todos os meses, nossa coluna traz uma singela homenagem a alguém que sempre contribui com o agronegócio e com a cana. Neste mês, o homenageado é o Prof. Dr. Hugo Ghelfi Filho, do Depto. de Engenharia da Esalq, que faleceu em maio. Uma grande pessoa com uma vida completa dedicada à educação e à formação de milhares de Engenheiros Agrônomos, muitos labutando na cana-de-açúcar. Siga em paz, Professor Hugo, cumprindo missão vitoriosa.



Haja Limão

O Governo Michel Temer começa muito bem na economia, com um time de craques – e isso importa muito –, e também nas estatais, colocando gente que terá que fazer uma verdadeira assepsia, como é o caso de Pedro Parente na Petrobras. Recebi esta mensagem, que replico na íntegra: “A gigante Saudi Aramco, da Arábia Saudita, a maior petrolífera do mundo, produz um de cada oito barris de petróleo do planeta, está avaliada em R\$ 6,5 trilhões e tem 65 mil funcionários. A Petrobras, que nem chega perto da Aramco em produção de petróleo, está avaliada no mercado em cerca de R\$ 60 bilhões, se tanto, e paga salários a 249 mil pessoas, das quais 84 mil são concursadas e 165 mil terceirizadas. A informação é do colunista Cláudio Humberto, do Diário do Poder. A Shell, a Exxon e a British Petroleum, outras gigantes do petróleo, empregam juntas 262.000 pessoas, 13 mil a menos que a Petrobras. Pedro Parente terá um baita desafio: a Petrobras opera 7 mil postos no mundo; a Shell tem 44 mil, mas lucra trinta vezes mais. Mesmo depois de cortar 30 mil funcionários e colocar mais 12 mil na fila da demissão voluntária, a Petrobras ainda tem 84 mil concursados”.

Para terminar, com desemprego oficial passando de 11,2%, a pior taxa da série histórica, vem uma coisa interessante: quem diria... Coube justamente ao PT, o Partido dos Trabalhadores (que, na minha visão, deveria ser chamado de Partido dos Sindicalistas dos Trabalhadores), promover a maior destruição de trabalho já vista na história deste país. O PT destrói o T. E aquele senador do Rio de Janeiro, ex-presidente da UNE, acredita que isso já é fruto do Governo Temer... Haja limão.



OS VENTOS SE FORTALECEM EM DIREÇÃO AO ETANOL

Publicado na Revista Canavieiros em Julho de 2016

O que acontece com nosso agro?

Continuam boas as notícias do agro. Exportações no primeiro semestre chegaram a US\$ 45 bilhões, 4% acima do mesmo período de 2015. As importações caíram 13,7% (quase US\$ 6,1 bilhões) portanto, o superávit do agro foi de quase US\$ 39 bilhões (7,5% acima). Sustentando o Brasil no primeiro semestre.

Em junho exportamos US\$ 8,31 bilhões, queda de quase 9% em relação a junho de 2015. Como as importações do agro cresceram 3,1%, o superávit ficou em US\$ 7,22 bilhões. Houve queda principalmente na soja, que neste mesmo mês de 2015 foi extremamente bem.

O índice de preços de alimentos da FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura) voltou a subir 4,2% em junho, e acumula alta de cinco meses seguidos. Já é o maior valor desde julho de 2015, o que mostra a recuperação, em dólar, dos preços. Foi também o maior aumento mensal em 4 anos.

Esta subida é justificada também pela estimativa que em 2016 consumiremos parte dos estoques mundiais, pois a produção de grãos deve ficar em 2,544 bilhões de toneladas (crescimento de 0,6% em relação a 2015), e o consumo em 2,556 bilhões (1,3% acima), o que diminuirá os estoques em cerca de 1,5% (635 milhões de toneladas ou 24,2% da necessidade).

Já nas projeções de longo prazo (2016/2025), a FAO acredita em preços de grãos muito semelhante aos atuais, devido ao equilíbrio entre o crescimento na demanda (menos acelerado que na década anterior) e na produção (média de 1,6% ao ano). Porém, incertezas no clima e em políticas públicas podem alterar o quadro, com viés de alta. O crescimento no consumo de proteínas animais puxa o consumo de grãos para rações. A FAO projeta a expansão da área produtiva mundial em 42 milhões de hectares (4%), ou 4 milhões de hectares por ano.

A FAO/OCDE (Perspectivas Agrícolas 2015-2024) diz que o Brasil será o país com a maior expansão nos próximos 10 anos. Projeta aumento de 7% na demanda brasileira de cereais e de 34% para rações. Projeta que adicionará 11 milhões de hectares para soja, passando a produzir 135 milhões de toneladas, 30% do total global e tomando 43% das exportações mundiais. No caso do milho, expandirá a produção em 27% e ocupará 22% do comércio mundial. Nas carnes, vai crescer 25%, produzindo mais 6,2 milhões de toneladas. O Brasil ocupará 26% das exportações mundiais de carnes.

A última estimativa da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento), lançada em julho, sobre a safra de 2015/16 mostra sensível queda de 8,9% na produção, das 207,6 milhões de toneladas (somando as culturas de inverno e verão) para 189,27 milhões de toneladas. Caiu mais de 7 milhões de toneladas em relação à estimativa publicada em junho.

Produtores norte-americanos aumentaram em 7% a área plantada de milho neste ano, e em 1% a área de soja. Como a rentabilidade da soja deve superar o milho, é provável que venha mais soja nos EUA em 2018. Se bem que este comportamento não se verificou nos últimos dois anos. No momento da finalização desta coluna a soja estava nos EUA a quase US\$ 11/bushel. Neste momento do ano os preços mundiais são ditados principalmente pelo andamento da safra dos EUA. Apesar de estar acima da média histórica em termos de qualidade (70% como boa e excelente, contra a média de 60%), há receio com o calor intenso e as vendas internacionais e processamento estão sustentando os preços. Como a incerteza em relação à produtividade deve continuar, o mercado estará volátil. Mas bons preços em reais aos produtores brasileiros, pois aparentemente o câmbio acomodou novamente num patamar entre 3,20 e 3,30.

O que acontece com nossa cana?

Embraer em parceria com a Boeing vem estudando e testando o bioquerosene de cana. Hoje já se pode misturar 10% no querosene tradicional, mas a empresa vê possibilidade de chegar a 100%, abrindo mais um mercado para a cana.

De acordo com a Conab, o Brasil produzirá (em 2016/17) 691 milhões de toneladas de cana, 3,8% a mais que a safra anterior. Um recorde. Produziremos 12% a mais de açúcar, motivados por preços 50% maiores e o etanol deve cair 0,4%, produzindo cerca de 30,3 bilhões de litros. Não repetiremos o bom resultado de 2015, quando o consumo cresceu quase 20%. Isto é o que sempre lamento em todas as colunas nossas aqui.

Segundo a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), a taxa de renovação dos canaviais em 2015 foi de apenas 10%, o que é sensivelmente abaixo do que o mercado demandará.

Raízen deve processar entre 60 a 63 milhões de toneladas, sendo 57% destinadas para açúcar. Zilor apresentou o resultado da safra, tendo lucro puxado principalmente pelo anidro e pela levedura. Mesmo num ano difícil, muitas empresas com aquelas características de gestão eficiente na área agrícola, e baixo endividamento conseguem virar com bons resultados.

Seguimos com a doença mais séria da cana, o endividamento. Segundo Alexandre Figliolino, cerca de 15 grupos que representam 26% da cana no Brasil (142 milhões de toneladas) poderão ser alvo de tentativas de aquisições. 17 grupos que processam 205 milhões de toneladas (38% do setor) têm condições de fazer estas aquisições. Em 2015/16 a situação financeira se deteriorou, pois, a relação entre dívida líquida e Ebitda das empresas passou de 4,3 para 4,7 (9% maior). O

endividamento é de R\$ 148/tonelada de cana. Já o Rabobank estima este endividamento em R\$ 143/ton, sendo a dívida do setor estimada em R\$ 93,7 bilhões.

Este elevado endividamento drena importante parcela do lucro operacional do setor.

O que acontece com nosso açúcar?

Preços chegaram a 21 cents/libra peso no final de junho, o maior desde 2012, surpreendendo a todos, pois não lembro de ter visto analistas de mercado no início deste ano dizendo que preços passariam e muito dos 16 cents.

Já exportamos na safra 2016/17 o total de 4,755 milhões de toneladas, 37% acima da safra anterior, estima-se que algo entre 70 a 85% já esteja fixado. Quando se compara os últimos 12 meses, as exportações de açúcar cresceram mais de 7%, chegando a mais de 26 milhões de toneladas.

O regime de chuvas na Índia está melhor que a média histórica, o que deve aliviar um pouco as perdas naquele país, mas mesmo assim devem importar.

Clima seco no Brasil vem ajudando no desempenho da moagem pelas usinas recuperando as chuvas de junho, o que era um temor que tínhamos.

Segundo o Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada) o açúcar em junho remunerou 75% a mais que o anidro e 90% a mais que o hidratado. Preços chegaram a R\$ 87,40/saca de 50kg.

Datagro aumentou a projeção de déficit de 6,09 para 7,1 milhões de toneladas na safra 2016/17. Estima produção no Centro-Sul em 35,2 milhões de toneladas, advindas de 625 milhões de toneladas de cana. A relação entre estoques e consumo também apresenta queda, vindo de 48,1% em 30/09/15 para 39,8% em 30/09/17 ajudando a sustentar os preços do açúcar.

Biosev já fixou a venda de 95% do açúcar de 2016/17 e 40% do açúcar de 2017/18. Esta venda foi de 645 mil toneladas, a 18,35 cents/libra peso e câmbio de 3,692.

O Brasil deve consumir 10,8 milhões de toneladas no mercado interno. Vale lembrar que já chegamos a consumir 11,4 milhões de toneladas. Não devemos esperar muita coisa no futuro consumo brasileiro.

A última estimativa da União Europeia é que seus membros devem produzir na safra atual (2016/17) 16,3 milhões de toneladas, quase 10% acima da safra anterior, mas abaixo da produção de 2014/15 que ficou em 19,5 milhões de toneladas.

No açúcar os fatos estão mais positivos que o melhor cenário que traçamos no início do ano. Falta agora recuperar mais sustentavelmente o etanol.

O que acontece com nosso etanol?

Quando se compara os últimos 12 meses, as exportações de etanol cresceram mais de 100%, chegando a 2,4 bilhões de litros.

A má notícia é que de janeiro a maio o consumo do etanol caiu 13% quando comparado a 2015.

Com a promessa feita pelo Governo brasileiro na COP-21 de ampliar de 6% para 18% até 2030 a presença de biocombustíveis na matriz energética, devemos produzir cerca de 50 bilhões de litros de etanol.

O mercado de etanol dos EUA permanece muito promissor à nossa indústria. De acordo com a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), nos últimos 4 anos ocupamos 2% do mercado de combustíveis renováveis nos EUA e 10% dos renováveis considerados avançados. Acertando esta equação financeira, é uma grande oportunidade aberta ao Brasil.

Ganha frequência a informação da volta da Cide na gasolina. E com o petróleo entre US\$ 45 a 50 o barril, o açúcar ao redor de 20 cents/libra peso e a Petrobras na situação em que se encontra, são favoráveis os ventos do etanol. Estou animado.

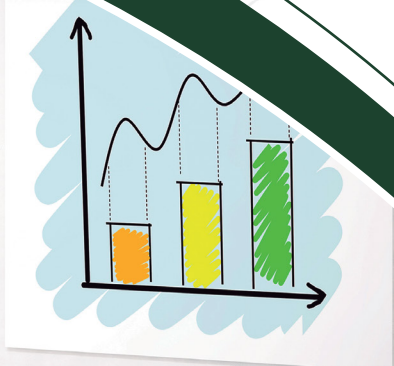
Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses nossa coluna traz uma singela homenagem a alguém que sempre contribuiu com o agronegócio e com a cana. Neste mês, o homenageado é o Luis Guilherme Zancaner, ex-presidente da UDOP e do grupo Unialcool, que faleceu em acidente automobilístico. Mais uma perda inestimável ao setor e ao Brasil. Nosso abraço aos familiares e nossa homenagem a este gerador de valor no Brasil.



Haja Limão

Impressionante o devaneio, ou a quase insanidade de algumas pessoas, entre elas uma filósofa da USP, que acredita que o FBI está por trás do Sergio Moro e um que foi professor da FGV e Ministro da Economia no Brasil, acreditando no imperialismo ianque, que coisa antiga isto. E para terminar, o nosso ex-presidente, que veio a tona dizendo ter sido o melhor presidente da história do Brasil. E o duro é que ele acredita mesmo nisto. Quem sabe Curitiba pode chegar mais cedo para ele para sermos poupados destes devaneios. Haja limão.



CONFIANÇA E INVESTIMENTOS VOLTAM AO BRASIL

Publicado na Revista Canavieiros em Agosto de 2016

O que acontece com nosso agro?

Em agosto sai a estimativa do USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) para a safra norte-americana de milho e soja. Como o clima vem sendo bom, e os ratings muito positivos, é de se esperar a apresentação de números bem próximos dos recordes produtivos.

A grande notícia do mês foi a abertura do mercado norte-americano para exportações de carne bovina in natura do Brasil. Apesar da quantidade ainda ser modesta (60.000 toneladas/ano), o fato deste mercado ser aberto ajuda muito na abertura de outros mercados que usam os EUA como parâmetro, e mesmo com carga tributária de pouco mais de 20% no que exceder as 60 mil toneladas, temos condições de colocar produtos de maneira crescente.

Recente estimativa da Abiove (Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais) coloca que o Brasil deve exportar neste ano praticamente US\$ 26 bilhões em soja.

Relatório 11 (agosto) da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) desta safra mostra uma área plantada de 58,2 milhões de hectares, 0,6% (328 mil hectares) a mais que na safra 2014/15. A soja puxou os números, aumentando cerca de 1,2 milhão de hectares (total de 33,2 milhões de hectares). O milho, safra principal, teve redução de 12,2% na área (5,4 milhões de hectares) e o safrinha aumentou 10,2% atingindo 10,5 milhões de hectares.

Devemos alcançar 188,1 milhões de toneladas de grãos, 9,5% menor que as 207,8 milhões colhidas em 2014/15. O clima nos ajudou a perder quase 20 milhões de toneladas. Que pena, temos preços, mas não temos produtos para vender na quantidade que queríamos.

O que acontece com nossa cana?

Relatório da Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*) da safra 2016/17 até o final da primeira quinzena de julho mostra moagem de 261,4 milhões de toneladas, 16% acima da safra anterior. A cana destinada para açúcar está em 44,21% contra 40,15% ano passado. A quantidade de ATR está ligeiramente acima (0,63%), com 133,25 kg/t. Mas em SP, o ATR está menor (130,51).

Temos que monitorar de perto os preços do petróleo. O recente recuo para US\$ 44/barril atua negativamente nos preços do açúcar. Somado à valorização do Real, voltam as pressões para redução dos preços da gasolina, impactando o etanol e o açúcar. Se bem que abre espaço para a volta da Cide (Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico) na gasolina, sem impactar o preço final.

De acordo com a FG/Agro, em agosto a margem de grupos muito eficientes estava ao redor de R\$ 55/ton de cana processada para o açúcar e R\$ 20 para o etanol, sem se considerar o capital investido. Açúcar daria um faturamento de R\$ 170/tonelada equivalente, e o etanol R\$ 120.

Desempenho operacional da Odebrecht melhorou 23% na safra 2015/16, mas o custo financeiro impactou para um prejuízo de R\$ 1,9 bilhão no ano. Projeta moer 31 milhões de toneladas em 2016/17. É mais um caso onde a operação é drenada pelo financeiro.

A Nova Fronteira (joint venture entre São Martinho e Petrobrás) registrou lucro líquido de R\$ 148,2 milhões em 2015/16. O lucro operacional aumentou quase 80% e as despesas financeiras 6,5%.

Abengoa Brasil registrou prejuízo de R\$ 162,9 milhões em 2015/16, 15% maior que o de 2014/15. Custos aumentaram e piorou a situação operacional em mais de 58%, que deu prejuízo de R\$ 140 milhões. Despesas financeiras aumentaram 67%, quase R\$ 390 milhões, corroendo fortemente a receita total de R\$ 673 milhões. A dívida chega a R\$ 949 milhões, quase 33% acima do ano anterior.

São Martinho deu lucro de R\$ 39,7 milhões no primeiro trimestre da safra 2016/17, 26% acima do ano passado. A receita aumentou 50%, e o Ebitda também perto disto.

Neste mês tive interessante reunião com um investidor em novos usos para a cana-de-açúcar e seus produtos derivados, compartilho aqui:

- Sacaria de plástico biodegradável para big bags de fertilizantes, Brasil 40.000 ton/ano, EUA 250.000 ton/ano em plástico;
- Sacos de rafia biodegradável para utilização em mercado de sementes, entre outros;
- Tubetes biodegradáveis (indústria de papel e celulose, indústria da cana – mudas);
- Plástico rígido biodegradável (ex: tampinhas de Coca usariam 1,2 mi ton de açúcar ano);
- Inversão do açúcar – utilização de enzima que permite quase 100% de inversão, produto sem os resíduos que a inversão ácida deixa;
- Biocontrole de pragas e biofertilizantes (economia de 30 a 40% no uso destes insumos comparados à forma tradicional);
- 1 tonelada de cana = 65kg de plástico (R\$ 8/kg) e 15 kg de proteínas (R\$ 3/Kg) totalizando receitas de R\$ 565 / ton de cana;
- Custo de produção de 1 Kg de biopolímero e 235 gramas de proteína equivalente a 2,45

x o custo industrial da produção de 1 Kg de açúcar + valor de venda de 2 Kg de açúcar VHP.

O que acontece com nosso açúcar?

Relatório da Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*) da safra 2016/17 até o final da primeira quinzena de julho mostra que a produção de açúcar já alcançou 13,81 milhões de toneladas e está 30% acima da safra anterior, com o tempo seco o rendimento está sendo excelente.

Vendas de açúcar bruto e refinado de janeiro a julho de 2016 chegaram a 15,415 milhões de toneladas, 22% acima de 2015. As receitas cresceram 17%, chegando a quase US\$ 5 bilhões. O preço médio foi de US\$ 323/tonelada.

Perspectivas de preços ao redor de 20 cents/libra peso nos próximos dois anos. Valorização do real deve compensar um pouco as elevações de preços devido aos déficits previstos.

Usinas investem para ampliar a capacidade de produção de açúcar aumentando seu poder de decisão de alocação do caldo.

Alguns grupos também estão segurando a moagem para permitir um mix açucareiro maior.

A Datagro elevou a perspectiva de déficit no mercado de açúcar de 7,1 para 8,9 milhões de toneladas no ciclo 2016/17 (outubro a setembro). Para 2015/16, o déficit será de 7,72 milhões de toneladas, o que dá um déficit acumulado em dois anos de mais de 16,5 milhões de toneladas.

Relatório da FAO/ONU recém divulgado aponta redução dos estoques mundiais de açúcar de 45% hoje para 39% em 2025.

Usinas já fixando a produção de 2017/18, a um preço médio, segundo a Archer, de R\$ 1.509/tonelada com quase 2 milhões de toneladas fixadas. Este movimento deve continuar avançando com este patamar de preços. Nesta safra o preço médio ficou em R\$ 1.267/ton. São Martinho travou 150 mil toneladas a 19 cents/libra peso.

Acaba de sair uma estimativa que a safra do principal estado produtor da Índia, Maharashtra terá quebra de produção de 40% na safra que começa em outubro, devendo forçar a Índia a importar. Deve perder quase 3,5 milhões de toneladas com quase 40 usinas ficando sem cana para moer. Mais uma boa notícia: estão doces as perspectivas do açúcar!!!

O que acontece com nosso etanol?

Em termos de consumo de combustíveis automotivos, o Brasil é o quarto mercado do mundo (em 2015 foi de 2 milhões de barris por dia, algo próximo a 116 bilhões de litros). Mais de 70% são fósseis

e temos uma dependência de 350 mil barris/dia. De acordo com a ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis) teremos déficit de mais de 1 milhão de barris por dia a partir de 2026. A opção será a de importar ou investir para produzir internamente. Para importar, será preciso grande investimento em infraestrutura de recebimento nos portos e de transporte para dentro do país, além da formação de estoques. É lógico que nós somos pela produção interna, e de etanol.

Por ser um imposto que causa inflação, a volta da Cide na gasolina tem este fator pesando contra, a menos que seja aplicada caso os preços do petróleo e da gasolina caiam.

Estamos importando etanol dos EUA para abastecer o Nordeste. Isto causa arrepios em muitos, mas não em mim. Quem quer vender também pode comprar. Isto é comércio, algo que deve sempre ser bilateral.

Algumas estimativas apontam para um preço do barril do petróleo começando a subir novamente, pois a demanda vem surpreendendo, apesar dos estoques de gasolina elevados. Apontam para US\$ 50 a 70 o barril neste final de ano. Mas nada que incentive novos investimentos das petrolíferas. Já o Morgan Stanley projeta números ao redor de US\$ 40, sendo a média para 2016 de US\$ 42 e de 2017 de US\$ 51/barril. Talvez um número médio de US\$ 45 neste ano e US\$ 55 no próximo possam ser o que adotaremos.

O compromisso do Brasil na COP 21 em Paris foi colocado e nos leva a 50 bilhões de litros de etanol. O Governo também trabalha com o número de 54 bilhões de litros, 75% a mais que a atual safra (28 bilhões). A EPE (Empresa de Pesquisa Energética) calculou quanto seria necessário, baseando-se num critério de adição de 27% na gasolina, e a participação do etanol nos veículos de ciclo Otto chegaria a 45% em 2030. O consumo de anidro aumentaria 40,8% (7,6 bilhões de litros de gasolina equivalente em 2014 para 10,7 bilhões de litros em 2030). Já o hidratado cresceria 145%, passando de 9,3 bilhões de litros para 22,8 bilhões. O total seria de 33,5 bilhões de litros em gasolina equivalente. Para isto se necessita de 1,074 bilhão de toneladas de cana (47% a mais que hoje) e destinando mais cana para etanol. Neste momento, cerca de 51 bilhões de litros seriam de etanol de primeira geração e os outros 3 bilhões de segunda geração.

Ainda segundo a EPE, em 2030 seriam demandados 41,8 bilhões de litros de gasolina, sendo que nossa capacidade atual é de 29 bilhões de litros. 12,8 bilhões de litros teriam que ser importados. Precisamos divulgar estes números para que a sociedade se mobilize para um novo ciclo de investimentos.

Desde o início da safra o Brasil exportou quase 450 milhões de litros de etanol, 121% a mais que ano passado, trazendo uma receita de US\$ 207 milhões. Parte importante tem ido à Califórnia. Nos últimos 12 meses os embarques foram de 2,4 bilhões de litros.

Neste mês o açúcar nos dá melhores notícias que o etanol, apesar do imenso potencial deste, como vimos acima.

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses nossa coluna traz uma singela homenagem a alguém que sempre contribui com o agronegócio e com a cana. Neste mês o homenageado é o Roberto Cestari, aguerrido líder setorial com o qual eu tenho o privilégio de debater e discutir há mais de cinco anos, seja em Guariba como em Orindiúva, sempre com uma mesma visão setorial e de inclusão social pelo coletivismo.



Haja Limão

Com 59 votos favoráveis e 21 contrários o Brasil na madrugada de 10 de agosto dá um passo praticamente definitivo para se livrar de Dilma Rousseff e do lulopetismo, um triste período de nossa história, onde uma visão equivocada de mundo aliada a um desrespeito sem precedentes com o patrimônio público, atrasou o país em uma geração, pelo menos. O Brasil já segura, faltando apenas colocar no pescoço sua mais importante medalha de ouro, que trará de volta a confiança, os investimentos, o crescimento com geração e distribuição de renda e a inclusão social sustentável. Resgatará os valores de nossa sociedade, a nossa gana individual de esforço, trabalho e mérito que formará uma contagiante onda coletiva visando deixar um país muito melhor para nossos filhos. Acordo com uma sensação incrível de leveza, consciente do infinito trabalho de reconstrução pela frente, mas agora com imensa, imensa vontade de trabalhar.



Dolar	3,1464	3,1556
Euro	3,7064	3,7085
Ibovespa	67,671	67,659
CDI	9,14%	9,06%
	9,15%	9,08%

QUE BELEZA DE PREÇOS... EU ESTAVA CERTO!

Publicado na Revista Canavieiros em Setembro de 2016

O que acontece com nosso agro?

Em agosto, as exportações do agro aumentaram 4%, chegando a US\$ 7,63 bilhões. Assustou o crescimento das importações, da ordem de 28,4%, quase US\$ 1,24 bilhão. O superávit fica praticamente o mesmo de agosto de 2015, em US\$ 6,4 bilhões. Perdemos um pouco na soja (quase 20%) e nas carnes (4%). Vale um destaque maior nas exportações dos produtos da cana em 2016. Somente em agosto entraram US\$ 1,22 bilhão, 91% a mais. O volume exportado cresceu 57,4% e o preço médio em 21,5%. Só o açúcar trouxe quase 107% a mais, US\$ 1,13 bilhão em um mês! A cana está quase 30% acima de 2015.

Milho também ajudou, exportando US\$ 432 milhões, 11% acima de 2015.

Nossas exportações de 2016 até o final de agosto renderam US\$ 60,4 bilhões, valor 1,2% acima de 2015. Importações acumuladas estão 7,6% menores, totalizando US\$ 8,4 bilhões.

Saiu a última estimativa da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) para a safra 2015/16, e as notícias não são boas. Nova queda em relação à estimativa anterior, em 1%. Em grãos perdemos 10,3% da produção, devido aos problemas climáticos, com excesso de chuvas no Sul e escassez no Centro-Oeste, Nordeste e até mesmo no Sudeste. Atingimos 186,4 milhões de toneladas. O maior tombo foi no milho, para tristeza do setor de produção animal, que usa este produto na ração. Colheu-se 67 milhões de toneladas, 21% a menos que ano passado.

O balanço de cereais 2016/17 da FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação) em setembro mostra produção mundial de 2,56 bilhões de toneladas (0,9% acima da estimativa anterior e 1,6% acima do produzido em 2015/16), puxado principalmente pelo milho americano. O consumo mundial continua estimado em 2,555 bilhões de toneladas, praticamente igual à produção. O importante é notar que este consumo é de 1,6% acima do ano passado, o que equivale a 40 milhões de toneladas a mais. Que curioso: toda a safra brasileira de milho dá para apenas dois anos do aumento do consumo mundial de grãos.

O índice de preços da FAO/ONU publicado em setembro mostra quase 2% a mais do que os preços médios de agosto de 2016 e 7% a mais que setembro de 2015. O aumento foi puxado

pelo açúcar, lácteos e óleos, pois os cereais caíram. Melhoram então os preços aos produtores mundiais.

Mega safra de soja pela frente, provavelmente um recorde, ajudou a derrubar os preços em 6,6% em agosto, para R\$ 81,69/sc (Paranaguá). Já no caso do milho os preços caíram 11,4%, para R\$ 45,43/sc (Cepea/Esalq – Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”).

Que alegria ver o amplo programa de privatizações que o novo Governo lançou. Isto deve fortalecer nossa economia, trazer recursos de fora e melhorar nossa competitividade na questão da infraestrutura logística. Pena que perdemos tanto tempo com uma mentalidade ultrapassada nesta área.

O que acontece com nossa cana?

Relatório da Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*) mostra que na primeira quinzena de agosto menor moagem de cana (44,8 milhões, 6% a menos), mas com produção de quase 3 milhões de toneladas de açúcar, praticamente 3% acima do produzido na mesma quinzena de 2015. Quase 49% do caldo foi para açúcar ante quase 45% no ano passado. A média foi de 142 kg/ton e a produtividade está cerca de 10% menor, em toneladas por hectare.

Desde o início da safra até 15 de agosto a moagem de cana está 10,1% acima. A produção de açúcar cresceu quase 22%.

No acumulado da safra estamos com 55,13% para etanol e 44,87% para açúcar.

No hidratado produzimos 1,146 bilhão de litros, 12,5% a menos que na quinzena de 2015. O anidro aumentou 2,5% atingindo 915 milhões de litros. Quando se considera todo o andamento desta safra, produzimos 7,63 bilhões de litros de hidratado (1,27% menor que 2015) e o anidro está 22% acima (5,19 bilhões de litros).

Em julho vendeu-se 16,7% a menos de hidratado (1,334 b.l.) e, nesta safra, perdemos 14,2% até agora, quando comparado com o consumo em 2015. O anidro cresceu 8,6%, para 3,373 bilhões de litros.

De acordo com a Conab, quando se considera todo o país, na safra 2016/17 produziremos 684,77 milhões de toneladas de cana, 2,9% acima da safra 2015/16 (655,59 m.t.). Esta estimativa é 1% menor que a anterior, divulgada em abril. Esta cana gerará 39,96 milhões de toneladas de açúcar, 19,3% acima do ano anterior e 27,8 bilhões de litros de etanol, 8,5% a menos. O anidro cresce 1,3%, para 11,49 bilhões de litros e cai o hidratado em 14,8%, para 16,38 bilhões. Esta cana é produzida em 8,97 milhões de hectares (3,7% acima que em 2015/16).

No primeiro semestre de 2016 foram vendidos pelas usinas 7,5 mil gigawatt-hora (GWh) de

biomassa, 10% a mais que ano passado. A biomassa de cana representa entre 85 a 90% do total de energia elétrica vinda de biomassa.

A Archer estima que o endividamento do setor diminuiu nesta safra 2016/17 em 8,6%, de R\$ 92,88 bilhões para R\$ 84,85 bilhões. Efeitos de melhores resultados e da valorização do real, uma vez que quase 35% da dívida seria em dólar.

O que acontece com nosso açúcar?

Nova estimativa da OIA (Organização Internacional do Açúcar) mostra que a safra 2016/07 (inicia em 1º de outubro) terá produção crescendo em 1% (168 milhões de toneladas) e o consumo avançará 2% (175 milhões de toneladas) o que trará um déficit de pouco mais de 7 milhões de toneladas, acima do verificado em 2015/16, que foi de 5,74 milhões de toneladas. A relação de estoques de açúcar pelo uso deve recuar 5 pontos, para 43%. A FCStone estima produção de 176 m.t. e consumo de 186 m.t.

As projeções de déficit da Datagro (8,89 milhões de toneladas) e da FCStone (9,7 m.t.) são maiores, ambas para a safra 2016/17. De acordo com a Datagro, somente nestas duas safras teremos um tombo de 16 milhões de toneladas. A falta de incentivos de preços e o clima desfavorável com estiagem nos principais países produtores mantêm a produção nos patamares do início da década.

Pela FCStone produziremos na atual safra 34,3 milhões de toneladas de açúcar, 1 m.t. abaixo da última projeção, devido às chuvas acima da média em maio e julho, geadas e estiagem de julho a agosto. Acreditam em 609,5 milhões de toneladas de cana. O mix deve ser de 44,1% para açúcar, contra 40,6% ano passado.

Preços médios do açúcar em agosto foram de R\$ 85,88/sc, 65% a mais que agosto do ano passado (Cepea). O preço médio da safra é de R\$ 83,42 saca (50 kg), 51,2% acima do mesmo período de 2015.

Até julho já foram fixados 4,28 milhões de toneladas de açúcar a serem produzidos em 2017/18, cerca de 16% do que será exportado (Archer). É recorde. O preço médio foi de 16,15 centavos de dólar por libra-peso, o que dá R\$ 1.499,89 por tonelada com o câmbio travado.

O que acontece com nosso etanol?

Em termos de mercado, já perdemos 15% de hidratado nesta safra (5,217 bilhões contra 6 bilhões em 2015). Foram quase 800 milhões de litros a menos nas vendas do varejo segundo a ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis).

Devemos ter uma quebra de 15 a 20 milhões de toneladas, que será basicamente refletida no hidratado. Isto já se traduziu em preços nesta época do ano 30% maiores que ano passado.

A volta da tributação de PIS e Cofins prevista para 2017 no etanol deve aumentar os preços em 12 centavos por litro.

Julho de 2016: o consumo de combustíveis (etanol hidratado carburante e gasolina C) foi de 4,36 bilhões de litros (em gasolina equivalente), de acordo com a ANP. É 2,25% acima de junho deste ano, mas 3,25% abaixo de julho de 2015. Usou-se 1,31 bilhão de litros de etanol, 4,25% acima de junho. A participação do etanol foi de 41,04% nos carros. Até o final de julho as vendas de gasolina no Brasil aumentaram 2% e as vendas de etanol caíram 14,2% nos sete primeiros meses do ano.

O consumo de diesel no Brasil vem caindo 5% neste ano, reflexo da diminuição da atividade econômica.

Crescem nos EUA as vendas de carros elétricos, principalmente devido ao desenvolvimento das baterias. O preço médio é de US\$ 30 mil por carro e roda cerca de 160 km. Há expectativa que passe a rodar 320 km. Até 2025 muitas montadoras prometem transformar todos os carros em híbridos plug-in. Isto caminha concomitantemente com o aumento das estações de recarga. Aí vem um ponto interessante, pois as estações de recarga não serão nos postos de combustível tradicionais, e sim em shoppings, restaurantes, supermercados e locais de trabalho.

A meta na União Europeia para 2030 é que automóveis podem emitir apenas 40 gramas de CO² por km. O etanol vai ajudar nisto!

Cepea: os preços reais do etanol hidratado desde o início da safra estão 5,7% acima de 2015, com média de R\$ 1,46/l. Os do anidro em R\$ 1,635, 6,6% acima. Já o hidratado teve preços médios de R\$ 1,59/l em agosto. E segue subindo, mesmo com a safra em pleno andamento.

Há que se observar que os preços da gasolina na refinaria no Brasil voltaram a ficar razoavelmente mais baratos que no exterior. Datagro estima em 31,43%.

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses nossa coluna traz uma singela homenagem a alguém que sempre contribui com o agronegócio e com a cana. Neste mês o homenageado é o Celso Albano de Carvalho, executivo que trouxemos para dirigir a nova Orplana e que tem feito excelente trabalho, com habilidade política e executividade.



Haja Limão

Tirando a má notícia da roubalheira na prefeitura de Ribeirão Preto, um desastre numa cidade tão progressista governada em parte por gente tão sem caráter, no geral estou muito otimista. Que beleza se considerarmos como estamos agora e há um ano. Terminamos com sucesso o impeachment, cassou-se o ex-presidente da Câmara, nova presidência no Supremo Tribunal Federal, e começa a tomar conta do Brasil um sentimento de que temos que fazer as reformas e trabalhar para consertar este desastre deste período lulopetista. E a justiça chega cada vez mais perto de quem sonhava em voltar à presidência, mas jamais imaginou que iria terminar sua carreira em Curitiba. Que mudança em tão pouco tempo, temos que ficar mais animados!



FUNDAMENTOS FICAM CADA VEZ MELHORES

Publicado na Revista Canavieiros em Outubro de 2016

O que acontece com nosso agro?

As exportações do agronegócio de janeiro a setembro chegam a US\$ 67,36 bilhões, 0,6% a mais que o mesmo período do ano passado. Importações caíram 3,4%, para US\$ 9,79 bilhões, com isto o agro deixa um saldo de US\$ 57,57 bilhões. Complexo soja já trouxe US\$ 23,52 bilhões, em açúcar de janeiro a setembro exportamos 21,570 milhões de toneladas (32,7% a mais) e com isto entraram US\$ 7,371 bilhões (37,5% a mais que em 2015). Em etanol o volume cresceu 44,2% (para 1,294 milhões de litros) e a receita em 40,3% (para US\$ 787 milhões). É renda entrando no Brasil!

Se o clima não atrapalhar nossa safra 2016/17 pela Conab (Companhia Nacional de Abastecimento), ficará entre 210,5 milhões e 214,8 milhões de toneladas de grãos. Pode ser até 15% maior que a anterior. Soja deve ficar entre 102 e 104 milhões de toneladas, quase 9% a mais, beneficiada por um aumento de 2,7% na área (total de 34,1 milhões de hectares) e 6% na produtividade. O milho deve produzir entre 26,3 milhões e 27,7 milhões de toneladas (7,3% a mais) e na safrinha serão plantados 10,53 milhões de hectares e colhidos 56,1 milhões de toneladas (37,3% mais). Somando-se as duas safras teremos algo perto de 83 milhões de toneladas, 25% a mais, o que deve dar um frescor para produtores de aves e suínos, que sofreram muito em 2016.

A Conab acredita também em salto nas exportações. Soja exportará 57 milhões de toneladas (5,4% a mais) e milho 24 milhões de toneladas (20% a mais) na safra 2016/17.

A área total ficará entre 58,5 e 59,7 milhões de hectares, podendo ser até 2,3% maior que a 2015/2016, que teve 58,3 milhões de hectares. Lembremos do desafio colocado pela UNCTAD/FAO/ONU (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento) em seu relatório deste ano, que precisamos crescer até 2026 simplesmente 11 milhões de hectares só de soja para atender o apetite mundial!

O Índice de Preços dos Alimentos da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) subiu 2,9% em setembro (170,9 pontos). É o maior índice desde março de 2015. Ajudaram os preços de açúcar, lácteos, carne e óleos. Cereais caíram 2,7%. Vale dizer que o índice está 10% acima de setembro de 2015. Ou seja, preços melhores em dólar para os produtores no mundo.

Em 2016, a produção de cereais deve ser recorde no mundo, crescendo 1,5% (38 milhões de toneladas) sobre o ciclo anterior chegando a 2,569 bilhões de toneladas. O consumo também deve crescer 1,6%, puxado pelo crescimento de rações, e deve atingir 2,560 bilhões de toneladas. Abre-se um mercado de mais 40 milhões de toneladas de grãos.

A nave do agro tem boas perspectivas de consumo (demanda) e de preços para o período à frente, o clima ajudando, muita renda deve ser gerada.

O que acontece com nossa cana?

Relatório do BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, mostra que o setor voltou a buscar recursos, quem sabe uma virada à vista. Preveem em 2016, R\$ 1,5 bilhão tomados pelo setor, menos que em 2015, mas com recente aceleração. Praticamente 60% dos empréstimos serão para a indústria e principalmente para o açúcar. Porém, a nova diretriz do banco é reduzir a porcentagem no total dos investimentos, exigindo maior participação privada.

A Tailândia aprova a instalação de 25 novas unidades, chegando a 79 usinas até 2022. É o concorrente que mais vai atrapalhar o Brasil. Devem aumentar de 100 para 180 milhões de toneladas (aumentando de 11 para 20,4 milhões de toneladas de açúcar produzidas ao ano). Também devem aumentar o etanol de 2,5 para 5,4 bilhões de litros. Segundo a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), o Brasil deve abrir um painel contra a Tailândia na OMC - Organização Mundial do Comércio, devido à política de subsídios que afeta exportações. Na minha leitura já deveríamos ter aberto.

Andamento da safra em setembro: pela União da Indústria de Cana-de-Açúcar, na primeira quinzena de setembro processou-se 37,67 milhões de toneladas de cana, 26,8% mais que em 2015. De açúcar foram produzidos 2,4 milhões de toneladas (44% a mais), 18% a mais de anidro (705,3 milhões de litros) e 6,3% a mais de hidratado (893,8 milhões de litros).

Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*) estima a produção em 605 milhões de toneladas no ciclo 2016/17. Desde o início da safra processamos 431,32 milhões de toneladas e produzimos 24,82 milhões de toneladas de açúcar e 18,06 bilhões de litros de etanol (7,44 bilhões de litros de etanol anidro e 10,61 bilhões de litros de etanol hidratado).

Como vai faltar cana e conseqüentemente sobrar capacidade de moagem, teremos perda operacional (maior ociosidade neste ano) e isto gera deseconomias de escala e custo unitário médio maior. Por outro lado, usinas estão reduzindo a moagem e colocando mais caldo para fazer açúcar, o que vem transformando fortemente o perfil da safra, crescendo o mix para açúcar.

O interessante é que mesmo com preços muito mais remuneradores, a conversa inicial é que a safra 2017/18 não deve crescer muito em relação aos 605 milhões desta... E teremos consumo crescente...

O que acontece com nosso açúcar?

Em 2016/17, a Índia deve produzir menos do que vai consumir (primeira vez em mais de 6 anos). Deve importar a partir de 1/10, devido à diminuição dos estoques. A estimativa da indústria é produzir 23,37 milhões de toneladas de açúcar em 2016/17 (7% a menos). Devem importar 2 milhões de toneladas, com impacto positivo no mercado mundial.

O mundo terá que aumentar a produção de açúcar, pois vêm períodos de déficits. A melhor safra mundial (lembra que começa em 1 de outubro de cada ano) foi em 12/13, com 182,2 milhões de toneladas. Segundo a Platts, existe capacidade hoje para produzir 190,8 milhões de toneladas de açúcar por safra, caso o clima seja perfeito e os tratos culturais também (no mundo todo). Neste caso seria possível atender ao consumo, mas sabemos que isto é muito difícil de acontecer. A Platts acredita na Tailândia como o maior ganhador do crescimento do mercado. A limitação da Índia seria mais no agrícola, mas acreditam que com melhorias nas lavouras pode crescer até 9 milhões de toneladas, atingindo em 20/21 quase 34 milhões de toneladas. Acredita que o déficit em 2016/17 será de 6,45 milhões de toneladas, contra 5,21 milhões de toneladas desta.

Acredita-se que a China tem cerca de 7 milhões de toneladas estocadas (cerca de 40% do consumo anual) e pode vender ao redor de 2 milhões de toneladas nesta safra 2016/17, sendo este um fator baixista.

Seguem estimativas de déficit global também na safra 16/17, ao redor de 7 milhões de toneladas. A FC Stone projeta déficit de 9,7 milhões de toneladas.

A União Europeia na safra 16/17 deve produzir ao redor de 17,3 milhões de toneladas, crescendo 16% sobre a produção de 15/16.

Segundo o Governo da Tailândia, a produção de cana de açúcar de 2016/17 cairá 3,2% devido à seca. Deve colher 91 milhões de toneladas, contra 94,05 milhões de toneladas em 2015/16. Com isto a produção de açúcar cairá de 9,7 para 9,3 milhões de toneladas, contribuindo para o aumento do déficit global.

Este cenário fez o preço passar de 23 centavos de dólar a libra-peso em Nova York e chegar quase a R\$ 100 a saca de 50 kg de açúcar cristal no Brasil. Só perde do preço em agosto de 2011, quando atingiu R\$ 96,54 a valores de hoje. Em setembro o açúcar subiu mais de 10%.

A exportação em setembro foi gigante, com 2,7 milhões de toneladas, 90% acima de setembro de 2015 e de 21% acima de agosto de 2016. Segundo maior da história, abaixo apenas das 3,17 milhões de toneladas de outubro/12. Podemos bater neste ano 27 milhões de toneladas exportadas. Estamos até o final de setembro, 39% acima do mesmo período de 2015.

Como fator de preocupação no mercado, temos a recente avaliação da Organização Mundial da Saúde (OMS), que sugere novos impostos que possam reduzir de fato o consumo de produtos

que contém muito açúcar. Isto poderia elevar os preços destes produtos em mais de 20% e reduzir o consumo, segundo eles, melhorando a nutrição e reduzindo a obesidade. Segundo a OMS, em 2014 cerca de 39% dos adultos estariam obesos, e esta taxa mais do que dobra desde 1980. México e Hungria já iniciaram impostos nesses produtos, enquanto Filipinas, África do Sul e Reino Unido têm projetos.

Outra ameaça mais premente vem da China, devido a um problema ligado a um questionário do país para investigações das importações de açúcar. O Brasil exporta 50% do total comprado pelos chineses, passando de 2,5 milhões de toneladas/ano. Torcer para isto não dar problema.

Surgiu a RAW, joint venture entre Raízen (por sua vez outra joint-venture da Cosan e Shell) e a Wilmar. Devem exportar ao redor de 4,5 milhões de toneladas, sendo 3 milhões vindos da produção da Raízen. A Alvean (joint venture da Cargill e Copersucar), comercializa mundialmente cerca de 11,5 milhões de toneladas, originando 5 milhões do Brasil. Mundo de gigantes.

Trago aqui comentário do Arnaldo Correa, estimando que usinas com boa capacidade de gestão produzem açúcar a 13,25 centavos de dólar por libra-peso na usina, e sem custo financeiro. Isto daria em torno de R\$ 1.000-1.050 por tonelada de custo (FOB Santos). No início de outubro, o preço de fechamento bateu R\$ 1.700 por tonelada. É um bom preço de fechamento, ainda mais se pensarmos na possibilidade de valorização do real, que compensaria uma subida de preços do açúcar. Ou seja, podemos planejar bem 2016/17 e 2017/18 com parte sendo fixada.

Nesta safra aconteceu algo muito interessante. Usinas altamente endividadas que não conseguiram fazer hedge no início da safra e acabaram tendo muito produto livre para vender agora a preços incrivelmente remuneradores, que deve ajudar na difícil luta contra a doença financeira.

Como reflexão final, vale outra vez a minha frase aqui... “preço muito bom, não é bom”. Torço para que o preço do açúcar não suba mais, pois o boleto aparece mais adiante, com estímulo a investir, superávits de produção no mundo e preços baixos.

O que acontece com nosso etanol?

ANP: o consumo de combustíveis em agosto/2016 em gasolina equivalente foi de 4,48 bilhões de litros. De setembro de 2015 até agosto de 2016 foram consumidos 53,18 bilhões de litros (1,72% menor que igual período no ano anterior). O consumo deve encerrar 2016 caindo apenas 1%, o que é um bom número frente à crise que vivemos.

A Índia está fortalecendo a produção de etanol, visando reduzir a dependência do petróleo (importa 80% do seu consumo de gasolina e diesel). A mistura de etanol na gasolina é de 4% em média, devendo ir a 10%, meta estabelecida em dezembro do ano passado. Em 2015 a Índia já produziu 3 bilhões de litros.

Segundo o Cepea, o preço médio da parcial desta safra 2016/17 (de abril/16 a setembro/16) do etanol hidratado está 10,1% superior ao da safra passada. O anidro está 10,5% acima. Na última semana de setembro o preço foi de R\$ 1,73 para o hidratado e R\$ 1,92 para o anidro.

Distribuidores compraram muito etanol em setembro, com medo do aumento dos preços. O volume no mercado spot nas usinas paulistas cresceu quase 50% no hidratado e 170% no anidro. Estes preços começam a ser repassados nos postos.

Menor produção de etanol neste ano (até o momento 6,7% menor) vai forçar importação de gasolina. Pela FG/A custa R\$ 0,2760 o litro para importar, somado ao preço na bolsa de Nova York de R\$ 1,219 o litro, chega-se a um valor de R\$ 1,495 o litro, enquanto que a Petrobrás vendia a gasolina A por R\$ 1,503 o litro.

Segundo Pedro Parente, presidente da Petrobrás, a empresa passa a ter mais autonomia para fixar os preços. Neste momento os preços de gasolina e diesel estão acima dos internacionais (27% e 23%, respectivamente), para melhorar a situação financeira da empresa. Além disso, deixará as áreas de fertilizantes, biocombustível, petroquímica e distribuição de GLP. No seu plano de negócios, estimam preço do petróleo a R\$ 157 por barril para 2016 (Brent a US\$ 45 e câmbio a R\$ 3,48), e em R\$ 268 para 2021 (Brent a US\$ 71 e câmbio a R\$ 3,78).

A Nissan traz a novidade do etanol sendo usado para o carro movido à hidrogênio, pois o etanol pode gerá-lo através de um catalisador. De acordo com o prof. Plínio Nastari, a atual tecnologia é ineficiente ao converter o poder calorífico. Nos motores a combustão interna do ciclo Otto, a eficiência termodinâmica é 25%, nos do ciclo Diesel de 29%, sendo que o resto se perde em calor e os motores precisam ser pesados para resistir e ter sistemas de refrigeração. O veículo elétrico seria bem mais eficiente, mas este tem problemas se a geração for feita por combustível fóssil, bem como o custo e durabilidade das baterias.

O novo carro é abastecido com etanol, que é transformado em hidrogênio. A reação do hidrogênio e do oxigênio gera eletricidade e água. Segundo o Prof. Plínio, a eficiência termodinâmica é mais do que o dobro do motor atual, permitindo grande queda de consumo.

De acordo com a Agência Internacional de Energia, a demanda global de petróleo cresce 1,2% ao ano e será de 100 milhões de barris diários em 2020.

Fato interessante é que o petróleo chegou recentemente a 52 dólares, quase perto do preço que equilibra o nosso preço (Petrobras) com o internacional (US\$ 58 de acordo com a Tendências Consultoria). Neste preço o diesel está 24% mais caro e a gasolina 16%. Analistas acreditam que a Petrobras precisa de pelo menos dois anos com este diferencial positivo de preços para se recuperar do dano causado pelo subsídio de anos anteriores, que espalhou destruição tanto na empresa como na cadeia da cana.

Desde julho venho dizendo um cenário preocupante. Temos menos cana, e desta, mais participação de açúcar no destino do produto. O consumo de combustível deve cair apenas 1%, e a importação de gasolina tem pouca possibilidade de crescimento. Arrisco que o etanol subirá bastante nos próximos meses.

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses nossa coluna traz uma singela homenagem a alguém que sempre contribui com o agronegócio e com a cana. Neste mês o homenageado é o Marcos Landell, um craque da cana que dispensa comentários. Por falar em homenagem, participo ao leitor da Caipirinha minha alegria ao completar neste outubro 25 anos (Jubileu de Prata) de formado Engenheiro Agrônomo na Esalq, e participar da mesma cerimônia onde meu pai completa 50 anos de formado (Jubileu de Ouro). Haja emoção. Termina esta coluna justamente do dia do Engenheiro Agrônomo (12 de outubro) e ficam meus parabéns a todos!



Haja Limão

Que coisa boa o Brasil andando para frente. Neste momento foi aprovada a PEC que controla os gastos deste glutão que é o Estado brasileiro, e outras importantes vêm por aí. Novos tempos, o Brasil de volta no trilho. A acidez vai diminuindo, mas ainda é interessante ver os partidos da esquerda, que foram humilhantemente derrotados nas urnas neste outubro, sempre indo contra o que o Brasil precisa. E a conversa de... “golpistas” foi sepultada pelas urnas.



APAGÃO DE CANA

Publicado na Revista Canavieiros em Novembro de 2016

O que acontece com nosso agro?

A estimativa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) é que a safra brasileira de 2016/17 será de 210,9 a 215,1 milhões de toneladas, até 15% maior que a safra deste ano, sendo a maior da história.

A área plantada deve ficar entre 58,5 a 59,7 milhões de hectares, quase 2,3% acima do ciclo passado.

Como os preços em reais serão bons, teremos incrível renda vinda do campo. Talvez seja um dos melhores anos da agricultura brasileira.

Índice de preços da FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura) subiu outra vez. Estamos com preços 0,7% melhores que em setembro e 9,1% melhores que outubro de 2015. Somente o açúcar está 60% acima do mesmo período do ano passado. Óleos vegetais estão 17,7% acima, lácteos com 17,5% e carnes com 3,4%.

Pesquisa de custos de produção da CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária) na safra 2015/16 trouxe a confirmação de grandes perdas, margens ficaram menores em diversas regiões e negativas em muitos casos. Quem não sofreu com o clima chegou a ganhar R\$ 1.092,6 por hectare na soja (Uberaba) e quem sofreu perdeu R\$ 418/hectare (Sorriso, MT). Já para o milho o quadro foi bem pior.

O que acontece com nossa cana?

Segundo a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), na segunda quinzena de outubro, o mix de cana destinada ao açúcar ficou em 49,6%, ante 42,5% na mesma quinzena de 2015. A moagem de cana na região caiu 11,9% (total moído de 31,9 milhões de toneladas). O etanol foi o mais prejudicado, com quase 28% a menos de produção (740 milhões de litros).

Desde o início da safra até metade de outubro processamos 505,5 milhões de toneladas, estando cerca de 6% acima do mesmo período do ano passado. Estamos com 46,5% da cana dedicados para o açúcar.

Produzimos 30 milhões de toneladas de açúcar (18,6% a mais) e 19,87 bilhões de litros de etanol (8,26 bilhões de litros de etanol anidro e 12,34 bilhões de litros de etanol hidratado).

Produtividade medida pelo CTC (Centro de Tecnologia Canavieira) em outubro foi 13% menor que no mesmo mês de 2015.

Segundo a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*) 13 usinas já pararam até 15 de outubro.

Teremos quebra de safra em 2017/18 e muito pouca cana bisada. Nesta safra foram cerca de 35 a 40 milhões de cana bisada, e a leitura para 2017/18 é de cerca de 10 milhões.

A renovação também foi menor, seja pela falta de estímulos financeiros, pelo clima seco em alguns momentos e por geadas.

Santander estima que o preço do açúcar deve ser em média de 19,50 cents de dólar a libra-peço nesta safra e 18 centavos na safra 2017/18.

Temos um período que trará de volta a rentabilidade ao setor e a redução do endividamento.

Como eu sempre disse que os hiatos tendem a aumentar, o Banco ItauBBA mostra que nesta safra as disparidades existentes entre as cinco melhores e das cinco piores empresas aumentaram. No ano passado estas foram 11,4 vezes piores, e nesta, 16,4 vezes, parte explicada pelo endividamento. O lucro antes de juros e impostos (Ebit) das cinco melhores foi de R\$ 49,7 por tonelada de cana e as cinco piores perderam R\$ 4,8 por tonelada processada. Estes resultados em 2015/16 foram de R\$ 39,7 e -R\$ 9,1/toneladas. Para que o setor mantenha sua produtividade devem ser investidos R\$ 11 bilhões por safra e na última safra foi de apenas R\$ 8,4 bilhões, ou seja, estamos deteriorando.

Datagro prevê safra 2017/18 em 580 a 610 milhões de toneladas, gerando 36,1 milhões de toneladas de açúcar, 49,1% da cana para alimentar a oferta do produto. Esta safra deve acabar com cerca de 597 milhões de toneladas de cana. Preveem 25,26 bilhões de litros de etanol (mais otimista) chegando a apenas 23,07 bilhões de litros (mais pessimista), contra 25,8 bilhões de litros para esta safra. O Brasil deve importar 1 bilhão de litros de etanol. Banco Pine estima em 590 milhões de toneladas.

As previsões, portanto, mostram que dificilmente chegaremos a 600 milhões de toneladas em 2017/18.

Em seu plano corporativo (Plano de Negócios 2017-2021) a Petrobras prevê a saída da área de biocombustíveis até o fim deste ano (Guarani, Bambuí Bioenergia e Nova Fronteira). O maior investimento são os 46% na Guarani (Severínia, São José, Cruz Alta, Andrade, Vertente, Mandu e Tanabi).

Segundo o Rabobank, o cenário para novos investimentos no setor é complicado devido aos seguintes fatores: os bancos estrangeiros estão sem apetite de risco, os bancos nacionais diminuem também seu apetite tornando o crédito mais escasso, além dos ajustes no BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social). Devem acontecer mais fusões e aquisições. Mas o fato do Brasil e do setor estarem baratos, melhoram as perspectivas do investimento. O endividamento é muito alto: pela análise do Rabobank com amostra de 50% da moagem, a dívida é de R\$ 135 a tonelada de cana processada em 2015/2016 (contra R\$ 149,7 em 2014/2015).

Raízen: de 2011 a 2014 a receita líquida das operações de distribuição de combustíveis e produção de açúcar e álcool saltou de R\$ 40 bilhões em 2011 para R\$ 74 bilhões em 2014, gerando um Ebitda crescendo de R\$ 3,4 bilhões para 6 bilhões. Pelo Sindicon, o crescimento da Raízen combustíveis foi de 20,3 para 25 bilhões de litros em cinco anos. Seus postos aumentaram de 4.527 para 5.682 (share de 18% para 25%). Já a moagem de cana saltou de 53 milhões para 63 milhões de toneladas de 2011/12 para 2015/16).

Olam pretende investir mais no Brasil. Origina ao redor de 300 a 400 mil toneladas de açúcar por ano, boa notícia.

Segundo o Banco Pine, a idade média do canavial foi de 3,4 anos em 2011/12 para 3,6 anos em 2016/17. Acreditam em 2017/18 produção de açúcar de 35,7 milhões de toneladas, contra 35,2 milhões de toneladas nesta. Em etanol hidratado projetam 13,5 bilhões de litros, e 14,6 bilhões de litros nesta.

Interessante observar como as ações das empresas do setor subiram com a valorização do açúcar. De 1º de outubro de 2015 até setembro de 2016 (levantamento do Valor) ações da Cosan valorizaram 93%, Biosev 71%, São Martinho 52% e Tereos em 218% até 26/09 quando fechou o capital. O Ibovespa neste período subiu 29%. Segundo o Valor, a argentina Adecoagro, que possui três usinas no Brasil, valorizou 43% na bolsa de Nova York durante a safra global 2015/16 e a ShreeRenukaSugars 113% em Mumbai.

Copersucar deve moer 5% a menos. De 93 para 89 milhões de toneladas, fabricando 4,4 milhões de toneladas de açúcar e 4,5 bilhões de litros de etanol.

Vale ressaltar aqui a boa notícia da redução do preço do diesel, o que deve baratear custos de produção do setor.

O que acontece com nosso açúcar?

Cepea – açúcar passa de R\$ 100 (saca de 50kg), 31% mais caro que o início da safra e 35% mais caro que 2015/16.

Ja o preço de exportação segundo a Archer está em R\$ 1.610/tonelada posta Santos, o que tem feito o mercado interno mais lucrativo que a exportação em mais de 10%. Isto deve permanecer devido ao encerramento mais precoce da safra. O Brasil já fixou para a safra 2017/18 cerca de 30,6% do total que será exportado, sendo o maior ritmo de fixação já visto, a um preço médio de 17,21 cents/libra-peso ou R\$ 1.545/tonelada.

Segue a ameaça chinesa de salvaguardas à importação de açúcar brasileiro. Alegam que a fatia das importações no consumo aumentou de 21,23% para 32,09% entre 2011 e 2015. O consumo é estimado em 17,5 milhões de toneladas por ano.

Segundo o Indian Sugar Mills Association, a produção do país deve cair 7% na safra que começou em 1/10, devendo ficar entre 23 a 24 milhões de toneladas.

O que acontece com nosso etanol?

O aumento do preço do anidro vai impedir redução de preços da gasolina, o problema é o setor levar a culpa.

Anfavea (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores)— vendas de carros no Brasil caíram entre 40 a 45% nos últimos 4 anos. O mercado de 2016 é um pouco maior da metade de 2011. A indústria automobilística opera com 50% de capacidade ociosa, prejudicando muito os resultados destas empresas. Fruto da crise passada pelo Brasil.

88% dos carros novos vendidos são flex.

Palestra da Nissan no evento da Datagro: foco da empresa é em zero emissões e zero fatalidades no futuro, muito interessante.

Segundo a ANP (Agência Nacional do Petróleo), somente automóveis do ciclo Otto teremos um deficit de 410 mil barris por dia.

Prof. Adriano Pires defende a volta da Cide (Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico) na gasolina. Segundo ele, a origem da Cide é de 1997, mas como Cide mesmo aparece em 2002. Poderia funcionar como um imposto ambiental para ajudar nas metas ambientais e fortalecimento do etanol.

Segundo a empresa petroleira norueguesa Statoil, o petróleo deve subir, mas sem grandes sobressaltos, devido aos elevados estoques. A demanda cresce ao redor de 1 milhão de barris por dia a cada ano. Mas esta demanda deve começar a cair e chegar a 15% a menos no ano de 2040, para atingir as metas climáticas.

BR Distribuidora: prevê aumento de 1,3% ao ano do mercado de combustíveis brasileiro até

2021. Estima aumentos nas vendas do etanol, de 6,2% ao ano, e do querosene de aviação (QAV), de 3,4% ao ano, no mesmo período. Para a gasolina C, vendida nos postos, porém, a companhia prevê queda de 2,1% ao ano, na mesma comparação. Hoje o carro é muito mais disponível à população brasileira e as vendas devem desacelerar em relação ao período de farto crédito. Fora isto, temos motores mais eficientes. Resta saber onde está este etanol.

É fato que teremos dificuldades na oferta de etanol.

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses nossa coluna faz uma singela homenagem a alguém que sempre contribui com o agronegócio e com a cana. Neste mês o homenageado é o Renato Cunha, do Sindaúcar. Grande batalhador da cana no Nordeste do Brasil.



Haja Limão

A mensagem dos eleitores no mundo recentemente é a mesma que falo faz dez anos. “Quem paga o condomínio está cansado de quem não paga o condomínio, cansado de quem administra o condomínio e cansado de quem rouba o condomínio”.

No triângulo da sustentabilidade, que envolve os vértices do lucro, do planeta e das pessoas, a cana tem grande contribuição a dar. No lucro, é uma cadeia que gera muito valor para todos os seus elos, desde vendedores de insumos até a distribuição final de seus produtos, o açúcar nos traz anualmente US\$ 10 bilhões em exportações e pode trazer entre US\$ 17 a 20 bilhões em 2030, o etanol impede importações de gasolina e de petróleo e pode gerar exportações, a eletricidade reduz a necessidade de acionar térmicas e estes mercados todos crescerão. No vértice do planeta, o etanol é um combustível que gera ao redor de 15% das emissões da gasolina, temos o bioquerosene e biodiesel com chances de crescer no mercado, toda a biomassa gerada e a economia de emissões de carbono, entre outros. Finalmente, no vértice das pessoas, é incrível a inclusão que a cana traz, gerando empregos, impostos que são gastos em áreas sociais, desenvolvimento e oportunidades onde uma usina se instala. Nossos estudos comprovaram isto em diversas cidades. De tal forma, é uma grande oportunidade para retomar o crescimento do Brasil um novo Proálcool, que poderia ser chamado de Pro-Sustentável. O Brasil precisa e o ano de 2017 é chave para este lançamento de um plano estruturante.



MAIS UM PLANO AO SETOR: RENOVABIO

Publicado na Revista Canavieiros em Dezembro de 2016

O que acontece com nosso agro?

O Outlook Fiesp 2026 feito pela MBAgro prevê um 2017 melhor para a agricultura. Em 2015/16 apanhamos do El Niño, que derrubou nossa safra em 10,3%. 2016 também se caracterizou como ano de perda de mercados nas carnes, devido à crise que o Brasil atravessa. Porém, para 2017 espera-se crescimento de 16% e boa reação para as carnes.

Para 2017 teremos preços bons em reais, ajudados logicamente pelo câmbio, que ao que tudo indica, deve permanecer como está com a provável retomada do crescimento americano, da inflação e dos juros. A se observar.

Outra boa notícia para os grãos é que os americanos usarão mais milho e mais soja para fazer biocombustível, abrindo espaços no mercado tradicional para a produção brasileira. EPA (Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos) anunciou aumento de 6% para 2017.

Índice de preços de commodities da FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura) foi de 171,3 pontos em novembro, 10,4% acima de novembro de 2015.

A segunda estimativa da safra 2016/2017 da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) apresenta números bem próximos à primeira, com safra recorde de grãos.

Boas notícias no biodiesel: o consumo doméstico pode ser de 7 bilhões de litros em 2019, quando será 10% a mistura do biodiesel no diesel. Este volume seria de 80% maior que o de 2015. A política de mistura vem evoluindo dos 5% em 2013 e no final de 2014 passou a 7%, fazendo com que demanda pulasse de quase 3 para quase 4 bilhões de litros. 2016 não foi bom devido à queda na venda de diesel (cerca de 5%). Cerca de 80% é fornecido pela soja.

O que acontece com nossa cana?

Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*): processamos 19,68 milhões de toneladas na segunda quinzena de novembro (18,84 no período do ano anterior, aumento de 4,46%).

O destaque da quinzena foi uma produção de açúcar quase 61% maior.

Na safra que começou em 1º de abril moemos 581,7 milhões de toneladas (3,87% a mais) ante igual intervalo do ciclo 2015/2016 (541,16 milhões de t). Temos menos usinas funcionando (165 já concluíram a safra). O mix foi de 47,34% para açúcar e 52,66% etanol. Na safra estamos com 46,75% e 53,25%, respectivamente.

Desde o começo produzimos de açúcar 34,69 milhões de toneladas (16,96% a mais) e 24,4 bilhões de litros de etanol (4,82% a menos), sendo 10,3 bilhões de litros de anidro (5,77% a mais) e 14,03 bilhões de hidratado (11,37% a menos).

Na quinzena o ATR melhorou 7,63%, indo a 128,07 kg. Na safra estamos com 133,91 (0,72% a mais). A produtividade de acordo com o CTC (Centro de Tecnologia Canavieira) está 2,27% menor (67,6 toneladas por hectare) na quinzena.

Interessante esta safra: as usinas de São Paulo devem ter entressafra mais longa que a passada e no Centro Oeste, devido ao excesso de chuvas no início da safra, o quadro é de entressafra curta.

A safra deve ser no máximo de 600 milhões de toneladas no ciclo 2017/18.

De acordo com a Somar Meteorologia, o clima no Centro-Sul será normal neste ano, depois de dois verões quentes e secos. Deveremos ter um padrão de chuvas frequentes combinadas com frentes frias. Deveremos ter muita chuva até abril, o que dificultará antecipar a safra. Teremos uma La Niña mais fraca, o que deve trazer um tempo mais frio e úmido.

O que acontece com nosso açúcar?

OIA (Organização Internacional do Açúcar): deficit em 2016/17 (início em 01/10) será de 6,2 milhões de toneladas, com produção de 168,7 milhões de toneladas e demanda de 174,9 milhões de toneladas.

A boa notícia da OIA é que o consumo cresceu 2,09% na safra que se encerrou. Má notícia: acreditam que o final do deficit será na safra 2017/18.

FCStone reduziu o deficit no mercado de açúcar em 2016/17 (outubro/setembro) de 9,7 para 7,5 milhões de toneladas. O aumento de preços interferiu no consumo. Estima-se a demanda em 185,6 milhões de toneladas na safra 2016/17. Portanto, ao invés de crescer 1,9%, crescerá apenas 1,6%.

Outros países aumentaram a oferta em consequência de preços mais altos.

A produção no Brasil não deve crescer devido à crise que desestimulou a renovação dos canaviais.

Segundo Rui Chammas, a Biosev fixou 50% do açúcar da safra 2017/18.

SUCDEN: superavit será de 2,1 milhões de toneladas de açúcar na próxima safra, graças à Índia, que estima que irá produzir 29,1 milhões de toneladas de açúcar em 2017/18. Europa também deve pular de 15 para 17 milhões de toneladas.

O MDIC (Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços) divulgou que o Brasil exportou 2,07 milhões de toneladas de açúcar em novembro, 11,5% a mais que as 1,86 milhão de toneladas de outubro, e 3,5% a mais que novembro de 2015. Em novembro os preços foram de US\$ 408, sendo 5,6% e 40,6% maiores que os preços de outubro de 2016 e novembro de 2015.

No mercado interno o preço em novembro foi de R\$ 98,06 por saca de 50 quilos, 28,3% acima de 2015.

A Índia deve provavelmente importar 2 milhões de toneladas de açúcar durante o ano 2016/17.

De acordo com a Archer, “o canavial está envelhecido, desgastado, com menor trato cultural, falta de investimento e, não menos importante, um crescente número de pesquisadores colocando o próximo ano com uma safra menor que 550 milhões de toneladas”.

Ainda segundo a Archer Consulting: até o final de novembro quase 9,5 milhões de toneladas já haviam sido fixadas (35.6% da exportação) a um preço médio de 17.34 centavos de dólar por libra-peso, o que daria R\$ 1.548,49 por tonelada.

Com o apoio do Brasil, a Tailândia pode ampliar o portfólio de produtos renováveis fabricados a partir da cana e, deste modo, diversificar as fontes de ganho dos produtores locais. Expandir a produção de etanol e incorporar novos derivados (bioeletricidade, bioplásticos e bio-detergentes) à matriz energética tailandesa são iniciativas que ajudarão o setor sucroenergético daquele país a reduzir sua dependência econômica em relação ao açúcar.

Com o final do regime de cotas de produção de açúcar na União Européia (setembro de 2017) as empresas ficarão liberadas para produzir e exportar. Isto num primeiro momento deve elevar a produção local e reduzir as importações da Europa em cerca de 1,5 milhão de toneladas. Deve atrapalhar o mercado internacional até que os preços caiam na Europa e o incentivo ao aumento da produção desapareça. O Brasil consegue colocar na UE apenas 300 mil toneladas com alíquota de € 98 por tonelada e a restante tarifa de € 339 por tonelada.

O que acontece com nosso etanol?

O Brasil é o quarto maior importador de gasolina do mundo com 400 milhões de barris importados ao ano.

Os aumentos das importações de etanol americano são esperados para o período da entres-

safra, estimado por alguns analistas em cerca de 300 a 400 milhões de litros, motivados pelo preço do produto no Brasil e nos EUA. Pela SCA trading, o etanol chega aos portos do Brasil por cerca de R\$ 1,85/litro. Na usina está R\$ 2,05. Estas compras também se devem ao aumento do consumo de gasolina devido à migração do hidratado para gasolina.

Petrobrás comunica aumento de preços da gasolina (8,1%) e diesel (9,5%). É o sinal dos preços livres, reagindo de acordo com o mercado. A empresa calcula que se for integralmente passado, representará R\$ 0,17 por litro no diesel e 0,12 por litro na gasolina. Deve revisar os preços mensalmente.

O petróleo tipo Brent atingiu US\$ 55,59 o barril, maior valor em 16 meses, fruto da decisão da Opep (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) de cortar a produção e segurar os preços. Analistas esperam para 2017 um preço entre US\$ 55 e US\$ 60 o barril.

Demanda por petróleo deve cair a partir de 2030, preveem especialistas do setor. Muitas empresas já estão diversificando suas atividades para fontes renováveis de energia. AIE (Agência Internacional de Energia) estima que na Europa a demanda caia dos atuais 11,7 milhões de barris (em 2015) para 10,8 milhões de barris em 2020.

Plano do governo chinês envolve produzir 4 milhões de toneladas de etanol até 2020, dobrando o volume atual. Levar de 12 para 15% o uso de combustíveis não fósseis no consumo de energia. O desempenho do solar e eólico foi bem, mas os biocombustíveis não. A ideia seria usar estoques de milho mais velhos, o que seria boa notícia ao Brasil. Deve-se estimular etanol de mandioca e de outras fontes.

Em evento da Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), Pedro Parente disse que o Brasil tem oportunidade “extremamente favorável” para o etanol. Vê necessidade de cerca de 160 mil a 200 mil barris por dia para 2030, que pode ser etanol.

Segundo o presidente da Raízen (Luis Henrique Guimarães) temos potencial para atingir mais do que os 40% do chamado ciclo Otto. Isto seria conseguido com regime tributário mais adequado.

Hidratado tem já cinco semanas de quedas de preços, mesmo com produção 8% menor nesta safra. Preços segundo o Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada -Esalq/USP) já caíram quase 4%, devido à retração da demanda, uma vez que a paridade está em mais de 75% nos postos. Devem ganhar espaço agora com o aumento da gasolina.

A Comissão Europeia também quer reduzir o uso de etanol de primeira geração até 2030, o que não é uma boa notícia para nós. Sua meta era de 10% de seu transporte usando etanol até 2020. Em 2014 chegaram a apenas 5,9%, mas usando também eletricidade e hidrogênio nesta conta. A nova meta é de 7% para 2020 e 3,8% para 2030 (biocombustíveis de primeira geração). Permanece na Europa a velha visão que o biocombustível aumenta os preços dos alimentos.

A União Europeia deve considerar a possibilidade de proibir a venda de veículos que utilizem gasolina ou diesel a partir de 2030, propôs no último sábado (22) a ministra sueca do Meio Ambiente. A Alemanha votou pela proibição dos motores de combustão interna até 2030. A partir desse ano, todos os carros vendidos serão elétricos, hidrogênio ou outras fontes de energia limpa. Veículos elétricos podem corresponder a dois terços de todos os carros nas ruas até 2030 em cidades ricas como Londres e Cingapura, devido a regulamentações de emissões mais rigorosas, redução nos custos da tecnologia e mais interesse dos consumidores.

As vendas de etanol no acumulado da safra 2016/17 estão em 17,18 bilhões de litros (menos 9,91%). Na primeira quinzena de novembro as vendas de etanol foram 23,4% menores que no mesmo período do ano anterior.

Quando se considera apenas o hidratado, na quinzena foram vendidos 503,17 milhões de litros (30% a menos).

Segundo a ANP (Agência Nacional do Petróleo), o consumo total de combustíveis leves (ciclo Otto) caiu 5,12% em outubro, quando comparado com 2015. No ano a queda é de 1,3%. A gasolina cresceu 4,17% no mês e 3,4% no ano. Já o hidratado perdeu 31,5% do mercado se considerando os dois outubro e no acumulado deste ano perdeu 16,6%.

Mais uma empresa anuncia investimento em etanol de milho, a ICM, dos EUA, que pretende fazer uma fábrica para 200 milhões de litros por safra, em Mato Grosso. Com isto já são três indústrias que produzem etanol de cana e também de milho. Na safra de 2016/17 já foram feitos quase 140 milhões de litros de etanol de milho.

Archer “preço médio do litro da gasolina na bomba, em 100 países consumidores, é de US\$ 0.99. No Brasil, o preço justo da gasolina na bomba deveria ser R\$ 3.1664 por litro”;

O aumento de preços da gasolina deve fazer o etanol ficar R\$ 1 por litro mais barato e se aproximar dos 70% ajudando a conquistar participação de mercado outra vez.

Segundo Zilmar José de Souza (Unica - *União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), a biomassa de cana poderia abastecer 28% do consumo de eletricidade do Brasil do ano passado, ou mais de 66 milhões de casas por ano. A produção em 2015 foi de 20 mil MWh, ou 4,4% do consumo brasileiro. Pela EPE são 370 usinas no Brasil apenas 175 exportam bioeletricidade para a rede. 195 usinas poderiam receber investimentos para co-gerar para a rede.

Segundo a Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica), a biomassa é a terceira maior fonte de energia nacional, com 9% do total (14,6 mil MW da potência instalada de um total de 161 mil MW do sistema).

Terminei este texto em Brasília durante o Workshop RenovaBio, em 13/12. Me parece que o Governo está mais engajado na volta do setor. A ideia seria criar uma tarifa atrelada a emissões

de carbono, já é uma commodity mundial, e os diversos combustíveis teriam impostos ou tarifas baseadas em suas emissões.

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses nossa coluna traz uma singela homenagem a alguém que sempre contribui com o agronegócio e com a cana. Neste mês o homenageado é o Gustavo Rattes, diretor da Orplana, que faz excelente trabalho em Goiás, e agora para todo o setor.



Haja Limão

No momento em que escrevo este texto é o Sr. Renan Calheiros que segue o caminho de Dilma Rousseff, Lula e Eduardo Cunha. Em 2016 o Brasil teve um ano ímpar, com muitas histórias para contar. Que seja nova etapa mais asséptica na política nacional. Continuando os trabalhos na prefeitura de Ribeirão Preto para ajudar voluntariamente na transição do eleito Duarte Nogueira, confesso que em 25 anos de carreira já entrei em muitas organizações públicas e privadas. Mas terra arrasada como esta não me lembro. Culminou com a prisão da prefeita agora em dezembro. Terá muito trabalho pela frente.

CAPÍTULO 3

DOIS MIL E DEZESSETE



UM 2017 COM MUITO POR ACONTECER

Publicado na Revista Canavieiros em Janeiro de 2017

O que acontece com nosso agro?

Começamos nossos comentários na arena econômica, afinal, é o que traz o consumo. Em relação à economia mundial, o Banco Mundial prevê um crescimento de 2,7% em 2017, um pouco acima dos 2,3% de 2016. Este crescimento se deve principalmente a um estímulo fiscal nos EUA (que participa com 22% do PIB global e 12% do comércio). Os EUA devem crescer 2,2% em 2017, contra 1,6% em 2016.

O Banco Mundial manifesta preocupação com os investimentos nos emergentes que representam um terço do PIB global. Com uma expectativa de recuperação dos preços das commodities, estima-se que os exportadores de matérias-primas devem crescer 2,3%, contra os 0,3% de 2016. Esperam-se 6,5% para a China.

Balança comercial brasileira: superavit de US\$ 47,69 bilhões em 2016 (recorde). Exportamos US\$ 185,2 bilhões e importamos US\$ 137,5 bilhões. É um belo resultado, mas que vem principalmente da redução das importações e não da conquista de mercados. As receitas trazidas pelo agro em 2016 ficaram abaixo de 2015 em 4%. As exportações trouxeram US\$ 85 bilhões (45,9% das exportações do Brasil) e as importações cresceram 4,2%, alcançando US\$ 13,6 bilhões. Com isto o saldo foi de US\$ 71,3 bilhões (5,11% menor que o de 2015). Isto se justifica pelas quebras de safras de milho e soja, por fatores climáticos. Nosso desempenho em dezembro foi muito aquém de 2015, afundando os números. Vale ressaltar que 24,5% das nossas exportações do agro foram para a China.

Agro brasileiro deve se beneficiar com o crescimento de acordos comerciais. Um exemplo é o México. A onda protecionista do Trump trará retaliações de muitos países e devemos sempre lembrar que os EUA são grandes concorrentes do Brasil nas exportações do agro.

Estudo do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada) diz que as cadeias produtivas do agro empregam 19 milhões de pessoas no Brasil. Um número impressionante, ainda mais com as perspectivas de aumento na produção e na demanda.

A Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) mudou a estimativa para 2016/17 chegando ao recorde de 215,3 milhões de toneladas de grãos, pouco mais de 1% acima da previsão

anterior. Devemos crescer 15,3% em relação à última safra. A área cultivada é 59,1 milhões de hectares, 1,3% acima da safra 2015/16. O clima vem ajudando nas lavouras de verão. A soja deve chegar a 104 milhões de toneladas e o milho 84,5 milhões. Agroconsult estima a soja em 104,4 milhões de toneladas, volume 8,5% superior ao colhido no ciclo passado. A produtividade deve ter aumento de quase 6% (51 sacas por hectare).

Alguns problemas climáticos na Argentina e a valorização do real colocaram a soja acima de US\$ 10/bushel.

Finalmente, o relatório “Outlook Fiesp 2026 – Projeções para o Agronegócio Brasileiro” prevê que o Brasil crescerá mais que a média mundial em produtos como soja, milho, açúcar e carnes. A participação do Brasil nas exportações mundiais de soja atingirá 49% em 2026 (crescendo 4,6% ao ano). No milho iremos a 23% do comércio mundial, crescendo 8,8% ao ano. No açúcar chegaremos a 50%, crescendo 2,2% ao ano. Na carne bovina, chegaremos a 18% do mercado mundial, crescendo 4,5% ao ano. Em suínos chegaremos a 10%, crescendo 3% ao ano. E o frango deve manter a participação de 41% do total importado pelo mundo. O estudo da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) aponta como riscos principais a queda na renda e na confiança do consumidor, a situação fiscal trazendo problemas para a política agrícola (crédito e seguro), o custo do dinheiro e uma possível onda protecionista.

O que acontece com nossa cana?

A cana trouxe ao Brasil em 2016 quase 33% a mais de recursos, um total de US\$ 11,126 bilhões.

O endividamento do setor melhorou um pouco em 2016. De acordo com a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), deve encerrar a safra 2016/17 devendo um faturamento total do setor (ao redor de R\$ 100 bilhões). A Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*) não acredita na volta das cerca de 80 usinas que foram desativadas. Este endividamento já chegou a 110% da safra.

O baixo investimento também comprometeu a produtividade, que segundo a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*) deve ficar em 77 toneladas por hectare e poderia ser tranquilamente de 85 toneladas.

Hoje o capital multinacional representa ao redor de 30% do setor de cana. Já acreditaram muito mais no potencial. O problema de confiança é concentrado principalmente na imprevisibilidade do etanol.

Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*): processamos 3,07 milhões de toneladas na segunda quinzena de dezembro, com produção de 127,36 mil toneladas de açúcar e 167,28 milhões de litros de etanol (120,97 milhões de litros de hidratado e 46,31 milhões de litros de anidro).

Na safra que começou em 1º de abril moemos 592 milhões de toneladas (0,58% a mais) ante igual intervalo do ciclo 2015/2016 (588,56 milhões de t). O mix da quinzena foi de 41,09% para açúcar e 58,91% para etanol. Na safra estamos com 46,63% e 53,37%, respectivamente, de mix.

Desde o começo produzimos de açúcar 35,20 milhões de toneladas, contra 30,4 no ano anterior (15,67% a mais). Produzimos 24,90 bilhões de litros de etanol (7,55% a menos), sendo 10,54 bilhões de litros de anidro (0,68% a mais) e 14,37 bilhões de hidratado (12,78% a menos). Vejam que interessante, só a alteração do mix feita durante a safra fez com que o Brasil produzisse praticamente 5 milhões de toneladas a mais de açúcar.

Pelo CTC (Centro de Terapia Celular) a produtividade em novembro foi de apenas 66,8 toneladas de cana-de-açúcar por hectare no Centro-Sul, quebra de quase 20%.

Na quinzena o ATR melhorou 5,9%, indo a 125,35 kg. Na safra estamos com 133,83 (1,34% a mais). A produtividade de acordo com o CTC está 2,27% menor (67,6 toneladas por hectare) na quinzena.

O que acontece com nosso açúcar?

Em 2016 vendemos ao mundo o recorde de 28,576 milhões de toneladas. Comparando com o ano anterior, foram 35% a mais (21,169 milhões de toneladas em 2015). Nosso açúcar trouxe US\$ 10,275 bilhões ao país. Destes, o açúcar bruto representou 21,728 milhões de toneladas e US\$ 7,426 bilhões, exportados a um preço médio de US\$ 346 por tonelada. Já o refinado cresceu mais, quase 55%, com 6.846 milhões de toneladas trazendo US\$ 2,757 bilhões (58% a mais, pelo preço médio de US\$ 403 por tonelada).

No relatório publicado em 6 de janeiro, a OIA (Organização Internacional do Açúcar) ressalta o segundo ano de deficit na oferta, que deve manter os preços mais remuneradores. Em 2015 a média foi de 14,9 cents/libra peso e em 2016 a média foi de 19,20 cents. O açúcar refinado teve preços que passaram US\$ 373,25 por tonelada em 2015 para US\$ 498,13 por tonelada (33% a mais).

F.O. Licht reduziu o deficit de 8,1 milhões de toneladas esperadas em novembro para 5,9 milhões de toneladas no mês passado. Sucden estima em 5 milhões de toneladas o deficit. Datagro estima o deficit em 4,36 milhões de toneladas.

O Abares (Australia) estima produção mundial em 2016/17 de 176,9 milhões de toneladas e 183,9 milhões de toneladas de consumo. USDA: projeção é de produção global em 2016/17 de 170,9 milhões de toneladas, e consumo de 173,6 milhões de toneladas. Interessante como os dados não batem.

OIA destacou o forte movimento no mercado em dezembro, contrastando com anos anteriores. Preços foram de 18,87 centavos de dólar por libra-peso 17,80 e terminando o mês com 19,20.

Associação de Usinas de Açúcar da Índia acredita que a produção em 2016/17 será de 22 milhões de toneladas, 4,3% menor que sua última estimativa devido à falta de cana-de-açúcar prejudicada pelas secas em Maharashtra. Como deve consumir cerca de 25 milhões de toneladas, haverá um tombo de quase 3 milhões, derrubando estoques. As notícias da Índia, principalmente o encerramento antecipado da safra, deram sustentação ao mercado, sendo que os preços no mercado interno subiram mais de 10 por cento no mês devido à quebra esperada.

Para a São Martinho, os preços do açúcar devem ficar entre R\$ 1.500 e R\$ 1.600, na próxima safra, ante R\$ 1.200 e R\$ 1.300 na atual safra. Já fixou 470 mil toneladas do ciclo vindouro a um preço médio de 20,10 cents/lb.

Aposto que em 2017 o açúcar não nos dará motivos para reclamações.

O que acontece com nosso etanol?

As exportações do Brasil cresceram 9%, chegando a 1,72 milhão de toneladas. O valor arrecadado recuou 3% para US\$ 851,7 milhões (preço médio 12% menor).

Etanol de milho: A FS Bioenergia em MT pretende esmagar 560 mil toneladas de milho produzindo cerca de 220 milhões de litros de etanol. Isto ainda gerará o farelo de milho com alto teor proteico para bovinos, suínos e aves (DDGs). Além de óleo bruto de milho. Há mais empresas americanas vindo para o MT é esta é uma nova variável no complexo cenário do agro: o etanol de milho.

Começamos o ano com duas notícias ruins. A Petrobras não reajustou a gasolina e reajustou o diesel, impactando nos custos de produção da cana. E volta a PIS/Cofins sobre o etanol. O consumo de etanol deve cair no trimestre em comparação com os anos anteriores, abaixo de 1 bilhão de litros por mês.

Pela Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), as vendas de etanol pelas unidades produtoras no Centro-Sul atingiram 2,11 bilhões de litros em dezembro, sendo 74,17 milhões exportados e 2,03 bilhões ao mercado doméstico. Os volumes de vendas caíram em relação a dezembro de 2015. O anidro atingiu 906,52 milhões de litros em dezembro de 2016 contra 936,54 milhões em de 2015. Já o hidratado teve 1,13 bilhão de litros em dezembro de 2016 e 1,41 bilhão de litros em 2015 (queda de mais de 300 milhões de litros).

É no etanol a nossa grande dúvida, outra vez, para 2017.

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses nossa coluna faz uma singela homenagem a alguém que sempre contribui com o agronegócio e com a cana. Neste mês o homenageado é o Gustavo Chavaglia, presidente do Sindicato Rural de Ituverava, que tanto tem lutado pela cana e pela ação coletiva.



Haja Limão

O Brasil fracassou tanto na questão da segurança pública que creio que um número ao redor de 70% da população apertaria a tecla sim para a terrível frase: “você acredita que quanto mais presos morrerem nesta luta de gangues nos presídios melhor será”? Triste. Mas sem dúvida na questão de segurança pública o Brasil é um caso a ser estudado para servir de exemplo a ser evitado.

Sevilla

Finalizo contando que passei um mês entre dezembro e janeiro em Sevilla, uma mágica cidade da Espanha, parte como pesquisador visitante da Universidade de Sevilla e depois Natal, ano novo nesta cidade e um pouco de férias. Que país lindo, que cultura incrível, fora a gastronomia. Alia ambiente europeu, sem o clima frio agressivo da Europa nesta época do ano. As pessoas nas ruas, enfim, você sente a palavra “cidadania” sendo praticada. Terminei a coluna no meu último dia de trabalho aqui na Espanha, uma coluna especial. Passei a incluir Sevilla nas cidades que amo. Bom ano a todos!



AH, SE EU TIVESSE VENDIDO O AÇÚCAR...

Publicado na Revista Canavieiros em Fevereiro de 2017

O que acontece com nosso agro?

Começamos a carta de fevereiro falando de Donald Trump, que será fonte de muitas novidades e riscos ao longo do ano, principalmente no mercado de grãos, carnes e biocombustíveis, que nos afetam muito. Já teve efeito na saída dos EUA do acordo Transpacífico, na renegociação do Nafta, entre outras ações.

Juros mais altos nos EUA diminuem um pouco a volatilidade das commodities e fortalecem o dólar. Mesmo com a subida dos juros, estes permanecerão ainda relativamente baixos, o que deve diminuir o impacto no câmbio e em saída de recursos do Brasil e desvalorização do real. Acreditamos anteriormente que os efeitos poderiam ser mais fortes.

No caso da agricultura, vale explorarmos um pouco mais os fatos e prováveis impactos das “estrampulias”. Lembremos que os EUA são grandes vendedores das commodities que concorrem diretamente conosco. Políticas protecionistas dos EUA podem sofrer represálias e, neste caso, afetando o acesso destes produtos a mercados importantes. 24% das exportações de milho e ao redor de 10% da soja e cerca de 30% dos suínos dos EUA vão para o México. A China comprou US\$ 18 bilhões em commodities agrícolas dos EUA em 2015/16, portanto, qualquer problema pode afetar esta relação. Países asiáticos podem dar mais preferência à expansão dos volumes comprados do Brasil, tanto em grãos como em carnes.

USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) estima a safra americana de soja em 117,21 milhões de toneladas e 50% disto é exportado, concorrendo diretamente com a oferta brasileira.

No caso do milho, as incertezas são maiores, pois aqui entra o preço do petróleo e a política de uso de etanol, que o novo Governo adiou para março a efetivação dos volumes de uso de etanol de milho e outros biocombustíveis (15 bilhões de galões de convencionais como o milho e 4,28 bilhões de galões dos avançados como a cana). Cerca de 35% do milho dos EUA vai para etanol e, no caso do biodiesel, é o óleo de soja. Fechando o assunto Trump, a princípio temos que observar no agro a questão dos acordos comerciais e a questão dos biocombustíveis. Minha aposta hoje é que os fatos que ele criará trarão impactos positivos ao agro brasileiro.

Continuando na arena internacional, segundo a UNCTAD (Agência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento), mesmo com a crise o Brasil foi o sexto destino de IED (Investimento Estrangeiro Direto), com algo próximo a US\$ 50 bilhões em 2016 (US\$ 65 bilhões em 2015). Como comparação, os EUA, primeiro colocado, atraíram simplesmente US\$ 385 bilhões. O Reino Unido foi o segundo e atraiu US\$ 179 bilhões, ou seja, os mais ricos ficam mais ricos... O total de IED em 2016 foi de US\$ 1,52 trilhão. UNCTAD espera aumento de 10% para 2017.

O índice de preços da FAO/ONU (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura) em janeiro atingiu 173,8 pontos, um crescimento de mais de 2% sobre o índice de dezembro. É o maior desde fevereiro de 2015 e está 16,4% acima do mesmo mês no ano passado.

Nova política agrícola vem sendo desenhada na China e deve trazer mudanças. A ideia é diminuir o foco na autossuficiência que foi o tema central na última década e buscar mais atender à demanda do consumidor. Esta política de autossuficiência gerou estoques, distúrbios no mercado e ineficiências, além de representar um alto custo à sociedade. Preços internos aos poucos se alinharão aos preços do mercado mundial. Recursos que eram investidos para garantir a produção serão agora direcionados para aumento da competitividade, seja com irrigação, infraestrutura rural e preservação/reabilitação de áreas. Mais foco será dado na capacidade de produção sustentável. O documento ressalta a importância e o papel do mercado internacional no atendimento da demanda chinesa, o que significa aceitar mais importações, boa notícia ao Brasil. A Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) publicou a quinta estimativa da produção de grãos da safra 2016/17. A área foi de 59,5 milhões de hectares (aumento de 2,1%). Devemos produzir 219,1 milhões de toneladas, quase 4 milhões a mais que na estimativa de janeiro. Este novo número representa aumento de 17,4% sobre 2015/16.

Na soja a Conab espera 105,6 milhões de toneladas (10,6% acima). Espera-se um recorde de 58,6 milhões de toneladas de milho na segunda safra (44,0% de crescimento em relação à 2016 ou quase 18 milhões de toneladas. Serão 11 milhões de hectares cultivados (4,7% a mais) com ganho de produtividade de 38% (lembramos que na safra passada a estiagem foi cruel ao milho). Com isto teremos nesta safra 16/17 mais de 87 milhões de toneladas de milho. Estamos na torcida pela Conab.

A receita bruta dos grãos deve ser de R\$ 188,4 bilhões (13,2% acima). Alguns mais otimistas acreditam que a safra de grãos jogará mais de R\$ 200 bilhões em nossas cadeias produtivas e economia. É um valor cerca de 15% acima da safra anterior, em termos reais. E também força um investimento mais vigoroso na safrinha.

No fechamento da nossa coluna a soja estava US\$ 10,52/bushel ou R\$ 70 a saca e o milho US\$ 3,74 bushel, ou R\$ 35 a saca.

Porém, temos que observar o oposto: excesso de chuvas em muitas regiões prejudicando a colheita e trazendo perdas por inundações, como as vistas em Campo Novo dos Parecis e outras cidades.

Enfim, a leitura de fevereiro está com um conjunto de notícias mais favoráveis ao agro.

Também estou gostando do novo ritmo imposto pelo Congresso e Senado na aprovação das importantes reformas que o Brasil precisa. Uma parte da economia começa a dar sinais de vida, e a agenda política das reformas caminha, mesmo com os percalços da Lava-Jato.

O que acontece com nossa cana?

Ainda nos momentos finais da nossa safra 2016/17, pelo relatório da Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*) no período 1º de abril a 1º de fevereiro, já processamos 593,82 milhões de toneladas (0,11% a menos que na safra passada). Esta cana gerou 35,25 milhões de toneladas de açúcar e 25,02 bilhões de litros de etanol (10,57 bilhões de anidro e 14,45 bilhões de hidratado). Produzimos 15,39% a mais de açúcar que no comparativo com o ano passado e 8,04% a menos de etanol.

Novas estimativas de safra 17/18 vão sendo divulgadas. A Archer Consulting publicou 586 milhões de toneladas de cana, 35,428 milhões de toneladas de açúcar e 24,546 bilhões de litros de etanol (10,771 bilhões de anidro e 13,774 bilhões de hidratado). A empresa coloca o mix em 47% açúcar e 53% etanol.

Datagro um pouco mais otimista, prevê 612 milhões de toneladas, cerca de 1,1% acima da previsão de 2016/17 (605,50 milhões). Seriam 36,80 milhões de toneladas de açúcar (3,3% a mais) e 1% a menos de etanol, atingindo 25,31 bilhões de litros. Acreditam em 8 milhões de toneladas de cana bisada e mix de 47,4% para açúcar.

Vale dizer que as previsões de safra 2017/18 estão muito díspares, indo desde 565 até quase 620 milhões de toneladas.

Tereos anunciou investimento de R\$ 60 milhões em Tanabi para expansão da moagem. A Usina passará a ter capacidade de moer 4 milhões de toneladas, levando a capacidade da Tereos a 21 milhões de toneladas de cana por safra. A Tereos expandiu sua área de cultivo em 3 mil hectares nesta safra e planeja expandir mais 5 mil em áreas arrendadas para colher em 18/19. Também fechou a compra dos 45,97% da Petrobras na Guarani, por US\$ 202,75 milhões.

São Martinho também investiu para aumentar a Usina Santa Cruz em 500 mil toneladas (5,6 milhões de toneladas) para a safra 2017/18. O lucro líquido no último trimestre foi de R\$ 55,8 milhões, 29,5% menor. A justificativa ficou por conta de geadas (queda de 3,7% da produção) e antecipação de vendas de açúcar. O Ebitda (Lucros antes de juros, impostos, depreciação e amortização) foi de R\$ 341,6 milhões.

A Biosev anunciou lucro líquido de R\$ 42,7 milhões no terceiro trimestre da safra 2016/17,

contra um prejuízo de R\$ 96,2 milhões deste mesmo trimestre na safra anterior, mesmo com a receita diminuindo 11% no trimestre caindo para R\$ 1,5 bilhões. O Ebitda no trimestre foi de R\$ 395,7 milhões (quase 10% menor).

Enfim... mês onde aparecem algumas notícias de investimentos e bons resultados operacionais dos grupos de capital aberto, e ainda muita incerteza com o tamanho da safra de cana. Aparentemente o clima nos últimos 30 dias jogou a favor da cana.

O que acontece com nosso açúcar?

Começamos enfatizando as realizações positivas: Em janeiro exportamos US\$ 955 milhões, 121% a mais que janeiro de 2016. Em volume foram 2,22 milhões de toneladas, 48% a mais que janeiro de 2016. É a prata do açúcar entrando no Brasil!

Entre os fatos com impactos positivos, temos o seguinte: no ciclo 2016/17 a Índia deve entrar no mercado importando açúcar, pois a produção pode cair para 21 milhões de toneladas, graças aos problemas climáticos, sendo a menor produção em 7 anos. Sua demanda é estimada em 25 milhões de toneladas. Até o final de janeiro, as usinas indianas estavam com uma produção 10% menor e devem parar antes do previsto. Este fato ajudará a sustentar os preços.

Teremos um ano muito promissor nas vendas internacionais, e cerca de metade do nosso açúcar será exportado. A Archer estima preços médios para a safra em R\$ 1.480 a R\$ 1.500/tonelada (VHP FOB Santos). O preço médio da safra 2016/17 até agora foi de R\$ 1.537/tonelada. Em sua estimativa, acreditam que até o final do ano passado, cerca de 10,7 milhões de toneladas já haviam sido fixadas, e isto representa pouco mais de 40% da exportação, a um preço médio de 17,38 cents por libra-peso. Bons resultados tiveram os que fixaram os preços aproveitando o real mais fraco de alguns meses atrás. A Archer estima que este grupo garantiu R\$ 250 a 300/tonelada a mais que o momento atual.

Pesquisa feita pela Reuters com operadores de 18 grandes empresas deu como resultado uma aposta em preços neste ano ao redor de 21,3 cents/libra peso. Se for, está ótimo para nós.

No mercado interno a saca está cotada ao redor de R\$ 84.

Devemos lembrar que o enfraquecimento do dólar é fator altista nos preços do açúcar.

Na Rússia a produção 16/17 deve ser recorde, num total de 6 milhões de toneladas. De importadora, a Rússia passou a ser exportadora em 10 anos, dobrando sua produção.

Na Europa também se observa euforia na produção do açúcar de beterraba, após o fim da restrição a aumentos de produção, mesmo como final da garantia de preços. A estimativa é que a UE possa chegar a 20 milhões de toneladas, sendo este um fator baixista nos preços, pois necessitarão exportar os excedentes.

Os chineses em 2016 importaram a menor quantidade de açúcar em cinco anos (3,06 milhões/toneladas).

A produção de açúcar do Paquistão também cresceu, e o país deve produzir 5,4 milhões de toneladas em 2016/17. É praticamente a quantidade anual consumida.

A Platts alterou sua estimativa para a safra 2017/18, subindo de um superavit de 1,2 para 2,7 milhões de toneladas. Espera produções maiores no Brasil e na Europa, e menores na Índia e Tailândia. Na safra 16/17 estimam o deficit em 5,7 milhões de toneladas. Colocam o consumo crescendo apenas 1%, devido aos preços mais altos.

Com expectativas que 2017/18 trará melhores produções em União Europeia, Tailândia e Índia, a F.O. Licht soltou sua primeira projeção com um superavit de 2 milhões de toneladas.

Enfim: O mês nos trouxe boas notícias no curto prazo, o que deve continuar garantindo um ano bom, mas começa a trazer notícias que corroem nossas esperanças de um ano muito bom em 2018, devido à reação da produção aos preços. Mas tem muitas variáveis ao longo do ano para nosso monitoramento, e todas interferem no mercado de açúcar, desde o clima, o real, o petróleo e a competitividade do etanol.

O que acontece com nosso etanol?

Temos que nos acostumar neste ano com a nova política de preços da Petrobras, que seguirá os preços do petróleo, portanto teremos mais volatilidade pela frente. Neste momento nossa gasolina está um pouco mais cara que a mundial.

Os preços do anidro e do hidratado recuaram no final de janeiro e início de fevereiro, mas mais uma vez isto não chegou aos postos e, portanto, não traduziu no necessário aumento de consumo. A relação está ao redor de 75%, afastando os consumidores.

Pela Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), em janeiro de 2017, quando comparado com dezembro de 2016, as vendas de anidro caíram 6,06% totalizando 851 milhões de litros e de hidratado caíram 20%, atingindo quase 900 milhões de litros.

Desde 1º de janeiro já incide o PIS/Cofins no etanol, aumentando em R\$ 0,12/litro. Medida fortemente criticada, pois vai na contramão das metas ambientais colocadas pelo Brasil.

No âmbito externo, os EUA exportaram em 2016 mais de 3,9 bilhões de litros de etanol, 27% a mais que no ano anterior, trazendo um faturamento de US\$ 2,02 bilhões (13% a mais). Brasil, Canadá e China são os grandes compradores, com 26%, 25% e 17% de participação, respectivamente. O Brasil importou mais de 700 milhões de litros de etanol americano em 2016. Em dezembro o Brasil comprou 43% das exportações americanas (161,5 milhões de litros) e só ven-

deu aos EUA 120 milhões de litros em 2016 (63% a menos). Portanto, não são apenas ganhos. Como consequência de uma safra mais açucareira, perdemos espaços importantes no mercado americano e aumentamos as importações de etanol de milho.

Fato negativo aos EUA é que a China colocou uma tarifa de 30% para importações de etanol, afetando fortemente os EUA, que exportaram quase 700 milhões de litros em 2016.

Existe muita incerteza de como será o comportamento de Donald Trump em relação às políticas para os biocombustíveis nos EUA. Se na campanha ele falou favoravelmente ao etanol, na EPA (Environmental Protection Agency) foi nomeada uma pessoa ligada à indústria do petróleo. Devemos acompanhar muito de perto, pois um retrocesso na lei americana prejudica não apenas a cana, mas todo o agro brasileiro. Isto refletiu nos mercados dos RIN (Renewable Identification Number), trazendo preços para baixo. Estes são papéis comercializados entre as refinarias, emitidos pelas que utilizaram mais etanol que o obrigatório e comprados pelas que usaram menos.

No etanol não são muito boas as notícias. Temos perdido importante participação de mercado, tanto no nacional, quanto no internacional.

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses nossa coluna faz uma singela homenagem a alguém que sempre contribuiu com o agronegócio e com a cana. Neste mês o homenageado é o José Luiz Zillo, um grande estrategista do setor, com sua história fortemente ligada à Copersucar e à Zilor, entre outras organizações. José Luiz nos deixa precocemente, mas suas ideias e ideais ficam. Meus pêsames aos familiares.



Haja Limão

Foi lamentável ver o que ocorreu no Espírito Santo. Mais um caso de afronta ao Estado e ao cidadão, por parte do próprio Estado. O setor público no Brasil precisa ter uma aula básica sobre análise financeira e orçamentária, análise fiscal. A visão de que os recursos do Estado são um saco sem fundo está completamente esgotada, obsoleta. A mesma coisa no Rio de Janeiro. A farra fiscal, a corrupção, a má gestão, ou seja, todos estes problemas, deveriam ser resolvidos pelos próprios cariocas, e não pela nação.



FORMAÇÃO DE NUVENS NOS MERCADOS CANAVIEIROS

Publicado na Revista Canavieiros em Março de 2017

O que acontece com nosso agro?

Começando com uns pitacos sobre a economia mundial. Ainda pairam incertezas sobre sua recuperação. A inglesa Capital Economics projeta taxa um pouco maior que os 3,5% do segundo semestre de 2016, mas menos do que 4%. Esta retomada tem relação com políticas de estímulo na China e ao preço do petróleo, que ao estágio atual permite investimentos dos países produtores em outras áreas, estimulando suas economias. A UNCTAD (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento) crê que um fator favorável será um maior crescimento dos EUA (chegando perto de 2%).

Este crescimento mundial ajuda na recuperação dos preços das commodities e os termos de troca destas com outros bens melhoram. Além disto, melhora o saldo comercial brasileiro, dá força à moeda ajudando no controle da inflação e melhora a arrecadação de tributos. Caindo a inflação podem cair mais rapidamente os juros que drenam nossa atividade econômica. Fora isto, as reformas avançando no Brasil ajudam diminuir a percepção de risco da nossa economia.

O UBS avaliou que saímos da recessão nos três primeiros meses deste ano, crescendo 0,4% em relação ao trimestre passado. E a agricultura deve ajudar no PIB (Produto Interno Bruto) do primeiro trimestre, seja no lado da produção e exportações como também na ajuda no controle da inflação, graças aos números excelentes.

A boa produção, recomposição dos estoques e os preços dos grãos estão ajudando o setor de proteína animal a se recuperar, mesmo com um consumo no mercado interno que não reage devido à crise.

A FAO/ONU (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura) soltou o índice mensal de preços e este alcançou 175,5 pontos em fevereiro, que dá 17,2% a mais que fevereiro de 2016. É também o maior número desde fevereiro de 2015. Quem ajudou no mês foram os cereais com 2,5% de alta, lácteos (0,6%), açúcar (0,6%) e carnes (1,1%). A única queda se deu na categoria de óleos vegetais.

Fevereiro também foi de alta nos preços comparativos com 2016, com destaque para açúcar, algodão, suco de laranja e café. Os fatores vão desde limitações de oferta e desvalorização do

dólar em relação ao real (mais de 20% em um ano), o que interfere nos preços em dólar, por ser o Brasil grande exportador. E quando comparamos soja e milho com um ano atrás, os valores são superiores em quase 20% para a soja e 2% para o milho. Mas devemos considerar que tem boa oferta chegando tanto na safra do Brasil como na previsão dos EUA, fator baixista.

A boa safra e a queda dos juros devem dar mais ânimo ao setor de insumos agropecuários.

O relatório da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) de março revisou para cima a estimativa de safra agora em 222,90 milhões de toneladas. Em fevereiro eram estimadas 219,142 milhões de toneladas. É uma estimativa quase 20% acima da safra passada, fruto de ganhos de produtividade e clima. Devemos colher 107,614 milhões de toneladas de soja, 12,8% a mais que a safra anterior. Segunda principal cultura, o milho também teve a estimativa melhorada, de 87,408 milhões para 88,969 milhões de toneladas (29,299 milhões de toneladas na primeira safra e 59,669 milhões de toneladas na safrinha). A área plantada foi de 59,99 milhões de hectares (considerando as culturas de verão e de inverno). Como no ciclo 2015/16 foram plantados 58,33 milhões de hectares, temos um aumento de quase 3%, ou mais de 1,3 milhão de hectares.

O USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) também revisou a produção brasileira de soja para 108 milhões de toneladas, 4 milhões a mais que no relatório anterior. Vem muita soja no mundo, a projeção do USDA foi de 336,62 milhões de toneladas para 340,79 milhões de toneladas e os estoques subiram de 80,38 milhões para 82,82 milhões de toneladas, pressão baixista nos preços.

O agro gerou superavit de US\$ 4,8 bilhões em fevereiro de 2017, com exportações de US\$ 5,9 bilhões (11,6% a menos que fev/2016) e importações de US\$ 1,1 bilhão (15,1% a mais que fev/16). Mesmo com o show da soja, que gerou US\$ 1,7 bilhão (65,2% a mais), o resultado de fevereiro decepciona um pouco nas outras cadeias. No bimestre exportamos quase 1% a mais que em 2016, um valor de US\$ 11,9 bilhões. Portanto, fevereiro estragou um pouco a performance de janeiro.

A nova estimativa para o VBP (valor bruto da produção) agrícola e pecuária é de R\$ 547,9 bilhões em 2017. Representa um crescimento de R\$ 16,9 bilhões (3,2%) em relação a 2016 e trouxe em apenas um mês um valor R\$ 2 bilhões superior à estimativa anterior. A agricultura deve render R\$ 367,1 bilhões (R\$ 2,6 bilhões a mais) e 6,3% acima de 2016. A pecuária caiu para R\$ 180,8 bilhões. A última estimativa trouxe R\$ 181,3 bilhões em 2016 tivemos R\$ 185,5 bilhões. A soja lidera com crescimento de 7% sobre 2016, devendo gerar R\$ 124,7 bilhões e o milho deve crescer 33,6%, para R\$ 55,7 bilhões. A cana deve gerar R\$ 54,6 bilhões (2,2% a mais). Muita renda chegando!

Vale trazer na íntegra aqui a recente fala do ex-ministro Roberto Rodrigues, no Conselho de Desenvolvimento, com a presença do presidente Temer. Segundo Roberto, são três as grandes prioridades do momento, transcritas integralmente na sequência:

1. Estabelecer a plurianualidade para o Plano Safra - para o que é fundamental a realização do censo agropecuário - com ênfase no aprimoramento do seguro rural, fortalecendo a assistência técnica para difusão de tecnologias sustentáveis e a regularização fundiária.
2. Ampliar o acesso a mercados por meio da celebração de novos acordos comerciais, especialmente bilaterais, da promoção da sustentabilidade, da produção agropecuária-florestal brasileira e mecanismos de agregação de valor.
3. Destruar os investimentos para adequação da infraestrutura logística, com segurança jurídica e parcerias público-privadas, fundamental para a competitividade da produção agropecuária-florestal, eliminando de vez a vergonha que estamos assistindo com a BR 163, que, segundo nosso ministro Blairo Maggi está jogando nossa supersafra no ralo. E quem perde é o país todo.

O que acontece com nossa cana?

O relatório de safra da Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), que compila os dados até o último dia de fevereiro, mostra que o total processado chega a 595,83 milhões de toneladas, quase o mesmo volume do ano passado. Em açúcar produzimos 35,29 milhões de toneladas e de etanol 25,16 bilhões de litros (10,55 de anidro e 14,60 de hidratado). Mantém a previsão final desta safra em 605 milhões de toneladas. 11 unidades estavam em operação em fevereiro.

Sinais de que os piores momentos podem ter passado vêm da análise de investimentos sendo feitos...

Biosev investiu 20% acima do ciclo anterior (R\$ 847 milhões) principalmente em: lavouras, produtividade e manutenção industrial.

São Martinho aumentou 21%, também, para cerca de R\$ 630 milhões, como já citado aqui no mês passado, na Usina Santa Cruz.

Raízen anunciou as metas de 2017/18: moagem de 59 milhões a 63 milhões de toneladas (contra 59 milhões a 61 milhões de toneladas desta safra), produção de açúcar de 4,3 milhões a 4,7 milhões de toneladas (4,2 milhões a 4,6 milhões de toneladas desta safra), produção de etanol de 2 bilhões e 2,3 bilhões de litros (contra 1,9 bilhão a 2,2 bilhões desta safra) e, finalmente, de cogeração, espera comercializar de 2 milhões a 2,2 milhões de MWh de energia elétrica por cogeração (menor que os 2,45 milhões a 2,65 milhões de MWh desta safra). Espera ter o lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (EBITDA) de R\$ 3,9 bilhões a 4,3 bilhões (sensivelmente melhor que os R\$ 3 bilhões a R\$ 3,3 bilhões desta safra) e investimentos (Capex) de R\$ 2,1 bilhões a R\$ 2,4 bilhões, maiores que os da atual safra, estimados entre R\$ 1,9 bilhão a R\$ 2,1 bilhões, em produtividade e maximização de açúcar, disponibilidade de cana, logística, biogás e infraestrutura.

A Aroeira em Tupaciguara (MG) investiu em estrutura para produzir 120 mil toneladas de açúcar em 2017/18. A Datagro estima que os investimentos podem ter aumentado a capacidade de produção de açúcar no Centro Sul em 1,4 milhão de toneladas.

O que acontece com nosso açúcar?

OIA (Organização Internacional do Açúcar) reduziu outra vez a projeção de deficit global de açúcar na safra 2016/17 para 5,869 milhões de toneladas (a última foi de 6,19 milhões). Para a safra 2015/16, sua estimativa é de deficit de 5,359 milhões de toneladas. Estoques devem cair em 11,1 milhões e a partir de 2017/18 não deve existir mais deficit e sim pequeno superavit. O quociente entre estoques e consumo está 43,78%, o menor desde 2010/11. Estima o consumo da safra 2017/18 em 174,2 milhões e a produção em 168,3 milhões.

Em seu relatório, espera-se que o Brasil produza 38,8 milhões de toneladas e exporte 27,6 milhões. Tailândia deve produzir 9,5 milhões e exportar 7 milhões.

FCStone (Consultoria em Futuros e Commodities) acredita que no ciclo que se inicia em 1º de outubro (2017/18) a produção crescerá 5,6% em relação ao ciclo 2016/17 (186,3 milhões de toneladas), e a demanda cresce somente 1% (186,8 milhões). Portanto, ainda teremos deficit e queda de estoques, chegando ao menor número desde 2011/12 (63,1 milhões de toneladas).

Os preços do açúcar em bolsa cederam um pouco nestes últimos 15 dias. Já é de 25% a queda deste outubro de 2016. Previsões da Archer indicam boas chances de caírem um pouco mais durante a safra brasileira, principalmente de abril a junho, a menos que algum evento climático possa surpreender. Safra acima de 600 milhões de toneladas e o petróleo vindo abaixo de 50 dólares por barril (desestimulando o etanol) poderiam contribuir para queda maior, entre outros fatores. São sempre, de acordo com a empresa, questionáveis as previsões que vêm da Índia, que têm mais de 35 milhões de produtores de cana. Segundo a Isma (Associação das Usinas de Cana-de-Açúcar da Índia) até o momento a produção está quase 3 milhões de toneladas abaixo da safra anterior. Isto pode fazer com que o país importe até 1,5 milhão de toneladas.

São fatores altistas o prêmio ao açúcar branco e o grande volume de produto já fixado, que reduziria os impactos da safra. No modelo de previsão da Archer os preços podem vir próximos de 17,17 centavos de dólar por libra-peso em maio. Segundo a Archer e aqui também escrevemos isto, quem vendeu aproveitando o momento se deu bem. De acordo com este relatório, em 41% dos fechamentos diários dos últimos 12 meses o preço esteve acima de R\$ 1.500/tonelada.

Chamou atenção no mercado as elevadas compras de açúcar feitas pela trading Wilmar, que movimentou 13,5 milhões de toneladas em 2016, ao redor de 8% do total produzido no

mundo, e o faturamento deste negócio para a empresa foi de US\$ 5,9 bilhões (33% acima do ano anterior). A empresa tem cada vez uma influência maior no mercado, e fez diversos investimentos em Austrália (o primeiro em 2010) e na sequência na Indonésia, Marrocos e Índia. De acordo com traders, é uma indicação baixista.

Tailândia: trata-se do concorrente com o maior potencial de expansão na produção, atrapalhando os planos da cadeia produtiva no Brasil. Os subsídios praticados já estão no foco do Brasil e da Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), que estima que o Brasil perdeu vendas de US\$ 1 bilhão por ano devido aos tailandeses. Segundo o Ministério da Agricultura, até o final deste ano o controle de preços deixará de existir.

No mercado interno, os preços estão a R\$ 80/saca, relativamente estáveis. Tereos em 2016/17 vendeu 30% a mais no varejo nacional, graças a esforços de comunicação e canais, atingindo novas regiões. Pulou de 7% de suas vendas para 10% e quer atingir em 2017 ao redor de 13%.

O tamanho da safra no Brasil é um dos principais fatores a serem considerados agora. A influência do clima nos próximos meses é o fator número um para alterações do quadro. Temos que considerar a área no Centro-Sul (entre 7,5 a 8 milhões de hectares) e a produtividade média que virá.

Devemos lembrar também que neste mês houve ligeira desvalorização do real, o que traz efeito baixista nos preços do açúcar em cents por libra peso.

O que acontece com nosso etanol?

Segundo a EPE (Empresa de Planejamento e Pesquisa) em cenários para 2030 mostram que a importação de gasolina pode alcançar 7 bilhões de litros no pior cenário, de quase nada de investimentos no setor. Ai os cenários começam a contemplar mais investimentos, e o mais aceito é o de instalação de 22 novas usinas, o que zeraria as importações de gasolina. Há um cenário também otimista, onde teríamos excedente de 3,4 bilhões de litros de gasolina. Pela Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), sem incentivos o problema é muito maior e a importação seria de 27 bilhões de litros em 2030.

O mês traz redução nos preços do petróleo, que impacta negativamente os mercados da cana. Queda de mais de 5%, trazendo os preços abaixo de US\$ 50 o barril e derrubando os preços das ações das petrolíferas.

A Casa Branca desmentiu rumores que a política de uso de etanol seria alterada pelo presidente Trump, fazendo com que as ações das empresas do setor tivessem razoável ganho.

A nova política de preços da Petrobrás deve estimular a concorrência em importações de combustível.

As vendas em fevereiro para o mercado interno somaram 836,469 milhões de litros de hidratado e 816,807 milhões de litros de anidro. Houve retração na comparação com janeiro dos dois produtos. O hidratado caiu 6,78% e o anidro 5,20%.

Segundo Alfred Szwarc, consultor da Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), outros produtos poderão conquistar a cana no curto prazo, o bagaço como alternativa para melhorar a durabilidade de concretos e argamassas (substituindo areia natural – projeto da UFSCar, de nome Areia de Cinza do Bagaço de Cana), que poderia evitar se retirar de 4 a 5 milhões de toneladas do total de 100 a 200 milhões de toneladas de areia dos rios para a construção civil (5% do volume total). Outro uso seria para produção de carvão ativo à base de bagaço, feito pelo CNPEM (Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais), com custo 20% menor que os concorrentes, para uso em processos de filtração.

Enfim, o etanol não contribuiu com boas notícias neste mês.

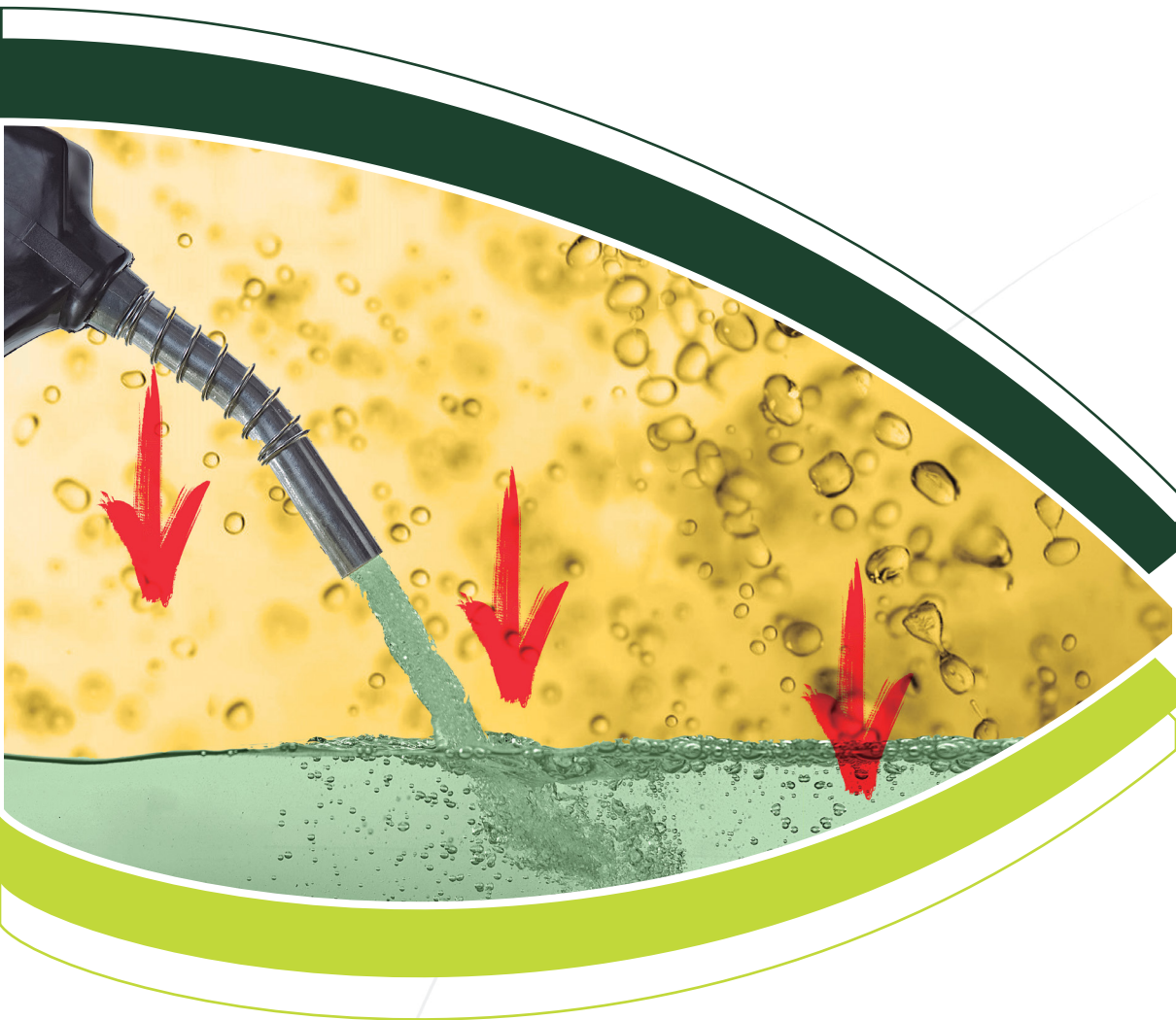
Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses nossa coluna traz uma singela homenagem a alguém que sempre contribuiu com o agronegócio e com a cana. Neste mês o homenageado é o Prof. Dr. Carlos Clemente Cerri, pesquisador renomado do Cena/Esalq/USP nas questões ambientais mundiais. Estamos juntos na permanente luta do Prof. Cerri.



Haja Limão

Estamos em 2017 com uma oportunidade única de promover as importantes reformas que o Brasil precisa. Este deve ser o nosso foco. Ver se de uma vez por todas modernizamos a questão da Previdência, da legislação trabalhista, da questão tributária, enfim, chega disto tudo fazer parte do infundável custo Brasil. Ninguém aguenta mais.



CONSUMO DE HIDRATADO TEM QUEDA DE 25%

Publicado na Revista Canavieiros em Abril de 2017

O que acontece com nosso agro?

Tivemos neste mês o recuo de 2,8% do índice mundial de preços dos alimentos da FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação), estando agora em 171 pontos. Mas é um índice ainda 13,4% maior que março de 2016. As quedas foram puxadas pelo açúcar (10,9% em relação ao mês anterior e está no menor número desde maio de 2016) e óleos vegetais. Os cereais também caíram 1,8% e lácteos 2,3%. Já as carnes tiveram uma reação de 0,7%. Como o Real se valorizou neste período, estamos já com uma situação de igual a pior que neste mesmo período do ano passado.

O fato positivo foi o de praticamente termos superado a crise das carnes, com um impacto menor que o esperado, pois o desastre poderia ter sido muito maior se os bloqueios tivessem continuado. Que fique o aprendizado para isto não se repetir mais.

Passa a ser importante oportunidade ao Brasil o mercado mexicano de alimentos. É o maior comprador de milho dos EUA e pode começar a comprar mais de Brasil e Argentina. Diferentemente do Brasil que tem maior diversificação nas exportações, no caso do México 81% de suas vendas vão aos EUA e Canadá, e 53% de suas compras vêm destes países, daí a preocupação com o presidente Trump. Nosso comércio com o México já foi de US\$ 10 bilhões, estando agora em US\$ 7,31 bilhões. Temos chances de aumentar!

Enfim: preços da soja e do milho tiveram quedas no mês, acompanhando a bolsa e refletindo a grande produção dos EUA. O mês andou de lado para o agro.

O que acontece com nossa cana?

Datagro: moagem na safra 2017/18 deve ser de 657 milhões de toneladas, sendo 612 milhões no Centro-Sul e 45 milhões no Norte/Nordeste. A previsão de janeiro era de 661 milhões de toneladas. O Nordeste é onde a quebra foi maior, a safra 2016/17 deve fechar com 45,7 milhões de toneladas e a de 2017/18 será de 45 milhões de toneladas. O mix geral será de 53,7% para açúcar e 46,3% para etanol. Com este mix, a produção de açúcar aumenta 3,3% (para 36,80

milhões de toneladas) e o etanol a cai 1% (para 25,31 bilhões de litros).

Outras estimativas de safra que já apareceram são mais conservadoras que a da Datagro, pois exceto pela da Agroconsult (604,5), todas estão ligeiramente abaixo de 600 milhões de toneladas.

O Itaú BBA acredita que a dívida média de seus clientes recuará para R\$ 105/tonelada no estimado para a safra 2017/2018 e a relação de dívida líquida sobre o Ebitda (lucro antes de juros impostos, depreciação e amortização) cai para 2, contra 2,7 em 2016/2017 e 3,5 em 2015/2016, refletindo que diminuiu um pouco a gravidade do endividamento do setor. O Banco projeta juros de 8,25% ao final do ano e aumento dos IPO's de 3 em 2016 para 25 em 2017. O paciente canavieiro, na UTI, dá sinais de alguma melhoria!

Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*): o ano-safra 2016/2017 deve fechar com moagem de 605 milhões de toneladas de cana, 2,05% menor que 2015/16. Como temos menos cana bisada neste ano, menos usinas iniciaram a safra na data oficial de 1º de abril. Fechada a penúltima quinzena da atual safra 2016/17, foram processadas 3,26 milhões de toneladas, valor maior que o 1,1 milhão de toneladas na segunda metade de fevereiro e menor que os 5,3 milhões desta mesma quinzena de 2016. O volume total processado é de 599,2 milhões de toneladas (0,74% menor que 2015/16). Já fizemos 35,37 milhões de toneladas de açúcar (15% a mais) e 25,3 bilhões de litros de etanol (8,4% menor).

Fato negativo ao setor a associação do presidente da Odebrecht à exigência de contrapartidas governamentais às demandas do setor, tendo o papel de lobby com o ministro da Fazenda anterior. O setor não precisa deste tipo de relação lobista contaminada.

A Alvean (joint venture da Copersucar e Cargill), que é a maior trading de açúcar do mundo, (transacionou 11,5 milhões de toneladas em 2015/16, quase 30% do mercado internacional e destas, 5 milhões vieram do Brasil), captou US\$ 400 milhões com 21 instituições financeiras para investir na operação, e surpreendeu os analistas o volume de recursos e facilidade de captação. Sua principal concorrente hoje é a RaW, formada pela Wilmar e pela nossa Raízen. Boa notícia!

O que acontece com nosso açúcar?

Archer Consulting: primeiro trimestre foi ruim para o açúcar. Os preços caíram quase 14% no período e foi pior ainda em reais, pois a moeda se valorizou. Com o preço de R\$ 1.205 por tonelada, perdeu-se mais de R\$ 550 por tonelada no trimestre. Quando comparado com outras commodities, o açúcar só não caiu mais que o suco de laranja. De acordo com a empresa, são fatores baixistas: real mais forte diminui preço interno da gasolina e piora a rentabilidade do etanol; início da safra; aumento da posição vendida dos fundos; abril-maio-junho-julho são meses sazonalmente mais fracos; safra no Centro-Sul acima de 610 milhões de toneladas; Europa

produzindo mais de 20 milhões de toneladas de açúcar; números de superávit mundial ao redor de 3 milhões de toneladas; o preço do petróleo no mercado internacional (Archer Consulting). Podemos aqui somar o efeito Índia, que falaremos mais adiante.

Seu modelo de preços prevê para maio 16,51 centavos de dólar por libra-peso. Até final de março, 17,071 milhões de toneladas foram fixadas, o que dá 64,4% de um provável total de 26,5 milhões de toneladas a serem exportadas a um preço médio de 17,73 centavos de dólar por libra-peso ou R\$ 1.503,90 por tonelada FOB, um valor em reais quase 20% superior à safra anterior.

Preços muito bons do açúcar geraram esta reação da produção, como era esperado. Porém, na faixa atual de preços (16 a 17 cents) já começa a arrefecer a produção e o etanol ganha atratividade. Maiores quedas de preços serão freadas por estas duas importantes forças. Veremos mais adiante o problema do etanol, fruto do título deste artigo.

Datagro: a safra global 2017/2018 (de outubro de 2017 a setembro de 2018) teria superávit de 1,5 milhão de toneladas.

Exportamos em março 1,596 milhão de toneladas de açúcar, 12,5% a menos que as 1,823 milhão de toneladas de fevereiro e incríveis 23,2% a menos que o volume de março de 2016. Tivemos também queda no valor que entrou no Brasil, de US\$ 790,7 milhões em fevereiro para US\$ 734,8 milhões em março. Porém foi 17% acima de março de 2016, refletindo os preços melhores. Fechado o primeiro trimestre exportador, estamos com 10,3% a menos que o ano passado, com 5,632 milhões de toneladas mas com valor de US\$ 2,480 bilhões (33,3% a mais).

OIA (Organização Internacional do Açúcar) explica que os preços menores (vieram de mais de 19 centavos de dólar por libra-peso para menos de 17) refletem menor importação pela Índia (abre autorização para a importação de 500 mil toneladas de açúcar, sendo que eram esperadas 2 milhões de toneladas) e safra sem grandes problemas climáticos no Centro-Sul do Brasil. O refinado também caiu de US\$ 534,35 por tonelada para US\$ 476,10 por tonelada no mês de março.

FCStone: União Europeia produzirá 18,24 milhões de toneladas de açúcar na safra 2017/18, 16,6% a mais que nesta safra. Em 2005/06 produziram 19,3 milhões de toneladas. Deve se tornar exportador de açúcar em alguns anos. Produtores aumentaram os plantios, mesmo com preços menores pois a beterraba apresenta remuneração comparativamente maior em relação às outras commodities. Os mais competitivos devem tomar espaço e observaremos onda de fusões e aquisições. Vale ressaltar que o Brasil já não destina seu açúcar ao bloco, que corresponde a menos de 3% de nossas exportações.

A reforma da política da União Europeia (estabelecida em 2005 para evitar exportações subsidiadas, proteger a indústria local e suprir o mercado industrial) baseia-se na eliminação de cotas de produção e de preços mínimos tanto ao açúcar quanto à beterraba, que deverão seguir preços de mercado.

Enfim: notícias para o açúcar no mês não foram boas. Como ninguém gostaria que o Brasil tivesse frustração de safra (exceto nossos concorrentes) resta neste curto prazo torcer pelo crescimento do consumo do hidratado como fator principal e pela redução dos juros no Brasil e aumento nos EUA.

O que acontece com nosso etanol?

Exportamos apenas 53,9 milhões de litros neste mês de março, contra 207,1 milhões de litros no mesmo mês de 2016 (volume 74% menor). Em receitas, março de 2016 trouxe US\$ 106,1 milhões e, o de 2017, apenas US\$ 34,5 milhões (67,5% a menos). Fechando um trimestre de exportações de etanol, mandamos 217,5 milhões de litros (65,7% a menos em relação ao ano passado) e com valor de vendas 52,2% menor, ficando em US\$ 149,5 milhões.

Se a exportação vai mal, ganhou muita força a importação. Neste mês foram quase 300 milhões de litros de etanol. No primeiro trimestre foram comprados 735,33 milhões de litros, 413,38% a mais. Somente em março gastamos US\$ 148,78 milhões em importações, e no trimestre US\$ 364,27 milhões (primeiro trimestre de 2016 foram US\$ 63,06 milhões). As importações nesta entressafra devem ter passado de 800 milhões de litros, 7 vezes mais que na anterior. É o tema que mais esquentou o setor neste período. Parte deste estrago foi causado pelo estado do Maranhão, com uma desoneração fiscal que motivou a importação deste produto usando seu porto.

Esta importação, que prejudicou principalmente as usinas no Nordeste, levou uma parcela do setor a pedir uma taxa entre 15% a 20% de tributos sobre o combustível importado. A Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*) chegou a um pedido de alíquota de 16% a partir de cálculo de diferença do impacto ambiental gerado pelo milho e pela cana, com base em suas emissões de carbono.

Com pedidos distintos a cadeia produtiva mostrou falta de coordenação.

É um tema polêmico. Eu sou a favor do livre comércio, portanto, contra levantar tributos como forma de barreira ao acesso a mercados. Lógico que se o produto tem subsídio na origem, aí não estamos falando de concorrência justa e uma equalização de entrada é justificável. Não é o caso.

Fora isto, o tratamento para quem importa etanol e quem aqui produz e segue as regras da ANP (Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis) para o abastecimento de etanol anidro deve ser o mesmo. Usinas necessitam armazenar produto na entressafra e tem graves problemas de custo financeiro e fluxo de caixa na produção do etanol anidro. Empresas puramente importadoras não arcam com este ônus. Isto contribuiu para a queda de preços mesmo na entressafra.

Neste momento acho melhor deixar como está, pois, o problema já aconteceu e agora com a entrada da safra não teremos mais um grande volume de importação e, brevemente, no âmbito do RenovaBio, com a diferenciação tributária por emissões de carbono, naturalmente será colo-

cado um diferencial tributário entre o etanol de milho e o de cana.

Portanto, a solução desta situação de grande volume de importações passa: a) pelo controle das licenças de importação, b) pela correção da distorção criada pelo Maranhão e c) diferenciação tributária no RenovaBio que deve ter sua implementação acelerada.

A AEA (Associação Brasileira de Engenharia Automotiva) declarou em consulta feita pelo MME (Ministério das Minas e Energia) que: o etanol brasileiro pode representar solução muito mais rápida, eficiente, economicamente viável e amigável ao meio ambiente do que a eletrificação dos veículos para reduzir consumo de combustíveis fósseis e suas emissões de poluentes e gases de efeito estufa, o CO₂. Trata-se de importante apoio ao RenovaBio, que prevê levantarmos a produção para 54 bilhões de litros em 2030.

Segundo a EPE (Empresa de Pesquisa Energética, vinculada ao Ministério de Minas e Energia), se até 2030 o setor de cana ficar quase que estagnado, aumentando a produção em apenas 9 bilhões, teríamos uma oferta passando de 29 bilhões para 38 bilhões de litros. Considerando os outros fins de utilização do etanol, sobriam 33 bilhões de litros em 2030, e sua participação nos carros de ciclo Otto viria de 38% em 2015 para 26% em 2030 no hidratado e o Brasil teria que importar 7 bilhões de litros de gasolina em 2030 (15 a 18% da demanda). Se a produção de etanol ficar em 31 bilhões de litros teríamos que trazer de fora do Brasil cerca de 10,5 bilhões de litros, 25% da demanda.

Em relação às emissões dos diversos tipos de combustíveis, vale destacar o novo estudo da AEA. Segundo esta, quando se considera as emissões de CO₂ (gramas por megajoule) estas são muito equivalentes na comparação da gasolina e do etanol. Porém, quando se considera todo o ciclo produtivo, esta conta muda sensivelmente a favor do etanol. Nesta conta, o etanol emite 27 gramas de CO₂ por megajoule gasto em toda sua cadeia produtiva (considera extração, transporte e queima). A nossa gasolina que contém 27% de etanol (E27) anidro emitiria 80 gCO₂/MJ.

Seguindo seu estudo, carros com consumo de 1,68 MJ/km (existem 61 modelos no Brasil) utilizando gasolina (E27) liberam 134 gramas de CO₂ por km. Com hidratado, o mesmo carro emite 45 gramas. A AEA chama a atenção para a necessidade de aumento da eficiência dos motores, mas também da necessidade de evolução do etanol, reduzindo a quantidade de água de 7,5% para cerca de 2%, o que melhoraria o rendimento.

AEA diz que os EUA testam o E25-E30 HOF (high octane fuel) com bons resultados. Entre outras tecnologias que citam para melhoria da eficiência estão os sistemas que desligam os carros quando parados, pneus de menores resistências, compressores de ar-condicionado, sistemas que armazenam e recuperam energia, de redução de atritos e de peso e uso de turbo.

O mês de março foi de fechamento dos contratos de fornecimento de 70% do etanol anidro para os próximos 12 meses (cerca de 8 bilhões de litros foram contratados). Apesar de prêmios melhores, os preços não foram suficientes para cobrir a volta do PIS e Cofins (R\$ 0,12/litro). Os

preços são calculados com base no hidratado (que caiu 18% na comparação deste período com o ano passado pelo Cepea) e os prêmios foram de 12 a 13%. Até o final de maio este percentual contratado deve chegar a 90% do consumo necessário, sendo que 10% ficam para contratos de mercado físico. Preços atuais do petróleo e da gasolina e a perspectiva da economia brasileira ainda fraca e menor consumo de combustíveis foram fatores baixistas.

Pela ANP o consumo de combustíveis caiu 6,2% em fevereiro quando comparado ao mesmo mês de 2016 e no bimestre, caiu 3,6%. Diesel tem queda de 2,8% no bimestre, gasolina tem alta de 7,1% e o hidratado caiu 24,1% em fevereiro e 25,7% no bimestre.

Como já cansei de falar, o aumento do consumo do hidratado passa por um ajuste nos modelos de precificação. Segundo a ANP, as margens dos postos do estado de SP foi de R\$ 0,401/l na segunda semana de março, e de 0,36 no mês, 7,5% acima do mês anterior. Cálculo das margens das distribuidoras pelo Valor Econômico mostra que a média foi de R\$ 0,562 o litro, alta de 4,2% sobre o período anterior. Pela FG/A a margem bruta média da distribuidora foi de R\$ 0,624 o litro na safra 2016/17, valor 14,5% acima da safra anterior. Nas usinas o preço caiu quase 20% desde o começo do ano e nas bombas apenas 6% (ANP). Isto impede que o preço caia a abaixo de 70% e o consumo volte de forma vigorosa.

Enfim: nosso ano de ouro de consumo de etanol foi 2015, quando tivemos baixos preços do açúcar no mercado mundial, a volta parcial da incidência da Cide, reajustes nos preços da gasolina, alíquota de PIS e Cofins vindo a zero e alguns ajustes em Estados, com redução do ICMS sobre o etanol e aumento sobre a gasolina. Neste momento é necessário voltar este consumo até para interferir favoravelmente nos preços do açúcar.

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses nossa coluna traz uma singela homenagem a alguém que sempre contribuiu com o agronegócio e com a cana. Neste mês a homenagem vai ao Prof. Dr. Octavio Nakano, da Esalq. Grande contribuição dada ao agronegócio brasileiro.



Haja Limão

Estamos vendo em todos os lugares uma luta da sociedade organizada pagadora de impostos contra o tamanho do Estado, nas suas esferas Federal, Estadual e Municipal. Em alguns Estados da Federação, o gasto com a folha de pagamento subiu tanto que não têm mais recursos para o pagamento integral de salários. Esta é a tendência. O ajuste é dolorido, mas tem que ser feito.



ACÚCAR NÃO DEVE CAIR MAIS

Publicado na Revista Canavieiros em Maio de 2017

O que acontece com nosso agro?

Tivemos o oitavo anúncio de safra da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento), que agora estima uma colheita de 232,02 milhões de toneladas. São mais de 4 milhões de toneladas acima do anúncio de abril. Se confirmado, teremos uma safra 24% maior que a anterior, que foi de 186,61 milhões de toneladas. Houve também aumento de 3,5% na área total cultivada, chegando a 60,4 milhões de hectares.

Na soja a estimativa pula agora para 113,1 milhões de toneladas, quase 3 milhões acima da estimativa anterior e 18,4% a mais que a safra 2015/16 (95,4 milhões de toneladas).

No milho teremos um total de 92,83 milhões de toneladas, 1,5 milhão a mais que a estimativa anterior. Deste total, 30,15 milhões de toneladas são de verão (17,1% a mais 2015/16) e a explosão mesmo veio na segunda safra, que pula para 62,68 milhões de toneladas, 53,7% a mais que a “safrinha” 2015/2016.

Algodão também terá crescimento de 15%, pulando para 1,48 milhão de toneladas de pluma.

Nosso grande balizador agora é acompanhar o clima e o desenrolar da safra nos EUA.

O índice de preços de alimentos da FAO/ONU (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura), que monitoramos nesta análise mensal, praticamente não variou no relatório de maio.

Meu viés para os grãos é autista, pois as variáveis que estão na mesa neste momento podem pender mais fortemente para este lado. Portanto, eu não venderia.

O que acontece com a nossa cana?

A estimativa de produção de cana da Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*) já re-flete quebras: 585 milhões de toneladas (35,2 milhões de toneladas de açúcar, queda de 1,2% e 24,7 bilhões de litros de etanol, com mix de 47% para o açúcar). Trata-se de uma queda de 3,6%

sendo o menor volume desde 2014/15, lembrando que foi de 607,1 milhões em 2016/17 e 617,7 milhões em 2015/16. Temos pouca cana.

A idade média está em 3,72 anos, ante os 3,55 do começo do ciclo passado. Já a quantidade de ATR (Açúcares Totais Recuperáveis) por tonelada será de 134,40 kg, acima dos 133,03 kg de 2016/17.

A área é cerca de 1% menor e a produtividade deve cair 2%, para 74 toneladas/ha contra 76,6 t/ha em 2016/17. Esta safra de 2017/18 também apresenta pouca cana bisada (8% em 2016/17 e 1% do total nesta safra).

Conab: cai em 1,5% o volume de cana na safra 2017/18, para 647,6 milhões de toneladas e queda de 1,1% no ATR, ficando em 133,1 quilos por tonelada. Esperam no Centro-Sul cerca de 598 milhões de toneladas de cana (2,4% a menos) e um ATR de 133,5 quilos por tonelada, 0,8% a menos.

Terminado o primeiro mês de processamento (abril) no Centro-Sul, estamos mais lentos que na safra passada, como era de se esperar, devido ao menor volume de cana bisada. A moagem segundo a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*) atingiu 41,71 milhões de toneladas de cana-de-açúcar, 39,7% a menos que abril de 2016. O total de Açúcares Totais Recuperáveis por tonelada de cana ficou em 110,72 quilos por tonelada, 5,6% a menos que na safra anterior. Foram produzidos no mês 41,71 milhões de toneladas de açúcar (-39,7%) e 1,62 bilhão de litros de etanol (-41,87%).

Quando terminava esta coluna, os preços do petróleo começavam a reagir, o que é uma boa notícia às commodities, em particular à cana.

Temos pouca cana, estamos gerando menos produtos, e o hidratado pode voltar... Minha aposta é de alta.

O que acontece com nosso açúcar?

A Conab acredita em produção nacional de açúcar de 38,702 milhões de toneladas, sendo 35,466 milhões de toneladas no Centro-Sul. Para a Conab o mix salta de 45,9% para 47,1% de açúcar. A OIA (Organização Internacional do Açúcar) projeta o Brasil com 38,8 milhões de toneladas.

FCStone: deficit global de açúcar em 2016/17 (início em 1º de outubro) caiu de 8,5 milhões para 8,1 milhões de toneladas desde a previsão de fevereiro, devido à redução da demanda de 184,9 milhões de toneladas para 183,6 milhões de toneladas, justificado por preços mais elevados na Índia e redução do poder de compra, mesmo fator observado no Brasil. Esperam também produção maior na Tailândia e menor nos EUA e NE do Brasil, devido à seca.

F.O. Licht acredita em expansão mundial de quase 13 milhões de toneladas nesta temporada 2017/18.

Sucden: ciclo atual no açúcar deve registrar saldo de 1 milhão de toneladas. Acreditam em produção brasileira de 35 milhões de toneladas na safra 2017/18 e 36,5 milhões em 2018/19. No caso da Índia a previsão é de deficit de 5 milhões de toneladas em 2017/18. Prevêem Tailândia produzindo 11,1 milhões de toneladas e União Europeia com 18,2 milhões de toneladas.

Houve queda de consumo no mercado indiano, em cerca de 1 milhão de toneladas (de 25 para 24 milhões de toneladas). Tirou-se um subsídio dado a famílias mais pobres, que consomem 10% do total. Esperam produzir 20,2 milhões de toneladas nesta safra, mas tem estoques perto de 5 milhões de toneladas suficientes até o início da safra em outubro.

Archer Consulting: desde o início deste ano, os preços da gasolina e do açúcar tiveram quedas de 21%, o petróleo de 17% e o etanol de 12%. Aposta em preço médio para maio de 16,51 cents e deve ficar ao redor de 16 cents até julho. Foram já praticamente R\$ 700 de queda em 7 meses, no valor da tonelada.

Acredita-se que o preço médio do hidratado neste ciclo deve ficar ao redor de 14,50 a 15,00 centavos de dólar a libra-peso, o que pode verter cana para etanol, contribuindo para enxugar açúcar do mercado. Nesta linha de raciocínio, o etanol ganhando viabilidade pode reduzir o mix de açúcar abaixo de 46% e com isto o Brasil tiraria do mercado internacional um volume que pode chegar a 3 milhões de toneladas. Devemos ter recuperação do consumo de combustíveis no segundo semestre, ajudando favoravelmente a puxar o etanol e, conseqüentemente, o açúcar. Ou seja, temos consumo aumentando e produção de cana caindo...

Temos que observar os congestionamentos que a grande produção de grãos causará nos fretes e nos portos brasileiros, e pode tumultuar as exportações de açúcar. Ano passado houve quebra da safrinha de milho, mas este ano será gigante.

No cabo de guerra dos preços, de um lado temos a falta de cana, riscos climáticos, aumento do consumo de combustíveis e de açúcar. Do outro lado temos queda do preço do petróleo, mix de açúcar, preços da gasolina caírem, posição dos fundos...

Meu viés é neste momento e pelos fatores colocados nesta coluna, de ligeira alta.

O que acontece com nosso etanol?

Março trouxe recuperação no consumo de combustíveis. Pela ANP (Agência Nacional do Petróleo), tivemos 2% de crescimento, num total de 11,84 bilhões de litros. No primeiro trimestre houve queda de 1,6% na média, puxada para baixo pelo diesel. A gasolina teve aumento de

consumo de 5,78% em março (3,94 bilhões de litros) e de 6,6% no trimestre. O hidratado caiu 11,1% em março e 20,9% no trimestre. A recuperação do mercado chamado Ciclo Otto (veículos leves a gasolina, etanol ou ambos), mais atrelado ao comportamento da renda das famílias. O primeiro trimestre para veículos do Ciclo Otto foi de alta de 1,45%.

Má notícia é a venda de etanol até o momento. Em abril foi de 1,728 bilhão de litros sendo 1,619 bilhão vendidos internamente e 109,04 milhões exportados. É uma importante queda de 16,66% em relação a 2016. As vendas internas de hidratado somaram 956,96 milhões de litros neste abril, quase 20% a menos que abril de 2016. O anidro também caiu quase 20% em relação ao mesmo mês da safra anterior, para 661,74 milhões de litros. Os distribuidores desovaram estoques que tinham que manter até o dia 31 de março.

Estimativa da Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*): no caso do etanol, a perda maior nesta safra será no hidratado, que deverá cair 7,6% em 2017/18, para 13,86 bilhões de litros. A produção do anidro deve aumentar 1,7% na nova temporada, para 10,84 bilhões de litros.

Segundo o Cepea/Esalq (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) o anidro estava no início de maio em R\$ 1,6596/litro (sem PIS/Cofins) e o hidratado em R\$ 1,4591/litro, também sem a incidência dos impostos. Na última semana de abril estavam 11% acima de 2016, contribuindo favoravelmente na equação do Consecana.

O MME (Ministério de Minas e Energia) lançou o RenovaBio ao passo que a Petrobras lançou o Combustível Brasil e o MDIC (Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior) o Rota 2030. O RenovaBio já conhecemos, mas o Combustível Brasil vai na contramão dos esforços ambientais e defende ampliar a produção de gasolina e diesel. O Rota 2030 olha desempenho veicular, eficiência de motores. Um dos argumentos da Petrobras para se posicionar contra o RenovaBio é o da emissão dos chamados geradores de poluentes secundários, tais como os aldeídos e outros compostos oxigenados. Deve ser melhor estudado.

FCStone: em Mato Grosso, Goiás e Mato Grosso do Sul já está mais vantajoso produzir etanol, pois os preços do hidratado estavam em início de maio no valor de 15,85 centavos de dólar a libra-peso em Goiás, 15,60 centavos em Mato Grosso do Sul e 17,40 em Mato Grosso, o que corrobora meu pensamento acima no caso do açúcar.

Estimativa da Archer Consulting com premissa de expansão do canavial em 2% ao ano até 2021/22 e mix de açúcar de 47/48% com frota de 41,5 milhões de veículos (9 milhões a gasolina e 32 milhões de veículos flex) e 14 milhões de motos aponta déficit de 10,6 bilhões de litros de etanol, o que forçará importação dos EUA. Para 2030 estimam um consumo total de 75,7 bilhões de litros de combustível, sendo 40,1 bilhões de litros de gasolina A (sem mistura) e 35,6 bilhões de etanol (14,8 de anidro e 20,8 de hidratado).

Os EUA seguem firmes aumentando a produção de biocombustíveis. Em 2016 produziram o recorde de 15,3 bilhões de galões de etanol e 2,9 bilhões de galões de biodiesel. Muitos mercados dos EUA já usam o B20, desde frotas municipais, agrícolas e outros. No caso do etanol, tem crescido o mercado do E15 em diversos locais, que já são oferecidos em 700 postos em 30 Estados. O E85 é oferecido em 3.870 postos em mais de 2.250 cidades.

Continua a pressão para uma tarifa de até 20% sobre as importações de etanol dos EUA, como comentei mês passado. Foram importados 720 milhões de litros no primeiro trimestre, num valor estimado de avaliados em US\$ 363 milhões. Precisamos estudar muito as possíveis implicações. Vale dizer que a China voltou a praticar uma tarifa de 30% sobre o etanol. Na minha leitura a justificativa ambiental, que será o cerne do RenovaBio é a que deve ser usada, e de quebra negociar abertura do mercado de açúcar.

Curiosidade: a Companhia Müller de Bebidas (Cachaça 51) gera sua própria cana e etanol usados na destilação, em terras próprias ou arrendadas. Sua produção é de 630 mil toneladas em cerca de 9 mil hectares, realizadas pela Vale do Xingu, agrícola controlada da Müller.

Fechando a conversa do etanol neste mês, temos que torcer para o consumo se recuperar rapidamente com a baixa de preços nos postos. O petróleo subindo dará oxigênio para vendas de etanol, temos consumo crescente e moagem menor, além de menos cana, fatores altistas. Com os fatos deste momento, aposto em manutenção de preços agora, mas boas perspectivas de aumentos na segunda metade da safra, portanto eu não venderia, se tivesse caixa para aguentar!

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses nossa coluna traz uma singela homenagem a alguém que sempre contribui com o agronegócio e com a cana. Neste mês a homenagem vai ao Prof. Dr. Enio Roque de Oliveira, que perdemos neste mês de maio, um craque com missão vitoriosa na vida e na cana. Siga em paz Dr. Enio.



Haja Limão

O depoimento do ex-presidente Lula foi o que era de se esperar, enrolação pura. Não será por nocaute. Será por pontos, e Sergio Moro fecha o primeiro round em vantagem.



ANDANDO DE LADO

Publicado na Revista Canavieiros em Junho de 2017

O que acontece com nosso agro?

A estimativa da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) de junho para a safra de grãos 2016/2017 agora está em 234,3 milhões de toneladas, 25,6% a mais que as 186,6 milhões de toneladas de 2015/16. A área cultivada agora é de 60,5 milhões de hectares.

Na soja, a nova estimativa, apenas um mês após, aumenta em quase 1 milhão de toneladas, passando agora para 113,93 milhões. A safra que termina é quase 20% maior que a anterior, de 95,4 milhões. Vejam que interessante. Em apenas um ano agricultores expandiram a produção de soja em 18,5 milhões de toneladas usando 1,9% a mais de área. Medalha de ouro ao sojicultor e agradecimentos a São Pedro.

Também no milho a nova estimativa trás 1 milhão de toneladas a mais que a anterior, passando para 93,83 milhões (30,3 na primeira safra e 63,5 na segunda). Isto representa absurdos 41% a mais que a safra anterior, pois ano passado o clima atrapalhou muito e neste ano ajudou. Fico pensando para escoar este milho todo, capacidades portuárias, frangos e suínos para consumirem. Exportações de milho podem bater recorde de mais de 32 milhões de toneladas na safra 2016/17 de acordo com a Agroconsult, colocando pressão na logística de fretes terrestres, marítimos e portos.

Também no arroz subimos 14,4%, indo para 12,1 milhões de toneladas. Vem por aí também um mundo de algodão, com aumento de 15,4% sobre a safra anterior, tendo agora 1,488 milhão de toneladas de pluma.

As estimativas da Conab neste ano estão servindo como um choque mensal de motivação. Em relação aos preços destas commodities, em dólar praticamente andamos de lado, mas em reais a desvalorização cambial deu algum fôlego. Devem ficar como estão a menos que a partir de agora o “Saint Peter” atue nos EUA atrapalhando o desenvolvimento.

Foi lançado o plano safra 2017/18 que trará 190,25 bilhões de reais para o agronegócio. São 150,25% para custeio e comercialização (116,25 bilhões com juros controlados e o restante com juros livre). Para o custeio os juros caíram de 8,5% e 9,5% ao ano para 7,5% e 8,5%. Para armazéns a taxa cai para para 6,5% ao ano. Como pontos positivos está a volta de apoio a renovação de canaviais, aumento do Moderfrota e recursos para seguro rural. Estima-se que o crédito rural

represente cerca de um terço do necessário pela agricultura. O volume é praticamente o mesmo do ano passado e a taxa de juros um pouco menor. Poderia ser alocado mais para gerar valor e renda no Brasil, mas temos que entender que o cobertor está curto devido à má gestão que tivemos nas últimas décadas por estas terras.

Na arena internacional, vale destacar que continuam diálogos entre o Brasil e o México para ampliar o comércio de grãos, principalmente importações de milho e soja do Brasil, visando reduzir sua dependência dos EUA e suas novas turbulências. O México importa quase 15 milhões de toneladas de milho por ano, e cerca de 4,3 milhões de toneladas de soja. Seria muito bom termos o México como um grande cliente do Brasil ainda mais exportando pelo eixo norte do país.

Uma preocupação em relação aos fretes no futuro vem da OMI (Organização Marítima Internacional) da ONU (Organização das Nações Unidas) que estabeleceu limite máximo na quantidade de enxofre no óleo diesel marítimo em 2020 em 0,5% contra 3,5% agora, o que deve pressionar por uso de combustível de melhor qualidade, devendo aumentar os custos do frete marítimo para as commodities e os preços de outros combustíveis.

Dr. Evaristo Miranda da Embrapa trouxe importantes números sobre a preservação ambiental. O Brasil tem 66% de seu território recoberto por vegetação nativa. A produção de grãos ocupa 9% do território nacional, sendo que 20,5% das áreas das fazendas são de vegetação nativa. Somando-se pastagens nativas, a área conservada do Brasil chega a 75% do território. O Brasil é um país comparativamente aos demais, extremamente ambiental, faltando um pouco mais de reconhecimento dos ambientalistas.

Enfim, nada de grandes novidades no agro deste mês a não ser a expectativa de safra bem maior.

O que acontece com a nossa cana?

Na primeira quinzena de maio foram processadas 38,5 milhões de toneladas de cana-de-açúcar, 3,6% a menos que em 2016/17, de acordo com a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*).

Desde o início da safra processamos 80,3 milhões de toneladas, 26,3% a menos que o mesmo período de 2016/17. Foram produzidas 3,9 milhões de toneladas de açúcar, redução de 26%; 1,1 bilhão de litros de etanol anidro, queda de 28%, e 2 bilhões de litros de etanol hidratado, redução de 30,5%.

O clima aparentemente ajudou um pouco neste mês, mantendo as projeções ao redor de 585 milhões de toneladas (3,65% menor) com produção de açúcar de 35,2 milhões de toneladas (1,2% menor) e de 24,7 bilhões de litros (3,71% menor), isto tudo para uma capacidade de moagem no Centro-Sul ao redor de 630 milhões de toneladas.

O que acontece com nosso açúcar?

O mês no açúcar não foi bom. Conjunto de notícias que ajudou a derrubar as cotações mais do que eu acreditava. Vamos aos fatos:

- Fatores como a entrega física de açúcar por um grande produtor em março, o câmbio (movimento de desvalorização do real derruba os preços do açúcar), expectativas aumentadas de produções em concorrentes, redução em 5,4% do preço da gasolina (mesmo com desvalorização do real), organizações (fundos) que investiram esperando valorização, elevação do imposto de importação na China (a taxa além da cota de 1,95 milhão de toneladas por ano foi elevada de 50% para 95%) e o consumo de hidratado que não reage como deveria;
- Preço chegou a ser o menor em 20 meses, tocando 13,74 cents por libra peso. De acordo com a Archer Consulting, o valor do início de junho (R\$ 1,027 por tonelada) é o menor desde setembro de 2015. E pensar que neste ano já tivemos 21,49 cents (06/02) quando bons analistas e alguns sortudos aproveitaram para vender;
- Copersucar já acredita em queda na produção de açúcar na safra 2017/18 devidos aos preços baixos e etanol mais competitivo. De 36 milhões, esperam agora 35,5 milhões de toneladas. Quanto maior a distância em relação ao porto, mais a conversão para etanol tem sido observada. Esperam também mudança no superavit de 2 a 3 milhões de toneladas, a depender deste movimento que já alertei na coluna de maio, para menor. Tal como a Copersucar, a Archer acredita que a produção de açúcar pode ser 1,5 milhão de toneladas menor;
- Para a Datagro, produção global de açúcar em 2017/2018 passa de um deficit de 200 mil toneladas para 640 mil toneladas de superavit. Também caiu o deficit do ciclo 2016/2017, de 7,85 milhões para 6,78 milhões de toneladas, devido ao aumento de produção na Índia (de 19,2 milhões para 20,5 milhões de toneladas em 16/17 e 23,5 milhões para 24,2 milhões em 17/18). Produção também cresceu na China de 9,8 milhões para 10,47 milhões. Também deve aumentar o açúcar europeu de beterraba, puxado pela Ucrânia;
- A OIA (Organização Internacional do Açúcar) mudou sua projeção para o deficit global da commodity na safra 2016/2017 para 6,465 milhões de toneladas, superior ao último relatório que esperava 5,869 milhões de toneladas. A produção deve ser de 165,928 milhões de toneladas (0,3% maior) e o consumo de 172,393 milhões de toneladas (1,22% maior). Em relação a 2017/18 acreditam em superavit de 3 milhões de toneladas, que deve ser mantido também em 2018/19. Como sempre digo que “preço muito bom não é bom” vamos colher agora os resultados dos excelentes preços em alguns momentos de 2016;
- Porém, o Rabobank aposta em preços maiores até o final deste ano, devido aos fundos

de investimentos, pois acredita que os preços estão baixos demais observando a relação entre estoque e consumo;

- Maio foi muito bom para as exportações. Enviamos 2,440 milhões de toneladas de açúcar (bruto e refinado), o que representa um crescimento de 50,4% sobre o mês anterior e 21,3% acima de maio de 2016. Entraram US\$ 1,036 bilhão, 43,2% a mais que os US\$ 723,7 milhões de abril e quase 55% maior que os US\$ 671 milhões de maio passado. Até o final de maio, o volume total vendido (acumulado do ano) atingiu 9,693 milhões de toneladas (cerca de 1,5% a menos), mas a receita está 40,5% maior, atingindo US\$ 4,239 bilhões;
- Ponto negativo para nós foi a estimativa da Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), estimando que a taxação da China pode reduzir as exportações do Brasil em 800 mil toneladas de açúcar neste ano e também o acordo entre os governos de Estados Unidos e México que permite a este continuar a vender açúcar aos EUA. Porém o México terá que alterar a proporção de 50% para 30% de açúcar refinado nas vendas totais, permitindo mais refino nos EUA. Os preços mínimos e nível de pureza também aumentaram;
- Minha leitura está alinhada com o Rabobank, de preços maiores para o açúcar em breve e uma média de preços entre 16 a 17 cents/libra peso nesta safra, a menos que o petróleo caia mais e não consigamos escoar mais cana via hidratado, o que neste momento não é minha aposta.

O que acontece com nosso etanol?

Foi aprovada pela Comissão Especial da Câmara Federal uma proposta que permite aos municípios colocarem uma Cide municipal para custear transporte público. Falta agora ser aprovada pelo plenário, portanto pode ter chances de nos municípios canavieiros, ela ser aplicada apenas para a gasolina, ajudando no consumo de hidratado.

A queda nos preços do açúcar e a possibilidade do Brasil fazer mais etanol já afeta as expectativas com exportações do etanol de milho dos EUA, mostrando como as coisas são inter-relacionadas no complexo agronegócio mundial.

A Nissan conclui neste mês um primeiro momento de testes do projeto e-Bio Fuel Cell, o carro elétrico que usa etanol com fonte geradora de hidrogênio que é transformado em eletricidade. Mas a empresa crê que apenas após 2020 esta tecnologia estará disponível, o que foi triste, pois achava que poderia vir antes.

Um caso de sucesso é o Protocolo Agroambiental do Setor Sucroenergético, segundo estudo apresentado pela Secretaria do Meio Ambiente contribuiu reduzindo praticamente 10 milhões de

toneladas de gás carbônico equivalente entre as safras 2006/07 e 2016/17. Também deixamos de lançar 56 milhões de toneladas de poluentes, entre eles o CO-monóxido de carbono). O número de colhedoras saltou de 753 em 2006/07 para 3.000 em 2016/17. A queima hoje está restrita a apenas 2,5% do território paulista com cana. Trata-se de um presente dado pelo setor à sociedade paulista, praticamente sem cobrar.

Finalmente foi atingido o limite de etanol que pode ser produzido a partir do milho nos EUA desde que a lei passou no congresso em 2007, que estipulou 15 bilhões de galões em 2017. Como a lei coloca que devem ser produzidos 36 bilhões de galões até 2022, outros tipos de biocombustíveis tem que acelerar o passo para atingir esta produção até lá, o que não vem acontecendo. Para crescer, a indústria de etanol dos EUA precisa das exportações e do crescimento de combustíveis que levem mais etanol, como o E85.

Os preços do petróleo, que mês passado foram favoráveis ao etanol por terem subido, voltaram a cair, mesmo com anúncios de corte da produção feitos pela Opep. Esta variável vem atrapalhando bem a cana nos últimos 30 dias.

O preço no mercado interno, de acordo com o Cepea ficou em R\$ 77,52 a saca de 50 quilos, queda de 0,15%.

Estranhou o momento onde a Petrobras abaixou o preço da gasolina, justificada por uma necessidade de recuperação de participação de mercado pois as importações de diesel e gasolina aumentaram bastante em seus concorrentes em detrimento às compras nas refinarias da empresa, trazendo com isto maior ociosidade nos ativos de refino da empresa. Pela ANP, as importações de diesel saltaram 47% no bimestre, motivadas por um prêmio de 16,4% e de quase 3% na gasolina. Esta queda atrapalhou o retorno do hidratado.

A EPE (Empresa de Pesquisa Energética) publicou sua nova análise dos próximos 10 anos no Brasil. Entre as principais conclusões estão uma queda de participação de mercado da Petrobrás na produção nacional de petróleo de 78% para 70% até 2026 e nossa produção deve dobrar para algo entre 4,7 milhões e 5 milhões de barris diários em 2026.

Na visão da EPE a demanda (Ciclo Otto) não acompanha a oferta pois crescerá apenas 9,25% até 2026 e o Brasil passará a exportar 1,5 milhão a 2 milhões de barris/dia. A boa notícia é o aumento na participação do hidratado dos atuais 30% para 46% em 2026, com expansão de uma a duas novas usinas por ano à partir de 2021. A EPE está mais verde recentemente.

Fechando, o etanol hidratado precisa recuperar espaço no mercado para ajudar no preço do açúcar. Continuo crendo que como temos menos cana e a economia começa a dar sinais de vida, eu não venderia agora.

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses temos um grande homenageado aqui neste espaço e desta vez novamente é triste, pois perdemos um dos precursores da mecanização em cana. O australiano (quase que brasileiro) John Stanley Pearce não resistiu ao câncer e faleceu na Austrália, deixando muitas saudades e centenas de manifestações nas mídias sociais do Brasil. Siga em paz John, foi um privilégio conviver contigo e guardarei sempre momentos de alegria como este na minha casa, onde na companhia do amigo comum Fabio Balaban curtimos a vida com os derivados da cana!



Haja Limão

Os depoimentos das propinas pagas a diversos agentes públicos são estarrecedores. E não encontram fim, tomando nosso tempo de notícias e nossa paciência. Recursos que foram retirados da saúde, da educação, da segurança pública, da infraestrutura e outras áreas, penalizando o povo brasileiro e matando pessoas. Acho que vocês tal como eu, imaginavam corrupção, mas não nesta magnitude que estamos conhecendo agora. Lembrando o ex-presidente Lula e sua frase célebre, a corrupção atingiu um estágio “como nunca antes visto na história deste país”. E é bem propício neste caso usar frase dele, como um grande catalisador deste processo. Agora foco em aprovar as reformas e fazer a assepsia em outubro de 2018.



PESSIMISMO NA CONJUNTURA, MAS OTIMISMO NO FUTURO

Publicado na Revista Canavieiros em Julho de 2017

O que aconteceu com nosso agro?

A estimativa da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) de julho para a safra de grãos 2016/2017 agora está em 237,22 milhões de toneladas, sendo 27,1% a mais que as 186,6 milhões de 2015/16. Agregamos em apenas um ano 50 milhões de toneladas de grãos. A área cultivada é de quase 60,6 milhões de hectares e 3,7% maior que na safra anterior. Ou seja, em um ano aumentamos a área em mais de 2,2 milhões de hectares. Que desempenho fantástico.

Na soja foram colhidas 113,93 milhões de toneladas. A safra que termina é quase 20% maior que a anterior, de 95,4 milhões. Também no milho a nova estimativa traz quase 3 milhões de toneladas a mais que a anterior, passando para 96 milhões (30,4 na primeira safra e 65,6 na segunda). No arroz subimos mais 200 mil toneladas, indo para 12,3 milhões de toneladas.

A safra atual também tem ajudado na recuperação das empresas produtoras de grãos, que nesta safra tiveram produtividades maiores, e o principal destaque comparativo foi no algodão. A SLC Agrícola, por exemplo, teve lucro líquido de quase R\$ 84 milhões no primeiro trimestre de 2017, a Terra Santa R\$ 33,07 milhões e a BrasilAgro R\$ 4,5 milhões (dados do Valor).

Um destaque especial nesta nossa leitura do mês é que o tradicional levantamento da Conab completou 40 anos. Se compararmos com o passado, temos grande satisfação em ver o resultado do trabalho dos nossos produtores e agentes do agronegócio. Em 1976/77 produzimos 46,9 milhões de toneladas em uma área de 37,3 milhões de hectares. 40 anos após estamos produzindo 237,2 milhões de toneladas em uma área de 60,6 milhões de hectares. São 40 anos onde a área cresceu 62,5% e a produção cresceu 405,3%, graças ao binômio tecnologia e gestão. O interessante é que com a produtividade de 1977, precisaríamos de 188,6 milhões de hectares para gerar a produção atual de grãos, portanto a tecnologia evitou o uso de mais de 125 milhões de hectares. Difícil ver outro setor da economia com tal pujança.

Na área internacional julho traz boas notícias. O índice de preços de commodities alimentares da FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura) chegou a 175,2 pontos, 1,4% acima de maio e 7% acima do mesmo mês de 2016. Ou seja, os preços em um ano estão 7% maiores em dólar. Altas puxadas pelo leite (subiu mais de 8%), cereais

e carnes (subiram 1,8%), enquanto que o açúcar (caiu 13%) e os óleos vegetais caíram. O de cereais chegou ao maior valor em 12 meses, principalmente pelas expectativas nos EUA, algo que acertamos aqui na previsão de 2 a 3 meses atrás. Há ainda a presença de considerável risco climático nos EUA.

A oferta mundial de cereais na safra 2017/18 é abundante, puxada por produções recordes na América do Sul, mas menor que o recorde de 2016. A FAO projeta produção mundial de 2,593 bilhões de toneladas (0,6% menor que na safra anterior) e o consumo mundial seria de 2,584 bilhões (crescimento de apenas 0,5% sobre o ano anterior) o que elevaria os estoques mundiais para 704 milhões de toneladas.

Nossas exportações de junho também foram boa notícia, chegando a US\$ 9,3 bilhões, praticamente 11,6% mais que junho de 2016, deixando um superávit de US\$ 8,1 bilhões. Na primeira metade do ano o agro trouxe US\$ 48,2 bilhões, quase 7% acima de 2016. O superávit deixado foi de US\$ 40,8 bilhões. Injeção na veia do Brasil. Somente o complexo soja trouxe ao Brasil incríveis US\$ 20 bilhões no primeiro semestre.

Em relação aos preços destas principais commodities, exportadas pelo Brasil (no índice da FAO entram outras) no mês de junho não foram bons, tivemos quedas expressivas no açúcar e no café, quedas também no algodão e o milho andando de lado. A soja teve alguma recuperação devido às informações vindas da safra dos EUA. Fora isto, o real voltou a se valorizar e ao que tudo indica deve continuar neste caminho voltando ao patamar em que estava pré-crise da JBS. Este fato deve ajudar a levantar um pouco o preço em dólares das commodities onde o Brasil é grande participante das exportações mundiais. Segundo o Valor Data, porém, quando fazemos a comparação semestral (primeiro semestre de 2017 x primeiro semestre de 2016), os preços neste ano estão melhores para o algodão (23,5%), suco de laranja (12,1%), café (11,2%), açúcar (10,3%) e soja (1,6%). O milho está 2% abaixo.

Em relação ao longo prazo, algo que já tenho discutido aqui há algum tempo, o novo relatório de Perspectivas 2017/2026 da FAO e da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) prevê que não teremos aumentos de preços nas commodities, inclusive havendo até ligeira queda. Haverá oferta abundante de grãos devido principalmente a crescimentos nas produtividades, demanda mais controlada nos países emergentes e as políticas de biocombustíveis não crescerão como previsto. Eventos climáticos podem alterar o quadro, mas a aposta é nesta estabilidade.

Enfim, as notícias de julho no geral foram boas ao agro em termos de produção e ligeiramente negativas em termos de preços pelos fatores listados acima, mas muito boas nas questões macroeconômicas, com a aprovação da reforma e conseqüente modernização na área trabalhista e a consolidação da primeira das muitas condenações que serão dadas ao ex-presidente do Brasil.

O que acontece com a nossa cana?

De acordo com a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), a moagem acumulada desta safra até o dia 01 de julho foi de 198,75 milhões de toneladas. Estamos atrasados em quase 7,81%. Já foram produzidos 11,05 milhões de toneladas de açúcar (11,02 milhões em 2016), praticamente o mesmo volume, mas tombamos no etanol, com produção total de 7,61 bilhões de litros (-14,33%). O hidratado caiu 19,5%, para 4,39 bilhões de litros e o anidro caiu 6,1%, para 3,22 bilhões de litros.

No ATR a diferença diminuiu bastante, estávamos bem piores que na safra anterior, e agora praticamente alcançamos, chegando a 123,17 kg/ton. A produtividade também quase alcançou o ano passado, chegando no acumulado da safra a 82,12 toneladas por hectare, o que dá 0,91% a menos que na safra anterior. O teor de ATR desta última quinzena foi de 129,97 quilos/tonelada de cana, contra 129,80 do mesmo período do ano passado. Na quinzena também o mix foi de 50,48% para açúcar e moemos 1,42% a menos que a comparação do mesmo período.

Em relação às empresas, destaque para a nova dimensão da Raízen com a aquisição das duas usinas da Tonon passará a uma capacidade de moagem de 73 milhões de toneladas anuais.

Também destaque o memorando assinado entre indústria e produtores no Ethanol Summit, que passa a ser um novo Protocolo Agroambiental, com ações para estimular o reflorestamento, com recuperação de matas ciliares e o fim definitivo da queimada.

O que acontece com nosso açúcar?

O mês no açúcar não foi bom. Seguem aparecendo os números que mostram o excesso de produção. Pela Datagro a safra de 2017/18 (outubro/setembro) será de superávit ao redor de 590 mil toneladas, e também houve queda na previsão do déficit de 2016/17, que antes era 6,78 milhões de toneladas e agora passa a ser 5,71 milhões de toneladas.

Na Índia estamos com chuvas acima do normal, ajudando na produtividade e fazendo a produção provavelmente voltar a 25 milhões de toneladas. Só a Índia aumentará quase 5 milhões de toneladas na produção comparada à safra anterior, com aumento de área de 4,48 para 4,75 milhões de hectares. O consumo na Índia também está impactado negativamente por preocupações com saúde, impostos em refrigerantes e outros.

Na exportação o desempenho é bom. Em junho foram enviadas 3,089 milhões de toneladas de açúcar, o que dá 26,6% a mais que o embarque de maio e 15% acima de junho de 2016. Isto trouxe ao Brasil US\$ 1,273 bilhão, dando quase 23% acima de maio e quase 40% acima de junho de 2016. Em 2017 o açúcar já buscou no exterior US\$ 5,514 bilhões, pouco mais de 40% acima, exportando 12,783 milhões de toneladas, volume pouco acima de 2016 (+2,2%).

Há clima de pessimismo no mercado contaminado pelos fatores baixistas e pouca expectativa que o petróleo possa reagir. No fechamento desta leitura o mercado futuro de açúcar estava em 13,68 centavos de dólar por libra-peso e ainda temos a valorização do real. No mercado interno, a saca está ao redor de R\$ 64,00, razoavelmente menor que o mesmo período do ano passado. Ou seja, não foi um bom mês.

O que acontece com nosso etanol?

Dentro do processo de destruição de valor pelo qual passamos, em dez anos o etanol perdeu quase dez pontos na participação dos veículos Otto, de 55% para 45,8% em 2016. Só de 2015 para 2016 perdemos 3,3% de participação.

O consumo de etanol não reagiu como precisaria. Pela Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), o total de etanol vendido pelas usinas do Centro-Sul foi de 2,12 bilhões de litros em junho, sendo 149,46 milhões de litros exportados e 1,97 bilhão para o mercado interno. De anidro foram vendidos 838,70 milhões de litros, menos que os 861,69 milhões do mês de junho de 2016. O hidratado também caiu para 1,13 bilhão de litros, contra 1,16 bilhão de maio.

Preços do petróleo neste ano já caíram 20%, vindo desde o pico de US\$ 56 para os atuais US\$ 44 o barril. Temos hoje muito mais produtores com distintas tecnologias de produção, o que faz com que o cartel do petróleo perca sua força de controle.

Resta esperar pela volta da Cide (Contribuições de Intervenção no Domínio Econômico) na gasolina, pelo menos a inflação muito abaixo da melhor expectativa e a necessidade de arrecadar do Governo são fatores de estímulo.

Enquanto a cana contribui fortemente para a balança comercial, o déficit na balança comercial advindos do diesel e da gasolina só aumenta. No primeiro trimestre tivemos deficit de 2,63 bilhões de litros de diesel e 1,411 bilhão de litros de gasolina. São números sensivelmente superiores ao mesmo período do ano passado, de 1,44 bilhão de litros para o diesel e de 568 milhões de litros para a gasolina. Mais um estímulo ao RenovaBio.

Os EUA apresentaram via a EPA (Agência de Proteção Ambiental) a nova meta para os mandatos de biocombustíveis, com ligeira redução no volume onde se encaixa a cana (biocombustíveis “avançados”) para 4,24 bilhões de galões em 2018 face aos 4,28 bilhões de 2017. É uma mudança praticamente imperceptível, uma vez que o Brasil se tornou importador líquido de etanol (em 2016 tivemos US\$ 321 milhões de déficit na balança comercial de etanol com os EUA). O milho manterá em 15 bilhões de galões, o que é uma boa notícia ao agro brasileiro, face ao risco que uma diminuição desta meta traz nos preços das commodities. Segundo a Datagro, a participação do Brasil nas exportações mundiais de 2013 para 2015 caiu de 40% para 26%, enquanto os EUA pularam para quase 50% do mercado.

No fechamento da leitura o hidratado estava R\$ 1,39 e o anidro R\$ 1,54, neste momento, sem grandes perspectivas de alteração. Um mês que na conjuntura não foi bom ao setor, mas na estrutura, um pouco mais de esperança na adoção do RenovaBio e na volta da Cide, além da aprovação da reforma trabalhista.

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses temos um grande homenageado aqui neste espaço e desta vez nossa singela homenagem vai ao Acácio Masson Filho, da Assobari, pelo pioneirismo em muitas ações de sustentabilidade na cana e pela elegância infinita.



Haja Limão

Na verdade desta vez as notícias aqui são boas. O Brasil aos poucos pode ter chance de inserção como sociedade mundial organizada. Aprovar uma reforma trabalhista foi excelente, e mais ainda ver o início das condenações do ex-presidente. Esta me parece a mais leve, de 9 anos. Acho que no total arrisco que passam de 20 anos as condenações somadas.



MAIS UM MÊS ANDANDO DE LADO

Publicado na Revista Canavieiros em Agosto de 2017

O que aconteceu com nosso agro?

A nova estimativa da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) de agosto para a safra de grãos 2016/2017 está em 238,22 milhões de toneladas, sendo 27,7% a mais que as 186,6 milhões de 2015/16. Agregamos em apenas um ano 51,6 milhões de toneladas de grãos. A área cultivada é de quase 60,66 milhões de hectares e 4% maior que na safra anterior, mais de 2,2 milhões de hectares agregados à produção.

Nos preços das commodities globais medidas pela FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura), julho foi bom. O índice de preços de commodities alimentares chegou a 179,1 pontos, 3,9% acima de junho e 10% acima do mesmo mês de 2016. Fomos ajudados pelo leite (subiu mais de 3,6%), cereais e açúcar (subiram 5%). As carnes e óleos vegetais ficaram na mesma. Vamos verificar agora no próximo mês o efeito da estimativa de safra do USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos), que surpreendeu para cima e derrubou os preços de soja e milho.

Em julho continuamos com excelente performance nas exportações. Foram US\$ 8,3 bilhões, praticamente 5,8% mais que junho de 2016, deixando um superavit de US\$ 7,2 bilhões. No acumulado de janeiro a julho o agro trouxe US\$ 56,4 bilhões, quase 6,8% acima de 2016. O superavit deixado já está em US\$ 48 bilhões.

A soja vem sendo o destaque do ano e em julho foram exportados mais US\$ 3,1 bilhões. Somente o complexo soja trouxe ao Brasil incríveis US\$ 20 bilhões no primeiro semestre. Devemos exportar mais de 64 milhões de toneladas de soja (até julho já foram 51,9 milhões) que poderão trazer ao Brasil US\$ 23,4 bilhões e, somando óleo e farelo, chegamos perto de impressionantes US\$ 30 bilhões.

No milho podemos exportar mais de 30 milhões de toneladas neste ano. Somente em julho foram 3,3 milhões, ajudando a escoar esta mega segunda safra e não deixando os preços caírem mais aos produtores. Nas carnes, que este ano têm margens melhores beneficiadas pelo menor custo de ração, também tivemos crescimento de 13,2%, acumulando US\$ 1,3 bilhão em vendas.

Impulsionada por estes números do agronegócio, a balança comercial brasileira teve um superavit de US\$ 6,298 bilhões em julho, advindos de US\$ 18,769 bilhões em exportações (14,9% acima) e US\$

12,471 bilhões em importações (6,1% acima). No ano já acumulamos um superavit de US\$ 42,514 bilhões, contra US\$ 28,227 bilhões no mesmo período de 2016. Podemos fechar o ano com superavit de US\$ 60 bilhões, dando grande contribuição ao Governo neste momento de retomada da economia.

Segundo estudo da OMC (Organização Mundial do Comércio), o Brasil é o terceiro exportador agrícola do mundo, atrás da EU (União Europeia) e dos Estados Unidos, representando 5,1% do total mundial. Em 2016, quase 25% das nossas exportações foram para a China, e devem crescer.

Enfim, as notícias de agosto no geral foram razoáveis ao agro em termos de produção e ligeiramente negativas em termos de preços pelos fatores listados acima. Tínhamos crescente expectativa que os preços de milho e soja subiriam, mas a divulgação da estimativa de safra do USDA foi uma ducha de água fria neste mês.

No cenário econômico e político, na minha leitura aconteceu o menos pior. Deixamos este Governo que aí está terminar seu trabalho pressionado ferozmente pelas reformas estruturantes, privatizações e corte de gastos e de benefícios e estruturas estatais.

O que acontece com a nossa cana?

De acordo com a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), a moagem acumulada desta safra até o dia 1º de agosto foi de 297,33 milhões de toneladas. Estamos atrasados em quase 14,78 milhões de toneladas em relação à safra anterior. Já foram produzidos 17,57 milhões de toneladas de açúcar (16,97 milhões em 2016), e no etanol 11,54 bilhões de litros (-10,15%). O hidratado caiu 14,47%, para 6,57 bilhões de litros e o anidro caiu 3,74%, para 4,99 bilhões de litros.

No ATR, devido também à seca, estamos ligeiramente acima do ano passado, chegando a 128,02 kg/ton (em 2016 era de 127,26). A produtividade começa a se deteriorar, chegando no acumulado da safra a 82,44 toneladas por hectare, o que dá 2,91% a menos que na safra anterior, graças principalmente à seca que atinge São Paulo. Na quinzena também o mix foi de 50,33% para açúcar e moemos 1,42% a menos que a comparação do mesmo período.

Foi divulgado o lucro do grupo Lincoln Junqueira na safra 2016/17, de quase R\$ 664 milhões, três vezes maior que na safra anterior, o que contribuiu para importante redução do endividamento. A receita líquida atingiu R\$ 2,7 bilhões em 2016/17, e foram processadas 16,2 milhões de toneladas de cana. A redução do endividamento e das taxas de juros deve melhorar o resultado da operação, e também o negócio de cogeração, com o recente aumento dos preços da energia no mercado livre.

Já a Biosev apresentou um prejuízo líquido perto de R\$ 577,3 milhões neste primeiro trimestre do ano-safra 2017/2018 (abril a junho). Por estes dados pode-se perceber o dano do endividamento no setor de cana. O Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização)

chegou a R\$ 159 milhões (13,5% maior), mas com os juros da dívida, que era de R\$ 5,218 bilhões no final de junho, a operação é drenada, mesmo com melhor performance, moendo mais cana e com melhor ATR. Deve moer no total algo perto de 32,5 milhões de toneladas nesta safra.

A Cofco Agri deve aumentar sua participação no setor de cana. Já adquiriu a NobleAgri (capacidades de 15 milhões de toneladas) e pode ter interesse nos ativos da Renuka. Tal como seu avanço nas tradings e nos distribuidores de insumos, eu acredito em entrada mais forte dos chineses no setor.

Na safra 2016/17 o Grupo Balbo teve um lucro líquido de R\$ 6,32 milhões, 82% menor que na safra anterior. Mesmo com receita maior (R\$ 990,095 milhões), o endividamento de R\$ 451 milhões pesou na balança. Segundo a Archer, o endividamento das usinas, no final de julho, alcançou R\$ 88,59 bilhões (5,43% a mais que ano passado), sendo em minha visão a principal doença do setor.

Foi inaugurada a usina de milho da FS Bioenergia em Lucas do Rio Verde, investimento de R\$ 450 milhões com perspectivas de faturamento ao redor de R\$ 500 milhões por ano. Produzirão etanol, óleo de milho (usado no biodiesel) e o farelo de milho, chamado de DDG (distillers dried grains). É próxima de uma fábrica de rações e de biodiesel, o que deve permitir a circularidade de produtos. Esta unidade pode moer 50 mil toneladas de milho por mês e produzirá 240 milhões de litros por ano. O capital é de 75% de uma empresa americana Summit e 25% da Fiagril. A Datagro acredita que na safra 2017/18 teremos já 750 milhões de litros sendo produzidos no Brasil.

Enfim, estamos atrasados na safra e fazendo mais açúcar que o previsto, devemos agora começar a ter maior percentual de etanol e este atraso não preocupa muito, pois temos menos cana que no ano anterior e capacidade para processá-la.

O que aconteceu com nosso açúcar?

Segundo a OIA (Organização Internacional do Açúcar) devemos ter um superavit de 4 milhões de toneladas na safra 2017/18. Outras estimativas são do Rabobank (2,7 milhões) e FO Licht (5,4 milhões), todas superavitárias.

Em relação às exportações, em julho foram 2,661 milhões de toneladas de açúcar bruto, queda de 13,8% no total exportado em junho (3,089 milhões de toneladas) e também 8,6% abaixo de julho de 2016. Traduzido em dólar, trouxemos US\$ 1,040 bilhão, 18,3% a menos que junho e 2,2% abaixo de julho de 2016. Porém, considerando todo o ano de 2017, exportamos 15,444 milhões de toneladas (+0,2%) e faturamos US\$ 6,554 bilhões (+31,3%).

Notícia negativa ao setor foi o estudo do Rabobank, que estima que teremos um recuo conjuntural na demanda de açúcar que pode chegar a 5% em três anos, empatando com o crescimento anual

esperado de 1,5 a 2%. Este recuo viria de mudança em hábitos de consumo e pressão regulatória de Governos, visando reduzir os teores de açúcar em bebidas e outros produtos. Acreditam que a taxa de crescimento nestes próximos 15 anos será menor que nos últimos 15. Temos que observar bem isto, pois os consumos per capita em mercados populosos são ainda bastante baixos, e isto, como o próprio estudo alerta, é o fator principal que pode contrabalançar este quadro.

Segundo a Archer, o preço médio de julho foi de 14,12 centavos de dólar por libra-peso, 4,35% maior que junho. Acreditam que no último trimestre podemos ter média de 16,56 centavos de dólar por libra-peso podendo tocar os 18 centavos. Seus números indicam que o custo de se produzir açúcar na usina estaria ao redor de R\$ 48/sc, e somando-se despesas de transporte (estimadas em R\$ 100/tonelada) e US\$ 12,50 para despesas portuárias, chega-se a 15,12 cents/libra peso (custo FOB Santos).

Continua um clima de pessimismo no mercado contaminado pelos fatores baixistas e pouca expectativa que o petróleo possa reagir. No fechamento desta leitura o mercado futuro de açúcar estava em 13,20 centavos de dólar por libra-peso. No mercado interno, a saca está ao redor de R\$ 55,00, bem menor que o mesmo período do ano passado. Ou seja, não foi um bom mês e para piorar estamos com queda já de mais de 30% nos preços neste ano. Temos que tomar cuidado com a provável valorização do Real caso passem as reformas estruturantes neste segundo semestre. Mas com maior mix para etanol e efeitos do clima seco sobre a safra de cana, meu viés de preços é altista.

O que acontece com nosso etanol?

O consumo de combustíveis caiu 1,3% no primeiro semestre, sendo que o do Ciclo Otto cresceu 2,1%. Em junho, o consumo de gasolina cresceu 11,6% (3,762 bilhões de litros) e o consumo de etanol caiu 17,6%. Seguimos perdendo mercado. Em gasolina equivalente consumimos nos últimos 12 meses 53,76 bilhões de litros. Segundo a Archer, caso a economia cresça nestes dois próximos anos, o consumo pode encostar em 58 bilhões de litros, necessitando mais oferta tanto de gasolina quanto de etanol.

As importações de combustíveis e lubrificantes estão 33,7% maiores em 2017 e somente em julho foram 57,3% maiores que o mesmo mês de 2016.

Exportamos em julho 156,1 milhões de litros de etanol, 2,5% a menos que junho e quase 30% a menos que julho do ano passado. Em termos de faturamento, foram US\$ 80,6 milhões neste mês, 6,4% a menos que junho e 23% a menos que julho de 2016. Considerando-se todo o ano de 2017, estamos com um volume exportado de 744,8 milhões de litros (42,8% menor), e faturamento de US\$ 438,6 milhões, 30% a menos que o ano passado.

O Governo voltou atrás e reduziu o valor do imposto (PIS/Cofins) sobre o etanol em 0,08 centavos. Era de R\$ 0,20 e passará a ser de pouco mais de 11 centavos/litro chegando a 0,24/litro (já tínhamos cobrança de 0,12 centavos).

Aparentemente vai avançando o RenovaBio, que se baseará muito nos créditos de descarbonização (CBIO's) ou tributações de carbono e podem entrar em vigor em 1º de julho de 2018, com um período de transição.

Em relação à tributação do etanol americano, caminha-se para uma decisão de aplicar 20% de tarifa no que exceder 600 milhões de litros anuais (150 milhões por trimestre). Meu receio principal é a retaliação que isto pode trazer num momento que não é bom ao setor. Eu preferia outros mecanismos, mais alinhados com o RenovaBio e a política de tributação por emissões, além de corrigir os problemas causados pelo incentivo dado no Maranhão para as importações.

Mais um estudo sobre a questão ambiental do etanol foi publicado, com apoio da Fapesp. Este relaciona os preços dos combustíveis às emissões, comprovando que estas aumentam com o aumento da participação da gasolina no mercado.

O Governo do Reino Unido anunciou que proibirá a venda de carros novos e vans a diesel ou gasolina em 2040. A medida visa combater a poluição. A consultoria IHS Markit crê que a venda de carros com combustão interna na União Européia deve cair de 17 milhões de veículos em 2015 para 12 milhões em 2025. Carros elétricos passariam de 350 mil para 1,85 milhão neste período.

No fechamento da leitura o hidratado estava R\$ 1,48 e o anidro R\$ 1,65/litro. Um mês que na conjuntura, não foi bom ao setor, mas na estrutura, um pouco mais de esperança com o menor aumento do PIS Cofins. Acho que o etanol não deveria ter aumento tributário algum, até para sinalizar que o RenovaBio vem para valer. Fica complicado assinarmos um papel em Paris com metas ambientais e caminhar na contramão no sentido de aumento de tributos. Meu viés para o etanol também é altista, creio no aumento do consumo de combustíveis agora e podemos ser surpreendidos com o real tamanho da safra.

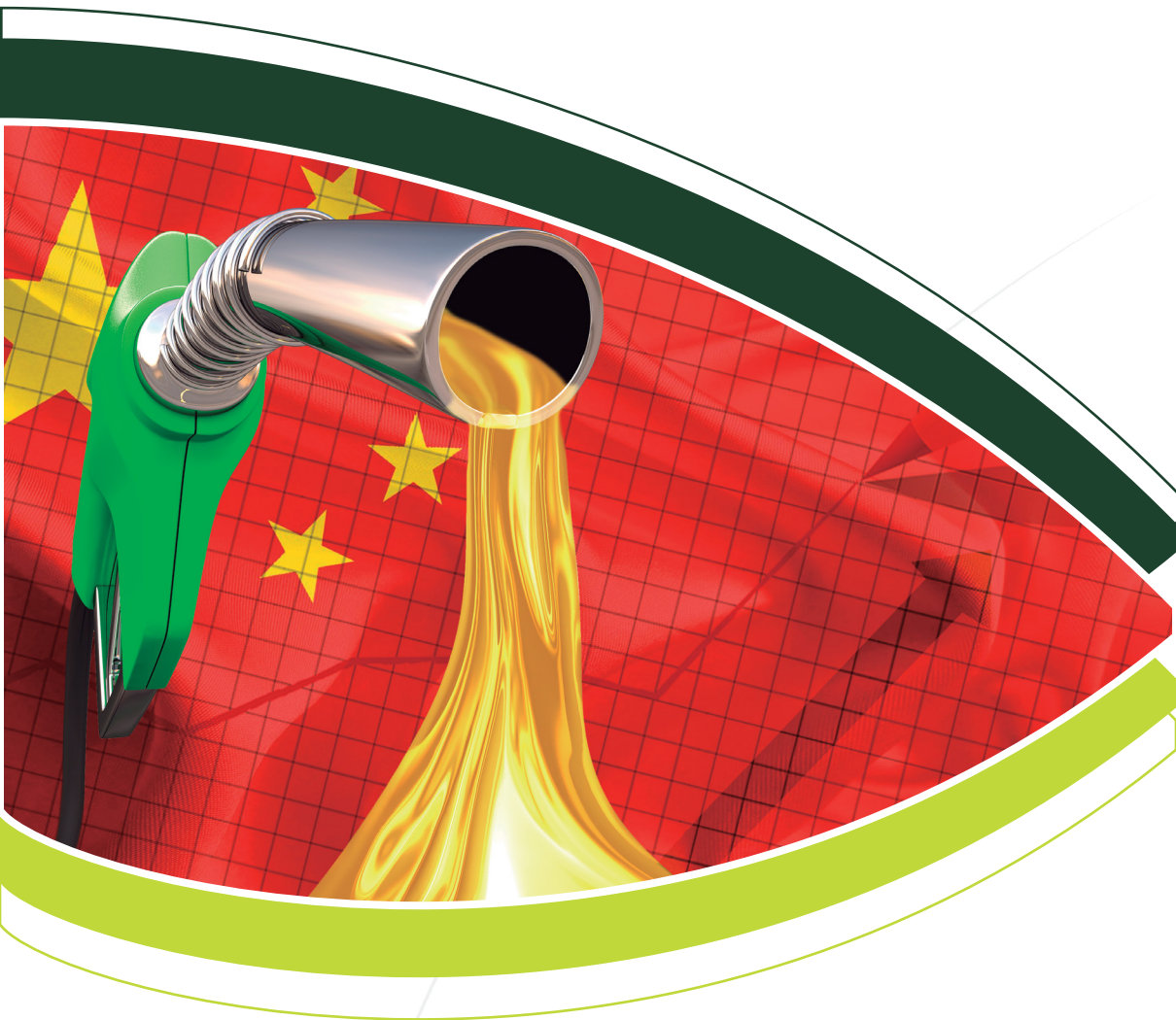
Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses temos um grande homenageado aqui neste espaço e desta vez nossa singela homenagem vai ao empreendedor Raulo Allano Krubnikí Ferraz, jovem que formamos na Fearp/USP há dois anos, recebeu prêmios de inovação e criou start-up na área médica, e que foi vítima de grave acidente automobilístico. Perdemos um talento e para seu professor, uma enorme dor.



Haja Limão

Nosso foco total agora é pressionar o Governo por reformas estruturantes, corte das estruturas e benefícios estatais e privatizações em massa.



O ETANOL REAGE E A CHINA SURPREENDE

Publicado na Revista Canavieiros em Setembro de 2017

O que aconteceu com nosso agro?

A Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) em setembro, projeta a safra de grãos 2016/2017 em 238,8 milhões de toneladas, sendo 28% a mais que as 186,6 milhões de 2015/16 ou simplesmente 52,2 milhões de toneladas de grãos. A área cultivada chega a quase 70 milhões de hectares (4,4% maior que a anterior) somando mais de 2,5 milhões de hectares à produção. Analisando-se por algumas culturas, no algodão já quase terminamos a colheita, com 1.529,5 mil toneladas de pluma e 2.298,3 mil toneladas de caroço. De amendoim foram 438,8 mil toneladas, também 13% acima. O arroz também veio forte, com 12,33 milhões de toneladas de produção. A soja manteve as 114 milhões de toneladas e o milho ajudou a dar incrível este salto, chegando a 97,71 milhões de toneladas, somando-se as duas safras. Por fim, de trigo ainda temos riscos, mas devemos produzir algo ao redor de 5,22 milhões de toneladas. Grãos e mais grãos!

Outra boa notícia foi a performance nas exportações. Foram US\$ 9 bilhões trazidos pelo agro (46,4% das vendas do país) em agosto, praticamente 18,5% mais que agosto de 2016, deixando um superavit de US\$ 7,8 bilhões. No acumulado de janeiro a agosto o agro trouxe US\$ 65,4 bilhões, quase 8,3% acima de 2016. O superavit deixado já está em US\$ 56 bilhões (7,5% acima). Os produtos da soja vêm sendo o destaque do ano e em julho foram exportados mais US\$ 2,7 bilhões. Só de soja-grão foram quase 6 milhões de toneladas. No milho exportamos US\$ 818 milhões, quase 90% a mais. Carnes também estão 20% acima, trazendo mais de US\$ 1,5 bilhão neste mês. Dólares e mais dólares!

O índice de preços de commodities alimentares da FAO (Organização das nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura) chegou a 176,6 pontos, 1,3% abaixo de julho e 6% acima de agosto de 2016. Cereais (5,4% de queda), açúcar (1,7%) e carnes (1,2%) derrubaram o índice, mesmo com os aumentos de óleos vegetais (2,5%) e os lácteos (1,4%). A FAO estima que a produção de grãos em 2017 vai atingir recorde, pois o mundo deve produzir 2,611 bilhões de toneladas e utilizar 2,591 bilhões, praticamente 1% a mais que em 2016 ou 23 milhões de toneladas a mais. Cerca de 403 milhões de toneladas serão comercializadas internacionalmente, 2,2% acima do ano anterior, jogando também os estoques para valores recordes de 719 milhões de toneladas (2% acima).

Isto trouxe reflexos nos preços e no ânimo dos produtores. Pelos números do Valor Data os preços da soja recuaram quase 5,5% em agosto e 4,6% em relação a agosto de 2016. Os do milho recuaram 5,7% em relação ao mês passado, mas estão 10,3% acima do ano passado. O trigo caiu também 13,3% no mês e está 6,23% acima em relação ao ano passado. As demais commodities também caíram em agosto e em relação ao ano anterior, nos seguintes valores: cacau (34,72%), açúcar (28,99%), suco de laranja (26,22%), café (5,18%) e algodão (1,95%).

As expectativas da safra que se inicia (2017/18) não são das melhores. Como vimos no balanço da FAO, tem muito grão sendo produzido e elevados estoques no mundo, a safra americana veio razoavelmente bem. Com esta análise, o USDA (departamento de Agricultura dos Estados Unidos) projeta os preços para este próximo ciclo ligeiramente piores. A soja deve ficar entre US\$ 8,35 e US\$ 10,05 por bushel (27,2 kg), pois a situação de estoques é muito confortável e para o milho, esperam entre US\$ 2,80 e US\$ 3,60 por bushel (25,2 kg). Portanto, muito cuidado agora, pois o cobertor de preços estará bem curto, agravado pela valorização do Real.

Sempre temos como melhorar em custos de produção. Apenas um exemplo, o Esalq-LOG trouxe interessante estudo sobre a infraestrutura brasileira e o prejuízo ao setor de grãos, com destaque para soja e milho, que em 2015 tiveram perdas de 2,4 milhões de toneladas, ou praticamente R\$ 2 bilhões, no transporte (incluindo transbordos) e armazenagem distante das fazendas. Mais de 2,3% da carga transportada é perdida.

Neste mês vale destacar a apresentação da Cargill sobre seus dados no agro brasileiro. A receita foi de R\$ 33,1 bilhões, acima dos R\$ 32,8 bilhões de 2015, e um lucro de quase 50% a mais. Cerca de R\$ 3,8 bilhões foram investidos desde 2010, sendo R\$ 775 milhões em 2016. Fortaleceram a originação com o uso do banco próprio e de mais ações de barter. Destaca o investimento feito em etanol de milho junto com a USJ em Quirinópolis e na Alvean, que já movimentou 35% do açúcar mundial transacionado.

Enfim, as notícias de final de agosto e setembro no geral foram de muita produção, muita exportação, mas queda de preços dos principais produtos e valorização do real. Também continua a bagunça no cenário político, com denúncias e condenações sequenciais, mas que não tem contaminado um relativo otimismo na economia. Chama atenção a entrada de capitais de risco em investimentos no setor de produção de alimentos, visando a grandes inovações. Desde gestão de dados, máquinas e engenharia de plantas e micróbios. Neste mês li sobre a New Leaf Symbiotics, que também está em Saint Louis, EUA, estudando o bioma das plantas, principalmente os componentes do solo, bactérias e outros, e seus efeitos melhorando as condições das sementes e das plantas. A inovação segue firme.

O que acontece com a nossa cana?

De acordo com a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), a moagem acumulada

desta safra até o dia 1º de agosto foi de 381,52 milhões de toneladas. Estamos atrasados em quase 3,62% em relação à safra anterior. Já foram produzidos 23,26 milhões de toneladas de açúcar (22,51 milhões em 2016), e no etanol 15,29 bilhões de litros (-7,55%). O hidratado caiu 11,33%, para 8,69 bilhões de litros e o anidro caiu 2,3%, para 6,6 bilhões de litros. Porém, com a mudança do mix, o etanol começa a buscar os números, pelo menos do ano passado.

No ATR estamos ligeiramente acima do ano passado, chegando a 131,99 kg/ton (0,95% acima). Esta última quinzena já mostra uma safra menos açucareira, finalmente o mix está mudando. Foi de 46,95% para açúcar, 3,5% a menos que na quinzena anterior. Com isto produzimos 3,15% a mais de etanol e conseguimos a maior venda quinzenal dos últimos 12 meses, com 12% de crescimento na quinzena. No mês de agosto foram vendidos 2,19 bilhões de litros para o mercado interno, sendo 1,37 bilhões de hidratado (23% a mais que julho). Tardou, mas chegou a onda do etanol.

No primeiro trimestre da safra 2017/18 a USJ teve prejuízo de R\$ 42 milhões, contra lucro de R\$ 50 milhões no ano anterior. Pesaram aumento dos custos operacionais e variação cambial. O endividamento em 30 de junho estava em R\$ 1,125 bilhão, 5,6% a mais que no ano anterior.

O CTC (Centro de Tecnologia Canavieira) prepara a abertura de capital para 2021, na B3 e na Nasdaq onde estão muitas empresas de biotecnologia, agora que a empresa tem sua primeira cana geneticamente modificada. Espera até este período manter as vendas crescendo 20% ao ano e aumentar o share de suas variedades para 20%, hoje estimado em 12 a 13% do total plantado no Brasil. Mesmo valor é a margem EBDTA e também neste caso a meta é chegar a 20%. Hoje a empresa investe cerca de R\$ 200 milhões por ano em P&D e deve construir um laboratório nos EUA.

O que aconteceu com nosso açúcar?

Notícia boa ao mercado foi uma possível sinalização da Índia para abrir importações visando cobrir o déficit deste ano, onde produzirão 21 milhões de toneladas e consumirão 25 milhões.

Também ajudou a alta do petróleo, graças aos problemas nos EUA, devendo estimular mais o etanol. Desde o dia 3 de julho a gasolina já subiu 16%.

Segundo a Archer, os preços médios de fechamento de agosto foram de 13,80 centavos de dólar por libra-peso. Usinas também estão atrasando a fixação de preços para o ano que vem, o que pode ser expectativa altista.

Segue firme o pessimismo no mercado contaminado pelos fatores baixistas de grande oferta, com notícias vindas da União Europeia, Paquistão e outros. No fechamento desta leitura o mercado futuro de açúcar estava em 14,40 centavos de dólar por libra-peso. No mercado interno, a saca está ao redor de R\$ 53,00, bem decepcionante. Resta esperar a onda de hidratado!

O que acontece com nosso etanol?

O consumo de combustíveis cresceu 1,48% em julho, sendo o terceiro mês seguido de crescimento. Porém, no ano até o momento a queda é de 0,9%. O diesel cresceu 2,5%, Ciclo Otto cresceu 1,5%, puxado por um aumento de 7,5% na gasolina no mês e 7,3% no ano. No etanol hidratado seguem más as notícias, pois em julho o consumo caiu 21% (total de 1,035 milhão de m³) e no acumulado do ano, quase 20%. Porém, nos primeiros 15 dias de agosto as vendas de etanol no Centro-Sul, das Usinas para as distribuidoras, tiveram crescimento de 14%, o que pode levar a demanda superar 1,3 bilhão de litros.

Segundo a EPE (Empresa de Pesquisa Energética) do Ministério de Minas e Energia, pelo uso de etanol e biodiesel, o país deixou de emitir em 2016, respectivamente, 55,1 milhões e 9,2 milhões de toneladas de dióxido de carbono equivalente (CO₂ eq). 75,7% do nosso biodiesel é feito com óleo de soja, e 15,4% com sebo bovino. A EPE também estima em quase 31% a participação da biomassa na geração energética brasileira. Do consumo brasileiro, 5% já vem da cogeração das usinas. Da matriz energética brasileira em 2016, 44% da oferta é de fontes renováveis, e ainda crescendo 2,2% em relação a 2015.

Exportamos em agosto US\$ 90 milhões em etanol e no ano US\$ 529 milhões. Como importamos US\$ 64 milhões em etanol, e no acumulado do ano temos US\$ 741 milhões, cerca de 276,1% a mais que o mesmo período de 2016, a balança está negativa em US\$ 212,322 milhões entre janeiro e agosto.

Segundo a Datagro, cresceu mais de 30% a produção de etanol na Argentina neste primeiro trimestre, pulando para 504 mil m³. Estimam que no ano a produção crescerá quase 20%, passando de 1 bilhão de litros. Existem planos para se vender carros flex e se colocar hidratado nos postos.

A China também anunciou que estuda proibir as vendas de carros movidos a combustíveis fósseis em 2040 e fez um anúncio que pode ser a grande notícia do mês: a partir de 2020 toda a gasolina vendida neste que é o maior mercado de carros do mundo, passará a ter 10% de etanol. Isto é uma excelente informação aos produtores de grãos, significando quase que literalmente, a queima dos estoques chineses de milho, sem colocar um grão sequer no mercado. Devem fazer pelo menos 10 grandes unidades de etanol até o próximo ano, que consumirão 3 milhões de toneladas de milho. Estima-se que para fazer o E10, ao consumo de hoje, seriam necessárias 45 milhões de toneladas de milho por ano.

No fechamento da leitura, o hidratado estava R\$ 1,58 e o anidro R\$ 1,73/litro (spot Cepea). Meu viés para o etanol também é altista, continuo acreditando no aumento do consumo de combustíveis agora e podemos ser surpreendidos com o real tamanho da safra, fora a seca de setembro que está comprometendo, pelo menos o desempenho de 2018.

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses temos um grande homenageado aqui neste espaço e desta vez nossa singela homenagem vai ao craque do setor, engenheiro agrônomo Jose Luis Coelho, a fusão perfeita de conhecimento e simpatia.



Haja Limão

O Brasil é pródigo em fornecer ao mundo imagens incríveis. Os R\$ 51 milhões achados em caixas num apartamento da Bahia entram no rol destas imagens eternas. É impressionante a dimensão da quadrilha que se estruturou para assaltar o contribuinte brasileiro. Também impressiona o volume de brasileiros que ainda não acreditam no que fez esta quadrilha.



VENHA FORTE HIDRATADO, NAS 100 MILHÕES DE TONELADAS RESTANTES

Publicado na Revista Canavieiros em Outubro de 2017

O que aconteceu com nosso agro?

Com os números quase finais da safra brasileira de 2016/17 ao redor de 238,8 milhões de toneladas, a Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) soltou a primeira projeção para 2017/18. Devemos ficar entre 224 a 228 milhões de toneladas, uma redução entre 4 a 6%. A área deve seguir crescendo quase 2%, atingindo entre 61 a 62 milhões de hectares. Espera-se um pouco de perda de produtividade, principalmente por questões climáticas. Vem sendo incrível o ganho para a sociedade brasileira desta safra com a derrubada dos índices de inflação. Nas carnes, tivemos deflação de 4,2% neste ano, graças aos menores preços dos grãos e em diversos outros produtos, portanto, o agro promoveu bem-estar.

As exportações de setembro foram de US\$ 8,6 bilhões, praticamente 23,7% acima de setembro de 2016, deixando um superavit de US\$ 7,4 bilhões, impressionante salto. No acumulado de janeiro a setembro, o agro trouxe US\$ 74 bilhões, quase 9,8% acima de 2016. O superavit deixado já está em US\$ 63,3 bilhões (9,9% acima). As exportações de açúcar e etanol aumentaram 50% em relação ao mesmo mês e as de milho cresceram ao redor de 80%. Segue firme o “aspirador chinês”, que somente em setembro comprou quase US\$ 2 bilhões, mais que o dobro observado em setembro de 2016 e puxou 30% das nossas exportações neste ano. Soja já trouxe US\$ 27,8 bilhões (18,2% a mais); carnes US\$ 11,5 bilhões (7,2% a mais); açúcar e etanol US\$ 9,5 bilhões (16,3% a mais) e produtos florestais US\$ 8,4 bilhões (11% a mais). Estes seriam os principais destaques.

O índice de preços de commodities alimentares da FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura) chegou a 178,4 pontos, 1,4% acima de agosto e 7,4% acima de setembro de 2016. Cereais (1,6% de queda) ajudaram a derrubar o índice, enquanto que açúcar e carnes permaneceram com os mesmos preços e os óleos vegetais (2,5%) e os lácteos (2,1%) ajudaram a subir. A FAO estima que a produção de grãos em 2017 vai atingir recorde de 2,612 bilhões de toneladas e utilizar 2,589 bilhões, jogando também os estoques para valores recordes de 720 milhões de toneladas (2% acima). Esta megaprodução tem mantido os preços, principalmente de soja e milho, estáveis e são boas as chances de permanecerem neste patamar.

Enfim, as notícias de final de setembro e outubro foram boas, exportações firmes, produção firme, expectativa de boa safra 2017/18, crescimento de área, mas há alguma preocupação com a seca neste momento atrasando plantio no Brasil. Torcer para que as águas venham!

O que acontece com a nossa cana?

De acordo com a Unica (União da Indústria de Cana-de-açúcar), a moagem acumulada desta safra até o dia 1º de setembro foi de 467,17 milhões de toneladas, contra 476,24 no mesmo período anterior. Estamos atrasados em cerca de 2% em relação à safra anterior. Já foram produzidos 29,23 milhões de toneladas de açúcar (27,88 milhões em 2016), e no etanol 19,42 bilhões de litros (-2,75%). O hidratado caiu 5,7% para 11,04 bilhões de litros e o anidro subiu 1,43% para 8,37 bilhões de litros. Como já observamos no último mês, o etanol está buscando os números do ano passado e pode ultrapassar neste mês.

No ATR houve boa melhoria, chegando a 136,18 kg/ton (2,57% acima). Fizemos nesta última quinzena um mix de 53,4% para etanol, o que ajudou na estratégia geral de construção de valor. Está quase 4 pontos acima do mesmo período do ano passado. Com isto produzimos 11,5% a mais de etanol.

O tempo seco já traz reflexos na produtividade desta safra e deve afetar a próxima. A amostra do CTC (Centro de Tecnologia Canavieira) estima em 79,6 toneladas/ha desde o início desta safra, contra 80,9 do mesmo período de 2016.

No mês de setembro foram vendidos pelas usinas (não significa consumo) 2,15 bilhões de litros para o mercado interno e quase 158 milhões de litros para exportação. De hidratado foi 1,38 bilhões de litros. Enfim, moemos cerca de 5% a menos de cana na quinzena, com 10% a mais de sacarose.

Estudo da RPA Consultoria indica 52 unidades em recuperação judicial e 27 em falência num total de 444 unidades. Acreditam que existem 25 prestes a solicitar recuperação judicial. O estudo indica que 45 usinas não serão reativadas, pois foram desmontadas.

A CerradinhoBio vem expandindo investimentos em cogeração, dobrando sua capacidade para agora 850 gigawatt-hora (GWh). Em 2016/17, a receita foi de R\$ 811 milhões na última safra, inaugura hoje a expansão das operações de cogeração em sua usina em Chapadão do Céu, no sudoeste de Goiás. A moagem subiu de 4,8 milhões em 2015/16 para 5,4 milhões, pulando para 5,7 milhões em 2018/19 e chegando a 6,3 milhões em 2021. Nas caldeiras estão testando sorgo, braquiária e cavaco de eucalipto. Também está nos planos avaliar o processamento do milho. As metas são de chegar a R\$ 880 milhões nesta safra e EBITDA de R\$ 440 milhões.

Para o Nordeste, uma boa notícia: o Sindaçúcar/PE espera uma produção de 44 milhões de toneladas (4,7% a mais).

Pouca renovação de cana, pouca chuva, um pouco mais de investimentos em fertilizantes... safra do ano que vem pode ser ainda menor que esta. São bastante divergentes ainda as opiniões de produção esperadas. No caso do açúcar, de 33 a 36 milhões de toneladas, 26 a 28 bilhões de litros de etanol, e no caso da cana, de 560 a 625 milhões de toneladas. Ou seja, na melhor das hipóteses, mais um ano onde o agrícola andará de lado.

O que aconteceu com nosso açúcar?

Neste momento devemos mirar as produções de União Europeia, Índia, Tailândia e Paquistão, seus climas e a influência dos preços recebidos nos plantios futuros. O USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) prevê Índia com 27,7 milhões de toneladas, 25% a mais. Também deve ser visto qual o impacto dos preços menores na demanda mundial por açúcar.

Usinas estão demorando a fixar preços para 2018. Segundo a Archer Consulting, apenas 15,5% haviam sido fixados até o dia 30/09, um total de 4,2 milhões de toneladas a um preço médio de 16,31 centavos de dólar/libra-peso (R\$ 1.223/ton, com dólar médio de 3,26). Na safra anterior eram 27%. Em 82% dos últimos 17 anos os preços mais altos foram encontrados entre outubro e fevereiro, o que, segundo a empresa, pode justificar este atraso.

Setembro foi excelente para as exportações de açúcar. Foram 3,5 milhões de toneladas (2,947 milhões de toneladas de demerara e 552,1 mil toneladas de refinado), quase 27% a mais que agosto e 10% a mais que setembro de 2016. Este volume trouxe uma renda de US\$ 1,282 bilhão (22,3% a mais que agosto) e 26% a mais que setembro do ano passado. Até o momento, em 2017, vendemos 21,708 milhões de toneladas (mais 0,6% ante 2016), com renda de US\$ 8,884 bilhões (mais 20,5%), fruto principalmente dos travamentos feitos ano passado. Os dólares estão vindo ao setor.

Segundo o USDA, a demanda dos EUA em 2017/18 será de 11,361 milhões de toneladas e a produção 8,1 milhões de toneladas. A demanda vem crescendo cerca de 1,5% ao ano. Terão que aumentar as importações, principalmente do México, devendo passar de 3 milhões de toneladas.

A Kingsman já reviu sua estimativa de excedente na safra 2017/18 para 3,87 milhões de toneladas, um milhão abaixo da anterior. Acreditam agora que usinas no Centro-Sul alocarão 47,6% da cana para açúcar, contra 48,3% da estimativa anterior, reduzindo em 300.000 toneladas a produção de açúcar. Para o exercício 2018/19 estimam em menor ainda, caindo para 46,3% e colocam que a safra será menor em 2,9%, devido à seca, ficando em apenas 575 milhões de toneladas e produzindo com isto apenas 34 milhões de toneladas de açúcar. Ainda nas estimativas da Kingsman, a Tailândia produzirá 11,03 milhões de toneladas (10% a mais), a UE 20,5 milhões de toneladas (260 mil a mais) e a Índia produzirá para 25,5 milhões de toneladas.

Um alento para os preços começarem a se recuperar, pois caíram 24% neste ano. Uma das matérias-primas que mais perdeu valor.

A União Europeia, com a liberalização total da produção, deve passar a exportar de 2 a 2,5 milhões de toneladas por ano e reduzir as importações de 3,5 para 1,5 milhões de toneladas. De deficitária em 2016 (2 milhões de toneladas) até 2026 pode passar a ser superavitária em quase 4 milhões de toneladas. A tarifa de importação da UE (mais de 300 euros) protege o mercado local e impede que indústrias de alimentos e consumidores tenham acesso aos preços do mercado

internacional de açúcar. Esta proteção precisaria cair para que a competição fosse adequada. O Brasil consegue vender a UE cerca de 700 mil toneladas com tarifa de 98 Euros/ton.

Outra má notícia na ponta do consumo é a queda nas vendas de refrigerantes no Brasil. Segundo a Mintel, o mercado caiu 6,1% em 2016 e deve cair 4,6% em 2017, apesar do faturamento crescente, graças aos reajustes de preços. A empresa acredita que este mercado continuará caindo entre 5 a 6% até 2021. Sucos, águas e chás, além de suas misturas, têm ganho espaço. Uma das razões da queda (para 36%) é o açúcar em excesso e a indústria vem reagindo aumentando os lançamentos de produtos sem calorias ou com menos calorias, que já são mais de um terço do total.

Precisamos torcer por moagens menores e mix bem mais alcooleiro para ver preços reagirem, e alguma má notícia climática no hemisfério norte. Ainda aposto em 16 cents/libra peso para dezembro contra os 13,54 no fechamento desta coluna.

O que acontece com nosso etanol?

Segundo a Datagro, a importação de gasolina no primeiro semestre do ano cresceu 77%, chegando a 3,05 bilhões de litros. Uma triste notícia sabendo do potencial de expansão do etanol.

Em artigo no Estado de São Paulo, o prof. Plinio Nastari destaca algumas dificuldades do carro elétrico, a saber: nas baterias são usados lítio e cobalto e seu suprimento em grande escala é duvidoso. Existe o problema ambiental de descarte das mesmas, o problema do reabastecimento destas. Os carros a etanol no Brasil emitem menos que os carros elétricos europeus.

Esta em discussão Resolução 67/2011 (formação de estoques de etanol anidro), no sentido de dar mais rigor ao cumprimento da formação de estoques e considerar importadores de etanol também obrigados a cumprir esta regulação, carregando estoques de janeiro a março.

A FGV Energia (Centro de Estudos de Energia da Fundação Getulio Vargas) publicou estudo sobre carros elétricos. Segundo este a frota mundial de elétricos e híbridos era de 2 milhões de veículos de passeio em 2016, e deve chegar a 13 milhões até 2020 e 10% da frota total de carros em 2030. No Brasil, as vendas ainda estão abaixo de 0,5%. A EPE (Empresa de Pesquisa Energética) estima que em 10 anos a frota nacional ainda será menor que 0,5%.

Foi publicado estudo pelo Instituto Mauá de Tecnologia que contesta a referência de 70% para o desempenho do etanol em relação à gasolina. Em algumas condições testadas, a referência de empate ficou ao redor de 75%.

Em agosto, o consumo de hidratado foi de 1,16 bilhão de litros, longe dos 1,3 bilhão esperado. Resta esperar que setembro tenha sido bem menor e outubro prometa. De abril a agosto vendemos 1,14 bilhão de litros a menos.

No fechamento da coluna o hidratado estava R\$ 1,67 e o anidro R\$ 1,77/litro (spot Cepea). Meu viés para o etanol também é altista, pelos mesmos motivos antecipados na coluna anterior: aumento do consumo de combustíveis, agora, seca persistente, baixos preços do açúcar e o petróleo com ligeira alta.

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses temos um grande homenageado aqui neste espaço e desta vez nossa singela homenagem vai ao Eduardo Leão, da Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar), um grande lutador pelas questões nacionais e globais do etanol, com diversas conquistas à cadeia produtiva.



Haja Limão

Para me manter calmo com os desmandos do Congresso e do Senado, e de parte dos nossos políticos, meu consolo principal é que faltam menos de 365 dias para as eleições. Faremos grande assepsia, tenho esperança.



AUMENTA FORTEMENTE O CONSUMO DE ETANOL

Publicado na Revista Canavieiros em Novembro de 2017

O que aconteceu com nosso agro?

Na segunda projeção da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) para a safra 2017/18, estima-se uma produção entre 223,3 a 227,5 milhões de toneladas, sendo 4,4 a 6,2% menor que a atual safra recorde. A área deve seguir crescendo quase 2%, atingindo entre 61 a 62 milhões de hectares. É esperada uma perda de produtividade entre 5 a 10%, principalmente por questões climáticas favoráveis que podem não se repetir nesta próxima safra. A safra de soja está estimada entre 106,4 e 108,6 milhões de toneladas, numa área cerca de 3% maior (entre 34,6 e 35,3 milhões de hectares) e a de milho entre 91,6 e 93,1 milhões, produzidos numa área de 7,5 a 11,5% menor, representando as duas culturas quase 90% da nossa produção de grãos.

As exportações de outubro foram de US\$ 8 bilhões, praticamente 40% acima de outubro de 2016, deixando um superavit de US\$ 6,9 bilhões, impressionante salto. No acumulado de janeiro a outubro o agro trouxe US\$ 82 bilhões, quase 12,2% acima de 2016. O superavit deixado pelo agro, quando se tira as importações, já esta em US\$ 63,3 bilhões (9,9% acima). A soja trouxe US\$ 1,5 bilhão no mês, as carnes trouxeram US\$ 1,4 bilhão e açúcar/etanol algo próximo a US\$ 1,1 bilhão. Vale destacar o milho, que junto com outros cereais trouxeram US\$ 824 milhões. No acumulado do ano, as carnes estão 8,8% acima trazendo quase US\$ 13 bilhões, superando qualquer crise ligada à operação carne fraca e o complexo soja já nos trouxe desde janeiro praticamente US\$ 30 bilhões.

Quando comparamos os preços atuais das commodities mais exportadas pelo Brasil com exatamente um ano atrás, o tombo é grande. No açúcar, é de quase 36%, no suco 22% e no café 18%. A soja está praticamente com o mesmo preço e o milho cerca de 1% acima. Pelo menos tivemos neste mês uma inexplicável, na minha opinião, desvalorização do real, o que significa mais reais pela mesma quantidade vendida. Não acreditava neste movimento do câmbio.

O índice mensal de preços de commodities alimentares da FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura) chegou a 176,4 pontos, 1,3% abaixo de setembro e 4% acima de outubro de 2016. Cereais ficaram estáveis enquanto os óleos vegetais caíram 1,1%, os lácteos 4,2%, carnes 0,9% e o açúcar 0,7%. A FAO estima que a produção de grãos em 2017 vai atingir recorde de 2,612 bilhões de toneladas e utilizar 2,589 bilhões, jogando também os

estoques para valores recordes de 720 milhões de toneladas (27% do consumo, o maior valor em 15 anos). Esta megaprodução tem mantido os preços, principalmente de soja e milho, estáveis e são boas as chances de permanecerem neste patamar.

Os preços da soja e do milho também permaneceram estáveis em outubro e início de novembro, nenhum fato marcante para alterá-los. A produção brasileira vem sendo semeada em bom ritmo, a produção dos EUA chegando à fase final da colheita, e a última estimativa do USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) pouco variou com a soja permanecendo em 120,5 milhões de toneladas (3,5 milhões a mais que o ciclo 2016/17) e o milho em 370 milhões de toneladas, 8 milhões acima da última previsão e 14,5 milhões abaixo da última safra). Acredito que continuam estáveis.

Estudo da Farsul (Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul) chegou a um impressionante dado, que nossos produtores pagam 86% mais por insumos agrícolas que os produtores do Mercosul. Isto se deve a impostos e dificuldades para a importação destes insumos (máquinas, fertilizantes, defensivos). Somente a isenção de impostos em adubos e defensivos poderia derrubar seus preços em 20%. Isto nos leva a custos de produção maiores que os do Uruguai e Argentina.

Boa notícia ao agro veio do CNPE (Conselho Nacional de Política Energética) que antecipou em um ano a obrigatoriedade de passar de 8 a 10% de mistura de biodiesel no diesel. A nova mistura tem que ser atingida em março de 2018. Como a soja representa 80% do biodiesel, estes dois pontos percentuais representarão o processamento de mais 1,5 milhão de toneladas de soja e 20 mil empregos, de acordo com a Abiove (Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais). Passaremos a alocar 43 milhões de toneladas para esta finalidade. Medida que vem em boa hora para reduzirmos importações de diesel (em cerca de US\$ 2,2 bilhões) e empoderarmos o interior do país.

A EPA (Agência Ambiental Americana) deve manter em 2018 os volumes obrigatórios para biocombustíveis, cuja data de divulgação é 30/11. Os convencionais, onde o milho é o principal, ficam em 15 bilhões de galões e os avançados, onde está a cana, ficariam em 4,24 bilhões de galões. O setor reivindica o aumento da mistura de 10 para 15% de etanol de milho na gasolina, o que para o agronegócio brasileiro seria excelente notícia.

É constante o repensar da função das tradings. Com safras grandes, melhoria da capacidade de armazenagem nas propriedades e cooperativas, informação amplamente disponível e de graça e menor volatilidade, seu espaço comercial vem diminuindo e estas vêm passando por processos de reestruturação e cortes de pessoal. Fora isto, na minha leitura o setor passará a ter cada vez mais grandes empresas chinesas em 5 a 10 anos, afinal, para lá irão boa parte dos grãos.

Enfim, as notícias de outubro foram novamente boas ao agro, com desvalorização do real, exportações firmes e as chuvas que finalmente chegaram e possibilitaram os plantios em estados que nos preocupavam bastante. E mais espaço para colocar grãos nos combustíveis. Preços devem ficar como estão.

O que acontece com a nossa cana?

De acordo com a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), a moagem acumulada desta safra até o dia 1º de novembro foi de 529,6 milhões de toneladas, 1,97% menor que no mesmo período anterior. Já foram produzidos 33,10 milhões de toneladas de açúcar (2,8% a mais), e no etanol 22,60 bilhões de litros (-0,42%). O hidratado caiu 2,15%, para 12,86 bilhões de litros e o anidro subiu 1,97%, para 9,7 bilhões de litros. Como já observamos no último mês, o etanol está buscando os números do ano passado e pode ultrapassar neste mês, pois o mix ficou bem mais alcooleiro, alcançando 57,15% na quinzena, derrubando a produção de açúcar em 8,7%. Precisaria ser maior, mas é um bom caminho.

No ATR houve boa melhoria, chegando a 137,80 kg/ton, contra 134 na safra anterior.

A amostra do CTC (Centro de Tecnologia Canavieira) estima em 77,53 toneladas/ha desde o início desta safra, 1,58% menor.

O Brasil deve produzir menos açúcar em 2017/18 graças ao maior uso da cana para etanol. Preços do petróleo mais altos (perto de US\$ 60 por barril) tem ajudado neste escoamento. A Biosev acredita em queda de 4,1 milhões de toneladas na próxima safra (de 36,2 milhões de toneladas para 32,1 milhões de toneladas) e a Datagro queda de 3,8 milhões de toneladas (de 36,4 milhões de toneladas em 2017-2018 para 32,6 milhões de toneladas na safra 2018-2019). Com isto, acredita que o superavit fique em apenas 430 mil toneladas na safra 2017/18, contra uma expectativa anterior de quase 3 milhões. É a empresa mais otimista, sendo que as demais ainda acreditam em superavit maior. A Copersucar acredita em queda de apenas 1,5 milhão de toneladas.

Já a FCStone crê em produção de açúcar 5,5% menor, caindo para 33,3 milhões de toneladas e de etanol 5,1% maior, chegando a 26,1 bilhões de litros (10,7 bilhões de anidro e 15,4 bilhões hidratado), representando quase 9% a mais. O mix para etanol pularia de 53,4% para 56% e o superavit mundial de açúcar seria de 2,8 milhões de toneladas, puxado por ganhos na União Europeia, Índia e Paquistão.

Nossa fixação também está baixa. Pela FCStone até o final de outubro apenas 18% haviam sido fixados, contra 28,5% nesta mesma época do ano anterior.

A Datagro acredita em processamento de apenas 580 milhões de toneladas de cana no Centro-Sul em 2018/19 contra uma expectativa de 601 milhões de toneladas nesta safra. Devemos cair 3,5%, produzindo 25,3 bilhões de litros de etanol (1,2% a mais) e queda maior no açúcar que comentei acima. Entre os fatores que ajudarão o etanol estão os preços do petróleo e a tarifa aplicada na produção dos EUA, em 20%, do que exceder 600 milhões de litros.

Bom o resultado da Biosev no segundo trimestre da safra. A empresa teve um lucro líquido de R\$ 33 milhões. Foi impactante para este a desvalorização do real. A receita foi menor em 20%, devido à queda dos preços dos produtos, e também as despesas caíram bastante, contri-

buindo para este resultado. A empresa decidiu paralisar as operações da Usina Maracajú, triste notícia resultando na perda de 500 empregos, mas a cana consegue ser processada em unidades vizinhas, com ganho de eficiência.

Mesma análise para a São Martinho, que teve lucro de R\$ 53 milhões no período. O EBITDA (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) foi de R\$ 391 milhões, com margem de 53%. Tal como parte importante do setor, a empresa está acumulando estoques para vender em momentos futuros de preços melhores.

Outra empresa que anunciou resultados neste mês foi a Raizen Energia. Apresentou lucro líquido de R\$ 390,8 milhões no segundo trimestre da atual safra, quase 30% superior que o da safra anterior. O da Cosan foi de R\$ 393 milhões no período, alta de 43%, fruto da moagem de 28,3 milhões de toneladas de cana. O EBITDA foi de R\$ 1,4 bilhão (50% superior) fruto das vendas de açúcar, etanol e energia elétrica. A Raizen deve fechar a safra com moagem entre 59 e 63 milhões de toneladas, produção de 4,3 milhões a 4,7 milhões de toneladas de açúcar) e o etanol ficando entre 2 bilhões e 2,3 bilhões de litros.

O endividamento das usinas no Centro-Sul aumentou 138% nos últimos 5 anos, de acordo com o Itau-BBA.

A Pedra Angular, capitaneada por Winston Fritsch, ofereceu R\$ 890 milhões para comprar a São Fernando, em Dourados (MS), a serem pagos em 20 anos, bem como desejam participar do leilão da Revati (Renuka). O valor presente seria de R\$ 450 milhões (R\$ 100 por tonelada).

Começam a convergir as opiniões que a safra 2018/19 será menor que esta. Como teremos crescimento econômico e aumento de consumo de combustíveis, se os preços do Petróleo se mantiverem ao redor de US\$ 60, alocaremos mais cana para etanol, contribuindo para recuperar os preços do açúcar e hoje analisando o conjunto de fatos na mesa, aposto que a safra 2018/19 terá um valor de ATR maior que esta.

O que aconteceu com nosso açúcar?

Em outubro o Brasil exportou 2,88 milhões de toneladas de açúcar (2,47 milhões de toneladas de demerara e 412 mil toneladas de refinado), quase 17% a menos que setembro e 31% a mais que outubro de 2016. Este volume trouxe uma renda de US\$ 1,030 bilhão (19,7% menor que setembro) e 18,4% a mais que outubro do ano passado.

Até o momento em 2017 vendemos 24,587 milhões de toneladas (3,5% a mais que 2016), com renda de US\$ 9,914 bilhões (mais 20,3%), fruto principalmente dos travamentos de preços feitos ano passado. Os dólares estão vindo ao setor.

Há expectativa de alguns melhores momentos de preços do açúcar até o início da safra, o que pode ajudar na fixação por parte das usinas, pelo maior uso de cana para etanol, perspectiva da safra brasileira terminar mais cedo e janela de safra do hemisfério norte. Mas até o momento, segundo a Archer, as nossas usinas haviam fixado até o final de outubro pouco menos de 20% da exportação esperada para o ciclo 2018/19 a um preço médio de 16,17 centavos de dólar por libra peso, sendo o menor número desde que a empresa faz este monitoramento.

Copersucar acredita que esta safra termina em 595 milhões de toneladas, contra as 607 da safra anterior.

A verdade é que o mundo está com muito açúcar. Nós fizemos mais do que devíamos, e ainda temos boas chances de boas produções e excedentes exportáveis na União Europeia, Índia, Tailândia, Ucrânia, Rússia e Paquistão. Resta saber a este preço médio, como fica a viabilidade produtiva em muitos destes países. Pode vir desestímulo pela frente e também aumentar o consumo, jogando pelo lado da subida dos preços. Ainda aposto que passamos de 16 centavos por libra peso antes da virada deste ano, algo que já venho dizendo aqui há 4 meses.

O que acontece com nosso etanol?

Em setembro o volume vendido de hidratado foi de 1,34 bilhão de litros, de acordo com a ANP (Agência Nacional do Petróleo). Desde o mês de julho aumentou o consumo graças ao aumento dos preços da gasolina em mais de 20%. Do início do ano até o final de setembro foram vendidos 9,431 bilhões de litros (16,1% abaixo deste mesmo período de 2016). Já para outubro as vendas de hidratado pelas Usinas do Centro-Sul cresceram 21%, num total de 1,5 bilhão de litros destinados às distribuidoras.

Finalmente a chave foi virada para o lado do etanol, pena que muito tarde. A última quinzena de outubro já teve destino bem maior da cana para combustível, pulando de 51,3% para 57,15%. Na segunda quinzena de outubro, a produção foi quase 20% maior que o mesmo período do ano anterior, foram 1,57 bilhão de litros (921,07 milhões de litros de hidratado e 648,70 milhões de anidro).

As exportações em outubro foram de 171,97 milhões de litros, sendo praticamente 80% de anidro.

Analistas acreditam que mesmo com a tarifa de 20% existe grandes chances dos EUA mandarem muito etanol de milho ao Brasil. A Platts estima 1,7 bilhão de litros, chegando a tomar 40% do consumo no Nordeste, pois o Sudeste não conseguirá abastecer. É uma grande diferença quando comparamos com os 400 milhões de litros importados em 2014. Em isto acontecendo, vem mais polêmica por aí.

Aqui no Brasil também o etanol de milho já está na mesa. Produzimos neste ano 206,18 milhões de litros, contra pouco menos de 80 na safra passada.

A São Martinho é uma das empresas que aguardou para vender e deve colher bons resultados. Segundo a empresa, quase 64% do etanol desta safra está armazenado.

A GranBio adiou suas metas de produção de etanol de segunda geração. A usina em Alagoas está agora produzindo apenas energia, que está dando retorno muito maior.

Refinarias que forem mais eficientes que a média global em termos de emissões terão direito também aos benefícios do RenovaBio, que finalmente entrou no Congresso Nacional via projeto de lei. Agora é esperar para que tenha rápida tramitação e possamos entrar em nova fase de crescimento no Brasil.

No fechamento da leitura o hidratado base Paulínia estava R\$ 1,75 e o anidro R\$ 1,90/litro. Acertei meu viés de alta para os preços que coloquei aqui há 4 meses, quem seguiu e estocou ganhou bastante e mantenho ainda que devem subir mais.

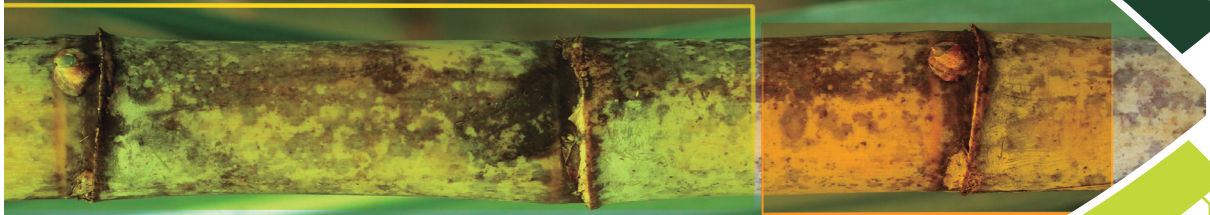
Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses temos um grande homenageado aqui neste espaço e desta vez nossa singela homenagem vai ao Mario Campos Filho, do Siamig, jovem liderança do setor que tem feito excelente trabalho com diversas conquistas à cadeia produtiva.



Haja Limão

Que momento complicado estamos. Há duas candidaturas postas, mais radicais à esquerda e à direita e no centro ainda não surgiu um nome que possa enfrentar e vencer. Precisamos tomar muito cuidado, pois aparentemente os votos destas duas candidaturas estão se consolidando e já chegam a 55% do total. Com a soma dos brancos e nulos, fica difícil encaixar uma candidatura de centro que possa ir ao segundo turno. Isto no cenário do ex-presidente não ser condenado definitivamente até a eleição. O fato triste do mês foi a lamentável invasão e destruição da Fazenda Igarashi, ocorrida na Bahia, e uma carta com pontos sem nexo feita pelo Sr. Prefeito Municipal tentando encontrar justificativas para esta, como diz ele, “ocupação”. Fiquei contente, pois a postagem que fiz menos de dois dias depois da invasão denunciando esta atrocidade viralizou na web e pode ter contribuído para gerar alguma reação das autoridades e da mídia.



63% DA CANA VIRANDO ETANOL

Publicado na Revista Canavieiros em Dezembro de 2017

O que aconteceu com nosso agro?

Na terceira projeção da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) para a safra 2017/18, estima-se uma produção de 226,5 milhões de toneladas, 4,7% menor que a atual safra recorde. A área crescerá quase 1%, atingindo 61,5 milhões de hectares. A safra de soja está estimada em 109,2 milhões de toneladas, numa área cerca de 3,1% maior, de 34,94 milhões de hectares. O milho deve perder 3%, com 17 milhões de hectares e expectativa de produção de 92,2 milhões de toneladas. Se o clima voltar a ajudar, novo recorde.

As exportações de novembro foram de US\$ 7,1 bilhões, praticamente 23% acima de novembro de 2016, deixando um superavit de US\$ 5,9 bilhões. No acumulado de janeiro a outubro, o agro trouxe US\$ 89,1 bilhões, quase 13% acima de 2016. O superavit deixado pelo agro, quando se tira as importações, já está em US\$ 76,1 bilhões (14,3% acima de 2016). A soja trouxe US\$ 1,3 bilhão no mês, as carnes trouxeram US\$ 1,3 bilhão e açúcar/etanol algo próximo a US\$ 870 milhões.

Quando comparamos os preços atuais das commodities mais exportadas pelo Brasil com exatamente um ano atrás, o tombo é grande. No açúcar, é de quase 26,4%, no suco 24,3% e no café 21,5%, porém no mês passado, açúcar e suco subiram um pouco e o café caiu quase 1%, devido à grande safra esperada no Brasil. A soja está praticamente com o mesmo preço (subiu 0,87%) e o milho praticamente não oscilou, porém tem viés de alta devido ao petróleo mais caro e a soja viés de baixa, pois choveu e a safra brasileira vem grande e forte.

O índice mensal de preços de commodities alimentares da FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura) chegou a 175,8 pontos, 0,5% abaixo de outubro e 2,3% menor que novembro de 2016. Caíram de preços as carnes (0,1%) e os lácteos (4,9%), derrubando o índice. E subiram os cereais (0,3%), óleos vegetais (1,3%) e açúcar (4,5%). Já há alguns meses estamos perdendo preços internacionais.

A CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil) estima que o PIB (Produto Interno Bruto) do agronegócio (considerando as cadeias todas) deve aumentar cerca de 0,5% a 1% em 2018, contra uma queda de 2% em 2017. Devemos colher 6% a menos de grãos com alguma reação nos preços. Apenas a agropecuária, o PIB deve aumentar 5% em 2018 e 11% neste ano.

O VBP (Valor Bruto da Produção) deve aumentar 7,1% chegando a R\$ 559,6 bilhões, sendo 6% de aumento no agrícola e 9% na pecuária. Ou seja, se o clima não atrapalhar o agro coloca quase R\$ 560 bilhões em renda nos nossos municípios.

O Banco do Brasil anunciou lançamento de um produto interessante ao agronegócio, muito presente em outros países. Um seguro para o faturamento (proteção de renda), que vem em boa hora, resta torcer para que seu custo compense.

Seguem firmes os investimentos da Cofco, trading chinesa, que colocou como meta dobrar o volume de compras diretas de agricultores em cinco anos, chegando a 60 milhões de toneladas. Aqui temos grandes oportunidades às cooperativas brasileiras. A empresa já conta com 145 mil empregados, fatura US\$ 70 bilhões e teve nos últimos anos arrojada política de aquisições, comprando empresas como a Nidera e a Noble Agri, agora já integradas, com muitas dificuldades no processo. O agro brasileiro deve prestar muita atenção à Cofco e buscar oportunidades de investimentos e acesso a mercados.

Sobre os preços futuros, o artigo da FAO e UNCTAD (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento), chamado “Relatório sobre Commodities e Desenvolvimento 2017”, diz que os preços das commodities alimentares subirão apenas 1,4% até 2030, o que de certa forma já havia comentado ao longo deste ano.

Enfim, as notícias de novembro foram neutras ao agro, com pouca oscilação cambial, alguma oscilação para cima do petróleo. A principal notícia negativa do mês tem relação com a possibilidade de revogação da lei Kandir e suas nefastas consequências em tributar exportações.

O que acontece com a nossa cana?

De acordo com a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*) a moagem acumulada desta safra até o dia 1º de novembro foi de 568,2 milhões de toneladas, 2,33% menor que no mesmo período anterior. Já foram produzidos 35,09 milhões de toneladas de açúcar (1,1% a mais), e no etanol 24,46 bilhões de litros (+0,21%). O hidratado caiu 0,57%, para 13,96 bilhões de litros e o anidro subiu 1,27%, para 10,5 bilhões de litros. O mix na safra é de 52,89% para açúcar e na quinzena seguiu bem mais alcooleiro, alcançando 63,17%, derrubando a produção de açúcar em 35% quando comparado com a mesma quinzena da safra passada. Pena que isto não começou antes na safra. Moeu-se 34% menos na quinzena graças ao período chuvoso. Lembremos que 1% de diminuição no mix de açúcar reduz a produção de açúcar em 750 mil toneladas. Se o que eu disse aqui reiteradas vezes tivesse sido feito, poderíamos alocar uns 4 a 5% a mais de mix para os combustíveis, ter volume suficiente para boas vendas agora na entressafra com os bons preços atuais e provavelmente teríamos faturado a mesma coisa no açúcar, vendendo um pouco menos a um preço um pouco maior.

No ATR houve boa melhoria, chegando a 137,57 kg/ton, contra 134 na safra anterior (2,7% melhor). O rendimento de etanol e açúcar por tonelada de cana processada nesta safra está em 42,61 litros (1,98% acima) e 61,76kg (3,52% acima), respectivamente. Em 1º de dezembro, 147 usinas já haviam encerrado as atividades, contra 167 na anterior.

Os preços do açúcar que vinham se recuperando tombaram na segunda semana de dezembro, voltando a 14 centavos de dólar por libra-peso. A Archer estima em seu modelo preços de 14,61 em dezembro de 14,20 em janeiro e reduziu também sua projeção de produção de cana no Centro-Sul na safra 2018/19 para 585 milhões de toneladas (eram 591 milhões). Interessante que a empresa deu um corte drástico na sua estimativa de produção de açúcar, vindo de 35,5 para 32,7 milhões de toneladas. A empresa elevou sua projeção para o etanol em quase 1 bilhão de litros, para 25,5 bilhões, sendo 14,1 bilhões de litros de hidratado.

Até novembro de 2017 contando 12 meses, o Brasil exportou 29,4 milhões de toneladas de açúcar.

A Biosev continua com seu forte processo de reestruturação, e entre as novas medidas estão a otimização do uso da vinhaça e na alteração do calendário de plantio, concentrando a atividade entre dezembro a março, mantendo uma taxa de renovação de 13% em seus 346 mil hectares de canaviais, levando a idade média das plantas para 4 anos. A empresa também deixou de fazer alguns produtos que estavam contribuindo pouco, tais como açúcar branco em três unidades, ração animal e melaço e busca fontes alternativas de financiamento para lidar com seu elevado endividamento.

A Tereos também apresentou bons resultados, principalmente na produtividade de seus canaviais, que cresceu 6% (84 toneladas/ha) e 4% no ATR (141,5 quilos por tonelada de cana), aumentando o volume moído em 2%, para 20,2 milhões de toneladas. Espera 20,7 milhões em 2018/19. A unidade brasileira representa cerca de 20% do total do grupo e fecha esta safra produzindo 1,8 milhão de toneladas de açúcar (12,5% a mais) e 649 milhões de litros de etanol, 2% a mais. Seu Capex no agrícola na próxima safra será de R\$ 600 milhões.

A BP e a Copersucar anunciaram uma joint-venture na logística de etanol, compartilhando o uso do terminal de Paulínia (Terminal Copersucar de Etanol) e ampliando com isto a presença comercial da BP.

Segundo levantamento da RPA Consultoria, das 444 usinas existentes no Brasil cerca de 79 não operarão na próxima safra, contra 76 nesta. São empresas com pouco caixa, e teremos menos cana, cerca de 560 milhões de toneladas e que pode ser processada num menor número de usinas. São duas da Raizen e a da Biosev em Maracaju. O triste deste quadro é que se perdem 750 empregos.

Para a próxima safra, temos as seguintes projeções levantadas pela Reuters: Agroconsult

612, Archer Consulting 585, Biosev 586, Datagro 580, FCStone 587, Sucden 588 ficando a média ao redor de 590. Se for este o número, ficará pouco maior que o da atual safra, a depender ainda de cana bisada que ficará para o ano que vem. O mercado acredita numa virada para o etanol, produzindo 6% a mais e o açúcar caindo ao redor de 6%, 33 milhões de toneladas de açúcar e 26 bilhões de litros de etanol.

Continuo minha aposta de mais crescimento econômico e aumento de consumo de combustíveis, se os preços do Petróleo se mantiverem ao redor de US\$ 55, alocaremos mais cana para etanol, contribuindo para recuperar os preços do açúcar e hoje analisando o conjunto de fatos na mesa, aposto que a safra 2018/19 terá um valor de ATR maior que esta. Minha previsão que o valor médio chegaria a R\$ 0,62/kg nesta safra está difícil de acontecer, pois não teve a explosão de consumo de etanol que eu esperava, em parte devido à política de precificação da distribuição e dos postos, que fixaram o etanol a 70% do preço da gasolina, praticamente independente do preço que está sendo vendido na usina.

O que aconteceu com nosso açúcar?

Segundo a Archer, o açúcar já vendido da safra 2018/19 teve um preço de R\$ 1.187/ton FOB Santos.

Espera-se grande produção da União Europeia neste ciclo 2018/19, chegando a 20,1 milhões de toneladas, 3,5 milhões a mais que na safra anterior. A desregulamentação começou neste outubro, e agora não se tem mais limites de produção e exportação. Só a França deve crescer 25%. A UE deve colocar no mercado 3 milhões de toneladas, o dobro do limite até então vigente. Pelo Rabobank a produção vai a 19 milhões de toneladas e pode alcançar 22 milhões de toneladas. Porém, alertam que a UE pode proibir os subsídios dados à parte de seus produtores, o que entraria em prática no ano de 2020, desestimulando a produção. A UE deixa de comprar do Brasil e ainda compete com o nosso refinado em mercados do Oriente Médio e África. Os prêmios menores também podem estimular agricultores a plantarem alternativas.

O USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) acredita que na safra 2017/18 a produção supera o consumo em incríveis 10 milhões de toneladas, com uma oferta total de 184,949 milhões de toneladas (13,5 milhões de toneladas superior a 2016/2017, que teve 171,472 milhões). Sua última estimativa era de 179,636 milhões de toneladas. Crescimento no Brasil, para 40,2 milhões de toneladas gerando uma exportação de 29,6 milhões, pois o Brasil consome 10,6 milhões. Índia teria 27,7 milhões e Tailândia 11,2 milhões, além do já comentado avanço da União Europeia e produção maior na China. O consumo mundial deve crescer de 171,559 milhões alcançando 174,223 milhões de toneladas. Entre os maiores importadores o destaque é para a China, que fica em segundo lugar comprando 4,2 milhões (400 mil toneladas a menos) para seu consumo estimado de 15,8 milhões de toneladas, sendo superada pela Indonésia, que deve comprar 4,55 milhões de toneladas.

A OIA (Organização Internacional do Açúcar) acredita em produção mundial de 179,45 milhões de toneladas, 6,58% acima da safra 2016/17. O consumo deve ficar em 174,41 milhões de toneladas (1,71% acima). Devem ser comercializadas internacionalmente 61,09 milhões de toneladas, e os estoques crescerem 1,6%, para 89,62 milhões de toneladas, dando uma relação estoque/consumo de 51,38%. O superavit será de 5,03 milhões de toneladas contra o deficit observado de 3,1 milhões em 2016/17. Também prevê outros 3 milhões de superavit em 2018/19.

Estamos... inundados de açúcar.

O que acontece com nosso etanol?

Segundo a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*) em novembro as usinas do Centro Sul venderam 2,33 bilhões de litros (apenas 90 milhões na exportação). De hidratado foram 1,46 bilhão de litros, 40% a mais que o mesmo mês do ano passado. O mix da quinzena produtiva foi muito para etanol, com mais de 63% da cana alocada, pena que demorou. Foi competitivo em outubro abastecer com etanol em SP, MG, GO e MT. Ponto negativo aqui é o Paraná, que é grande produtor, precisaria ajudar mais no consumo. Tarefa de casa para a cadeia produtiva.

Pela ANP (Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis) em outubro já se consumiu 15% a mais de etanol, derrubando o consumo de gasolina A em quase 60 milhões de litros na comparação entre os períodos.

Porém, no ano a conta é negativa para o setor de cana: de janeiro a outubro consumimos de gasolina A 26,906 bilhões de litros (5% a mais) e o hidratado apenas 10,8 bilhões de litros, quase 15% a menos.

Seguem firmes as importações de etanol, mesmo após a tributação acima do que exceder 150 milhões de litros por trimestre, pagando-se 20% de imposto. Já em outubro 51 milhões de litros pagaram a cota, pois em setembro foram importados 110 milhões e, em outubro, 91 milhões. De janeiro a outubro já importamos 1,7 bilhão de litros.

A Anfavea (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores) acredita que 15% da frota nacional ainda seja a gasolina, um total de 15 milhões de carros. Estima-se que nossa frota deve crescer em 3% por ano até 2030 e o consumo de combustíveis chegará a 170 bilhões de litros, quase 60% a mais do atual.

Foi aprovado na Câmara e no Senado o projeto RenovaBio. Todo o programa se baseia em metas de descarbonização e estima-se que gerará 1,4 milhão de empregos diretos e 4,2 milhões de empregos indiretos, investimentos de 1,4 trilhão de reais e substituição de importações na casa de 300 bilhões de litros de gasolina e diesel, necessários como se verá mais à frente.

Em muitas regiões do país já não se tem mais etanol. De acordo com a ANP, em novembro tínhamos 42.171 postos no Brasil 8.249 não tem bombas de hidratado (19,56%).

Pela ANP, o consumo de combustíveis em outubro foi 1,7% maior que setembro e neste ano estamos com 0,2% acima de 2016, mesmo com sensível aumento de preços. Acumulado no ano, o diesel está 0,4% acima, a gasolina 5% acima e o etanol 13% abaixo.

Importamos em outubro 60% a mais de petróleo que o mesmo mês de 2016. Foram 21,4 milhões de barris, ante 13,4 milhões um ano atrás. Desde janeiro crescemos 25%, trazendo já 193 milhões de barris. Nossa produção desse ano atingiu o menor volume desde 2010. Dobramos a importação de diesel também no mês de outubro e desde janeiro estamos 61% acima, com 65 milhões de barris. Tombo também na gasolina, que teve suas importações crescendo 56% neste ano, em parte pela queda na produção de derivados do petróleo no Brasil em quase 6%.

No fechamento da leitura o hidratado - base Paulínia estava R\$ 1,90 e o anidro R\$ 2,00/litro. Acertei meu viés de alta para os preços que coloquei aqui há 4 meses, quem seguiu e estocou ganhou bastante e mantenho ainda que devem subir mais. Para quem ganhou, pode me mandar um vinho no Natal.

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses temos um grande homenageado aqui neste espaço e desta vez nossa singela homenagem vai ao Roberto Sachs, grande técnico do setor que tem feito excelente trabalho com diversas conquistas à cadeia produtiva.



Haja Limão

Nesta semana assisti a um discurso do nosso ex-presidente feito no Rio de Janeiro, onde na sua simplicidade de pensamento e de valores morais, atribui à Lava Jato a falência do Rio de Janeiro e prega que os governadores ladrões que este Estado teve pelo voto de seu povo não deveriam estar presos. Talvez tenha passado da hora de dar um basta na liberdade deste senhor de continuar viajando o país, vociferando asneiras e fazendo campanha fora de hora para públicos sem capacidade de discernimento e degradando nossa chance de crescimento, nossos valores, nossa moral. Até quando a justiça brasileira permitirá isto? Já passou da hora de deter este cidadão, de tirar este senhor de cena. Ele consegue superar a “workalçólica”.

CAPÍTULO 4

DOIS MIL E DEZOITO



AGENDA DA CANA PARA 2018

Publicado na Revista Canavieiros em Janeiro de 2018

Esta coluna será um pouco diferente, deixarei os aspectos de mercado para serem abordados em fevereiro e neste aqui quero deixar a agenda de trabalho da cana em 2018. Apresentei no evento de fechamento dos quatro anos do projeto Caminhos da Cana, realizado em 14/12/17, no Centro de Cana do IAC, em Ribeirão Preto, os dez pontos principais de trabalho que deveriam movimentar a cadeia produtiva em 2018, e neste texto faço um resumo desta apresentação. Seguem os pontos:

1. Aproveitar com estratégia o RenovaBio e voltarmos a crescer sustentavelmente. A grande notícia de longo prazo para o setor em 2017 foi a aprovação, com grande força política, do RenovaBio, talvez o principal evento ambiental do mundo no ano que passou. É hora de estruturarmos as trilhas de crescimento do setor com os incentivos que virão sem repetir os erros de outros ciclos de crescimento. Estudo que fizemos para a Confederação Nacional da Indústria mostra que o PIB da cadeia pode saltar dos atuais US\$ 44 bilhões para US\$ 74 bilhões em 2030, criando muitas oportunidades e transformando o Brasil numa das matrizes energéticas mais limpas do mundo (“green/low carbon country”).
2. Gestão por metro quadrado do canavial e inovação de insumos. É sabido que muito da perda de renda no setor vem do fato de extrairmos de um hectare cada vez mais caro, a mesma quantidade de produtos nos últimos 15 anos, em contraste com outras culturas do agro, que tiveram grandes saltos de produtividade. É necessário neste ano esforços na inovação de insumos usados na produção e, principalmente, no uso do ferramental tecnológico e de digitalização disponível (smart farming) para mudarmos a gestão do canavial para metro quadrado, matando o conceito de hectare. Eficiência em cada metro quadrado visando tirar mais renda por hectare.
3. Gestão pela economia do compartilhamento. Nestes últimos anos fomos brindados com uma revolução no ambiente de negócios (modelos como Uber, AirBNB) permitindo o compartilhamento de ativos e o melhor uso destes. Estas tecnologias rapidamente chegam à agricultura e, com a aprovação da lei da terceirização no Brasil, temos grandes oportunidades para mudar já em 2018 as formas de fazer negócios, priorizando empresas especializadas em atividades produtivas, diminuindo os custos, reduzindo ociosidades e ganhando eficiência. Cooperativas e associações serão fundamentais neste processo para que isto possa chegar a todos os produtores.

4. Gestão pela economia circular (sustentabilidade) individual ou regional. Existem grandes ganhos de integrar a cana com outras atividades, de forma individual ou regional, e o mundo caminha para valorizar cada vez mais a economia circular. Portanto, a integração regional da cana com amendoim, soja, confinamento, aves e suínos, entre outras atividades, onde resíduos de uma tornam-se insumos de outra, são fundamentais para melhorar os resultados da região.
5. Busca da eficiência industrial. Existe ainda grande espaço nas usinas para melhoria de processos, de equipamentos, entre outros, visando ao aproveitamento total dos produtos que entram. Recente tese de Doutorado na Fearn/USP analisou 33 usinas em 5 safras e mostrou que se as outras 32 tivessem o desempenho da melhor, teriam sido gerados R\$ 2,6 bilhões a mais em produtos. Ou seja, cana que entrou e produtos que não saíram.
6. Mesa da cana: fortalecer as organizações do setor, tais como Orplana, Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), entre outras e as relações verticais e horizontais. É necessário criar a “mesa da cana”, onde agentes de todos os elos da cadeia sentam periodicamente para discutir estratégias, estejam atentos aos problemas e tenham força política, lutando pelos pontos de convergência.
7. Implementar o Consecana Pro-Int (Produtor Integrado de Cana). Cerca de 14% da cana de São Paulo vem de produtores integrados para os quais em alguns casos a relação com as usinas precisa melhorar visando à construção conjunta de valor a ser compartilhado. Para isso, o Consecana deve incluir itens de qualidade que geram valor bem como sugerir a consideração de outros itens de criação de valor para serem discutidos entre as usinas e suas respectivas associações regionais, crescendo a eficiência, a confiança, a capacidade de planejamento e reduzindo desperdícios.
8. Integração total do P&D público e alianças com setor privado. Me impressionou em visita à Colômbia como o setor de pesquisa é absolutamente integrado no Cenicaña. Precisamos criar no Brasil uma verdadeira “mesa da pesquisa”, onde a integração pudesse ser maior entre todos os órgãos públicos estaduais e federais que tratam do tema cana, caminhando para um modelo que permitisse grande integração, redução de redundâncias e foco em resultados.
9. Comunicação total e viral visando fortalecer a imagem de sustentabilidade da cana. Apesar dos esforços todos, a comunicação do setor ainda deixa a desejar. Toda a carga geradora de empregos, impostos, inclusão econômica e social e todos os benefícios ambientais da cana ainda são pouco conhecidos pelos consumidores finais. É necessário usar mecanismos criativos das mídias digitais para inserir o conhecimento dos benefícios da cana na sociedade brasileira.
10. Criar uma estrutura de distribuição e varejo de etanol pelas Cooperativas. Este é um pedido antigo que faço ao setor (desde 2008) onde imagino que interessante seria se as cooperativas de produtores de cana de São Paulo (Copercana, Coopercitrus, Coplana, Coplacana, Camda, entre outras) pudessem, de maneira integrada, serem acionistas de

uma distribuidora de combustíveis e rede de postos ecológicos e usar estes como embaixadas do agro nestas cidades, como elemento de comunicação da sustentabilidade do etanol e políticas de precificação do etanol ao consumidor que usariam o mix de consumo da imensa frota flex como influenciadora do preço mundial do açúcar. Outros estados poderiam seguir o exemplo.

Estes são os dez pontos que proponho para ênfase do setor de cana em 2018, sempre visando ao processo de criação, captura e compartilhamento de valor, melhorando a sustentabilidade econômica, ambiental e social desta atividade. Bom 2018 sucroenergético a todos!

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses temos um grande homenageado aqui neste espaço e desta vez nossa singela homenagem vai ao José Geraldo Gatto, grande entusiasta e líder do setor que perdemos precocemente neste mês.



Haja Limão

Creio num 2018 muito melhor ao Brasil. A economia deve crescer quase 3%, geraremos muitas oportunidades para as pessoas voltarem a trabalhar, teremos mais ânimo para investir e produzir, e já colheremos alguns resultados das reformas feitas, que devem continuar em 2018. Precisamos de grande engajamento de todos para que as eleições de 2018 não nos direcionem ao retrocesso novamente e possam trazer ampla assepsia no sistema político, vamos trabalhar para eleger pessoas com ética e espírito empreendedor. Em 2019, este país passará por grandes transformações com um novo Governo, viraremos pró-mercado e menos estado, dando mais liberdade às pessoas e tirando o peso do aparelho estatal. Peço ao Judiciário mais atenção com as demandas da sociedade por um país mais justo e menos corrupto. Vamos todos trabalhar muito em 2018, e peço a vocês engajamento total na eleição, pois foi nossa omissão que nos levou a este quadro infeliz. Vamos passar o Brasil a limpo, 2018 será um dos anos mais importantes de nossa história.



AS ESPERANÇAS ESTÃO NO HIDRATADO

Publicado na Revista Canavieiros em Fevereiro de 2018

Reflexões dos fatos e números do agro

Na economia e política os destaques do mês são bons. O mais recente Relatório Focus do Banco Central estima o PIB (Produto Interno Bruto) em 2018 crescendo 2,80% e em 2019 outros 3,00%. A inflação seria de 3,84% em 2018 e 4,25% em 2019. Em relação à taxa de juros, estima-se 6,75% em dezembro deste ano e 8,00% no final de 2019 e para o câmbio têm-se R\$/US\$ 3,30 (dez/2018) e R\$/US\$ 3,39 (dez/2019). Além desta melhora na confiança, tivemos um surpreendente crescimento do PIB de mais de 1% em 2017. Resta torcer que a postergação da fundamental votação da reforma da Previdência não freie este ânimo, sendo nosso maior risco neste momento, graças à necessária operação no Rio de Janeiro, que tem minha torcida, para depois se espalhar pelo Brasil.

Outro importante ponto é que vem caindo no esquecimento muito mais rápido que eu previa na imprensa e nos debates das pessoas o nome de Lula da Silva, e as contundentes declarações de importantes membros do Judiciário que as regras não vão mudar me trazem a convicção que as eleições de outubro não terão seu nome, e ainda sem Luciano Huck, que anunciou desistência, as peças começam a ficar mais claras no tabuleiro, caso não apareçam mais surpresas.

No agro, deste janeiro as exportações foram de US\$ 6,1 bilhões (5% acima de janeiro de 2017) e retirando-se as importações de US\$ 1,23 bilhões, ficou um superávit 7% maior, de US\$ 4,9 bilhões. Trouxemos US\$ 1,23 bilhão no complexo soja, recorde para o mês, seguido pelos produtos florestais com US\$ 1,15 bilhão (também recorde) e US\$ 1,1 bilhão em carnes com grande destaque para a carne bovina, que aumentou quase 25%. A China aumentou em janeiro suas compras do agro brasileiro em quase 30%, importando US\$ 1,16 bilhão e atingindo 19% do total. Bom início de ano ao agroexportador.

Em relação aos preços dos principais produtos, o índice das commodities alimentares (índice da FAO – Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura) ficou estável em 169,5 pontos. Cereais subiram um pouco (2,5%), lácteos (2,4%) e açúcares (1,6%) caíram e estabilidade em preços de óleos vegetais e carnes. Mas quando comparado a janeiro do ano passado, os preços caíram 3%. A soja deu alguma recuperada, milho andando meio de lado. Muitas incertezas ainda, pois as chuvas estão maiores que as esperadas em diversas regiões, atrasando a

colheita e colocando riscos maiores para a segunda safra. Mas até então não podemos reclamar, o caminhar da safra 2017/18 tem surpreendido e a Agroconsult, com o consagrado Rally da Safra, já acredita ser possível superar na soja as 114,1 milhões de toneladas da safra anterior, mesmo com atrasos de plantios em alguns locais. Como este ano com atrasos de plantio a situação do transporte para exportação deve ficar mais delicada, trabalhos preventivos do Governo nas principais rodovias, principalmente a BR 163 devem ser feitos. Fica o alerta para a prevenção.

A Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) não tem o mesmo otimismo e revisou a estimativa para baixo em 1,1%. Produziremos agora de grãos 225,57 milhões de toneladas (5,1% menor que a anterior). A área plantada é de 61,01 milhões de hectares, apenas 0,2% maior que a anterior. No milho estão as maiores perdas, cairemos de quase 98 para 88 milhões de toneladas, com menor área e produtividade. Já na soja teríamos 111,5 milhões de toneladas, contra 114 milhões da safra anterior, e em 3,3% a mais de área, portanto com produtividade menor, mas a estimativa atual é maior que a de janeiro. Isto posto, o Mapa (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento) também reduziu a expectativa de renda agropecuária de 2018, para R\$ 516,5 bilhões, mais de 1% abaixo da estimativa de janeiro e 5% menor que a última safra, dividida em R\$ 343,8 bilhões para a renda agrícola (6,3% menor) e R\$ 172,6 bilhões para a renda da pecuária (2,3% menor que 2017).

Destaco também duas notícias no âmbito das organizações. A primeira, da Bunge, que anunciou prejuízo no quarto trimestre de 2016, de US\$ 60 milhões, afetado em parte pelas operações com açúcar e etanol, onde a receita caiu 14,2%. Também caíram as margens tanto para industrializar grãos como comercializar no Brasil, refletindo os tempos mais difíceis para as tradings, tema que trabalhei ano passado. Saíram matérias na imprensa de uma possível fusão com a ADM, criando empresa do tamanho da Cargill. A ADM é forte nos EUA e a Bunge no Brasil, e uma nova organização já teria mais equilíbrio. Em 2017, das exportações brasileiras de soja em grãos, a Cargill foi responsável por 9,6 milhões de toneladas, seguida pela Bunge com 9,4 milhões e a ADM com 7,6 milhões. Para complicar ainda mais a vida das tradings, a reforma fiscal recente dos EUA abre mais espaço para cooperativas, e pode levar empresas a atuarem desta forma. É o Artigo 199A, que reza aos agricultores a dedução de 20% de receitas nas tributações de rendimentos pelo Imposto de Renda Federal. Para outras empresas também se abate 20%, mas do lucro líquido, estando aí a diferença contra as tradings. Mas esperam que o Congresso possa alterar esta diferença. Porém, até que se mude, se é que vai mudar, ficam alterações de canais de vendas já sendo feitas pelos produtores e muitas empresas já começam a se transformar em cooperativas.

Finalizando o mês, a produção está vindo bem, confiança voltando, economia melhor em breve reage o consumo e neste momento para os preços devemos observar o clima no Brasil e na Argentina, mesmo com boas produções e bons estoques, estes fatos são os destaques. Não podemos atrasar muito a segunda safra e colocar em risco a produção.

Reflexões dos fatos e números da cana

Pela Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), a moagem até 1º de fevereiro foi de 583,96 milhões de toneladas (1,66% menor que na comparação da safra anterior). O mix da safra está em 53,10% para açúcar e 46,90% para etanol. Já foram produzidos 35,85 milhões de toneladas de açúcar (1,63% a mais), e no etanol 25,33 bilhões de litros (+1,22%). A produção de hidratado subiu 1,85%, para 14,72 bilhões de litros e a de anidro subiu 0,36%, para 10,61 bilhões de litros. No ATR houve boa melhoria, chegando a 137,30 kg/ton, contra 134 kg/ton na safra anterior (2,64% melhor), por isso que estamos com mais produtos mesmo tendo menos cana. O rendimento de etanol e açúcar por tonelada de cana processada nesta safra está em 42,71 litros (2,03% acima) e 61,36kg (3,35% acima), respectivamente. 90% da cana moída na última quinzena foi para o etanol.

Diversas estimativas convergem para uma safra 2018/19 ao redor de 580 milhões de toneladas, com mix bem mais para etanol (59%) puxado pelo crescimento do consumo de combustíveis, o que deverá retirar de 5 a 7 milhões de toneladas de açúcar do mercado mundial. A safra de cana começa com bom preço do petróleo, estimando o Brent ao redor de US\$ 78 por barril, devido à economia mundial crescendo mais e a Opep (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) estável em sua produção, ou seja, maior demanda com a mesma oferta.

As usinas devem faturar R\$ 90 bilhões em 2017/18 segundo a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), número 8% menor que em 2016/17. Investirão cerca de R\$ 10 bilhões nesta próxima safra e o endividamento está em praticamente R\$ 100 bilhões, com 366 usinas em operação, sendo 279 no Centro-Sul.

Sobre as empresas vale destacar neste mês a São Martinho realizando fortes investimentos em técnicas de plantio e informatização, que devem trazer reflexos já em 2019/20, com mudas pré-brotadas, a meiosi e ampliação de plantio. Apresentou resultados muito bons no último trimestre do ano, com lucro líquido de R\$ 168,483 milhões, três vezes maior que no ano anterior. Encerrou esta safra moendo 15% mais cana, num total de 22,206 milhões de toneladas, e o ATR chegou a quase 140 kg/ton, 7,3% maior. A receita líquida em 2017/18 foi de quase 900 milhões, 21,7% maior que o ano anterior, impulsionada por melhores negócios em energia (preço médio 40% maior), levando o Ebitda (sigla em inglês para earnings before interest, taxes, depreciation and amortization, que traduzido literalmente para o português significa: “Lucros antes de juros, impostos, depreciação e amortização”) a R\$ 497,440 milhões, 45,6% superior. Ainda tem 35% da produção para ser vendida, o que deve melhorar ainda mais estes números.

Reflexões dos fatos e números do açúcar

Números finais do açúcar em 2017: exportamos US\$ 11,4 bilhões (9,3% a mais) advindos de 28,7 milhões de toneladas (0,8% a menos). Perdemos mercado na China, graças à taxa imposta sobre as ex-

portações brasileiras e menores compras dos chineses. Em 2017 as exportações foram 60% menores, de quase 800 mil toneladas. As importações chinesas caíram ao menor volume desde 2010.

Nossas exportações em janeiro caíram bem, foram de 1,566 milhão de toneladas, sendo 17,75% menores que dezembro e 29,2% menores que janeiro de 2017.

A produção de açúcar acumulada até o momento (01/02) está em 35,83 milhões de toneladas, sendo 1,63% maior que na safra anterior.

O mercado do açúcar está há muitos meses com oscilação relativamente pequena de preços, ao redor de 13 e 15,5 centavos de dólar por libra/peso, com média de 14,21 cents (Archer). Pelos cálculos da Archer, o açúcar precisaria ir a 15,50 cents para que o mix esperado para a safra 2018/19 (58,6% para etanol) comece a mudar. O custo médio sem depreciação e custo financeiro das usinas do Centro-Sul estaria em 13 cents/libra peso posto Santos.

Estamos com muito açúcar no mercado. A Datagro acredita agora que na safra mundial 2017/18 (out/set) o superávit passe de 2,02 para 3,70 milhões de toneladas, aumentando a relação estoque consumo no final da safra para 42,4%. A União Europeia também deve inundar o mundo de açúcar, produzindo 20,5 milhões de toneladas nesta safra 2017/18, contra 16,8 milhões na anterior, reduzindo suas importações em 1,8 milhão de toneladas e exportar 2,8 milhões de toneladas. Outra inundação no mercado vem da Tailândia, que deve produzir recordes de cana (107 milhões a 110 milhões de toneladas) e de açúcar na safra 2017/18, algo entre 11 a 12 milhões de toneladas, com clima muito bom. A Índia deve inundar o mercado com uma produção em 2017/18 quase 23% acima da produção anterior, pulando de 20 para quase 25 milhões de toneladas.

Fora isto, visando impulsionar os preços internos, o Governo da Índia pensa em retirar o imposto de exportação de 20% sobre o açúcar, após já ter dobrado os impostos de importação visando estancar a queda de preços de mais de 16% na atual safra, frente a uma cana 11% mais cara.

Foi anunciado investimento entre a Olam e a MitrPhol para produção de açúcar na Indonésia, sempre com aquela ideia antiga de se buscar a autossuficiência.

A grande expectativa em relação a preços é o mix da safra no Brasil. Neste momento devemos torcer para o clima continuar contribuindo e começar o processamento com tudo no etanol, aproveitando os preços da gasolina, e retirar açúcar do mercado mundial. Vale ressaltar que a produção mundial de açúcar aumentou quase 25 milhões de toneladas nos últimos cinco a sete anos e não foi principalmente no Brasil. Quanto mais diminui a participação do Brasil no mercado mundial de açúcar, graças ao crescimento de outros países exportadores, menos interferência no mercado mundial tem as alterações de mix no país. Mas ainda assim é considerável, e resta torcer por esta.

Reflexões dos fatos e números do etanol e energia

Até 1º de fevereiro, a produção de etanol foi de 25,33 bilhões de litros (14,72 bilhões em

hidratado e 10,61 bilhões em anidro), 1,2% acima da safra 2016/17.

Mesmo com o fortalecimento da demanda por hidratado, ainda tivemos preços menores no último trimestre de 2017, quando comparados a 2016, em 11,7% (R\$ 1,648/l). Um dos motivos é que voltou o PIS/Cofins desde o início do ano, e a partir de julho foi para R\$ 0,1309/litro. A média do primeiro trimestre deste ano até agora é de quase 1,85/l, mostrando recuperação.

Maiores preços do etanol devem antecipar o início da safra, a depender do clima, principalmente pelos grupos mais endividados e necessitando de capital de giro.

Interessante estudo feito pelo prof. Adriano Pires mostra uma das razões pelas quais os preços na bomba não caem ou sobem de acordo com as alterações dos preços do petróleo e consequente alteração no preço da gasolina pela Petrobras. Os preços variam de acordo com cinco componentes: preço de aquisição do produto, tributos, logística (fretes, armazenagem e manuseio), remuneração dos distribuidores e remuneração dos revendedores. Destes componentes, ele chama a atenção que dois são responsáveis por 85%, sendo o custo do petróleo (35%) e os tributos (50%), ficando 15% de margem para a Petrobrás, postos e distribuidoras e a gasolina representa 30% do preço do combustível, sem o etanol. Portanto, a variação percentual se dá apenas nos 30%.

Segundo a Plural (Associação Nacional das Distribuidoras de Combustíveis, Lubrificantes, Logística e Conveniência, que era o Sindicom) desde 18 junho de 2017, a gasolina aumentou 18%, impostos 79% e as margens de lucro e frete caíram 7%. O fato é que desde 2017 a gasolina já subiu 20%, sendo hoje considerada pela Air-Inc como a segunda mais cara entre 15 países produtores de petróleo, perdendo apenas para a Noruega. O preço no Brasil é o dobro dos EUA.

Seguem firmes as exportações de etanol pelos EUA. Em 2017 foram 17% a mais, um total de quase 5,2 bilhões de litros, 8,7% do total produzido. Estas exportações trouxeram US\$ 2,4 bilhões, 16% a mais. O maior comprador foi o Brasil, com 1,69 bilhão de litros, 60% a mais que o ano anterior. Compraram praticamente 300 milhões de litros de etanol de cana, requerido por ser considerado biocombustível avançado, sendo quase tudo do Brasil. Estima-se que o Brasil deve importar a mesma quantidade em 2018.

Usinas estão pensando e exercitando a atuação nos mercados futuros internacionais de petróleo e gasolina, na expectativa de proteger margens para o etanol caso estes preços caiam. Pode tanto se vender posições nos mercados futuros de petróleo ou gasolina bem como comprar opções de vendas. Porém, subidas de preços requerem depósito de margens, e temos que ver que a relação não é integral, como vista anteriormente, devido aos impostos.

Usinas da Índia devem vender 1,4 bilhão de litros de etanol no ciclo 2017/18, contra 665 milhões no ciclo 2016/17. O Governo visa uma mistura de 10% de etanol na gasolina, mas conta com muitos problemas para conseguir.

Nas informações para ajudar nossas análises de longo prazo, destaco:

Segundo a Archer Consulting, devido ao crescimento econômico, o consumo de combustíveis no Brasil pode pular de 53,8 bilhões de litros na safra 2017/18 para 57 bilhões de litros em 2018/19, e como o etanol ocupa 40%, teríamos mais 1,3 bilhão de litros. Estudo feito pela Strategy da PW&C estima o crescimento do consumo de combustíveis no Brasil entre 2016 e 2030 em 58%, atingindo 177 bilhões de litros, requerendo investimentos de R\$ 75 a 80 bilhões em produção e cerca de R\$ 15 bilhões em infraestrutura.

Como resultado da maior eficiência dos motores, estima-se que um carro com motor 1.0 gasta cerca de R\$ 900 a menos por ano em combustível na comparação com cinco anos atrás. A eficiência energética é o principal motivador do programa Inovar Auto, do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, que será substituído pelo Rota 2030 e até 2022 esta eficiência terá que aumentar ainda 15%. No caso da gasolina, o rendimento na estrada dos motores 1.0 pulou de 14 para 16,6 km/l. O incentivo às montadoras baseia-se em redução do IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados). Quanto maiores fossem e forem os ganhos tecnológicos, que envolvem desde a eficiência da queima até o menor peso dos carros, passando por câmbio com seis marchas, mecanismos start/stop e outros avanços. Esta redução do consumo significa também redução de emissões.

Seguimos avançando com o etanol de milho. Segundo a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), desde 1º de abril de 2017 até 1º de fevereiro, foram produzidos 391,85 milhões de litros (322,07 milhões de litros de hidratado e 69,79 milhões de litros de anidro), produção 130% maior que no mesmo período do ano passado. Mas vale ressaltar que isto ainda representa menos de 2% do produzido de etanol pela cana. A Unem (União Nacional do Etanol de Milho) prevê que a produção atinja de 3 a 4 bilhões de litros por ano nos próximos cinco anos. Ricardo Tomczyk, executivo da Unem, ressalta que uma vantagem do etanol de milho sobre a cana é que a capacidade de produção pode ser aumentada rapidamente. Estimam-se mais 6 usinas a serem feitas neste ano, investimentos de mais de R\$ 2 bilhões, que podem capturar 3 milhões de toneladas de milho (6% da safra do Centro-Oeste) contra 1 milhão demandado hoje. Um destes projetos tive chance de visitar na CerradinhoBio, que investirá R\$ 280 milhões para moer 550 mil toneladas e produzir 230 milhões de litros, possibilitando abastecer confinamentos da região com o DDG (cerca de 150 mil toneladas). Em pesquisa sobre a região, o jornalista Gustavo Porto verificou mais alguns investimentos sendo feitos ou desenhados, a saber: FS Bioenergia expandindo (duplicando) a capacidade com investimentos de R\$ 350 milhões; Santa Clara Álcool de Cereais começando neste ano em Vera (MT), com o diferencial de processar milho, sorgo granífero e arroz quebrado; a Coprodia, que ao lado de sua indústria de cana em Campo Novo do Parecis (MT) está aportando R\$ 400 milhões em fábrica de etanol de milho; a Alcooad, composta por 15 fazendeiros integrados da Cooad (Cooperativa Agroindustrial Deciolândia), que devem realizar investimento de R\$ 450 milhões (fazer uma fábrica 200 milhões de litros com 500 mil toneladas de milho); a Inpasa em Sinop (MT) com investimentos de R\$ 500 milhões. Vale dizer que o consumo na região atingiu 2,3 bilhões de litros em 2015. Agora, com frota maior e se o percentual de uso de etanol na frota flex aumentar, tem-se uma situação interessante de substituição da gasolina “importada” e uso de produtos feitos na região.

O Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços pretende alterar e reduzir o IPI dos atuais 25% para 7%, tanto em carros elétricos como para os híbridos. Precisamos pensar melhor nisto, pois temos o RenovaBio pela frente. Caso a proposta siga em frente, deve ser muito bem estudada, e só deveria valer para os carros híbridos que sejam flex fuel, visando acelerar o desenvolvimento destes motores pelas montadoras.

Segundo a AIE (Agência Internacional de Energia), é o Brasil quem deve ter o maior crescimento mundial na produção de Petróleo, excetuando-se os países Opep, graças às recentes modificações de políticas governamentais de abertura na área. Devemos pular de 2,6 milhões para 5,2 milhões de barris até 2040, e isto valeria a 27% da extração adicional mundial.

Em 2017, o mercado mundial de automóveis foi de 94,5 milhões, 2,2% acima de 2016, representando mais um recorde, mas o futuro do carro e do transporte de pessoas é algo que deve nos intrigar. Recentemente o ex-chefe de desenvolvimento de produtos da GM disse que em 20 anos não teremos mais carros individuais. Os estrategistas da cana devem pensar nisso.

Vamos torcer para o etanol começar a safra com toda a força. Para isso era bom que a diferença ficasse um pouco mais nítida, algo como 65% do preço da gasolina nos postos.

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses temos um grande homenageado aqui neste espaço e desta vez nossa singela homenagem vai ao Sylvio Ribeiro do V. Mello Jr, presidente da Assocana de Assis, que tem feito excelente trabalho com diversas conquistas à cadeia produtiva.



Haja Limão

Em 19 de fevereiro, fechando esta coluna, recebo fotos de amigos pecuaristas pelo WhatsApp. Vejam que interessante. A autoridade policial recebe uma “missiva” de um movimento chamado MLT (outro movimento de lutas por terras) em 16/02, assinada, que simplesmente faz um agendamento de diversas interdições na BR 158 entre Barra do Garças e Nova Xavantina, com horários de bloqueios pré-definidos, em prol de reforma agrária e justiça social no campo (coisas que quem estuda a agricultura contemporânea sabe que são ideias e estratégias obsoletas, mas não é o caso aqui discutir). E os caras vão lá no dia, horário e local agendados, e mesmo avisando, encontram campo livre para parar a rodovia, interrompendo o direito constitucional de centenas de pessoas se deslocarem e espalhando prejuízos. Olha, não sei qual estágio falta ainda o Brasil atingir na tolerância à bagunça.



ESTRATÉGIAS DE MIX E DE ESTOCAGEM PARA CAPTURAR VALOR EM 2018

Publicado na Revista Canavieiros em Março de 2018

Reflexões dos fatos e números do agro

No agro as notícias deste mês foram interessantes. Segue um resumo dos fatos que mais me chamaram atenção:

Mais uma estimativa da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) disponível e a safra vem vindo bem. Produziremos agora de grãos 226,04 milhões de toneladas (4,9% menor que a safra anterior). A área plantada é de 61,06 milhões de hectares, apenas 0,3% maior que a anterior. No milho estão as maiores perdas, cairemos de quase 98 para 87,28 milhões de toneladas (7,8% menor), com menor área e produtividade. Já na soja teríamos 113,02 milhões de toneladas, contra 114 milhões da safra anterior, e em 3,4% a mais de área, portanto com produtividade menor, mas a estimativa atual é bem maior que a de fevereiro, e arrisco dizer que podemos passar das 114 milhões. Algodão com 1,855 milhão de toneladas de pluma, sensível aumento, devido à maior área, e o arroz com 11,28 milhões de toneladas.

O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) anunciou estimativa de safra de 227,2 milhões de toneladas, a segunda maior do Brasil, atrás apenas das 240 milhões da safra anterior. Aumentou 1,1 milhão de toneladas em relação à primeira estimativa. Vale ressaltar que desde a primeira projeção, o IBGE já aumentou em 7 milhões de toneladas. Estimativas bem próximas, a pergunta é por que nosso Brasil precisa de duas estimativas públicas? O ideal seria juntar estes craques e seus recursos sob um mesmo teto, mesma organização e expandir o volume, abrangência e a profundidade de dados.

Em relação aos preços dos principais produtos, a safra vem vindo bem, com preços sendo mantidos em níveis razoáveis e bons, a soja ficou o mês acima de US\$ 10/bushel e o milho com sensível alta no Brasil, chegando aos R\$ 40/saca apesar do preço de Chicago se manter e com o dólar a 3,30 temos melhoria de rentabilidade. Também o índice mundial dos preços das commodities alimentares (índice da FAO) subiu 1,1% para 170,8 pontos. Os cereais subiram um pouco (2,5%), assim como os lácteos (11,2%). Os açúcares caíram 3,4%, óleos vegetais caíram 3,1% e carnes permaneceram estáticos. Mas quando comparado a fevereiro do ano passado, os preços estão 2,7% menores em dólar, mas em trajetória ascendente.

As exportações no agro deste fevereiro foram de US\$ 6,2 bilhões (5,2% acima de fevereiro de 2017) e retirando-se as importações de US\$ 1,08 bilhão, ficou um superávit 6,6% maior, de US\$ 5,1 bilhões. Trouxemos US\$ 1,6 bilhão no complexo soja, com aumentos expressivos no óleo e no farelo. Na sequência vieram as carnes, com US\$ 1,1 bilhão, puxadas por crescimento de 22,7% na bovina, e queda de 12% no frango e 22% na suína, seguido pelos produtos florestais com US\$ 1,08 bilhão. A China, em fevereiro, recuou suas compras em 5,3%, para US\$ 1,3 bilhão (21,5% das nossas exportações). A balança comercial registrou superávit de US\$ 4,9 bilhões em fevereiro e caminhamos para um saldo comercial de US\$ 70 bilhões em 2018, excelente desempenho.

O PIB (Produto Interno Bruto) agropecuário em 2017 terminou crescendo 12,5% pela expansão da safra. A agropecuária representou 70% do crescimento de 1% registrado pelo Brasil. A Abag (Associação Brasileira do Agronegócio) estima que o PIB da agropecuária deve crescer 0,5% em 2018.

Ainda nas comemorações referentes ao fechamento dos dados de 2017, tivemos anúncio de um bom resultado para a indústria de alimentos. De acordo com a Abia (Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação), houve um ganho real de faturamento em 2017 de 1,01%, alcançando R\$ 642,6 bilhões. Está previsto para 2018 um avanço real ainda maior, de 2,6 a 2,8%. Vale ressaltar quem mais cresceu em 2017: conservas vegetais (9,06%), a cadeia de produtos do trigo (8,22%), óleos e gorduras vegetais (3,67%) e chocolate, cacau e balas (3,60%). Sucos tiveram queda real de 1,28%. O varejo alimentar cresceu 4,6% ano passado e o setor de restaurantes cresceu 6,2%. Recuperação acontecendo e resultados melhores esperados para este ano.

Outro bom indicador de 2017 veio das padarias, que tiveram volume de transações crescendo após quatro anos de queda. Faturaram R\$ 90,3 bilhões em 2017, crescendo nominalmente 3,2% sobre o ano anterior, com ganho real de quase 1,3%, segundo informações da Abip (Associação Brasileira da Indústria da Panificação e Confeitaria). Espera-se um 2018 melhor ainda. A pesquisa mostra que a produção própria cresceu 5,4%, atingindo R\$ 57,8 bilhões e a revenda de produtos cresceu apenas 0,7%, somando R\$ 32,5 bilhões.

E temos muito potencial pela frente. Segundo a FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura), o Brasil ocupa com todas as atividades agrícolas, cerca de 60% dos 400 milhões de hectares aptos, e nossos produtores em média produzem 5 toneladas de produtos por hectare.

Na arena internacional, o fato negativo ao agro brasileiro vem sendo na Rússia, com apolítica do Presidente Putin de autossuficiência em alguns produtos alimentares. Conseguiram no açúcar, em alguns grãos e agora tem dado foco relevante nas carnes, onde são grandes compradores do Brasil. A Rússia pretende também dobrar as exportações agrícolas, atingindo US\$ 40 bilhões até 2025. Os russos deixaram de comprar soja dos EUA, graças a um embargo e passaram a

comprar mais do Brasil, de onde vêm 60% das suas importações, bem como nas carnes, que tinham esta participação até o embargo no final do ano passado, por acusação de uso de hormônio. Mas a perspectiva no médio prazo é a redução da importância deste que é relevante comprador brasileiro.

Já um fato que pode vir a ser positivo é advindo de possíveis retaliações que países prejudicados pelas novas tarifas de importação de aço e de alumínio colocadas pelos EUA podem fazer contra produtos americanos, abrindo espaços para os produtos brasileiros, uma vez que os EUA são concorrentes do Brasil nestas exportações do agro. A União Europeia colocou o suco de laranja americano na lista dos possíveis alvos e a China ameaça a soja. Vamos observar, pois outros países podem ter comportamentos similares, forçando os EUA a voltarem atrás.

Em notícia empresarial, o destaque veio da Starbucks (lojas de café), passando seus 113 pontos de venda no Brasil para a empresa SouthRock, que executará um plano de expansão e pagará taxa de licenciamento à empresa. Estima-se que estas lojas vendam ao redor de R\$ 250 milhões por ano (Valor). O contrato é de 20 anos. No mundo são 28 mil lojas, sendo 13 mil sob licenciamento. O faturamento em 2017 foi de US\$ 22,4 bilhões. Trago este exemplo para dizer que somente uma empresa vende 25% do total das exportações do agro brasileiro, mostrando como podemos crescer se avançarmos para maior agregação de valor.

Finalizando o mês, são boas as notícias no crescimento e na confiança. No lado político continua uma confusão com a proliferação de anúncios de candidaturas, mas na minha leitura com um viés crescente nos eleitores para uma mentalidade mais liberal no Brasil. Mais empresas e menos Estado. Permanecem os riscos de atrasos na colheita da soja devido às chuvas e retardamento do plantio da safra de milho. Estímulo para plantar, com os novos preços, não falta. Torcer para o clima deixar. E entre esta análise e a próxima análise mensal, creio que os que tal como eu, desejam um país mais justo, honesto, trabalhador e com valores morais, já terão celebrado a prisão do ex-presidente.

Reflexões dos fatos e números da cana

Em relação à safra em andamento, pela Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar), a moagem até o final de fevereiro foi de 585,28 milhões de toneladas (1,78% menor que na comparação da safra anterior). O mix da safra está em 53,16% para açúcar e 46,84% para etanol. Já foram produzidos 35,84 milhões de toneladas de açúcar (1,57% a mais), e no etanol 25,47 bilhões de litros (+1,25%). A produção de hidratado subiu 2,49%, para 14,97 bilhões de litros e a de anidro caiu 0,47%, para 10,51 bilhões de litros. No ATR houve boa melhoria, chegando a 137,22 kg/ton, contra 134 kg/ton na safra anterior (2,66% melhor), por isso que estamos com mais produtos mesmo tendo menos cana. O rendimento de etanol e açúcar por tonelada de cana proessada nesta safra está em 42,75 litros (2,03% acima) e 61,24 kg (3,42% acima).

A Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*) acredita que esta safra deve fechar com 597 milhões de toneladas (1,67% menor que a 2016/17), mas com ATR ligeiramente superior (2,66%), bem próxima à estimativa da Datagro (596 milhões).

Em relação à próxima safra brasileira (2018/19) a pesquisa feita pela Reuters com diversos agentes estima a produção do Centro-Sul em 588,64 milhões de toneladas (2018/19), pouca coisa a mais dos 585 milhões que estimam para esta safra.

A Copersucar estima a produção de açúcar em 31 milhões de toneladas, 5 milhões a menos, a serem produzidas com 585 milhões de toneladas de cana (10 milhões a menos). Acredita em produção de 27,5 bilhões de litros de etanol, cerca de 1,5 bilhão a mais, com mix de 41,5% para açúcar (46,5% nesta safra).

Pela Datagro, a safra 2018/2019 deve ser de 577 milhões de toneladas, com escassez de chuvas no ano passado em alguns meses do inverno e menor investimento em renovação (menos que 14%), além de chuvas abaixo da média neste início do ano.

Usinas que já começaram a moer neste ano estão direcionando muita cana para etanol. No caso da Batatais, a produção de açúcar deve cair bastante (quase 20%), pois os preços atuais não compensam o custo de produção estimado de 15 centavos por libra peso. A empresa tomou adequada decisão em 2017 de fixar 45% da produção a um preço de 16,50.

A Raízen acredita em safra de 585 milhões de toneladas e pretende moer entre 63 a 67 milhões de toneladas, ante às 61 milhões deste ano.

A LDC deverá aportar US\$ 1 bilhão na Biosev para melhorar a situação financeira da empresa. A dívida, apenas nesta safra, cresceu com o prejuízo de R\$ 823,1 estando ao redor de 3,4 x o EBITDA (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização).

Reflexões dos fatos e números do açúcar

Foi mais uma vez elevada a estimativa de superávit de açúcar na safra 2017/18 (1º de outubro a 31 de setembro) pela OIA (Organização Internacional do Açúcar), agora em 5,15 milhões de toneladas. O consumo deve ser menor, agora em 173,55 milhões de toneladas, contra 174,41 milhões da estimativa anterior. A produção foi estimada em 178,7 milhões de toneladas. Na temporada 2016/17 houve déficit de 2,54 milhões de toneladas. O grande crescimento da produção, estimado em mais de 6% (10,5 milhões de toneladas) se deve às produções na China, União Europeia, Índia e Tailândia, todos inundando o mundo de açúcar. A Índia deve produzir 29,5 milhões de toneladas nesta safra, um recorde.

A Datagro crê que a safra brasileira de açúcar de 2018/19 (Centro-Sul) cairá de 36 para 31,6

milhões de toneladas, usando o máximo possível do mix para etanol, que hoje remunera ao redor de 17 centavos de dólar por libra peso ou também para açúcar branco visando ao mercado interno, que volta a crescer neste ano com a recuperação econômica. Devemos ter 57% da cana para etanol. Também a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*) acredita na produção de açúcar caindo cerca de 5 milhões de toneladas.

Segundo a Archer, apenas 42,6% do açúcar a ser exportado no ciclo 2018/19 já foi fixado, contra 52,4% ano passado e 60% há dois anos. Os preços médios são de 15,51 centavos de dólar por libra-peso, o que ao câmbio de R\$ 3,2060 traria um valor de R\$ 1.142 por tonelada. Acredita em safra de 580 milhões de toneladas e mix de açúcar de 41,4%.

Preços do açúcar seguem terríveis, na última semana ao redor de 12,65 centavos com as informações do excesso de oferta. O açúcar cristal, de acordo com o Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada-Esalq/USP), está saindo das usinas a R\$ 50,34 (saco de 50 kg), um preço 35,40% menor que os de março de 2017 (R\$ 77,93). Segundo a Archer, o relativo atraso nas fixações por parte das usinas brasileiras também tem contribuído. Este preço terá impactos importantes tanto na produção futura destes países, no endividamento de seus participantes e na produção e renovação brasileira.

Reflexões dos fatos e números do etanol e energia

Devemos ter grande aumento de consumo de combustível neste ano com a retomada da economia e de vendas de automóveis. Os emplacamentos de veículos estão 11% acima do ano anterior, e em fevereiro foram 220 mil unidades.

Desde o início da safra até o final de fevereiro, no Centro-Sul, foram vendidos 24,18 bilhões de litros de etanol, sendo 14,08 bilhões de hidratado (6,13% a mais). Em fevereiro as vendas de hidratado foram 37,5% maiores que o mesmo mês do ano passado, chegando a 1,15 bilhão de litros deste tipo e 720 milhões de anidro. No total as usinas venderam 1,95 bilhão de litros. Estima-se que no primeiro trimestre devemos importar cerca de 500 milhões de litros de anidro.

Vale lembrar que o recorde de consumo de hidratado foi em 2015, com 17,8 bilhões de litros. Para se repetir, teria que cair quase 20% a produção de açúcar nesta safra, mais de 6,5 milhões de toneladas. Acho que dá!

As cotações do etanol agora em março (R\$ 1,87) estão 23% maiores que as de março de 2017, segundo o Cepea.

A Datagro acredita em produção de etanol de 26,5 bilhões de litros em 2018/19, sendo 10,84 bilhões de anidro e 15,64 de hidratado, com 520 milhões de litros advindos de etanol de milho. Pesquisa feita pela Reuters estimou em 27 bilhões de litros a produção da safra 2018/19, 9,3%

maior que os 24,7 bilhões desta safra. Temos que torcer para o petróleo não recuar neste período.

A Plural (antigo Sindicon) deve fazer campanha de comunicação para explicar como são os preços dos combustíveis, uma vez que o Brasil apresenta a segunda gasolina mais cara entre os produtores de petróleo. Os impostos que incidem são os grandes responsáveis por este preço. A relação de aumento é de 1,5% a mais no preço da gasolina na refinaria e 0,4% no posto. Os impostos representam cerca de 48% do preço final do combustível vendido em quase 42 mil postos no Brasil. A Plural prega a unificação do ICMS, que no caso da gasolina varia entre 20 a 35% e no etanol, de 12 a 30%. Já o Governo estuda deixar um valor fixo por litro, que não teria variação com o valor do petróleo, permitindo mais planejamento fiscal aos estados.

“Do ponto de vista da redução da poluição global (isto é, da emissão de gases responsáveis pelo aquecimento global), automóveis elétricos são uma falsa solução” (Jose Goldemberg).

Há grande expectativa que a aprovação do RenovaBio possa gerar uma onda de investimentos em biorrefinarias, produzindo bioquímicos e outros nos próximos 20 anos.

Um fato interessante a ser observado é se os EUA aumentarão a taxa de juros. Se isto acontecer, o real provavelmente se desvaloriza um pouco. Exercícios feitos pela Archer para níveis de preços entre US\$ 55 a 65 o barril e valor do dólar entre R\$ 3,25 e R\$ 3,40 mostram um piso para o açúcar de 13,67. Abaixo deste número a prioridade é fazer hidratado.

A Toyota demonstrou pioneirismo e já está testando o Prius Flex, carro híbrido que pode usar também o etanol junto com a propulsão por eletricidade. Em 2017, a Toyota vendeu 2,4 mil unidades deste carro, extremamente econômico. Resta esperar que o Governo promova a esperada redução do IPI para carros híbridos de 13% para 7%, mas apenas para os veículos flex. O carro agora vai rodar 1500 km até Brasília em fase de testes.

Finalizando... qual seria a minha estratégia com base nos fatos?

Onde eu arriscaria agora em março: com as estimativas mostrando uma safra menor de cana (581 milhões de toneladas é meu número hoje), com o mundo entupido de açúcar e o petróleo subindo e se mantendo acima de US\$ 62/barril, eu tentaria um mix maior que o estimado de 57% na safra para etanol, forçar para chegar perto de 60% (tem menos cana, permite mais flexibilidade) carregando o máximo possível neste início de safra para etanol, vendendo-o e aproveitando os preços atuais, segurando um pouco o produto caso estes comecem a cair com a entrada da safra, e neste caso pressionar para que eventuais reduções de preços na usina cheguem simultaneamente na bomba para a frota flex se direcionar fortemente para o hidratado e consumir rapidamente a entrada da safra. Eu não venderia nada de açúcar, estocando o que for produzido. Se o Brasil, ao invés das esperadas 5 milhões, tirar 7 milhões de toneladas ou até um pouco mais com maior direcionamento para etanol, os preços do açúcar, assim que estes sinais forem dados, começam a reagir. É a minha estratégia de curto prazo (hoje), transparente ao setor!

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses temos um grande homenageado aqui neste espaço e desta vez nossa singela homenagem vai ao Luiz Carlos Dalben, da turma de Lençóis Paulista, que tem feito excelente trabalho com diversas conquistas à cadeia produtiva.



Haja limão

O exagerado e completamente desrespeitoso e descabido uso político da terrível morte desta moça Marielle, no Rio de Janeiro, foi outro erro grotesco da esquerda brasileira, e os próximos dias deixarão isto bem claro, com o desenrolar das investigações e a identificação definitiva dos culpados por este ato bárbaro. Terão vergonha do que fizeram e são, no fundo, os principais responsáveis pelo grande crescimento do extremismo do outro lado, consequência de seus gestos e comportamentos inadequados. Com isto, uma triste divisão do Brasil é estimulada. Outro erro grotesco foi o de espalhar notícias falsas contra a moça, isto não pode ser feito.



ESTRATÉGIA COMPROMETIDA: ETANOL CAI NA USINA E SOBE NO POSTO

Publicado na Revista Canavieiros em Abril de 2018

Reflexões dos fatos e números do Agro

Um mês muito bom ao agro, fazia já algum tempo que não tínhamos um conjunto de boas notícias, tanto em preços como em quantidades. Começando com a economia dando bons sinais com o Relatório Focus (Banco Central) trazendo expectativas para o IPCA (Índice de Preços ao Consumidor) de 2018 em 3,48% e de 2019 em 4,07%. Expectativas para o PIB (Produto Interno Bruto) estão em 2,76% para este ano e 3% para 2019. Para a taxa Selic se esperam 6,25% e 8,00%, respectivamente e finalmente, para o câmbio, R\$ 3,30 no final de 2018 e R\$ 3,39 no final de 2019. Estabilidade!

Mais uma estimativa da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) disponível e a safra vem vindo bem. Produziremos em grãos 229,5 milhões de toneladas (3,4% menor que a safra anterior). Em um mês aumentou a estimativa em 3,5 milhões de toneladas, com uma área plantada de 61,38 milhões de hectares, apenas 0,8% maior que a da safra passada. No milho segue estimativa de grande perda, indo de quase 98 para 88,61 milhões de toneladas com menor área e produtividade. Já na soja teríamos 114,96 milhões de toneladas, praticamente 9 milhões acima da primeira expectativa, graças a uma produtividade de 3,27t/ha. Temos ainda chance de chegar no recorde de 237 milhões de toneladas, pois o plantio de milho da segunda safra é estimado em 11,54 milhões de hectares, quase perto dos 12,1 milhões de 2016/17. Se o clima ajudar, temos chance de novo recorde. Vale também destacar o algodão, que deve produzir 1,86 milhão de toneladas de pluma, 22% a mais que 2016/17.

Como antecipado na nossa coluna de dois meses atrás, bateremos recorde na soja, com preços 10% maiores em Chicago e 15% maiores em regiões do Brasil. Isto posto, o Mapa (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento) já estima em quase R\$ 125 bilhões a renda desta lavoura, 3,8% acima do ano passado. Para a Abiove (Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais), a produção de soja deve chegar ao recorde de 117,4 milhões de toneladas, e exportaremos 70,4 milhões de toneladas (acima dos 68,15 milhões de 2017), trazendo um faturamento de US\$ 36 bilhões (US\$ 31,7 bilhões em 2017). Os preços médios devem ser de US\$ 410/t (a previsão de março era de US\$ 380 e a média de 2017 foi de US\$ 377).

Quatro grandes fatos não antecipados nos ajudaram: o câmbio (desvalorização do Real), a

seca na Argentina (a produção deve ser 15 milhões de toneladas abaixo do esperado), os efeitos da sobretaxa americana no aço e alumínio, lembrando que compra chinesa pode chegar a 100 milhões de toneladas de soja neste ano, e o Brasil deve ocupar a maioria, abrindo espaço aos EUA em outros compradores mundiais e a nova projeção do USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos), que trouxe uma área 1% menor dedicada à soja. Milho também deve cair 2%.

Segundo o Mapa, o VBP (valor bruto da produção) agropecuária neste 2018 será de R\$ 530,1 bilhões (R\$ 14,2 bilhões maior que a projeção de março) e 3,7% abaixo do recorde de 2017, de R\$ 550,4 bilhões. Na nova projeção, subiu R\$ 9,3 bilhões o valor da agricultura (R\$ 355,4 bilhões), principalmente pelo valor esperado para a soja, e também em R\$ 5 bilhões o valor da pecuária, agora estimado em R\$ 174,8 bilhões.

Também o índice mundial dos preços das commodities alimentares (índice da FAO- Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura) subiu outra vez 1,1% para 172,8 pontos. Cereais subiram um pouco (2,7%) e os lácteos (3,3%). Os açúcares caíram 6,5%, óleos vegetais caíram 0,8% e carnes permaneceu estático. Mas quando comparado a fevereiro do ano passado, os preços estão 2,7% menores em dólar, mas em trajetória ascendente.

As exportações no agro deste março foram de US\$ 9 bilhões (5,2% acima de fevereiro de 2017) e retirando-se as importações de US\$ 1,3 bilhão, ficou um superávit 6,8% maior, de US\$ 7,8 bilhões. Trouxemos US\$ 4,02 bilhões no complexo soja, com aumentos expressivos no óleo e no farelo. Na sequência vieram as carnes, com US\$ 1,34 bilhão, puxados por crescimento de 22,1% na bovina, e queda de 9,7% no frango e 23,4% na suína, seguido pelos produtos florestais com US\$ 1,2 bilhão. Fechamos o primeiro trimestre 4,6% acima de 2017, vendendo US\$ 21,4 bilhões e importamos 4% a menos (US\$ 3,6 bilhões) o que dá um saldo 6,6% maior, de US\$ 17,8 bilhões.

O Índice Alimentação e Bebidas do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) subiu apenas 0,07% em março, ou seja, o agro, com sua produção, ajudando no controle da inflação.

É possível que o presidente dos EUA autorize a venda de gasolina com 15% de etanol durante todo o ano no país, o que foi uma surpresa, pois suas declarações não estavam nesta linha. No verão é vetada esta venda com 15% por razões de maior volatilidade com altas temperaturas. Este novo mercado potencial ajudaria a manter o etanol no mercado interno (segundo a Datagro os americanos exportaram 63% do total exportado em 2017), pois tem gerado um excedente anual de 5 bilhões de litros e poderia inclusive demandar mais milho no futuro. Nesta safra foram usadas para etanol 141,6 milhões de toneladas. Caso o E15 for adotado, pelo menos 50 milhões a mais serão necessárias, quando na plenitude. Há de se ressaltar que como o milho representa mais de 85% do custo de produção, a indústria é muito sensível aos preços deste produto.

Entre notícias empresariais destaco duas: já temos investimentos chineses via China Communications Construction Company em 51% do Porto de São Luís e agora no Terminal Graneleiro da Babitonga, em São Francisco do Sul-SC, dois importantes corredores de exportação entre outros investimentos projetados para a área de infra-estrutura, principalmente ferrovias e portos.

IBM fez um levantamento no Brasil que apenas para armazenar os dados gerados por 6 lavouras no Brasil exigirão por ano 28,3 exabytes (28 bilhões de gigabytes). Tecnologia e dados são o quarto fator de produção, além dos tradicionais terra, trabalho e capital. A Cargill acredita que o “machine learning” trará grandes ganhos de competitividade, como o exemplo de máquinas que pelo barulho do camarão na alimentação, sabem o momento de despejar mais ração ou parar. Ou seja, tem um mundo de eficiência a caminho!

Finalizando o mês, são boas as notícias no crescimento e na confiança. O clima até o momento ajuda para que possamos quebrar o recorde de produção novamente. Chance ainda existe, e com preços melhores.

Reflexões dos fatos e números da Cana

Neste último dia de março terminou nossa safra 2017/18. De acordo com a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*) foram processadas 596,313 milhões de toneladas, 1,78% de redução na comparação com 2016/17, mas acima da expectativa inicial de 585 milhões de toneladas. O teor de sacarose foi de 136,6 kg/t, número 2,68% maior que a safra anterior. Esta melhor produtividade, mesmo com menos cana, elevou a quantidade de sacarose em 0,85%, para 81,457 milhões de toneladas, em comparação com a safra anterior e também acima do estimado de 78,624 milhões de toneladas. Pelo CTC (Centro de Tecnologia Canavieira) a produtividade caiu 1,02%, colhendo 75,99 toneladas por hectare. Esta cana com esta produtividade e mix de 46,46% levaram o Centro-Sul a produzir 1,21% a mais de açúcar, um total de 36,059 milhões de toneladas. Foram também produzidos 15,672 bilhões de litros de etanol hidratado (4,49% a mais) e 10,420 bilhões de litros de anidro (2,19% menor). A Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*) destacou também a produção de 521,58 milhões de litros de etanol de milho.

Estamos esperando uma safra diferente, com 585 milhões e viés de baixa, mix de açúcar ao redor de 40%, e petróleo aos US\$ 70 o barril.

O endividamento do setor deve voltar a aumentar nesta safra que iniciou em 1º de abril. Custos seguem crescendo, a produtividade não reage e temos perspectivas de preços piores para o açúcar, que em muitos casos estão abaixo do custo de produção. De acordo com o ItaúBBA foram três anos seguidos de redução e neste final de safra estava em R\$ 113/tonelada de cana.

Reflexões dos fatos e números do Açúcar

As exportações de açúcar e etanol em março caíram 17,4% quando comparadas com o ano anterior, e ficaram em US\$ 636 milhões.

Mais um mês ruim para os preços do açúcar, que bateu nos 12.10 centavos de dólar por libra-peso com as boas expectativas de produção. Um dos piores observados nos últimos 10 anos nesse período.

Nova estimativa, desta vez da Wisma (Associação de Usinas de Açúcar do Oeste da Índia), coloca a produção na safra 2017/18 em um recorde de 30,3 milhões de toneladas. Somente o estado de Maharashtra deve passar de 4 para mais de 10 milhões de toneladas. O superávit deve passar de 5 milhões de toneladas.

As empresas europeias devem perder dinheiro com o açúcar neste ano, em virtude dos projetos de aumentos de produção e baixos preços, agora não protegidos e mais alinhados com o mercado internacional. A Sudzucker declarou que deve perder 200 milhões de Euros no pior cenário. Tem reduzido o apetite europeu pelo açúcar em virtude de diversas campanhas contrárias. Especialistas dizendo inclusive que o açúcar virou o “novo tabaco”.

Até 2022 deve cair em 20% o consumo de refrigerante e doces no Brasil quando comparado aos números de 2012. Para fazer frente à esta queda, muitas empresas mudam composições dos produtos, visando linhas com menos açúcar e gorduras e outras.

Açúcar vindo da cana transgênica do CTC foi aprovada pela agência Health Canada, podendo ser usado em seu território. Esta cana é resistente à broca.

Más notícias no açúcar neste mês, quase nada a comemorar. Os países que expandiram suas produções tomarão prejuízos homéricos, resta ver como estes serão cobertos, se pelo Governo via subsídio ou pelos agentes privados, mas estes trarão consequências no curto e médio prazos, com menos apetite de investimento e crescimento. Resta saber quem aguenta mais neste cenário trágico.

Reflexões dos fatos e números do Etanol e Energia

De acordo com o Cepea (Centro de Pesquisas Econômicas da Esalq - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), os preços deflacionados do etanol na safra que se encerrou foram menores. O hidratado ficou em R\$ 1,5929/litro (sem ICMS e PIS/Cofins), 3,6% abaixo de 16/17 e para o anidro o valor foi de R\$ 1,7633/litro (sem PIS/Cofins), 4,1% abaixo.

O crescimento no consumo de combustíveis ciclo Otto nos últimos 12 meses foi de apenas 0,52%, provavelmente graças a alta dos preços e menor uso dos automóveis. Fatores que devem

ajudar estão ligados ao ambiente externo: alta do petróleo e de proposta de mix de etanol nos EUA. Pela ANP (Agência Nacional do Petróleo), o consumo de Ciclo Otto (gasolina e/ou etanol) teve queda de 1,7% no primeiro bimestre (em gasolina equivalente). Porém, para o hidratado fevereiro foi bom, chegando a 1,243 bilhão de litros, de acordo com a Datagro. A participação do etanol em janeiro no mercado de combustíveis do Ciclo Otto foi de 41%, contra a média de 38,2% em 2017, e de 39,4% em 2016.

Nesta safra, o hidratado caiu mais de 20% nas usinas em um mês e subiu nos postos, deixando de impactar como deveria no consumo da frota flex e atrapalhando toda a estratégia que apresentei na análise do mês passado. Na última quinzena em todos os estados o preço estava acima de 70% da gasolina.

Chegando perto de R\$ 1,70 por litro, já temos o mais alto preço da gasolina desde a nova política de reajustes da Petrobras. Mundialmente, esta já subiu 22% neste ano, acompanhando o petróleo mais caro e foi este o aumento também no Brasil. Talvez uma das únicas boas notícias ao setor de cana.

Segundo a Archer Consulting, um preço na usina de R\$ 1,49/litro de hidratado equivale a açúcar a 14 centavos de dólar por libra-peso. Segundo a empresa a Petrobras, ainda tem que elevar o litro da gasolina para alinhar com o mercado internacional, que no caso do barril Brent, chegou a patamares de US\$ 71,50, refletindo não o aspecto econômico mundial, mas o político.

Em abril também são fortes as importações de etanol, estimadas em 220 milhões de litros, que devem ir ao Nordeste principalmente. Representa o dobro de abril de 2017. Segundo a Datagro, importamos 692,3 milhões de litros no primeiro trimestre de 2018. Com a entrada da safra no Centro-Sul este volume deve cair significativamente. Porém, tem que ser considerada a retaliação chinesa ao etanol dos EUA, cujo superávit poderia ser dirigido ao mercado brasileiro, e uma vez que não temos excedentes para colocar no mercado chinês, perdendo uma eventual oportunidade a ser criada, esta notícia nos preocupa.

A China usando 10% de etanol na gasolina em 2020 terá seu consumo pulando de 4 bilhões para 20 bilhões de litros, vamos ver se sobra algo para nós.

Como última notícia de médio prazo, vale trazer a pesquisa do Sindipeças (Sindicato Nacional da Indústria de Componentes) mostra que a crise envelheceu a frota brasileira. Hoje ela é de 9,7 anos, tendo ficado 1,2 anos mais velha do que o número de 2012. 52% da frota tem entre 6 a 15 anos (era 39% em 2012). Temos hoje 43,37 milhões de veículos, sendo que 73% destes está em SP, MG, RJ, RS e PR. Com a retomada da economia, tem-se grande potencial de crescimento, pois o Brasil possui hoje 4,8 habitantes por veículo. Olhando os números da Alemanha (1,68), França (1,72), Estados Unidos (1,2), Argentina (3,2) e México (3,5) é possível ver nosso potencial.

Finalizando... qual seria a minha estratégia com base nos fatos?

Onde eu arriscaria agora em abril/maio: é a mesma coisa dita em março/abril... O preço do etanol precisa cair urgentemente nos postos para que o consumo na frota flex surpreenda e possa interferir nos preços do açúcar, pelo menos para o segundo semestre. Se repete neste ano o que acontece há dez anos, cai o preço na Usina e não cai na distribuição, de tal forma que um elo da cadeia (dois na verdade) setor transferem renda aos outros dois elos e não ocorre o esperado aumento de consumo. A mais importante ação ao setor seria a explosão do consumo de hidratado nestes próximos 3 meses.

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses temos um grande homenageado aqui neste espaço e desta vez nossa singela homenagem vai ao Almir Torcato, representando a turma de trabalho que ajudou na recuperação da Cana oeste! Tenho a honra de ter participado e a execução do nosso plano estratégico por esta turma tem sido show!



Haja Limão

As manifestações de grupos contrários à prisão do ex-presidente Lula da Silva foram muito menores que as esperadas, mas não deixaram de nos impressionar em como ainda tem gente que resiste a olhar e compreender os fatos.



UM ABRIL QUE TROUXE BILHÕES DE REAIS EM PERDAS

Publicado na Revista Canavieiros em Maio de 2018

Reflexões dos fatos e números do agro

Abril não foi bom ao agro. O fator principal foi a chuva que sumiu e fez perdermos bilhões de reais, principalmente no milho segunda-safra e na cana, mas sem esquecer da laranja e outras culturas. Também houve ligeira deterioração do quadro econômico, com as estimativas todas ficando ligeiramente piores, indo desde o crescimento econômico até redução da taxa de juros. Tivemos também um “chicote cambial”, devido à valorização mundial do dólar (leitura de aumento da taxa de juros nos EUA) e instabilidades na política mundial e também na brasileira, o que é terrível para os processos de planejamento, mesmo que represente preços em reais melhores no curtíssimo prazo às nossas commodities. Além disto, a Argentina passa por forte instabilidade, e também não é bom, pois nos 12 meses passados exportamos US\$ 18 bilhões e importamos US\$ 10 bilhões, um saldo de US\$ 8 bilhões, principalmente de bens manufaturados. Esta instabilidade fez com que a queda da taxa Selic tenha sido postergada.

A nova estimativa da Conab - Companhia Nacional de Abastecimento -, (oitava) traz produção esperada de 232,6 milhões de toneladas (2,1% menor que a safra anterior) e ainda 1,3% maior que a última previsão. O algodão melhorou e a soja também, agora são esperadas 117 milhões de toneladas e o milho ainda com 89 milhões de toneladas. Estranhei, esperava ver uma perda maior no milho devido à seca de abril. Acho que as perdas de abril não estão ainda bem colocadas, devem cair.

O novo VBP (Valor Bruto da Produção) do Mapa (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento) está em R\$ 542 bilhões, praticamente R\$ 12 bilhões maior que o previsto em abril, efeito das maiores quantidades e preços, mas ainda é 2,4% menor que o valor de 2017. Somente na soja são esperados R\$ 130 bilhões, o maior faturamento já visto. Serão R\$ 366,2 bilhões nas lavouras e R\$ 175,8 bilhões nas carnes.

As exportações no agro deste abril foram boas, de US\$ 8,89 bilhões (2,7% acima de abril de 2017) e retirando-se as importações de US\$ 1,3 bilhão, ficou um superávit 6,8% maior, de US\$ 7,59 bilhões. O complexo florestal foi o destaque, com 10% a mais. Fechamos o primeiro quadrimestre 4,4% acima de 2017, vendendo US\$ 30,47 bilhões, graças a aumento de 5,6% nas quantidades e queda de 1,1% nos preços. O agro como responsável por 41% das exportações do

Brasil. Importamos 1,4% a mais (US\$ 4,91 bilhões), o que dá um saldo de US\$ 25,56 bilhões.

Em relação a preços internacionais, praticamente nenhuma variação. O índice mundial dos preços das commodities alimentares (índice da FAO - Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura) ficou em 173,5 pontos, praticamente o mesmo valor do mês passado. Cereais subiram um pouco (1,7%) e os lácteos (3,4%). Os açúcares caíram quase 5%, óleos vegetais caíram 1,4% e carnes caíram 0,9%. Mas quando comparado a março do ano passado, os preços estão 2,7% maiores em dólar. A estimativa do USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) lançada em 10 de maio mostra áreas um pouco menores (bem pouco, mas menores) para soja e milho. A oferta de milho nos EUA estará bem ajustada ao consumo, e qualquer evento climático trará forte alteração no mercado. Estamos num momento onde a demanda vai superar a oferta e estoques serão consumidos, o que dá uma tendência de no mínimo manutenção de preços em USD e melhores em reais, devido ao câmbio. Vale lembrar que, comparando a esta época do ano passado, os preços do milho estão quase 50% acima e da soja 27%. Resta ver os efeitos da seca nos preços.

Entre notícias empresariais destaco um caso muito interessante de marketing, a Nestlé está fechando os direitos de usar a marca Starbucks para cafés e chás, por US\$ 7,15 bilhões. A empresa com isto sobe um andar tendo uma marca posicionada ao segmento mais premium, além da Nescafé e Nespresso e de aumentar sua penetração no canal varejista dos EUA e em outros países. Estima-se que Nescafé venda ao redor de US\$ 10 bilhões/ano, Nespresso US\$ 5 bilhões e Starbucks US\$ 2 bilhões (no varejo, sem as lojas de café). A Starbucks em varejo passa a vender cafés da Nestlé, mas nas cafeterias o negócio é independente.

Finalizando o mês, são boas as notícias em relação às exportações e volume, porém pioraram na economia e ainda não temos claro o desastroso clima de abril, que deve tirar produtos e renda. Isto não poderia acontecer, pois a oferta de milho estava ajustada e teremos problemas no custo da ração animal, para agravar a já difícil situação de produtores de suínos e aves que têm preços de 10 a 20% menores que os do abril passado.

Reflexões dos fatos e números da cana

A Canaplan estima a safra variando entre 553 milhões a 585 milhões de toneladas, com média de 569 milhões. Idade do canavial chegará a 3,9 anos e a produtividade será de 72 toneladas por hectare.

E a seca que prejudica fortemente os canaviais jogou a favor da eficiência industrial, aumentando a oferta. Em abril foram processadas quase 60 milhões de toneladas de cana, contra quase 42 milhões do mesmo mês de 2017 (42,5% a mais). Esta cana gerou 2,24 milhões de toneladas de açúcar (22,4% a mais), 566,76 milhões de litros de anidro (14,22% a mais) e 2,15 bilhões

de litros de hidratado (91,2% a mais). O mix do mês foi de 65,73% para etanol, contra 58,44% em abril do ano passado. Em relação à produtividade, os dados do CTC (Centro de Tecnologia Canavieira) estimam aumento de 4,28% (80,05 t/ha contra 76,77 t/ha em abril do ano passado).

A produção de etanol em abril foi 60% maior que no ano anterior. Somente na segunda quinzena de abril foram produzidos 1,3 bilhão de litros de etanol, o maior volume desde agosto de 2015. Nos últimos 10 anos apenas 3 quinzenas registraram este volume.

Archer Consulting estima o endividamento do setor em final de março/2018 no valor de R\$ 88,98 bilhões, quase 4% superior ao valor do ano passado.

Em relação as notícias de empresas neste mês, vale destacar três casos: a Copersucar, que vem implementando indicadores de performance para os 20 grupos que a compõe, permitindo análises comparativas a estes e visão de toda a cadeia de valor, além da tomada de ações de melhoria com base nestes dados comparativos.

A Guarani comunicou que a participação de mercado de suas marcas passou de 4 para 12% no mercado nacional em apenas um ano. Está lançando agora produto com stevia+ refinado (50% menos calórico) e também um açúcar cristal orgânico.

Raízen também anunciou que aumenta sua participação no segmento de comercialização de energia elétrica em parceria com a WX Energy, por acreditar no crescimento deste mercado de energia livre. Deterá 70% desta empresa que já faturou US\$ 1,1 bilhão em 2017, e tem ainda como oportunidade o serviço de gestão de energia para clientes. Em nove meses a área de energia da Raízen já somava receita líquida de R\$ 5 milhões e lucro de pouco menos de R\$ 400 milhões. A empresa tem 1 gigawatt (GW) de potência via cogeração, usa um terço para mover as usinas e o restante é vendido (70% em leilões e 30% livre).

Reflexões dos fatos e números do açúcar

No caso do açúcar continuam as previsões de excesso de oferta, o que pode agravar a queda de 26% nos preços até o momento observada neste ano. Como fator altista neste momento, restam apenas a seca no Brasil e o aumento do consumo de etanol. A produção de açúcar da Índia deve bater 31 milhões de toneladas e na Tailândia passar de 15 milhões. A área na Índia na próxima safra pode superar os 5 milhões de hectares.

A FCStone estima a Índia passando o Brasil na produção do ciclo 2018/19. Preveem produção de 32,9 milhões de toneladas, contra 31 milhões do Brasil. Canaplan estima a produção de açúcar em 29,9 milhões de toneladas. Para a Datagro teremos 30,8 milhões (de 5 a 6 milhões de toneladas a menos). A estimativa da produção brasileira vem caindo a cada mês. Em 2017/18 produzimos 36,1 milhões de toneladas.

A Datagro estima superávit de 2018/19 em 7,56 milhões de toneladas (safra com início em 1 de outubro) contra a projeção anterior de 6,3 milhões. O da atual safra (2017/18) seria de 10,79 milhões de toneladas. Já a OIA (Organização Internacional Agropecuária) estima em 8,5 milhões e 11 milhões o superávit, respectivamente. Já a LDC estima excedente de apenas 2 milhões de toneladas. Fora isto, a ISO - Organização Internacional do Açúcar -, chamou atenção para uma redução da demanda também, agravando o quadro.

Usinas brasileiras vêm cancelando contratos de venda de açúcar e apresentam baixíssima fixação para esta época do ano, estimada ao redor de 30%.

Algo que não poderia acontecer de forma alguma já vem dando sinais de implementação. Um subsídio de US\$ 0,82/ton de cana a ser dado pelo Governo da Índia aos produtores. Foi anunciado pela Associação das Usinas de Açúcar da Índia. Estima-se que o tempo para contestar a prática na OMC (Organização Mundial do Comércio) seja de pelo menos 30 dias. Na OMC o grupo de exportadores do açúcar está contestando apoios governamentais à exportação de açúcar pela Índia.

Pelos cálculos da Archer, o dólar a R\$ 3,60, o Petróleo a 72 dólares e o etanol tendo um preço de 60% da gasolina, isto equivaleria a 13.20 centavos de dólar por libra-peso açúcar equivalente. Resta torcer para grande escoamento da cana via hidratado.

O mundo segue firme no açúcar, mesmo com preços extremamente penalizadores. A estes preços e com custos ao redor de 15 a 16 centavos de dólar por libra-peso, vamos ver quem vai aguentar mais tempo. Nós pelo menos temos “a válvula de escape do hidratado”. E quem não tem?

Reflexões dos fatos e números do etanol e energia

As notícias no etanol são melhores quando comparadas as do açúcar, mas também temos más notícias, que vale ler antes das boas. Segundo a ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis), o consumo de combustíveis caiu 1% em março, mas terminou o primeiro semestre crescendo 1,1% (sempre em comparação ao ano anterior). O diesel cresceu 1,8% no trimestre, e o consumo do ciclo Otto caiu 1,6%, sendo que a gasolina caiu 9,5% e as vendas de etanol cresceram 44,4%. Em março o consumo foi 36% maior. Pela Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*) no Centro-Sul foi vendido 1,91 bilhão de litros em abril, praticamente 10% a mais que abril de 2017. Ou seja, o etanol rouba espaço da gasolina, mas o consumo de combustíveis caiu no mês.

E também caíram os preços. Somente em abril pelo Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada -Esaq/USP), os preços do etanol recuaram em quase 18% para o hidratado e 10% para o anidro. O anidro está ajudando no controle da inflação segurando os preços

da gasolina, que não param de subir, pela composição de 27%.

Em abril importamos 387,44 milhões litros de etanol. Volume 250% maior que abril de 2017 e 20% maior que os 321 milhões de litros de março. No quadrimestre chegamos a 1,033 bilhão de litros, 23,6% a mais que os 835,76 milhões de litros deste período de 2017. Em valores para o quadrimestre, importamos US\$ 444,058 milhões, 5,9% a mais que os US\$ 419,365 milhões desse período de 2017. Exportamos apenas 74,1 milhões de litros em abril e 322,5 milhões de litros desde o início do ano, gerando um déficit de US\$ 240,25 milhões no ano.

Boa notícia veio dos EUA, com a aprovação pelo Presidente Trump das vendas de gasolina com 15% de etanol, durante todo o ano (eram proibidas no verão, com receio de aumento de fumaça). O risco agora é considerar o etanol exportado como parte componente no cumprimento das exigências ambientais, o que não seria bom ao Brasil.

Em relação ao futuro, o programa Rota 2030 avançou e o governo exigirá a partir de 2019 R\$ 5 bilhões em investimentos anuais em pesquisa e desenvolvimento (chegando a 1,2% da receita operacional em alguns anos), como contrapartida reduzindo até R\$ 1,5 bilhão de IRPJ e CSLL (Imposto de Renda da Pessoa Jurídica e pela Contribuição Social sobre Lucro Líquido). Continua um imposto de importação de 35% nos automóveis. Busca-se eficiência e inovação com esta política.

RenovaBio: metas são discutidas e revistas e agora espera-se uma participação de biocombustíveis na matriz de combustíveis aproxima de 28,6% em 2028. Para atingi-la necessitamos de 47,1 bilhões de litros de etanol, sendo 11,1 bilhões de anidro e 36 bilhões de hidratado. Temos a difícil meta de buscar 20 bilhões de litros adicionais em 10 anos. O estudo do MME (Ministério de Minas e Energia) diz que o impacto no preço da gasolina pela necessidade de compra dos CBios será de apenas 0,7%, e que os preços do anidro e hidratado devem cair, fazendo a gasolina C mais barata em 0,1%. Vale lembrar a estrutura do RenovaBio. Um CBio equivale a (redução de) uma tonelada de carbono. Os distribuidores de combustíveis terão que comprar os CBios, e como estes são gerados pela produção dos combustíveis renováveis, haverá aumento da demanda e, conseqüentemente, estímulo à oferta, principalmente do hidratado, que não tem limites para crescer.

Pelo Renovabio, quem ganha participação também é o Biodiesel, que terá em 2025 o valor de 15% de mistura no diesel tradicional. A partir de 2020 a mistura aumenta 1% ao ano até chegar a este valor. Há espaço para se atingir o B20, que é a meta da indústria.

No médio prazo, temos que olhar os custos da energia renovável vinda de outras fontes que não a biomassa da cana. Leilões com eletricidade vinda da energia solar pelo mundo têm caído de preços. Orelha em pé!

Finalizando... qual seria a minha estratégia com base nos fatos?

Onde eu arriscaria agora em maio/junho: Neste mês tive o privilégio de fazer a palestra magna do encontro do Cultivar, da Raízen, para centenas de produtores, em Atibaia. Falei da cana em 2018 e em 2028. Em 2018 temos explorado nos nossos textos mensais que vocês acompanham, mas insisto que é fundamental agora a explosão do consumo de hidratado mais ainda, e o Brasil tentar tirar de 8 a 10 milhões de toneladas do mercado mundial de açúcar. Carros para isto não faltam, pois a frota de veículos flex hoje está perto de 28 milhões e era de 24 milhões em 2015. Pena que os preços ao consumidor demoraram tanto para cair e entrar na paridade abaixo de 70%. Para 2028, são muitas as questões para pensarmos, mas sigo otimista e trataremos disto em palestras com os senhores ao longo deste ano e nos textos aqui.

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses temos um grande homenageado aqui neste espaço e desta vez nossa singela homenagem vai ao Sr. Antonio Campanelli, que sempre deu um show de produção na laranja e agora também ensina muita gente na cana. Toda forma de convívio com Sr. Antonio para mim é um aprendizado, e tenho este privilégio nos últimos 30 anos!



Haja Limão

Segue absolutamente indefinido nosso quadro eleitoral. Nenhuma candidatura mais de centro vai despontando. Seria bom para uma futura governabilidade que o diálogo fosse mais presente. E segue o show de horrores da corrupção em nossas notícias de todos os dias.



UM PAÍS QUE PROMOVE SUA PRÓPRIA DESTRUIÇÃO

Publicado na Revista Canavieiros em Junho de 2018

Reflexões dos Fatos e Números do Agro

Maio e junho foram meses de grandes impactos do macroambiente. Os problemas principais trouxeram como consequência a deterioração de todos os indicadores econômicos. O Relatório Focus do Banco Central derrubou a expectativa de crescimento de 2,18% para 1,94% e a de 2019 recuou de 3,0% para 2,8%. A expectativa da inflação também subiu de 3,65% para 3,82% e em 2019 de 4,00% para 4,07%. Ressalto que aqui ainda temos um número a ser comemorado. Para as taxas de juros, ficam estáveis em 6,5% para o final deste ano e 8,0% para o final do ano que vem. Finalmente o câmbio, cuja expectativa no início do ano era de algo próximo a R\$ 3,30/dólar, passou para R\$ 3,50/dólar em dezembro, ou seja, o mercado acredita que cai do valor atual.

Convivemos também com dias de grande instabilidade na taxa de câmbio com o dólar chegando a valer próximo de 4 reais, e a Bolsa de Valores também perdeu diversos bilhões de dólares, com a expectativa de aumento de juros nos EUA para conter um pouco a aceleração econômica. Para as cadeias nitidamente exportadoras, esta desvalorização tem o fator positivo de trazer melhores preços em reais, mas para as de mercado interno, o impacto acaba sendo mais negativo, pois se encarecem os insumos precificados em dólar e tem-se o mercado interno com pouca reação, não permitindo aumentos de preços.

Finalmente refletindo os impactos da seca, a nona estimativa da Conab traz produção esperada de 229,7 milhões de toneladas de grãos (3,4% menor que a safra anterior) em 61,6 milhões de hectares, área 1,1% maior que a safra anterior. Algodão vem bem com maior área (25,2%) e produtividade (2,1%). Segunda safra de milho deve cair 13,6% em relação à safra passada e 7,5% em relação à estimativa anterior, como previ aqui mês passado. Para a soja são esperadas 118 milhões de toneladas. Trigo com crescimento de 4% na área e de quase 10% na produtividade com produção de 4,9 milhões de toneladas.

Talvez a primeira boa notícia do texto vem das exportações do agro em maio, que mesmo com a greve que interrompeu o Porto de Santos em mais de uma semana, foram surpreendentes, de praticamente US\$ 10 bilhões (3% acima de maio de 2017) e retirando-se as importações de US\$ 1,1 bilhão, ficou um superávit 4,7% maior, de US\$ 8,9 bilhões. A soja foi o destaque, ex-

portando quase 23% acima do mesmo mês de 2017, algo próximo a US\$ 5,8 bilhões. Na sequência vem outro excelente resultado dos produtos florestais, com quase 15% de crescimento (US\$ 1,1 bilhão no mês). O tombo maior foi nas carnes, que perderam mais de US\$ 1,1 bilhão, um recuo de quase 10%. Houve grande tombo também em açúcar e etanol (36,4%) e café (42,3%). Fechamos os primeiros cinco meses 3,8% acima de 2017, vendendo US\$ 40,3 bilhões. Importamos 2,4% a menos (US\$ 4,91 bilhões) o que dá um saldo de US\$ 34,5 bilhões (4,8% maior). Ou seja, as exportações vem se comportando muito bem!

As vendas para a China em maio cresceram 28,1%, para quase US\$ 4,5 bilhões. China já representa 45,5% das compras deste ano. Temos que observar com muito cuidado a briga EUA x China, que dependendo do rumo que tomar trará impactos distintos para cada cadeia produtiva do agro brasileiro. Vale destacar que a China é a maior parceira comercial do Brasil e no primeiro quadrimestre vendemos US\$ 17,5 bilhões, e com superávit de US\$ 7,5 bilhões para o nosso lado. O interesse no Brasil vem crescendo (apenas em Xangai estima-se que 17 mil vistos para chineses visitarem o Brasil foram concedidos em 2017), mais de 80% para negócios.

Em relação a preços internacionais, tivemos surpresas interessantes. O índice mundial dos preços das commodities alimentares (índice da FAO) alcançou em 176,2 pontos, praticamente 2,2% acima do mês passado. Cereais subiram um pouco (2,4%) e os lácteos (5,5%). Óleos vegetais caíram 2,6% e carnes e açúcar tiveram ligeiras quedas de 0,5%, respectivamente, portanto preços melhores ao agro. Em reais então, bem melhores.

O Plano Safra contará com R\$ 191,1 bilhões em crédito rural, 1,5% acima do valor da safra anterior. As taxas de juros serão 1,5% menores, o que desagradou parte do agro.

Completo o quadro de maio a greve dos caminhoneiros, que assustou o país. Fragilizado, o Governo e as organizações públicas demoraram para reagir, e um grande estrago foi feito no agronegócio, principalmente nos produtos de cadeias extremamente integradas e com pouca chance de estocagem. Para alguns foi o golpe de misericórdia. Uma greve onde não há vencedores, que surge por um desequilíbrio entre a oferta e demanda por fretes, que gerou preços realmente baixos que não permitem o equilíbrio econômico do caminhoneiro. É fruto de excesso de oferta, por grande volume de venda de caminhões em programas de incentivo no passado recente, maior oferta de motoristas, que viram na atividade uma alternativa ao desemprego, menor volume de cargas devido à grande recessão que vivemos, com queda próxima de 8% da atividade econômica em 2015/16 e os preços do petróleo, que pularam em pouco tempo de 45 para 70 dólares o barril. Tudo isto junto levou a uma situação insustentável, que merecia uma atenção especial via corte de impostos no diesel, mas longe de tabelamento de preços, que é um grande retrocesso. Os custos de frete pela tabela podem subir de 20 a 95%, até inviabilizando atividades. Quem garante que caminhoneiros independentes seguirão uma tabela de preços? Há mais de 1 milhão de transportadoras no Brasil e 95% têm menos de cinco caminhões. Fora isto, um tabelamento pode levar ao risco de investimentos em verticalização das atividades, com os

produtores fazendo o transporte, o que “em tempos de Uber” é uma grande ineficiência.

É fato que a excessiva dependência do transporte via caminhões mostra-se um problema de segurança nacional. Dos grandes países, é o que tem a maior dependência (65% da carga).

O cenário interno político é bem complexo ainda, com a falta de uma candidatura de centro e de consenso que possa começar a crescer com mais vigor e se cacifar para o segundo turno, com grandes chances de vitória. Mas ainda tenho esperanças que isto deve acontecer após a Copa do Mundo, com o fortalecimento das alianças eleitorais.

Reflexões dos Fatos e Números da Cana

Segundo a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), até o final de maio foram processadas 134,84 milhões de toneladas de cana, 20% a mais que na safra anterior. Em açúcar já foram produzidas 5,49 milhões de toneladas (quase 4% a menos) e em etanol 6,55 bilhões de litros, 52% a mais que a safra passada. O destaque vai para o hidratado, onde produzimos 4,77 bilhões de litros, 82% a mais. Isto é fruto de um mix de 65,5% para etanol, contra 54,9% no comparativo com o ano passado. O ATR/tonelada está em 123,71% (4,53% maior) e a produtividade aferida pelo CTC em maio foi de 82,77 t cana/ha, 0,9% maior que a do ano passado e na safra até o momento foi de 81,64 t/ha, 2,01% superior ao mesmo período da safra anterior. Mas não é o que deveremos ver até o final da safra, quando se espera uma quebra de produtividade entre 5 a 15%, pela falta de chuvas e envelhecimento dos canaviais. A Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*) acredita que mantido este mix, o Brasil reduzirá sua produção de açúcar em mais de 5 milhões de toneladas no ciclo 2018/19. Precisa ser ainda mais.

Mesmo com a greve, o processamento de cana seguiu com bom rendimento em virtude do clima extremamente seco.

Impressiona a cana que vem sendo destinada para fazer etanol, corroborando com minha análise e pedido feitos aqui há 4 meses, neste momento, quanto mais, melhor.

A boa notícia veio da Unicamp, onde uma equipe liderada pela profa. Anete Pereira de Souza (Instituto de Biologia) descobriu onde se encontram no código genético da planta os genes responsáveis pela produção de açúcar, permitindo trabalhar para se produzir mais sacarose e resistências diversas em menos tempo de pesquisa (metade).

Reflexões dos Fatos e Números do Açúcar

A Organização Internacional do Açúcar (OIA) elevou novamente, graças à Índia e Tailândia, a estimativa de produção, pulando de 179,3 milhões para 185,21 milhões de toneladas, 10% aci-

ma da safra 2016/17, um volume impressionante, sendo 5 milhões a mais na Índia (31,4 milhões no total) e 2 milhões na Tailândia (14,35 milhões total), jogando o superávit para 10,51 milhões de toneladas, pois o consumo deve ser de 174,7 milhões de toneladas.

Em 2017, a Wilmar foi a maior compradora de açúcar do Brasil, com 5,45 milhões de toneladas (20,81% das exportações). A Alvean vem na sequência com 4,75 milhões de toneladas (18% do total). As duas embarcam quase 40% das nossas exportações. Seguem a Sucden com quase 2,5 milhões de toneladas e a Copa Shipping e Ed&F Man com 2,15 milhões cada. A Dreyfus caiu para 1,4 milhão de toneladas. Deste total, quase 76% é por Santos (cerca de 20 milhões de toneladas) e Paranaguá tem quase 19%, com perto de 5 milhões de toneladas.

Muitas usinas correram para vender açúcar quando o dólar encostou em 3,90 reais, e ao meu ver foi ótima estratégia. Esta produção toda mundial, a este baixo preço, trará estragos grandes em nossos concorrentes, que não contam com o hidratado como válvula de escape e único arreio de sustentação. Segundo a FCStone, o hidratado está gerando receita 15% a menos que o açúcar para as usinas.

Reflexões dos Fatos e Números do Etanol e Energia

Segundo a ANP, o consumo de combustíveis cresceu 5% em abril, atingindo 11,1 bilhões de litros, e no primeiro quadrimestre cresceu 2%. Neste, o diesel cresceu 4,2%, a gasolina caiu 9,1% e o hidratado cresceu 40,8%. No total, o Ciclo Otto (gasolina e/ou etanol) caiu 1,6% no quadrimestre. Com a crise dos transportes, as vendas de etanol hidratado pelas usinas em maio ficaram em 1,88 bilhão de litros, contra 2 bilhões de maio de 2017. Devem explodir em junho, com a necessidade de recarregar as distribuidoras e os postos, além da precificação favorável.

A flexibilidade da política de preços da Petrobras deve ser mantida e valorizadas e que a equipe que substituiu Pedro Parente consiga se impor a tentações de populismo. A discussão poderia caminhar para a cobrança de impostos flexíveis sobre combustíveis, quando seus preços internacionais sobem, os impostos caem e vice-versa, deixando preços um pouco mais estáveis ao consumidor final.

Há expectativa que as regulações todas do RenovaBio estejam aprovadas e em vigor até o final deste ano. Uma delegação do Governo esteve nos EUA buscando apoios e parcerias. Foram divulgadas as metas de redução de carbono no RenovaBio, que serão responsabilidade das distribuidoras. O Biodiesel também vai de 10 para 15% de mistura até 2024, criando muitas oportunidades.

É provável que o Brasil já use quase 2 milhões de toneladas de milho para fazer etanol neste ano, crescimento vigoroso.

No âmbito do debate da flexibilização de venda de etanol, podendo ser direto das Usinas aos postos, a Plural divulgou interessante estudo onde é estimado um aumento de custos para R\$ 877 milhões, caso seja aprovado. Feito pela empresa Legio, o custo estimado para transporte de etanol pelas distribuidoras é de R\$ 730 milhões por ano. Além disto, iriam para as rodovias parte do que hoje é movimentado em dutos e trilhos, além do uso de caminhões menores e as usinas teriam que construir frotas próprias que seria apenas para etanol, quando os caminhões das distribuidoras levam três produtos, e uma possível perda de escala elevaria os custos da distribuição dos outros produtos. A mudança levaria a maiores tempos de carregamento, descarregamento e esperas, daí a ineficiência. A Plural também estima que as usinas agregariam R\$ 410 milhões/ano para internalizar esta função. Não foi considerada a retirada das margens das distribuidoras e de seus custos operacionais e administrativos. O problema deste estudo foi considerar uma mudança total de modelo, quando não é isto que ocorreria.

Já os números do Esalq-LOG são um pouco distintos. Segundo esta organização, em 2017, para se levar o etanol em São Paulo das usinas aos postos, passando pelas distribuidoras, o custo foi de R\$ 89,09 por metro cúbico. Se a comercialização fosse direta, o custo seria de R\$ 60,77 por metro cúbico.

A Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*) teme que esta venda direta possa dificultar a implementação do RenovaBio, uma vez que vai exigir mudanças na cobrança de impostos hoje pagos pelas distribuidoras: PIS, Cofins e o ICMS. Segundo a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), o PIS e o Cofins do hidratado são recolhidos pelo produtor (R\$ 0,13 por litro) e pelo distribuidor (R\$ 0,11 por litro). Nas vendas que não passarem pelo distribuidor, a carga tributária seria ou cobrada das usinas (360) ou dos postos (40 mil). A mudança impacta também no volume comercializado pelas distribuidoras que são os responsáveis para cumprir as metas de descarbonização via a comercialização de Cbios (Certificado de redução de emissões de carbono). Ressalta também que produtores podem ter distribuidoras e vender via estas aos postos.

Sempre fui favorável a esta ideia, e tenho certeza que encontraremos mecanismos de cobrança dos impostos e de geração dos créditos (CBios) para o RenovaBio. Não acredito que a distribuição direta tomaria todo o mercado, mas sim uma parte onde fosse bem mais eficiente pela proximidade.

Na safra 2018/19, a Bioagência estima que nosso déficit de anidro (exportações menos importações) será de 400 milhões de litros. Importações seriam de 1,7 bilhão de litros.

Não sei se isto é possível, mas fica aqui como sugestão ao setor: a arrecadação com a tarifa de importação do etanol americano poderia ir para um fundo de pesquisa do setor de cana, ou ser colocada na Fapesp para ser usada exclusivamente em projetos de cana visando a um aumento da inovação e competitividade.

Finalizando... qual seria a minha estratégia com base nos fatos?

Onde eu arriscaria agora em junho/julho: não temos outra alternativa neste momento do que continuar colocando o máximo possível de cana para fazer hidratado. O máximo possível, nem que a velocidade de moagem tenha que ser reduzida.

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses temos um grande homenageado aqui neste espaço e desta vez nossa singela homenagem vai ao Sr. Paulo Roberto Artioli, o Betão, Diretor da Tecnocana em Macatuba e grande figura do setor, palestrante, lutador e estimulador de muitos.



Haja Limão

Fecho o texto contando da experiência que tive de ir à África do Sul fazer duas palestras no início de junho e passar praticamente uma semana conversando com empresários. Temos um grande ponto em comum: a agenda terceiro-mundista (greves, tabelamentos, reforma agrária, corrupção, Governo...). Tal como eles, nós temos uma incrível capacidade de criar problemas para nós mesmos. Este mês foram diversos. São estimadas R\$ 16 bilhões em perdas com a greve dos caminhoneiros... Calcule o que poderia ser feito com R\$ 16 bilhões. E boa parte disto veio do agronegócio. Espero voltar mês que vem com melhores notícias.



DESACELERA A ECONOMIA MUNDIAL E BRASILEIRA E OS PREÇOS CAEM

Publicado na Revista Canavieiros em Julho de 2018

Reflexões dos fatos e números do Agro

A presença de barreiras comerciais, ou até mesmo a ameaça destas, pode reduzir a taxa de crescimento da economia mundial esperada para este ano. Vem caindo a taxa de crescimento das exportações em muitas economias e a atividade industrial. A guerra comercial vai provocar rearranjos nos fluxos das cadeias produtivas integradas, com impactos positivos ou negativos para cada elo de países. Mais um mês onde deterioraram-se os indicadores econômicos do mundo e do Brasil.

A décima estimativa da Conab -Companhia Nacional de Abastecimento (safra 2017/18) traz uma produção esperada de 228,5 milhões de toneladas de grãos (3,9% menor que a safra anterior, perda de 9,2 milhões de toneladas) em 61,6 milhões de hectares, área 1,1% maior que a safra anterior. Entre a nona e a décima perdemos mais 1,2 milhão de toneladas, fruto do clima ruim, portanto o milho vem derrubando a estimativa, agora teremos apenas 83 milhões de toneladas. A soja deve alcançar quase 119 milhões de toneladas em 35,1 milhões de hectares (1,2 milhão a mais). O Algodão também teve aumento de 240 mil hectares e, o feijão, de 110 mil hectares. Ao todo, o milho cedeu neste ano quase 1 milhão de hectares. Como os preços em reais estão maiores, teremos uma renda maior.

Em relação a preços internacionais, tivemos desagradáveis surpresas. O índice mundial dos preços das commodities alimentares (índice da FAO - Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura) alcançou 173,7 pontos, caindo 1,3% sobre o mês passado, graças às tensões comerciais. Cereais caíram bastante (3,7%) e os lácteos (0,9%). Óleos vegetais caíram 3% e carnes 0,3% e açúcar com ligeira alta de 1,2%.

Segundo o USDA - Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, nesta safra tanto EUA quanto Brasil produziram 119,5 milhões de toneladas de soja, mas nas previsões para 2018/19, devemos passar e atingir 120,5 milhões de toneladas, contra 117,3 milhões dos EUA.

A OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) publicou estudo analisando 51 países e suas subvenções à agricultura. Entre 2015 a 2017 foram gastos US\$ 620 bilhões por ano. O valor médio da China foi de US\$ 263 bilhões por ano nesse período, repre-

sentando 15% da receita bruta dos produtores. Os campeões da ajuda são Japão, Coreia do Sul, Noruega, Suíça e Islândia, onde aproximadamente 45% da receita bruta vem de apoio público. No Brasil, o estudo mostra ser de apenas 3% este número, ou seja, uma das agriculturas que menos recebe apoio no mundo.

Neste mês duas novas projeções do agronegócio merecem destaque em minha coluna. A primeira é do Ministério da Agricultura, que projeta nosso tamanho daqui a dez anos. Iríamos de 233 para 302 milhões de toneladas de grãos (69 milhões, ou 30% a mais). O grande crescimento se dará na soja, com praticamente 40 milhões de toneladas a mais e, no milho, com 24 milhões. Nas carnes iremos de 27 para 35 milhões de toneladas, aumentando 7 milhões ou 27%, sendo 4 milhões em frango, 2 milhões em bovina e 1 milhão em suína.

A área de grãos pula de 62 para 71 milhões de hectares, e a área total usada pelas lavouras brasileiras iria de 75 para 85 milhões de hectares (inclui cana, café, fumo, frutas e outros).

Em relação às exportações, o Brasil passaria a vender 96,5 milhões de toneladas de soja (70 milhões nesta safra), 42,8 de milho (32 milhões nesta), 37,2 milhões de açúcar (7,6 milhões a mais que 2017/18) e no café pularíamos de 29 para 34 milhões de sacas. As exportações de carne bovina em 2027/28 seriam de 800 mil toneladas a mais (de 2 para 2,8 milhões de toneladas), as de frango cresceriam 1,3 milhão de toneladas (de 3,9 para 5,2 milhões) e as de suínos aumentariam 300 mil toneladas (de 600 para 900 mil toneladas). Portanto, a exportação total de grãos do Brasil em 2027/28 pularia de 102 milhões de toneladas para 139 milhões, e as de carnes de 6,5 para 8,8 milhões.

Em 2027, a China comprará 70% da soja comercializada mundialmente, seguida da União Europeia com 7% e México, Tailândia e Egito com aproximadamente 2%. Em relação às carnes, na bovina seria esta a ordem: China (17%), Estados Unidos (15%), Norte da África e Oriente Médio (12%), Japão e Coreia com ao redor de 8% cada. No caso do frango, os maiores compradores mundiais seriam África Subsaariana e Oriente Médio (30% na soma), seguidos de México, América Central e Japão com 8% cada. Finalmente, das compras mundiais de carne suína, com aproximadamente 20% cada estariam China, México e Japão, seguidos de Coreia do Sul e EUA com 9 e 6%, respectivamente.

A outra projeção que gosto muito de usar ao longo do ano é a “*Perspectivas Agrícolas 2018-2027*” da OCDE e da FAO/ONU. Tivemos grandes aumentos de produção no planeta, o que faz com que mesmo neste cenário de aumento de consumo, os preços tendam a permanecer como estão ou até caírem em termos reais. Há uma ligeira desaceleração na taxa de crescimento da demanda, que em alguns casos, segundo este relatório, já estaria em seu índice de saturação. A produção agrícola deve crescer 20% em dez anos e o comércio mundial também cresce as taxas menores, praticamente metade do seu crescimento. A produção de carnes deve aumentar 15% e o Brasil deverá representar quase 50% do total vendido.

Enfim, podemos perceber em mais estas duas novas projeções aqui resumidas algo que venho trabalhando já há alguns anos: temos muito mercado pela frente, mas aos preços atuais, portanto temos que construir margens criativamente via redução de custos.

Terminamos esses 30 dias ainda com mais impactos negativos que foram as estripulias dos grupos contrários à modernização do marco regulatório dos defensivos agrícolas e do tolhimento à liberdade empresarial de se exportar gado vivo por São Paulo além da proibição da caça ao nocivo javaporco, que deve trazer grandes estragos na economia e no meio ambiente de São Paulo. Quase nada a comemorar nesse mês que passou.

Reflexões dos fatos e números da cana

Segundo a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), até o final de julho foram processadas 222,57 milhões de toneladas de cana, 11,6% a mais que na safra anterior. Em açúcar foram produzidas 9,74 milhões de toneladas (12% a menos) e em etanol 11,6 bilhões de litros, 44% a mais que a safra passada. O destaque vai para o hidratado, onde produzimos 7,77 bilhões de litros, 76% a mais. Isto é fruto de um mix de 64,4% para etanol, contra 52,6% no comparativo com o ano passado. O ATR/tonelada está em 129,1% (4,84% maior) e a produtividade aferida pelo CTC (Centro de Tecnologia Canavieira) em junho foi de 82,91 t cana/ha, 2,6% menor que a do ano passado e na safra até o momento foi de 80,02 t/ha, 2,46% inferior ao mesmo período da safra anterior.

Até o momento (final de junho) pulamos de 53% para 64,4% da cana destinada a etanol. A produção de etanol foi 45% maior que o mesmo período da safra passada (11,1 bilhões de litros), sendo o hidratado 76% maior.

A produção da última quinzena de julho mostra grande queda no açúcar (23,7%) devido ao mix cair para 37,7% do total moído (45,31 milhões de toneladas). Somente nesta quinzena foram feitos 2,35 bilhões de litros de etanol, sendo 1,55 bilhão de hidratado. Até o momento temos 7,77 bilhões de litros de hidratado, quase 76,4% a mais. Já moemos 222,57 milhões de toneladas (11,6% a mais).

Segundo o Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - Esalq/USP), hoje o setor de cana emprega menos gente, mas recebendo mais. Em 2004 eram 900,8 mil pessoas e, em 2016, 749,9 mil trabalhadores, mas o salário médio real cresceu quase 47% indo de R\$ 1.932 em 2000 para R\$ 2.839 em 2016.

De acordo com a Archer, o endividamento do setor voltou a aumentar, estando agora em R\$ 152 por tonelada de cana, num total R\$ 92,5 bilhões.

O mix da Biosev mudou radicalmente comparando esta safra com o ano passado, vindo de

52,8% para 39,7% para açúcar. Deve cair para perto de 37% até o final da safra. A empresa estima que com isto, o superávit mundial de açúcar caia para perto de 1 milhão de toneladas. Acreditam em safra de 563,1 milhões de toneladas.

Segurar o etanol para vender no final da safra foi boa estratégia da São Martinho, que trouxe lucro líquido de R\$ 153,3 milhões, mais de 28% acima do mesmo período no ano anterior. O lucro líquido na safra 2017/18 foi de R\$ 491,7 milhões, com Ebitda de R\$ 1,949 bilhão (35% maior). Com isso, a relação entre dívida líquida e Ebitda caiu de 1,55 para 1,26.

Desde março já está no campo a variedade do CTC que é resistente à broca, que segundo a organização nos traz prejuízos anuais de R\$ 5 bilhões num setor que fatura R\$ 100 bilhões e tem lucros operacionais de apenas 20%. A empresa deve lançar um produto específico para o Cerrado e começa a testar as sementes de cana, que podem estar disponíveis na safra de 2021/2022.

Também outra boa notícia vinda da inovação, pesquisadoras do CNPEM (Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais), em Campinas, identificaram uma cola vinda de bagaço de cana-de-açúcar e subprodutos de empresas de celulose, já patenteada.

Com a seca em São Paulo, as perdas devem ser mais evidentes nos relatórios de agosto. A Copersucar estima a safra em apenas 555 milhões de toneladas. Nossa safra de 2018/19 também estará comprometida. Mas se os preços do petróleo se mantiverem e o consumo do hidratado continuar nesta trajetória, mudanças pela frente!

Reflexões dos fatos e números do açúcar

A Datagro prevê superávit global de açúcar desta safra 2017/2018 em 9,89 milhões de toneladas (menos que a estimativa anterior 10,36 milhões de toneladas). Para a safra 2018/2019, aumentou de 4,78 para 5,22 milhões de toneladas. Para a Informa, a produção supera a demanda em 7,2 milhões de toneladas na safra internacional 2018/19, quase o mesmo volume da atual (7,3 milhões). A produção da UE deve atingir 19,5 milhões de toneladas (21% acima) e deve exportar 3,2 milhões de toneladas. Estimam que o Brasil produzirá apenas 28,6 milhões de toneladas. A produção indiana deve atingir 32 milhões de toneladas, mais de 50% acima do ano anterior.

O ritmo anual de crescimento do mercado mundial de açúcar está em 1,4% e não mais no 1,7%. Há mudanças nas composições de alimentos que levam a este maior equilíbrio.

Exportações de açúcar vêm desabando. Em junho foram de 1,927 milhão de toneladas, 37,6% menor que junho de 2017 e 8% menor que maio deste ano. O valor foi de US\$ 571,8 milhões, 10% menor que maio e 55% menor que junho de 2017. No ano, temos vendas de 10,587 milhões de toneladas, (17,2% menores) e receita de US\$ 3,201 bilhões, quase 42% menor que o

primeiro semestre de 2017.

No açúcar minha aposta ainda é de ligeira alta, pois a safra pode vir bem menor, consumo de etanol ajudando, câmbio melhor e preços do petróleo devem se manter, apesar das más notícias mundiais de excesso de produção e redução de consumo.

Reflexões dos fatos e números do etanol e energia

Ainda no rastro de destruição deixado pela greve do transporte, o consumo de combustíveis em maio caiu 13%, sendo o pior mês desde fevereiro de 2012. O consumo no país caiu 1,1% neste ano. Diesel caiu 18% em maio e 0,6% no ano, gasolina caiu 19% em maio e 11,1% no ano e o etanol cresceu 26% em maio e 37,6% no ano. Os altos preços têm feito as pessoas mudarem hábitos e usarem menos os carros.

De acordo com o Cepea, os preços médios do etanol nas usinas no primeiro trimestre da safra estão 8% maiores que no mesmo período do ano passado.

Segue caminhando a proposta de unificar as alíquotas do Imposto sobre ICMS(Circulação de Mercadorias e Serviços dos combustíveis no Confaz - Conselho Nacional de Política Fazendária). Isto seria bom por trazer simplificação e menor sonegação. Um valor fixo por litro, a ser cobrado na refinaria e na usina, mas o ponto negativo é que acaba a autonomia dos Estados em definirem suas políticas e isto pode dificultar a aprovação.

Aparentemente, a Petrobras não está repassando os preços internacionais da gasolina, estando a defasagem em cerca de 7%.

A Glencore Energy comprou a maioria das ações da Alesat (distribuidora de combustíveis).

Segundo a Unem (União Nacional de Etanol de Milho), as unidades hoje existentes no Brasil já conseguem processar cerca de 1,8 milhão de toneladas de milho por ano. Existem mais 7 projetos em desenvolvimento e são estimadas cerca de 7,5 milhões de toneladas ao ano a partir de 2021. A Conab estima 10 milhões em 2023. Estudo feito nos últimos 4 anos mostra que até um valor de R\$ 38/saca é possível margens positivas às usinas.

O Rota 2030 foi lançado em junho com possibilidades de R\$ 1,5 bilhão ao ano de créditos tributários (deduções do Imposto sobre a Renda da Pessoa Jurídica e Contribuição Social sobre o Lucro Líquido para as empresas que investirem em pesquisa e desenvolvimento). Mas com outras possibilidades de isenção, o valor pode passar dos R\$ 2,1 bilhões.

A EPA (Agência Ambiental dos EUA) divulgou os volumes esperados de produção e consumo de biocombustíveis para 2019, algo que afeta bastante o agronegócio mundial. Foi proposto aumento de 3% nos volumes a serem misturados, chegando a 19,88 bilhões de galões, contra os

19,29 bilhões de galões de mandato vigentes para este ano. O etanol de milho permanece em 15 bilhões de galões e os demais 4,88 seriam os avançados, onde se encaixa o etanol de cana, mas provavelmente não devemos expandir nossas vendas por questões de competitividade. A EPA estima em 100 milhões de galões o que será importado de etanol de cana, contra os 77 milhões deste ano. Já foi proposto também um aumento para o biodiesel em 2020.

Finalizando... qual seria a minha estratégia com base nos fatos?

Onde eu arriscaria agora em julho/agosto: hidratado, hidratado e hidratado, o máximo possível.

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses temos um grande homenageado aqui neste espaço e desta vez nossa singela homenagem vai ao Sr. Roberto de Rezende Barbosa, um dos clássicos da cana.



Haja Limão

Os casos das dificuldades impostas para se aprovar uma nova lei para defensivos agrícolas no Brasil, a mobilização para se impedir a exportação de gado vivo e o javaporco mostram que o Brasil é um time de futebol que tem pelo menos uns 4 dos 11 jogadores que jogam contra o time. O nosso destino, sem mudar a mentalidade destas pessoas, é o de cair cada vez mais.



O CONSUMO DE HIDRATADO É A BOA NOTÍCIA

Publicado na Revista Canavieiros em Agosto de 2018

Reflexões dos fatos e números do agro

Passamos um mês sem alterações do quadro econômico. O último relatório Focus do Banco Central mantém o IPCA (Índice de Preços ao Consumidor) ao redor de 4,1% para este ano e o próximo, PIB em 1,5% e 2,5% respectivamente, Selic em 6,5% e 8%, e o câmbio em 3,70 para estes dois anos. Estamos a menos de dois meses das eleições, mas aparentemente o quadro começa a ficar mais definido com a consolidação de uma candidatura de centro e outra mais à direita. Falta ainda ver o que acontecerá com a esquerda.

A décima primeira estimativa da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento)- (safra 2017/18) traz produção esperada de 228,57 milhões de toneladas de grãos (3,8% menor que a safra anterior) em 61,7 milhões de hectares, área 1,3% maior que a safra anterior. A segunda safra de milho sofreu perda de quase 18% em relação ao ano passado com o impacto do clima.

Em relação a preços internacionais, tivemos desagradáveis surpresas. O índice mundial dos preços das commodities alimentares (índice da FAO - Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura) alcançou 168,8 pontos, caindo 3,7% sobre o mês passado, graças às tensões comerciais. Cereais caíram bastante (3,6%), açúcar (6%) e os lácteos também (6,6%). Óleos vegetais caíram 2,9% e carnes 1,9%. Tombos gerais de preços em dólar.

Conforme havia antecipado, a soja num primeiro momento seria beneficiada pela guerra comercial entre EUA e China. Em julho exportamos mais de US\$ 5 bilhões, 60% a mais que o julho de 2017. A China importou quase 2,7 milhões de toneladas a mais. Suas compras em julho foram de US\$ 3,8 bilhões, 64% a mais que a comparação com 2017. A soja americana tem crescido na União Europeia. A maior saída de soja pode impactar negativamente o suprimento de farelo para as carnes no Brasil. A Abiove(Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais) estima que a cadeia da soja nos trará este ano US\$ 37,5 bilhões, mais de 18% acima do ano passado. Segundo a Safras & Mercados, o maior prêmio que pode ser pago em Paranaguá para a soja brasileira seria de US\$ 2,8/bushel, senão nossos preços igualam aos americanos com os 25% de taxa de entrada na China. Hoje os preços estão USD 390 no Brasil (porto) e US\$ 413 nos EUA (Golfo do México).

Mas guerras comerciais tendem a impactar negativamente o crescimento mundial, retraindo também as taxas de crescimento do consumo além do apoio oferecido pelo Governo dos EUA a seus produtores para compensar.

As carnes também reagiram, crescendo 30% e atingindo US\$ 1,7 bilhão. Produtos florestais também vêm tendo performance excelente, e voltaram a crescer 11%, trazendo US\$ 1 bilhão. A cadeia da cana caiu quase 44% e o café 26,4%.

Com isto, as vendas do agro acumuladas em 2018 estão 5% maiores que o ano passado, atingindo US\$ 59,2 bilhões e com o recuo das importações para US\$ 8,3 bilhões, o saldo está 6% maior, em US\$ 51 bilhões.

Outro fato que merece destaque é a onda de calor na Europa, que impacta negativamente a produção, principalmente o trigo, com expectativas de perdas que chegam a 20% em alguns países, além de outros cereais e leite. Entra em cena sempre o Governo, socorrendo com subvenções.

Estudo da FGV (Fundação Getúlio Vargas) mostra que o Brasil perde quase 14% das exportações devido a barreiras técnicas ou fitossanitárias, num valor de US\$ 30 bilhões. A sugestão é maior integração entre indústria e Governo para combater este problema na OMC (Organização Mundial de Comércio).

Segundo o IBGE, no senso de 2017, o Brasil tem 350,3 milhões de hectares sendo usados para a agricultura e pecuária, 41% do total do território e 5% acima do censo de 2006 (aumento de 16,3 milhões de hectares em dez anos). Fazendas com mais de 1000 hectares ocupam 47,5% da área (era 45%). No total são 5,1 milhões de estabelecimentos agropecuários no país (queda de 103,5 mil em relação a 2006). O número de tratores é de 1,2 milhão.

Reflexões dos fatos e números da cana

Segundo a Unica - União da Indústria de Cana-de-Açúcar, até o final de julho foram processadas 314,8 milhões de toneladas de cana, 5,5% a mais que na safra anterior. Em açúcar foram produzidas 14,75 milhões de toneladas (16,3% a menos) e em etanol 16,05 bilhões de litros, 38% a mais que a safra passada. O destaque vai para o hidratado, onde produzimos 11,12 bilhões de litros, 68% a mais. Isto é fruto de um mix de 63,5% para etanol, contra 51,5% no comparativo com o ano passado. O ATR/tonelada está em 134,67 (5,2% maior).

A produção da última quinzena de julho mostra grande queda no açúcar (23,7%) devido ao mix cair para 37,7% do total moído (45,31 milhões de toneladas). As vendas de etanol no Centro-Sul em julho foram de 2,70 bilhões de litros, e destes 253 milhões foram exportados. De hidratado foi vendido 1,70 bilhão, 52% a mais que julho de 2017. O mercado interno de hidrata-

do nesta safra cresceu quase 38%, com vendas de 6,04 bilhões de litros.

Nova estimativa da Datagro é de apenas 557 milhões de toneladas de cana no Centro Sul. Caiu mais 5 milhões em relação à anterior. O ATR deve ser 138,5 quilos por tonelada, 1 kg acima da projeção anterior. A projeção de açúcar caiu quase 1 milhão de toneladas, agora para 28,2 milhões e etanol subiu mais de 800 milhões de litros, agora em quase 29 bilhões.

Raízen estimou que deve processar entre 60 a 63 milhões de toneladas, contra a estimativa anterior que chegava a quase 66 milhões. Com a seca, a moagem está 16% mais acelerada em relação à safra passada. O mix para açúcar caiu de 57 para 48%. Uma parte importante da sua produção de açúcar foi bem fixada ao redor de 14 centavos por libra peso.

Reflexões dos fatos e números do açúcar

A Índia deve inundar o mercado mundial de açúcar, podendo exportar até 7 milhões de toneladas, com pesados subsídios por parte de seu Governo.

Boa notícia veio doFDA (FoodandDrugAdministration), que regula alimentos nos EUA, concluindo que o o açúcar vindo da cana geneticamente modificada feita pelo CTC (Centro de Tecnologia Canavieira), é seguro e foi aprovado. Esta cana é resistente à broca.

Preços continuam incrivelmente baixos, devido ao excesso de produção.

Reflexões dos fatos e números do etanol e energia

Neste mês de julho, em seis estados, o hidratado estava abaixo dos 70% do preço da gasolina: São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso e Paraná. Em São Paulo, a média foi de 58,9%. Nas usinas em julho, segundo o Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada -Esalq/USP), os preços caíram 17,5%, para R\$ 1,4/l.

O Nordeste começa uma safra que também deve ser bem alcooleira, com destino de mais de 57% da cana, gerando mais de 2 bilhões de litros, numa moagem entre 47 a 48 milhões de toneladas, devido à renovação de canaviais e clima favorável. O consumo é estimado em cerca de 4,6 bilhões de litros. Devem aumentar as importações de etanol do Centro-Sul.

O mercado de combustíveis caiu 0,5% no semestre. O diesel aumentou 0,8%, a gasolina caiu 12% e o hidratado cresceu 38,4%. Em junho as vendas de hidratado foram 42% maiores. Mesmo assim, o consumo para carros do ciclo Otto caiu 4,2%, fruto da crise econômica.

Finalizando... qual seria a minha estratégia com base nos fatos?

Onde eu arriscaria agora em agosto/setembro - segue nossa única alternativa: fazer o máximo possível de hidratado e, quem conseguir estocar, melhor ainda, pois creio em subida de preços no final deste semestre.

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses temos um grande homenageado aqui neste espaço e desta vez nossa singela homenagem vai ao Prof. Dr. Dante Pinheiro Martinelli, especialista em política de negócios e negociação, que acaba de concluir excelente gestão como Diretor da Fearn/USP (Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo), no período 2014/2018.



Haja Limão

Os que insistem na candidatura presidencial de Lula da Silva prestam um desserviço à democracia e à sociedade brasileira. Precisamos de soluções de futuro e não de volta ao passado.



A ÍNDIA DESTRÓI O MERCADO MUNDIAL DE AÇÚCAR

Publicado na Revista Canavieiros em Setembro de 2018

Reflexões dos fatos e números do agro

A Conab – Companhia Nacional de Abastecimento (safra 2017/18) fechou sua estimativa e trouxe uma produção final de 228,3 milhões de toneladas de grãos (3,9% menor que a safra anterior) em 61,7 milhões de hectares, área 1,4% maior que a safra anterior. Fechamos com 119,2 milhões de toneladas de soja (usamos 35,14 milhões de hectares em soja, contra 33,91 na safra passada) e 81,3 milhões de toneladas de milho. A segunda safra de milho foi a principal responsável por não igualarmos o ano passado, perdendo 19% em volume advinda de uma produtividade 5,2% menor graças à seca que castigou as lavouras em maio e junho. São esperadas exportações de 25,5 milhões de toneladas de milho. Demos show no algodão, pois produzimos 2 milhões de toneladas, 31,1% a mais com bons preços.

Um número que impressiona: estamos plantando 70% a mais que há dez anos.

Agosto nos trouxe novamente bom número nas agroexportações, crescendo 3,6% em relação a agosto de 2017 e atingindo US\$ 9,3 bilhões (41,5% do total exportado pelo Brasil). Importações caíram 1,6%, chegando a US\$ 1,1 bilhão, portanto nosso saldo foi de US\$ 8,2 bilhões (5,1% maior que agosto de 2017). Mas este resultado não é geral, foi puxado pelo complexo soja que cresceu 43,4% trazendo US\$ 4 bilhões, com expressivos aumentos nos grãos e farelos (45% maiores) e no óleo (29%). A carne bovina também cresceu 15% atingindo US\$ 700 milhões no mês. Praticamente todos os demais produtos trouxeram quedas, o que nos mostra pouca interferência do câmbio no curto prazo. O frango caiu 8,2%, suínos caíram 30%, açúcar e etanol 44% e café 32%. A China aumentou sua participação de 26 para 36% nas nossas vendas, com um crescimento de quase 50% no total importado, quando comparado a agosto de 2017, efeito dos problemas comerciais com os EUA. De janeiro a agosto, o agro está 4,7% acima, com US\$ 68,5 bilhões de exportações e superávit alcançando quase US\$ 60 bilhões. Com isto a balança comercial do Brasil apresenta superávit de US\$ 37,8 bilhões. Imaginemos que sem o agro teríamos déficit de US\$ 22 bilhões, comprometendo a inflação, câmbio e o pouco crescimento que o país mostra. A soja será o brilho deste ano, pois Abiove (Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais) estima que o Brasil deve exportar 76,1 milhões de toneladas em 2018. Em apenas um ano, o Brasil coloca no mercado mundial 2,6 milhões de toneladas a mais.

De acordo com a pesquisa “Produção Agrícola Municipal 2017”, do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), percebe-se a importância do agro para o crescimento do nosso interior. A renda gerada naquele ano em Sorriso (MT) graças à agricultura foi de R\$ 3,3 bilhões, 2,4% maior que 2016. Em Sapezal (MT) foi de R\$ 2,6 bilhões. Que alegria imaginar este recurso circulando na região e gerando oportunidades.

Em relação a preços internacionais, o índice mundial dos preços das commodities alimentares (índice da FAO - Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura) alcançou 167,6 pontos, 0,4% a mais que no mês anterior. Os cereais subiram bastante (4%), puxados principalmente pelo trigo (8%) e um pouco no milho, sendo os principais responsáveis pelo pequeno aumento do índice. As carnes também subiram (0,8%) açúcar caiu novamente (5,4%) e os lácteos também (1,5%). Os óleos vegetais caíram 2,6%.

No mercado interno os preços andaram meio de lado neste mês, mas estão em bons patamares em reais. No momento do fechamento desta coluna os produtores recebem R\$ 80-82/sc de soja entregue em cooperativas do Sul e Sudeste e R\$ 32-36 no milho. A R\$ 80 para maio de 2019, eu venderia parte da soja a ser produzida.

Já sonhando com uma nova e grande safra 2018/19, temos boas e más notícias. Entre as boas, vale destacar que a contratação de operações de crédito foi 45% maior que no ano passado, nos meses de junho e julho, mostra que podemos ter mais uma excelente safra. A Céleres acredita que a área de milho (primeira safra) deve aumentar para 5,8 milhões de hectares, avançando em áreas de pastos e até de feijão. Seriam 360 mil hectares a mais. Vale lembrar que em primeira safra o milho já teve 14 milhões de hectares no Brasil (1986). Boas margens propiciadas por preços ao redor de R\$ 32/37/sc, pela demanda por rações, exportações e pelo valor do Real devem favorecer os plantios. A soja também está promissora para a próxima safra. Entre os pontos negativos estão o aumento do preço do petróleo e a desvalorização do real, que trouxeram um aumento da inacreditável tabela de fretes, além de estarmos lidando com preços de insumos mais elevados e alguns em falta e ainda as dificuldades logísticas para a chegada de fertilizantes. Mas estou otimista.

Entre os estudos internacionais publicados neste mês, destaco alguns: um primeiro, da ONU (Organização das Nações Unidas) sobre sustentabilidade no agro, contando com os critérios ambientais e sociais para certificações que incluem praticamente 45% das exportações do Brasil. Ou seja, temos que prestar cada vez mais atenção a este aspecto não correndo riscos e ajustando nossa produção a esta demanda crescente por certificações, mesmo sabendo do impacto em custos que isto traz.

O segundo é da FAO, destacando que o Brasil teve 5,7% do mercado global de commodities em 2016. O líder é a Europa, com 41%, seguida dos EUA com 11%. Em 15 anos, a fatia do emergentes nas exportações mundiais pulou de 10 para 20%. Outro fato curioso deste estudo é que o Brasil era o 13º maior importador em 2000, e agora desapareceu da lista dos 20 principais importadores. O comércio agrícola era de US\$ 570 bilhões em 2000 e atinge US\$ 1,6 trilhão no

ano de 2016. A FAO ainda acredita que o mundo precisa dobrar a produção de alimentos nos próximos 30 anos. Portanto segue, nesta projeção, uma grande oportunidade ao Brasil.

Um terceiro foi lançado pela OMC (Organização Mundial de Comércio) sobre os chamados de “PAP - Produtos Agrícolas Processados”, tais como café torrado e moído já com industrialização, chocolate e outros. Estes têm 44% do total das exportações do agro. Segundo a OMC, a participação do Brasil vem caindo, pois este mercado cresceu em média 2,4% nos últimos 8 anos e o Brasil teve queda de 1,2%. Países desenvolvidos têm quase 80% destas exportações. Uma das hipóteses é a de tarifas de importação maiores para estes produtos, justamente para favorecer a indústria local. A maior agregação de valor deve ser sempre uma meta a ser buscada pelo Brasil, sem deixar de ocupar cada vez mais os mercados das tradicionais commodities, que também não deixam de ser produtos com valor agregado, porém em menor estágio.

Finalmente, um quarto veio de 5 organizações internacionais (entre elas a OMC, OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico e UNCTAD - Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento) mostrando como a China cresceu no conceito de cadeias globais de valor na agricultura, onde é analisada a produção em etapas que agregam valor. O estudo mostra que existem hubs no mundo para o processamento de produtos, destacando o papel dos EUA e Alemanha, além da China. Segundo este estudo, todo tipo de barreira tarifária e não tarifária pode reduzir a participação em cadeias globais de valor. Melhorias das condições de competitividade ajudam, tais como infraestrutura, simplicidade tributária, inovação pesquisa e desenvolvimento, educação, entre outros. Este documento deve ser estudado pelo futuro Ministro da Agricultura, como uma agenda estratégica de trabalho.

Torço para que tenhamos boa safra e bons preços. Neste mês de setembro estamos bastante apreensivos com o destino que será dado ao Brasil nas eleições de outubro. O agro terá um futuro brilhante, independente do candidato vencedor, pois é o gerador de caixa e todos precisarão de caixa. Ele será melhor ou pior tratado e crescerá mais rapidamente a depender do grupo que vencer, e torço para que um grupo reformista e liberal possa assumir o Brasil, mesmo sabendo que este trará rápida valorização do Real. Nossos ganhos de competitividade compensarão.

Reflexões dos fatos e números da cana

Segundo a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), até o final de agosto foram processadas 391,8 milhões de toneladas de cana, 2,3% a mais que na safra anterior. Em açúcar foram produzidas 18,84 milhões de toneladas (19,3% a menos) e em etanol 20,5 bilhões de litros, 33,5% a mais que a safra passada. O destaque vai para o hidratado, onde produzimos 14,15 bilhões de litros, 62,1% a mais. Isto é fruto de um mix de 63,48% para etanol, contra 51,5% no comparativo com o ano passado. O ATR/tonelada está em 138,22 (4,77% maior) e o rendimento em agosto foi de 70 t/ha, queda de 9,9% em relação a agosto de 2017. Na safra temos 78,44 t/ha

contra 81,20 t/ha da anterior, quebra esta que deve se intensificar nestes dois meses que faltam com uma safra que deve acabar bem antes.

A produção da última quinzena de agosto mostra uma moagem quase 11% maior comparando com a mesma quinzena da safra anterior, velocidade esta que deve cair com as chuvas que banham nossos canaviais nesta terceira semana de setembro.

Segundo a Archer, o endividamento das usinas chegou a R\$ 95,85 bilhões, quase 12,9% maior que no final de agosto de 2017, com um endividamento médio de R\$ 157.65 por tonelada de cana moída. Contribuiu a desvalorização do Real.

A Raízen anunciou investimento de R\$ 153 milhões para uma usina elétrica movida por biogás, via queima de gás vindo da matéria orgânica (vinhaça com extração de potássio, torta de filtro e outros). Este gás pode ainda gerar biometano e ser usado em veículos, tratores e colhedei-ras, contribuindo muito para a pegada de carbono. Espera-se faturar R\$ 40 milhões ao ano com essa unidade. Acredito muito nas possibilidades de mais exemplos como este, que são casos do que chamamos da “economia circular”.

A Volvo já opera caminhões autônomos com um sistema de geolocalização na Usaçúcar, em Maringá-PR. Segundo a usina, a precisão dos caminhões elimina perdas. O motorista fica dentro do caminhão e retoma o controle para levar à usina, não pilotando apenas no canavial. É cada vez mais a tecnologia chegando ao campo para construirmos melhores resultados.

Como a próxima safra, ao que tudo indica, deve partir novamente para o hidratado, usinas devem aumentar a infraestrutura para produção de etanol visando este objetivo.

Reflexões dos fatos e números do açúcar

A OIA (Organização Internacional do Açúcar) estima que teremos dois recordes seguidos de produção. Na safra atual 2017/2018 deve ser de 184,170 milhões de toneladas e em 2018/19 de 185,215 milhões de toneladas. O consumo foi de 175,573 milhões de toneladas em 2017/2018 será de 178,468 milhões de toneladas em 2018/19, um crescimento de 1,67% (2,9 milhões de toneladas), estimulado por menores preços. Com isto, o superávit do ciclo 2018/19 será de 6,747 milhões de toneladas enquanto que nesta foi de 8,597 milhões de toneladas. Mundo inundado de açúcar, devido a um principal culpado, a Índia.

Depois de muito tempo o Brasil perderá a liderança na produção mundial de açúcar para a Índia, que deve produzir 35 milhões de toneladas contra quase 30 milhões do Brasil. A Índia consome ao redor de 25,5 milhões, portanto inundará o mercado com seu excedente e estoques, mesmo com preços mais baixos que os do mercado interno. Por enquanto a exportação vem sendo dificultada por preços muito baixos. Os subsídios dados pela Índia provavelmente serão

questionados pelos outros países exportadores. Com a queda na nossa produção de uma participação de 50% nas exportações mundiais que já chegamos a atingir, devemos ficar em 35%.

Interessante observar que os preços do açúcar caíram cerca de 30% em um ano, e o câmbio também se depreciou quase neste valor, propiciando ao setor no Brasil uma vantagem nos preços do açúcar, uma vez que as moedas da Europa, Índia e Tailândia se desvalorizaram ao redor de 5,3% para o Euro, 9,6% para a Rupia e 2,5% para o Baht. Mas o duro são os subsídios aos nossos concorrentes. Acredita-se que cerca de 15% da próxima safra de açúcar já esteja fixada a um valor médio de R\$ 1.186/t.

A falta de investimentos no Brasil, devido à crise passada pelo setor, corroeu muito nossa produtividade e outros países produtores de cana, bem como o açúcar de beterraba, chegaram mais perto da competitividade da cana brasileira.

Seguimos com o mundo inundado de açúcar e poucas perspectivas de mudanças, mesmo com grande esforço do Brasil de mandar cana para etanol. O mercado interno começa a ajudar, com preços em elevação, puxado pelo câmbio, mais de 7%, chegando a R\$ 51,25 a saca de 50 quilos, devendo em breve chegar aos R\$ 55. Mas como este tsunami da Índia, fica difícil.

Reflexões dos fatos e números do etanol e energia

Em julho foi vendido pelas distribuidoras 1,553 bilhão de litros de etanol aos postos, impressionantes 47% a mais que julho de 2017 e 4,1% a mais que junho deste ano. O consumo da gasolina caiu 19% e com isto derrubou o consumo dos veículos de ciclo Otto em 8,32% quando comparados com julho de 2017 e 2,7% comparado a junho deste ano e de agosto a julho foi de quase 3% a queda. A participação do hidratado nos carros Otto está em 26,66% (Unica - *União da Indústria de Cana-de-Açúcar*). Em São Paulo chegou-se a quase 50%, mostrando quanto espaço ainda pode ser ganho.

As vendas de etanol no Centro-Sul em agosto foram de 1,97 bilhão de litros quase 38% a mais que no mesmo mês do ano anterior. Já se vendeu na safra 12,19 bilhões de litros, 15,7% a mais que na safra passada.

Preços da gasolina devem continuar ajudando. Segundo a Archer estava em 7% a defasagem do preço da gasolina no mercado interno. Petrobras vai usar um mecanismo de derivativos para conseguir manter os preços estáveis por 15 dias, o que deve trazer mais tranquilidade aos compradores e vendedores.

O Cade - Conselho Administrativo Defesa Econômica reforçou seu pedido à ANP (Agência Nacional de Petróleo) para rever a restrição à venda direta de etanol. Segundo este órgão a restrição não se sustenta sob a ótica concorrencial, tributária, ambiental ou de logística.

Como antecipado aqui, os preços do etanol deram boa subida na última semana de agosto

(quase 10%), chegando a R\$ 1,59 para o hidratado e R\$ 1,69 para o anidro (Cepea - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada-Esalq/USP), graças ao aumento da demanda. Devem continuar subindo.

Segundo a Asia-Brazil Agro Alliance, com metas de mistura em discussão nos diversos países da Ásia, um adicional de consumo de 19,4 bilhões de litros de etanol poderia existir, chegando a 26,9 bilhões de litros. Finalmente os baixos preços do açúcar fazem a Índia se movimentar nesta direção. Faz 15 anos que proponho que os grandes países produtores de açúcar criem uma “Opep do açúcar” direcionando ao mercado de etanol parte da cana quando existisse muita oferta. O que o Brasil está fazendo este ano ao tirar açúcar do mercado mundial, caso Índia, Tailândia e Austrália fizessem, os preços já subiriam.

Estive em interessante evento da empresa Novozymes realizado em Cuiabá, dois dias intensos de discussão sobre o etanol de milho, incrível o volume de empresários interessados. Nesta safra devemos passar pela primeira vez a marca de 1 bilhão de litros de etanol de milho. Existem planos para pelo menos 12 novas unidades. Segundo a Unem (União Nacional do Etanol de Milho) usinas no Brasil compraram milho a US\$ 1,87 o bushel enquanto que no meio-oeste americano foi de US\$ 3,30. A Unem estima 3 bilhões de litros em 2023 e 8 bilhões em 2030. Devemos crescer bastante neste produto, e com isto estimular também as carnes, para usar o DDG. Pura economia circular!

Vale lembrar que 90% das importações de etanol brasileiro são feitas pela Califórnia, portanto temos que estar atentos ao que se passa lá.

Finalizando... qual seria a minha estratégia com base nos fatos?

Onde eu arriscaria agora em setembro/outubro: Resta esperar por mais crescimento do consumo de hidratado. Segundo a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), entre 2 e 8 de setembro o hidratado era mais competitivo que a gasolina em 65% do total de bombas de combustível. Em MT, MS, MG, GO, PR e SP chega a 60% do preço da gasolina. A recomendação é a de seguir fazendo e estocando o máximo possível de hidratado.

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses temos um grande homenageado aqui neste espaço e desta vez nossa singela homenagem vai ao engenheiro agrônomo Prof. Warwick Estevam Kerr, falecido em Ribeirão Preto neste mês de setembro. Foi o primeiro cientista brasileiro a ser eleito Membro Estrangeiro da National Academy of Sciences (EUA).



Haja Limão

Quando este artigo for publicado, o primeiro turno no Brasil terá terminado. Estamos numa incrível encruzilhada. Ou o Brasil se solta e vai na direção do mercado, do mérito, do trabalho, da empresa, ou aprofundamos nossa opção de ter um estado enorme, ineficiente, corrupto e provedor. É a decisão sobre o nosso futuro. Quem sabe ainda dá tempo do centro democrático se organizar para oferecer uma alternativa.



HIDRATADO SEGUE SURPREENDENDO E PODE FAZER MUITO MAIS

Publicado na Revista Canavieiros em Outubro de 2018

Reflexões dos fatos e números do agro

Começando com as notícias econômicas, tanto no Brasil como no exterior, temos números piores. O Boletim Focus do Banco Central subiu a projeção de inflação de 2018 em 0,1%, agora em 4,40% e a do ano que vem manteve em 4,20%. O PIB (Produto Interno Bruto) deste ano seria de 1,35% e o do ano que vem 2,5%. Para a taxa de câmbio, o valor seria de R\$/US\$ 3,89 neste ano e R\$/US\$ 3,83 para 2019 e finalmente a taxa Selic para esses dois anos seria de 6,50% e 8,00%, respectivamente. A OMC (Organização Mundial de Comércio) reviu para baixo os fluxos de comércio esperados e o crescimento da economia mundial. Agora temos expansão de 3,9% no comércio global (era de 4,4%) e de 3,1% na economia mundial. Para 2019, a expansão do comércio é estimada em 3,7% e da economia em 2,9%. O principal fator foram restrições aplicadas ao comércio e incertezas causam mais desconfiança a adiamento de investimentos.

Saiu a primeira estimativa da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) para a safra 2018/19. Para os grãos espera-se algo entre 233,6 e 238,5 milhões de toneladas (2,5 a 4,7% a mais), gerando entre 5,6 e 10,6 milhões de toneladas. Em soja vamos colher entre 117 milhões e 119,4 milhões de toneladas, plantadas em cerca de 36 milhões de hectares. O USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) espera 120,5 milhões de toneladas, e exportações de 75 milhões de toneladas. Os americanos devem produzir 127,7 milhões de toneladas. A China importará em 2018/19 94 milhões de toneladas, 60% do total a ser importado. No milho, a Conab estima que produziremos algo no intervalo 89,7 milhões a 91,1 milhões de toneladas, plantados em 16,7 milhões de hectares, produção que deve ser mais de 10% acima deste ano. O USDA também neste caso está mais otimista, com 94,5 milhões de toneladas. Pelo USDA nossas exportações em 2018/19 serão de 29 milhões de toneladas, 7 milhões maiores. Finalmente, no melhor cenário, a área plantada no Brasil pode chegar a 63,1 milhões de hectares, crescimento de 2,3%. Vai bem o plantio da safra de soja, o clima tem ajudado e estamos com cerca de 15 a 20% a mais que o mesmo período do ano passado.

As exportações do agro em setembro chegaram a US\$ 8,17 bilhões em setembro, deixando um saldo de US\$ 7,1 bilhões, representando praticamente 43% do total exportado pelo país. Fortes aumentos em soja, papel e celulose, carne bovina (recorde) e também em bovinos vivos. Tivemos bons aumentos de vendas na China, Turquia, Irã, Índia e Argentina. Entre janeiro e setembro che-

gamos a US\$ 76,66 bilhões, 3,6% a mais que o mesmo período de 2017. Importações estão 1,3% menores, o que faz com que nosso saldo esteja 4,5% maior atingindo US\$ 66,12 bilhões.

Os americanos já se beneficiam de soja com edição de genes, que não tem DNA de outras plantas. Esta soja, da empresa Calyxt (Minessota) teve o DNA alterado e a soja terá menos gorduras prejudiciais ao coração. Vale ressaltar que nos EUA, os alimentos que são editados geneticamente têm rotulagem tradicional, não sendo GMOs. É um processo mais simples e mais barato. Os agricultores devem receber US\$ 0,9/bushel a mais, ou seja, parte da transferência do diferencial chegará aos produtores. Mas existem custos maiores de separação e tratamento. É só o começo!

Interessante artigo de Priscila Richetti traz um panorama sobre o mercado de fertilizantes no Brasil. Vale destacar algumas informações: em dez anos, a produção de fertilizantes caiu de 9,81 milhões de toneladas para 8,184 milhões. Mas as vendas pularam de 24,61 milhões para 34,4 milhões de toneladas, quase 40% a mais. O Brasil representa 7% do consumo global, usando muito potássio (38%), cálcio (33%) e nitrogênio (29%). 70% do nosso consumo é importado, praticamente todo o potássio, e altas porcentagens dos demais. Apontam como problemas para o setor a questão da tributação (discrepâncias entre alíquotas de ICMS), isenção de impostos para fertilizantes importados, falta de investimento na produção, entre outros. Sem dúvida uma área que precisamos repensar para aumentar a produção interna onde for possível e buscar alternativas.

No final, o mês não foi bom em preços, uma vez que tivemos valorização forte do real com a definição do quadro eleitoral e boas perspectivas de safra por aí. Uma nova onda “mais conservadora” no Brasil, que torço para que não siga esta palavra e seja arrojada para propor o crescimento que precisamos ter.

Reflexões dos fatos e números da cana

Segundo a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), já processamos até o dia 1º de outubro 458 milhões de toneladas (2,3% abaixo do ciclo anterior). O mix está em 63,63% para etanol. Em açúcar foram produzidas 22,27 milhões de toneladas (24% a menos) e de etanol 24,39 bilhões de litros (25,05% a mais), sendo 52% a mais de hidratado. Como choveu bem na segunda quinzena de setembro, o processamento de cana foi quase 32% menor que no mesmo período do ano passado. Muitas usinas também já começam a parar.

O ATR/tonelada está em 140,34 (3,09% maior) e o rendimento apurado pelo CTC (Centro de Tecnologia Canavieira) foi de apenas 65,8 t/ha em setembro, contra 72,4 t/ha na safra anterior, refletindo a seca que castigou os canaviais. Na safra temos 76,06 t/ha contra 79,35 t/ha da anterior.

Muitas unidades encerrando as atividades a partir de agora.

Reflexões dos fatos e números do açúcar

O açúcar, como apostei aqui anteriormente, subiu já 20% neste mês. Também como previ, o real se valorizou, puxado pelo quadro eleitoral brasileiro.

Segundo a Archer, até o início de outubro cerca de 13,5% do açúcar a ser exportado em 2018/19 já havia sido fixado, abaixo dos 20% tradicionais para o período. O preço de R\$ 1.150/tonelada vem estimulando. O etanol remunera a 15 cents/libra peso. A fixação está em 13,27 cents/libra peso.

Até setembro as exportações de açúcar caíram 51%. Trouxemos US\$ 3,4 bilhões face aos US\$ 7 bilhões nos nove primeiros meses de 2017. Fruto da decisão por fazer etanol.

Continuamos com o problema chamado Índia. Este país começa a exportar mais açúcar com o recente aumento de preços e ligeira desvalorização da rupia. Foram aprovados incentivos (ao transporte para exportação, aos produtores). Países produtores devem entrar na OMC contra a Índia, mas temos que reconhecer que este país tem um problema social no campo. Informações do jornal “Indian Express” relatam 6.351 casos de suicídio de agricultores apenas em 2016. Uma equação difícil a seu governo.

O Brasil também considera entrar na OMC contra a China no caso do açúcar. Nossas exportações caíram 85% após a elevação da tarifa de importação a 90%. Agora são 60 dias de negociações para se tentar uma solução. O próximo passo é ver o que fazer com Índia e Paquistão.

Creio ainda em maior subida dos preços do açúcar por termos menos cana nesta safra e na próxima, pelo mix alto para etanol devido aos preços do petróleo, maior consumo de combustíveis em 2019 pela recuperação da nossa economia. Há ainda informações de possíveis pragas atingindo canaviais da Índia e riscos também na produção Europeia. No mercado interno o preço já chegou a R\$ 65,51 a saca (50 kg) de acordo com o Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada). Sigo na aposta!

Reflexões dos Fatos e Números do Etanol e Energia

A boa notícia foi o uso do hidratado. Pela ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis), nos 12 meses de setembro a agosto consumiu-se 17,03 bilhões de litros, 33% a mais. Em setembro, as usinas do Centro-Sul venderam 1,889 bilhão de litros, 35,7% a mais que setembro de 2017 mas quase 4% menor que o mês de agosto, devido a menores importações do NE, que começou a produzir. Segundo a mesma ANP, as vendas de hidratado no período de janeiro a julho foram 40,5% maiores, atingindo 9,7 bilhões de litros. De abril a setembro vendemos 9,9 bilhões de litros, aproximadamente 38,3% a mais que o comparativo do ano anterior. No anidro as vendas caíram 13%, para 4,16 bilhões de litros. Em agosto consumi-

mos, segundo a ANP, incríveis 1,82 bilhão de litros - maior volume mensal da série histórica. Diversos bons números.

Em agosto, o consumo de combustíveis no Brasil cresceu 2% quando comparado ao mesmo mês de 2017. Foi 3,9% no diesel, queda de 13,7% na gasolina e aumento de 49% no hidratado. No ano a gasolina caiu 13,1% e o etanol hidratado aumentou quase 42%.

Preços do hidratado também subiram no período, aposta que acertei. Aumento entre 25 a 30% desde agosto, segundo o Cepea.

Excelente estudo da Plural mostra que espera-se um déficit de 800 mil barris por dia em 2030, no caso dos derivados de petróleo, considerando-se o consumo e investimentos previstos, ou seja, mercado pela frente.

Expectativa da AIE (Agência Internacional de Energia) é que os preços do petróleo continuarão altos devido à demanda ter evoluído mais que a produção e estoques estão mais baixos, criando oportunidades ao hidratado também no ciclo 2018/19.

Boa notícia neste ano vindo da cogeração. Desde o início do ano até o final de agosto cresceu 11% e segundo a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), 77% do total gerado veio da cana. Inclusive em julho houve recorde de fornecimento mensal: 4.121,3 megawatts médios. Foi a primeira vez na história em que as usinas sucroalcooleiras geraram mais de 4 mil MW médios em um mês, segundo a CCEE (Câmara de Comercialização de Energia Elétrica). Isto levou a biomassa a quase 8% do total da matriz energética. Porém, a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*) alega que mesmo o preço estando alto (R\$ 500/MWh) as diferenças de preços não vêm sendo pagas aos geradores, ficando estes créditos acumulados.

Bolívia também começa a misturar mais etanol na gasolina. Um combustível com 12% de mistura passa a ser comercializado, e se chamará Super 92 e servirá como estímulo à cadeia produtiva pulando de 80 milhões de litros consumidos para 300 milhões em 2025.

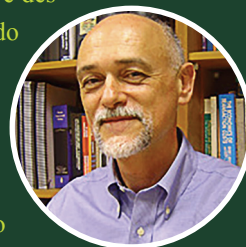
Foi apresentado pela Dedini no EsalqShow uma miniunidade de processamento de etanol de milho, que pode ser investimento de produtores em fazendas maiores. Muito interessante.

Finalizando... qual seria a minha estratégia com base nos fatos?

Onde eu arriscaria agora em outubro/novembro - A recomendação é a de terminar a safra fazendo e estocando o máximo possível de hidratado. A análise da oferta de hidratado na entressafra é a bola da vez, com estoques maiores, mas consumo bem maior. Acho que ainda temos espaço para ver preços mais altos.

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses temos um grande homenageado aqui neste espaço e desta vez nossa singela homenagem vai ao eleito engenheiro agrônomo do ano de 2018, Prof. Dr. Decio Zylbersztajn. Tive o privilégio de ser seu orientado de mestrado na FEA/USP (Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo) entre 1992 a 1995 e trabalhar com ele por décadas, sendo uma das maiores influências de minha vida e na minha singela opinião, o maior cientista do agronegócio brasileiro. Sempre muito à frente do tempo.



Haja Limão

Este mês não temos limão. O Brasil parece estar mudando.



AMEAÇAS AUMENTAM COM QUEDA DO PREÇO DO PETRÓLEO

Publicado na Revista Canavieiros em Novembro de 2018

Reflexões dos Fatos e Números do Agro

Começamos nosso planejamento com as últimas projeções do Boletim Focus: inflação de 2018 agora em ligeira redução para confortáveis 4,13% e a do ano que vem manteve em 4,20%. O PIB deste ano chegaria a 1,36% e o do ano que vem crescimento de 2,50%. Para a taxa de câmbio, o valor em dezembro seria de R\$/US\$ 3,70 neste ano e R\$/US\$ 3,76 para 2019 e finalmente a taxa Selic para estes dois anos seria de 6,50% e 8,00%, respectivamente. No geral melhoramos os indicadores em relação ao mês passado, provavelmente com crescimento da confiança e anúncio inicial da equipe do Presidente Bolsonaro.

Poucas alterações na segunda estimativa da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) para a safra 2018/19. Para os grãos espera-se algo entre 233,7 a 238,3 milhões de toneladas (2,5 a 4,5% a mais), numa área plantada entre 61,9 e 63,1 milhões de hectares (0,3% a 2,2% maior). Em soja podemos colher entre 116,8 milhões e 119,3 milhões de toneladas, plantadas em cerca de 36 milhões de hectares. No milho, a Conab estima que produziremos algo no intervalo entre 90 a 91 milhões de toneladas, plantados em 16,7 milhões de hectares. No limite superior podemos bater o recorde histórico de produção de grãos, torcer para o clima ajudar e teremos esta boa notícia.

As exportações do agro em outubro cresceram 5,7% em relação ao mesmo mês de 2017 e chegaram a US\$ 8,48 bilhões, deixando um saldo de US\$ 7,3 bilhões. Fortes aumentos na cadeia da soja (quase 80% a mais, cerca de US\$ 2,62 bilhões), com incríveis 5,35 milhões de toneladas (115% a mais) exportadas nos grãos, que trouxeram renda 125% maior (US\$ 2,11 bilhões). As carnes caíram 5%, mesmo com o recorde de vendas mensais de carne bovina (136.000 toneladas). Produtos florestais outra vez surpreenderam, com 10,2% a mais. Entre janeiro a outubro chegamos a US\$ 85,14 bilhões no total exportado e um saldo de US\$ 73,42 bilhões. Como ainda faltam dois meses, a menos que ocorra algum desastre, as exportações devem passar dos US\$ 100 bilhões pela primeira vez na história do Brasil. Precisamos buscar US\$ 14,86 bilhões nos dois meses que faltam.

Foram 30 dias sem boas novidades nos preços das principais commodities exportadas pelo Brasil. O índice da FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação) para

os preços das commodities mostrou queda de 0,9% em outubro e está 7,4% menor que na mesma época do ano passado. A queda neste mês foi puxada por carnes, óleos e lácteos. O índice vem caindo desde maio. No caso dos cereais, subiu 2,2% e os preços estão 9% acima do ano passado, valores em dólar.

Mas as margens para nossos produtores de cereais podem ser mais complicadas na safra 2018/19. Em momento importante de compras de insumos, o câmbio esteve acima de 4 reais, o que os encareceu. Se o câmbio permanecer nos valores de R\$ 3,70 durante a safra, quem também não vendeu nada dos produtos ao câmbio de R\$ 4,20 (lembrando que aqui nesta coluna recomendei fortemente a venda) terá um descasamento. A consultoria Céleres estima margens 27% menores. Segundo o Rabobank, gastos com fertilizantes foram de 15 a 35% maiores e com defensivos, cerca de 20%. As chuvas frequentes também podem trazer maior necessidade de controles e investimentos em defensivos. A menos que tenhamos valorização de preços, o que aparentemente não ocorrerá caso as safras se comportem bem, virá um período de mais aperto, apesar dos preços em reais permitirem margens aos bons produtores.

Surpreendeu o último relatório do USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos), que derrubou a expectativa de compras de soja pela China em 9 milhões de toneladas na safra 2018/19, vindo de 94 para 85 m.t.. Os argumentos são a guerra comercial com os EUA, casos de peste suína africana que podem diminuir a demanda de soja para rações e política de vendas de estoques. Os prêmios da soja em Paranaguá estiveram agora em novembro em US\$ 2,20 a mais que o valor do bushel negociado na bolsa de Chicago, mas os de entrega em março caem para apenas US\$ 0,90. Temos agora que prestar atenção nas conversas entre EUA e China para ver o que acontece no mercado de grãos e do agro. Por enquanto, imprevisível.

Entre os estudos relevantes divulgados no mês que pude acompanhar, vale destacar 3. O primeiro fala sobre o mercado de terras, feito no Agriannual da FNP, onde esperam-se mais negócios e aquecimento para 2019 com expectativa de aprovação de reformas e melhoria do ambiente de negócios, além da possibilidade de aquisição de terras por estrangeiros.

O segundo, feito pela BCG (Boston Consulting Group), aborda as consequências do tabelamento de fretes: aumento de preços e perda de competitividade, compra de frotas próprias com aumento da ociosidade, além das especificidades dos fretes, que uma tabela tem dificuldades de contemplar, tais como: presença do frete de retorno, condições das rodovias, tempos gastos para carregamento/descarregamento, produtividade, e as diferenciações por qualidade/idade do caminhão. A BCG conclui que o tabelamento é muito mais negativo que positivo, por ser complexo, trazer distorções e maior ociosidade de ativos. Aumenta a ineficiência do setor. Todos estes fatores antecipei aqui nos textos deste ano.

Finalmente, no terceiro estudo, algo para pensarmos... uma ameaça de longo prazo ao agro brasileiro é sua distância em relação aos grandes compradores e a venda de produtos com gran-

des volumes aos preços de commodities. É a conclusão de um estudo feito pela Coppe/UFRJ ao ICS (Instituto Clima e Sociedade). Preocupa a posição de maior proximidade de nossos concorrentes destes mercados compradores destes produtos, pois as emissões para o transporte desde o Brasil em alguns casos chega a ser 3 vezes maior, além do custo do combustível e frete. Este é um ponto a ser estudado com o aumento da pressão feita na e pela IMO (Organização Marítima Internacional) visando reduzir emissões via eficiência energética, uso de biocombustíveis ou mesmo tributação. Já há uma meta para reduzir 50% das emissões de CO² até 2050 em navios. A mensagem aqui é a de prestar atenção nestes movimentos e seguir buscando vender produtos com menor volume e maior valor, onde o peso do frete seja mais diluído.

Concluo com um sentimento recente de satisfação com os novos rumos do Brasil. O Presidente Bolsonaro vem indicando quadros de perfil técnico e sinto nas pessoas uma sensação maior de civismo e vontade de fazer a diferença. Isto é uma grande mudança em relação à sensação anterior de não ver futuro pela frente. Este otimismo pode ajudar na aceleração da economia, do consumo criando mais oportunidades e aumentando a sensação de bem-estar.

Reflexões dos Fatos e Números da Cana

Segundo a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), já processamos, até o dia 1º de novembro, 508 milhões de toneladas de cana (4,35% abaixo do ciclo anterior). O mix está em 64,13% para etanol, sendo que na última quinzena chegou a quase 70%. Em açúcar foram produzidas 24,35 milhões de toneladas (26,7% a menos) e de etanol 27,26 bilhões de litros (20,29% a mais), sendo 46% a mais a produção de hidratado. Na segunda quinzena de outubro processamos quase 18% a menos, fruto já de pouca cana disponível neste final de safra e das chuvas. Devemos fechar a safra com 560 milhões de toneladas processadas, queda de 6,4% em relação as 596 da safra anterior. Muitas unidades encerrando as atividades a partir de agora. Entressafra mais longa!

Pelo levantamento do CTC, o ATR/tonelada no mês de outubro foi de 133,96 kg/ton, e o acumulado está em 140,13 (1,73% maior). O rendimento apurado pelo CTC foi de apenas 60,22 t/ha em setembro, contra 66,5 t/ha na safra anterior. Na safra temos 74,45 t/ha contra 77,62 t/ha da anterior, uma queda de 4,1%, esperada pela seca que castigou os canaviais no começo deste ciclo.

A Datagro espera para 2018/19 uma safra no Centro-Sul de 558,78 milhões de toneladas, com produção de 30,4 bilhões de litros de etanol vindos de cana e milho e 26,4 milhões de toneladas de açúcar.

Nas notícias de empresas, destaque para a Atvos, que moeu 25 m.t. de cana em 2017/18 e deve fechar 2018/19 com crescimento de pelo menos 10%, chegando a 28 m.t..

A São Martinho anunciou lucro líquido 10,4% maior, de R\$ 58,5 milhões no segundo trimestre desta safra, graças a redução do endividamento e melhoria do perfil da dívida e operações

de câmbio. A receita líquida caiu 12,6% e o Ebitda também recuou em 19,1%, para R\$ 316,2 milhões com margem Ebitda de 49,1%. Parte destes números é explicado pela política de estocagem de produtos que no trimestre, aumentou o endividamento, mas deve melhorar bem no quarto trimestre com a venda de estoques.

De acordo com o Itaú BBA, na safra 2017/18 a dívida média foi de R\$ 117/tonelada de cana, contra R\$ 120 na safra anterior. O endividamento médio é de 2,8 vezes na relação dívida líquida sobre o lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda). Grande trabalho de corte de custos tem sido feito. Investimentos devem ser mais fortes na recuperação de canaviais e em cogeração nesta próxima safra.

Em relação ao médio prazo, a EPE (Empresa de Pesquisa Energética) estima que em 2027 produziremos 45 bilhões de litros de etanol (32 bilhões de hidratado, 12 bilhões de anidro e o restante de importações, sendo que deste total produzido no Brasil, 2 bilhões seriam de milho), quase 50% a mais que o atual. Os investimentos necessários para esta expansão seriam de R\$ 25 bilhões, sendo R\$ 16 bilhões para novas unidades e R\$ 9 bilhões em expansão das atuais. Em produção e área agrícola, a EPE estima que teremos 837 milhões de toneladas (31,6% a mais) sendo produzidas em 9,9 milhões de hectares (14% a mais que os 8,7 milhões de hectares no último ano) com produtividade de 85 t/ha bem acima das atuais 72,5 t/ha. No açúcar a estimativa é de crescimento de 16%, para 44 m. t.. Caso o RenovaBio não seja implementado, os números são bem mais modestos: iríamos para 33 bilhões de litros advindos de 729 m. t. de cana no Brasil.

Finalizando a parte de cana, os meses de outubro e novembro chuvosos estão dando bom tratamento aos canaviais e melhorando as estimativas para 2019/2020. Se continuar bem distribuída e em bom volume até março, pode ser um alento. Segundo a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*) a idade média dos canaviais do Centro-Sul é de 3,6 anos. O ideal seria de 3,2 anos.

Reflexões dos Fatos e Números do Açúcar

No açúcar nossa recuperação de preços perdeu força e estes recuaram novamente. Chegou a 14,20 cents/libra peso no final de outubro e mergulhou outra vez para 12,60 cents. É intrigante esta queda, pois foram notícias boas vindas da relação oferta e demanda. A Archer justifica principalmente como movimento dos fundos, além da queda dos preços do petróleo (20% em um mês) e a valorização do real.

A OIA (Organização Internacional do Açúcar) em sua nova estimativa derrubou o superávit esperado para a safra 2018/19 de 6,75 m.t. para 2,2 m.t.. A produção total deve ser de 180,488 m.t.. Tanto Brasil (31,8 m.t.) quanto Índia (32 m.t.), União Europeia (17,9 m.t.) e Paquistão tiveram quedas nas estimativas. O consumo global deve crescer 1,65% (a média de dez anos foi de 1,67%) chegando a 178,316 m.t.. Os estoques serão de 93,363 m.t., e a relação estoque/consumo

caiu para 52%. O superávit da safra 2017/18 também caiu praticamente 1,32 m.t. agora em 7,28 m.t. Números começam a melhorar para nós.

Há sinais de queda na safra indiana devido à menor produtividade por seca e presença de larvas brancas. Novas estimativas trazem a safra de 32,5 m.t. para 30 m.t. Lembremos que chegou a ser estimada em 35,5 m.t.

Nova estimativa da Datagro para 2018/19 ampliou o déficit de 715 mil toneladas para 1,58 milhão de toneladas. E na safra seguinte (2019/20) um déficit de 7,52 m.t..

Exportações de açúcar em outubro foram de 1,934 m.t. (bruto e refinado), quase 33% a menos que outubro de 2017 e 25% a menos que o mês de setembro deste ano. Já em valores, vendeu-se US\$ 828,8 milhões (15% a mais que setembro mas 20% a menos que outubro de 2017). Desde janeiro as exportações são de 18,679 m.t., 24% a menos que em 2017 com receita de US\$ 5,80 bilhões, um tombo de 41,5% sobre as exportações de US\$ 9,910 bilhões realizadas até este momento em 2017.

Segundo a Archer, com dados de 30 de setembro de 2018, cerca de 4,16 m.t. de açúcar da safra 2019/20 já estavam fixados a um valor médio de 12,94 centavos de dólar por libra-peso (sem prêmio de polarização), ou R\$ 1,159,54 por tonelada equivalente FOB Santos (já com o prêmio de pol). A empresa estima que os custos de produção da saca de açúcar (50 kg) posto usina das melhores do Brasil está entre R\$ 40,89 e R\$ 45,39. Isto se situa num intervalo entre 11,50 e 12,55 cents por libra-peso FOB Santos. Mas no Brasil para boa parte do setor e no mundo, os preços do açúcar são prejuízo puro, e se este fosse um mercado livre e sem proteções, teria ajuste de oferta em breve.

Pelo Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - Esalq/USP) a saca de 50 kg do açúcar cristal teve queda de 0,02%, indo para R\$ 66,32.

Ou seja, neste mês onde apostei em subida de preços, acertei até o final de outubro, mas desceram novamente, mesmo com a maioria de boas notícias. Meu viés ainda é de alta.

Reflexões dos Fatos e Números do Etanol e Energia

Em setembro, o consumo de combustíveis voltou a cair em 2,5% na comparação com o ano anterior, pela ANP. No ano a queda é de 0,5%. O diesel caiu 1,6% no mês, mas no ano tem alta de 1,2%. A gasolina caiu 17,3% no mês e teve seu menor consumo desde julho de 2011. No ano caiu 13,5%, já o hidratado cresceu 37,2% em setembro e 41,3% no acumulado de 2018. Na segunda quinzena de outubro usinas do Centro-Sul venderam 1,07 bilhão de litros de hidratado, 26,5% a mais que a mesma quinzena de 2017. E no mês de outubro as vendas foram 33,6% maiores, chegando a 2,02 bilhões de litros, estimulada pela paridade média de 63%.

Surpreenderam as exportações de etanol, que cresceram 82,3% em outubro, atingindo 278,7 milhões de litros, quando comparadas a outubro de 2017 e foram também 58% maiores que setembro. Estas trouxeram US\$ 139,6 milhões em outubro (58% a mais que outubro de 2017 e 65% maiores que setembro). Desde janeiro já vendemos 1,444 bilhão de litros (18,5% a mais), com valor de US\$ 769,5 milhões (11,1% maiores que 2017).

Segundo o Mapa (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento), o estoque de etanol (dados de 30/09) era de quase 11 bilhões de litros, 29% a mais que em 2017. Grandes grupos foram os que apresentaram maiores crescimentos nos estoques, chegando em alguns casos a quase 80% a mais de produto nos tanques.

O risco agora é o preço da gasolina cair e prejudicar o consumo de hidratado. Já houve queda de quase 16% nos últimos 30 dias nas refinarias. Mesmo assim, para a maioria dos grupos, os preços médios de venda de etanol estão entre 5 a 10% maiores que na safra anterior. Mas ainda existe margem para queda das gasolina pois em muitos locais a paridade está em 60%.

Temos algumas outras boas notícias, a saber: mais pessoas se acostumaram a usar o hidratado nesta fase de paridade favorável; teremos neste ano mais 2,4 milhões de carros vendidos no Brasil, sendo mais de 85% flex e; as distribuidoras de combustíveis já esperam melhoras de consumo para o último trimestre do ano.

Finalizando... qual seria a minha estratégia com base nos fatos?

Onde eu arriscaria agora em novembro/dezembro: O consumo do hidratado nos próximos quatro a cinco meses é a uma das principais variáveis a serem observadas, bem como o volume de estoques, uma vez que teremos uma entressafra mais longa. Vai interferir neste consumo uma possível retomada da economia bem como a paridade, trazida pelos preços da gasolina. Resta saber se a queda do preço do petróleo continua, pois isto afetaria o consumo de hidratado e o mix da próxima safra, sendo impactos negativos aos preços. Aparentemente desde o dia 14/11 parou de cair e iniciou recuperação, a se observar.

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses temos um grande homenageado aqui neste espaço e desta vez nossa singela homenagem vai ao amigo e engenheiro agrônomo Samuel Ribeiro Giordano, um dos responsáveis pelo Pensa (Programa de Agronegócios da USP) e grande militante das causas do agronegócio, sempre contribuindo com suas análises do setor.



Haja Limão

No Brasil acontece o seguinte, explicando numa simples analogia com um condomínio:

“A turma que paga o condomínio cansou um pouco da turma que não paga o condomínio, da turma que rouba o condomínio e da turma empregada no condomínio. E a estratégia bem simples é esta: assumir a gestão do condomínio, reduzir o grande grupo empregado no condomínio, vender algumas partes do condomínio, diminuir ao máximo o roubo ao condomínio e criar oportunidades para aqueles que não pagam, passarem a pagar o condomínio. Mais adiante, pelos ganhos de eficiência, reduzir a taxa do condomínio.” Prof. Dr. Marcos Fava Neves



2019 SERÁ UM ANO BEM INTERESSANTE E DIFERENTE

Publicado na Revista Canavieiros em Dezembro de 2018

Reflexões dos fatos e números do Agro

A terceira estimativa da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) para a safra 2018/19 surpreendeu por trazer algo que comentei na coluna do mês passado, a chance de batermos nosso recorde na produção de grãos ao atingirmos 238,41 milhões de toneladas, um crescimento de 4,6% sobre a safra anterior em uma área de quase 62,5 milhões de hectares, adicionando 760 mil hectares. Em soja podemos colher, pelos números do USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos), cerca de 122 milhões de toneladas e exportar mais de 80 milhões (6% a mais que nesta safra). Já os EUA colherão 125,2 milhões e exportarão 11% a menos, cerca de 51,2 milhões de toneladas. A Conab é um pouco mais conservadora, estimando produção de 120 milhões. A Abiove estima 120,9 milhões de toneladas de soja, aumento de 1,5 milhão em relação à estimativa anterior. As exportações serão de US\$ 34,2 bilhões, sendo que US\$ 28,1 bilhões virão dos grãos. Porém, preocupa o calor excessivo desses dias, além da falta de chuvas neste momento, vamos observar a próxima estimativa e as produtividades que vêm sendo atingidas.

No milho são esperadas 91,1 milhões de toneladas, podendo exportar 29 milhões, 23,4% a mais que na safra 2017/18. Os EUA produzirão 371,5 milhões e venderão 62,2 milhões. O show, ainda segundo o USDA, virá do algodão, que deve colher 2,4 milhões de toneladas e exportar 1,3 milhão atingindo a segunda posição nas exportações, atrás apenas dos EUA com 3,3 milhões de toneladas. Boa parte do nosso aumento de área plantada está no algodão.

Nova estimativa do Mapa (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento) para o VBR (Valor Bruto da Produção) em 2019 traz R\$ 584,6 bilhões, valor 1,9% maior que o deste ano, sendo R\$ 200,9 bilhões para a produção animal (8% maior, sendo 2,7% para bovinos, 21% para frangos, 1,2% para suínos, 7% maior para lácteos e 5,5% menor para ovos) e R\$ 383,9 bilhões para a agricultura, 1,1% menor. A soja deve cair 1%, a cana cai 13,5% e o milho sobe quase 10%. Para 2018 devemos fechar próximos a R\$ 574 bilhões, puxados por crescimentos das seguintes culturas: trigo (73%), algodão (47%), cacau (34,9%), soja (12,5%) e café (10,2%), lembrando que a soja tem peso muito grande por conta do volume produzido. Pela CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil), o PIB do agronegócio deverá crescer 2% em 2019, contra uma queda de 1,6% neste ano. Ou seja, boas promessas para volumes produzidos e valores faturados em 2019.

As exportações do agro em novembro cresceram 18,3% em relação ao mesmo mês de 2017 e chegaram a US\$ 8,4 bilhões, deixando um saldo de US\$ 7,2 bilhões quando descontadas as importações (US\$ 1,2 bilhão). O agro vendeu 40% do total exportado pelo Brasil. Fortes aumentos na cadeia da soja (98% a mais no mês com cerca de US\$ 2,5 bilhões) ajudaram muito nestes resultados. As carnes caíram 2,5% (vendendo US\$ 1,3 bilhão) e produtos florestais outra vez surpreenderam, com 19% a mais (US\$ 1,2 bilhão exportado). Segundo a Abiove, a soja nos trará US\$ 40,2 bilhões neste ano, 27% a mais que no mesmo período de 2017. São US\$ 33,1 bilhões em grãos, US\$ 6,2 bilhões em farelos e US\$ 1,01 em óleo. Um crescimento impressionante, máquina geradora de recursos, imaginemos isto transformado em reais.

Entre janeiro a novembro chegamos a US\$ 93,2 bilhões exportados, 4,6% a mais que o mesmo período de 2017. Faltam US\$ 6,8 bilhões em dezembro para superar a marca de US\$ 100 bilhões em um ano (janeiro a dezembro), acho que conseguiremos, pela primeira vez em nossa história.

A China é o nosso principal destino, e pulou sua participação de 18% para quase 35% das compras, quando comparados os dois novembros (2017 e 2018). A performance chinesa em compras do agro brasileiro é realmente impressionante. Considerando os dados fechados do Mapa até novembro, números arredondados, em soja as compras estão 32% maiores, atingindo 82% do total exportado pelo Brasil, as carnes cresceram quase 50% (US\$ 2,4 bilhões), a celulose 60% (US\$ 2,84 bilhões) e algodão cresceu 140%. Nosso superávit comercial com a China deve ser recorde em 2018, podendo chegar a US\$ 30 bilhões (25% maior), sendo quase a metade do total do nosso superávit (MDIC – Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior). A corrente comercial Brasil/China passou de US\$ 74,8 bilhões no ano passado para quase US\$ 100 bilhões em 2018. Vendemos commodities (soja, petróleo e minério de ferro representam perto de 90%) e compramos produtos industrializados. Aliás, este é um dos fatos da China incomodar cada vez mais os EUA e Europa, entre outros, pois as exportações de seus produtos passam a evoluir das tradicionais coisas baratas com pouca tecnologia para produtos com alto conteúdo tecnológico e design.

A OMC (Organização Mundial do Comércio) mostra que o Brasil fortaleceu em 2017 sua posição protagonista no agronegócio mundial. Além da liderança mundial em café, suco de laranja, açúcar (54%), frango (34%), tabaco (14%), soja (50%), temos ainda 16,2% na carne bovina (segundo colocado), 9,7% na carne suína (quarta posição), 10,4% no algodão (4o lugar) e 3% em animais vivos.

Os produtores americanos serão compensados pela disputa comercial com a China. O total do programa é de US\$ 12 bilhões, sendo que uma primeira parcela já foi paga, e agora deve sair uma segunda parcela. Além disto, a nova Farm Bill pode trazer apoio de mais de US\$ 2 bilhões aos cotonicultores em 10 anos, um tipo de suporte que já foi condenado na demanda anterior movida pelo Brasil na OMC em 2002. São os chamados Price Loss Coverage (PLC) e o Agri-

cultural Risk Coverage (ARC) compensando preços menores no mercado, e como consequência, podendo novamente inflar a produção e prejudicar preços. Precisa contestar caso materializado. Aliás, não são apenas os subsídios que ameaçam tirar valor da nossa produção, pois conflitos comerciais também trazem prejuízo ao crescimento da economia mundial no curto prazo e no médio prazo os países superavitários precisarão comprar mais, e para isto terem mais políticas de distribuição de renda.

Agrava-se a peste suína africana que atinge a produção na China, que domina 50% da produção mundial. Pode chegar já a 1 milhão o número de animais abatidos, e caso a doença se alastre, a suinocultura brasileira tem grande oportunidade depois de períodos muito ruins com o embargo russo e outros fatores que contribuíram para derrubar os preços. Segundo a ABPA (Associação Brasileira de Proteína Animal), preços de exportação para a China já aumentaram em 7%, chegando próximos a US\$ 2/kg. A Rússia também vem gradualmente levantando o embargo aos frigoríficos do Brasil, temos aumento de consumo nesta época do ano e os preços dos grãos em reais devem ser um pouco menores em 2019 com a supersafra, ajudando no preço das rações e melhorando o ambiente para uma das cadeias produtivas que mais sofreu em 2018, um ano que a suinocultura quer apagar.

Outra boa notícia neste novembro foram as vendas de máquinas agrícolas e rodoviárias, que cresceram 27% em comparação com 2017. Como rodoviárias representam apenas 5%, portanto a venda cresceu mesmo foi no campo. Segundo a Anfavea, as vendas neste ano devem ser quase 11% maiores.

Interessante estudo realizado pelo Estadão a partir do SNCR (Sistema Nacional de Cadastro Rural) mostra a presença de estrangeiros na posse de terras no Brasil. Temos pouco mais de 28 mil propriedades em nome de estrangeiros, num total de 3,6 milhões de hectares, sendo 1,3 milhão em pessoas físicas e 2,3 milhões em empresas, em cerca de 60% dos municípios do Brasil. Os japoneses lideram, com quase 7 mil propriedades e cerca de 10% do total da área. Em mãos de chineses apenas 10 mil hectares. Portugal, Espanha, Alemanha, Holanda, EUA, Argentina e Líbano vêm na sequência do Japão. Registros antigos não indicam se são estrangeiros, portanto o número deve ser maior que este. O parecer da AGU (Advocacia Geral da União) de 2010 trava investimentos que seriam extremamente importantes ao Brasil. Também não avançou uma proposta no Congresso para liberar mais áreas. Minha opinião é favorável à liberação, com uma regulação eficiente que permita o investimento e o respeito aos recursos como solo, água, entre outros.

Em relação às empresas, estudo do BTG Pactual no setor de carnes mostra interessantes dados. Passamos por uma grande onda de crescimento, com aquisições e fusões (84 desde 2007) o que fez com que o faturamento de BRF, JBS, Marfrig e Minerva passasse de R\$ 50 bilhões para R\$ 250 bilhões em apenas 10 anos. Foi um período de elevação muito grande do endividamento e baixo retorno aos acionistas. Para o próximo período o BTG espera melhores resultados, com venda de ativos, redução de dívidas e melhorias nas operações, recomendando investimento nas ações.

Caso interessante de agricultura integrada que saiu neste mês foi o da empresa Meicai, uma startup chinesa que apareceu para conectar produtores rurais e donos de restaurantes, principalmente para produtos perecíveis, entre eles os hortícolas, abastecendo restaurantes em menos de 18 horas. Já vale US\$ 7 bilhões no mercado, empregando 9 mil pessoas com esta conexão direta. Um modelo inspirador para que no Brasil possamos replicar e unir pequenos produtores diretamente aos restaurantes das cidades próximas, empoderando a agricultura local e estimulando inclusive o crescimento da produção e alimentação saudável.

No mesmo ambiente de negócios digitais, o Pão de Açúcar comprou o aplicativo James Delivery, que faz encomendas, retiradas e entregas de diversos tipos de produtos de supermercados, drogarias e restaurantes escolhidos pelo comprador virtual. A ideia é de criar o chamado “marketplace” alimentar. Também estão em vias de adquirir o Cheftime, para assinatura de receitas. É a convergência de forças no mercado digital alimentar, na luta pela “última milha” que liga o varejo ao consumidor. Interessante que apenas este aplicativo emprega 700 pessoas em entregas.

Finalizando, foi um mês de pouca alteração nos preços das nossas commodities. Soja 2% superior a outubro, mas 10% inferior a novembro de 2017. Milho 1% abaixo de outubro e 6% superior a 2017. Algodão 1% acima do mês passado e 12% acima de 2017, o café 2% abaixo de outubro e 10% abaixo de 2017, açúcar com queda de 3% no mês e 14% no ano e o suco de laranja caiu 3% no mês e 14% no ano (Valor Data). No boi a arroba passou de R\$ 150 e temos boas perspectivas de exportação em 2019.

Temos que observar o clima agora no Brasil e na Argentina e as expectativas de plantio nos EUA. Até então se acredita numa ligeira migração de área de soja para milho e trigo, uma vez que a expectativa de preços é de US\$ 8,80 e US\$ 4,00 por bushel, respectivamente. As diferenças de preços entre o Brasil e EUA caíram, pois existe chance de compra de 10 milhões de toneladas pelo Governo Chinês e por compradores que teriam o rebate das tarifas de importação neste momento em que nossa soja foi vendida. Estoques de soja nos EUA estão muito altos e esta migração de áreas de soja poderia ser boa para preços no Brasil. Além do clima, o principal a ser observado é a questão comercial com a China, como vai evoluir na soja, pois ela interferirá na expectativa de plantio. O aumento dos juros nos EUA deve segurar um pouco mais uma esperada valorização do real.

Reflexões dos fatos e números da cana

Segundo a Unica (*União da Indústria de Cana-de-Açúcar*), já processamos, até o dia 01 de dezembro, 544,3 milhões de toneladas de cana (4,53% abaixo do ciclo anterior). O mix está em 64,29% para etanol. Em açúcar foram produzidas 25,76 milhões de toneladas (26,82% a menos) e de etanol 29,10 bilhões de litros (18,57% a mais), sendo 43,3% maior a produção de hidratado.

Pelo levantamento do CTC (Centro de Tecnologia Canavieira), o ATR/tonelada no mês de outubro foi de 120,62 kg/ton e o acumulado está em 139.09 (1,15% maior). Safra praticamente no fim, e com todas estas chuvas agora, os rendimentos das usinas caíram. Muitas usinas já encerraram uma safra difícil, agora é hora de renovar as forças para uma nova safra e torcer para a chuva voltar novamente.

Reflexões dos fatos e números do açúcar

Segundo a Archer, terminamos 2018 com queda de 16% dos preços em dólar, mas de apenas 1,4% em reais (R\$ 1.137/tonelada). Exportações de açúcar na safra devem ser de 19,6 milhões de toneladas, 30% menores. O Brasil conseguiu tirar do mercado internacional 8,2 milhões de toneladas. Eu comecei a safra achando que daria para tirar 10 milhões de toneladas de açúcar do mercado, muitos acharam um absurdo, que o máximo seria de 5 milhões. Quase acertei, menosprezaram a força da frota flex.

Como era esperado, o efeito dos baixos preços do açúcar faz vítimas pelo mundo. A Tereos anunciou prejuízo de EU 100 milhões dos meses de abril a setembro, puxado principalmente pela situação europeia.

Em termos de inovações vale destacar a Camil junto com a Amyris que passam em breve a comercializar um adoçante de cana que tem zero calorias e será chamado de União Zero Calorie (a Camil é a dona da marca União). A produção vem sendo feita para Amyris em Brotas, a partir de caldo comprado da Raízen, que depois é purificado. É uma molécula existente na stevia, produzida a partir da cana, mas sem calorias e com poder adoçante superior. Muitas empresas também estão lançando produtos que misturam açúcar de cana a outros, reduzindo as calorias. É uma das variáveis que temos que acompanhar no futuro do setor.

Reflexões dos fatos e números do etanol e energia

Em novembro as usinas no Centro-Sul venderam ao mercado interno e externo 2,617 bilhões de litros, 11,7% a mais que o mesmo mês de 2017. Desde o início da safra já foram comercializados 20,436 bilhões de litros, 15,6% a mais. Para as distribuidoras, as vendas foram de 2,513 bilhões de litros em novembro e na safra, 19,319 bilhões de litros, 17,1% a mais. No hidratado, as vendas de novembro chegaram a 1,802 bilhão de litros (25,7% a mais) e na safra estão 36% maiores, totalizando 14,230 bilhões de litros. Como era de se esperar, as vendas de anidro caíram na safra 13,7%, ficando em 6,206 bilhões de litros. Já as exportações acumuladas de etanol na safra estão 5% menores, em 1,117 bilhão de litros. O hidratado recebe o prêmio do ano!

Importações de etanol americano cresceram 2,8 vezes em novembro, com entrada de 137,7 milhões de litros, mas elas não devem superar 2017. Segundo a SCA Trading, devemos fechar 2018/19 com importações de 1,3 bilhão de litros e exportações de 1,5 bilhão de litros. A FCStone estima que o etanol americano custa hoje em Paulínia R\$ 2,36/l, pagando o imposto de 20% e R\$ 1,99 sem pagar, contra R\$ 1,85 nas usinas. Os EUA estão pressionados para se aumentar a cota de anidro que pode entrar sem o pagamento da alíquota de 20%, hoje liberada para 150 milhões de litros por trimestre. Um julho vence a norma da Camex, mais uma decisão a ser tomada.

A EPA (Agência de Proteção Ambiental) dos EUA divulgou as metas de biocombustíveis para 2019, um número pouco maior que o de 2018. No total serão misturados aos combustíveis fósseis 19,92 bilhões de galões (19,29 neste ano). Milho e os convencionais continuam com os 15 bilhões de galões. Os avançados (onde se encontra a cana) aumentaram para 4,92 bilhões de litros (aqui inclui 2,1 bilhões de galões de biodiesel) principalmente puxados pelos celulósicos, que aumentaram quase 40 milhões de galões. O teor médio da mistura de etanol na gasolina dos EUA é de 10,11%.

A Cogen (Associação da Indústria de Cogeração de Energia) crê em crescimento de 57% na cogeração por biomassa de cana-de-açúcar até 2030, indo de 11,4 gigawatts para 17,9 gigawatts. Pela EPE (Empresa de Pesquisa Energética) existem hoje 209 unidades que cogeram, do total de 367 unidades.

Sempre temos esperança no médio prazo do etanol e da bioeletricidade da cana. Um grupo de experts do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) chega ao surpreendente número de US\$ 2,4 trilhões por ano até 2035 que seriam necessários para evitar um aquecimento global superior a 1,5 graus. A forma de buscar isto será a de precificar o carbono emitido ou sequestrado. Segundo o estudo muitas grandes empresas estão dispostas a adotar este sistema, estimuladas por sustentabilidade de negócios e pressão de investidores. Mais um ponto para o RenovaBio.

Quem seguiu minha sugestão aqui de não vender hidratado e até comprar e armazenar quando estava a R\$ 1,50/l acabou ganhando. Com o litro passando de R\$ 2 nas usinas, entressafra, câmbio atual e preços do petróleo não caindo mais, algum oxigênio entrará.

Finalizando... qual seria a minha estratégia com base nos fatos?

Onde eu arriscaria agora em dezembro/janeiro: Assustou a queda do preço do petróleo, os cortes de produção anunciados não seguraram os preços e o receio de excesso de produção, somado à chance de guerra comercial diminuir os fluxos de mercadorias e o consumo, afetando o crescimento mundial e a desaceleração da China, devido a elevado endividamento. O barril do Brent veio a US\$ 56, um pesadelo quando lembramos que esteve acima de US\$ 85 em outubro.

Os EUA já se tornaram o maior produtor mundial, com mais de 11,5 milhões de barris por dia. A Rússia também cresceu muito sua produção. Mas a estes preços parte da produção fica inviável. Uma queda maior ainda de preços faria a recuperação do açúcar demorar mais pela menor atratividade do etanol em relação à gasolina, que poderia jogar mais 2 a 2,5 milhões de toneladas no mercado de açúcar na safra 2019/20. Portanto o preço do petróleo é a principal variável neste momento, aliado à nossa taxa de câmbio. Por outro lado, com a recuperação da economia, deve aumentar o consumo no mercado interno tanto de alimentos como de combustíveis. Continuamos na torcida pelos altos consumos de hidratado agora nas férias.

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses temos um grande homenageado aqui neste espaço e desta vez nossa singela homenagem vai ao amigo Jacyr Costa, que vem liderando a Tereos, o setor de cana e o agronegócio na Fiesp com grande desenvoltura, simpatia e dinamismo.



Haja Limão

No momento onde escrevo e finalizo esta coluna, sou surpreendido com duas ações. Do sr. Lewandovsky, mantendo o vergonhoso aumento do funcionalismo, e de Marco Aurélio Mello, permitindo a soltura de condenados em segunda instância. É preciso acabar com esta baderna que virou o Brasil. Minha esperança é 1º de janeiro, mas precisaremos da mobilização de TODOS para um amplo, difícil e doloroso processo de assepsia. Desejos a todos um excelente 2019!

Se o título do livro fosse “Anos de Chumbo dos Canaviais” ou “Auschwitz de um Setor” não seria nenhum exagero. A obra, que reúne a coletânea de artigos publicados pelo professor Marcos Fava Neves, na Revista Canavieiros de janeiro de 2015 a dezembro de 2018, narra com riqueza de detalhes o quanto o setor sucroenergético foi prejudicado pela administração do PT (Partido dos Trabalhadores) no período.

No entanto, o nome “Novos Caminhos da Cana” também é bastante representativo, pois embora tenha sido terrível ter perdido as batalhas. A cana, o açúcar e o etanol se mantiveram resistentes, e como um exército russo esperou o inverno se firmar para superar o inimigo e conseguir retomar o seu caminho, sendo um dos eventos que marcam o seu “Dia D”, a aprovação do RenovaBio, narrado nas páginas finais do livro.

Boa Leitura.

ISBN: 978-885-65255-16-5



9 788856 512551 65